

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“O ARQUITETO DO SOCIAL: SÊNECA E A CONSTRUÇÃO DE MODELOS  
PARA A SOCIEDADE ROMANA NOS TEMPOS DO PRINCIPADO A  
PARTIR DA *HISTORIA MAGISTRA VITAE*”.

MARCOS LUIS EHRHARDT

CURITIBA  
Primeiro Semestre de 2008.

MARCOS LUIS EHRHARDT

“O ARQUITETO DO SOCIAL: SÊNECA E A CONSTRUÇÃO DE MODELOS  
PARA A SOCIEDADE ROMANA NOS TEMPOS DO PRINCIPADO A  
PARTIR DA *HISTORIA MAGISTRA VITAE*”.

Tese apresentada ao Curso de  
Pós-Graduação em História,  
Setor de Ciências Humanas,  
Letras e Artes, Universidade  
Federal do Paraná, como  
requisito parcial à obtenção do  
título de Doutor de História.

Orientador: Prof. Dr. Renan  
Frighetto.

Linha de Pesquisa: Cultura e  
Poder.

CURITIBA  
Primeiro Semestre de 2008.

## **Dedicatória**

Ao amigo e mestre Prof. Silvio Galvão de Queirós, (*in memoriam*), incentivador e responsável pela escolha da antiguidade no ofício de historiador e que, de alguma forma, está presente nas páginas deste trabalho,

À Neiva Salete Kern Maccari, verdadeira amiga de todas as horas,

De forma muito especial a minha querida família, meus pais Hilario e Claudete, meus irmãos Carlos e Denise, amor e apoio sempre,

E as meninas da minha vida, aquela que tenho como filha, Letícia, e minha amada imortal, Deisi Rizzo, porto seguro no meio do oceano e das tempestades.

## **Agradecimentos**

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, em especial, a Dra. Fátima Fernandes e a Dra. Marcella Guimarães pelas valiosas contribuições na banca de qualificação,

Ao colegiado de História da UNIOESTE, em especial àqueles que incentivam a área de História Antiga,

Pessoas especiais que acompanharam a minha trajetória, apoiando e incentivando em todos os momentos: Gerti Morsch, família Rizzo, Rafael Rosa, Paula Lermen, Ivonete Pereira, Carla Conradi, Paulo Henrique Morsch, Aruanã Passos,

Aos grandes colegas do doutorado, Lourival Andrade, Eduardo Scoville, Rosana Kaminski, Agemir Dias, Wilma Bueno,

De forma muito especial ao amigo e orientador, Prof. Dr. Renan Frighetto, sempre presente com competência e compreensão ao longo de toda a minha trajetória na Pós-Graduação,

A Capes pelo apoio financeiro,

“O homem feliz (...) é aquele para quem todo o bem reside na própria alma, é o homem sereno, magnânimo, que pisa aos pés os interesses vulgares, que só admira no homem aquilo que fez a sua qualidade de homem”.

Sêneca - *Ad Lucilium Epistulae Morales*

(...) e essa virtude, incrivelmente rara no homem, que é a humanidade.

Sêneca - *Ad Lucilium Epistulae Morales*

“O ser humano deve ser encarado como algo sagrado”

Sêneca - *Ad Lucilium Epistulae Morales*

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir a construção de um modelo de homem romano a partir dos escritos de Lucius Seneca. Evidenciamos neste trabalho a possibilidade de forjar um modelo proposto por ele para o príncipe, o cidadão e o filósofo. O autor viveu no primeiro século depois de Cristo e durante uma parte de sua vida, esteve atrelado ao poder na condução do principado romano, quando era preceptor de Nero. Ao mesmo tempo, ele almeja responder às muitas inquietações da sociedade romana, pois o momento mostra-se como um tempo de procurar conciliar a unidade do principado dentro de uma ampla diversidade, num período de conquistas e expansões territoriais. Para a construção de um modelo ou de modelos, Sêneca se utilizou os *exempla*, e estes, se atrelam a um gênero amplamente utilizado e divulgado na Antiguidade: a *Historia magistra vitae*. Nas reflexões de Sêneca, existem inúmeros exemplos de ações, acontecimentos e personagens de épocas anteriores que podem e, para o autor, devem ser aprendidos e praticados (ou rejeitados) na vida pública e privada, por um leitor predisposto a constituir-se como um sujeito ético, virtuoso, dotado de *humanitas*. Assim, a perspectiva da *Historia magistra vitae*, presta-se a servir de ensinamento às diversas épocas da história. A história como mestra da vida ensina e guia a vida do homem romano e Sêneca utiliza-se constantemente desse recurso em seus escritos. Ao seu modo, Sêneca relaciona-se com o passado romano e o utiliza no presente. A história serve de modelo ao escritor, ao mesmo tempo em que o escritor Sêneca, se coloca como modelo para sua época e para épocas vindouras.

Palavras-chaves: Sêneca, modelo, principado, *historia magistra vitae*.

## ABSTRACT

The aim of this work is to discuss the construction of a model of the roman man with a basis on the writings of Lucius Seneca. In this work we shed some light on the possibility of fabricating a model which Seneca proposed for the prince, the citizen and the philosopher. The author lived in the first century AD and during part of his life, was linked to the power in the conduction of the roman principality, when he was Nero's preceptor. At the same time, he wishes to respond to the several disquietudes of the roman society, because it seems to be a time for seeking to maintain the unity of the principality amid a wide diversity, in a period of conquests and territorial expansions. To construct a model or models, Seneca used the *exempla*, and these are linked to a genre widely used and spread in the Antiquity: the *Historia magistra vitae*. In Seneca's reflections there are countless examples of actions, events and characters of previous periods which can, and, to Seneca, must be learned and practiced (or rejected) both in the public and the private life, by a reader that's willing to constitute himself as an ethical, a virtuous subject, endowed with *humanitas*. Thus, the perspective of the *Historia magistra vitae* lends itself to serve as a teaching to the diverse periods of history. History as a master to life teaches, and guides the life of the roman man, and Seneca uses constantly this resource in his writings. In his fashion, Seneca is related to the roman past and he uses it in the present. History serves as a model to the writer, at the same time as the writer, Seneca, sets himself as a model for his period and the forthcoming ones.

Key-words: Seneca, model, principality, *historia magistra vitae*.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	01
<b>1. OPTIMUS PRINCEPS</b> .....	36
1.1. O governante Senequiano e o exemplo de Augusto.....	40
1.2. <i>Humanitas</i> do <i>Princeps</i> : o <i>optimus</i> e o <i>tirannus</i> .....	73
1.3. Os <i>Exempla</i> e a <i>Historia Magistra Vitae</i> para o Principado Romano.....	82
<b>2. O BONUS CIVIS CUM HUMANITATIS</b> .....	93
2.1. O cidadão senequiano e o diálogo com a sua época: a formulação de um modelo.....	101
2.2. Virtudes e Vícios: uma leitura senequiana para o cidadão.....	110
2.3. A formação do homem senequiano: a presença dos bons e dos maus exemplos.....	125
<b>3. O HOMO ILLUSTRIS</b> .....	146
3.1. O papel do filósofo estóico e a influência do estoicismo na formação educacional e filosófica.....	156
3.2. O “Educar-se a Si Próprio” na Literatura Senequiana.....	172
3.3. Os exempla e a historia magistra vitae no universo filosófico e educacional...181	
3.4. “Eu sou o próprio exemplo e modelo”: a Ego-Narrativa na construção senequiana.....	190
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	200
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	206
<b>ANEXOS</b> .....	221



## INTRODUÇÃO

A leitura de grande parte da obra senequiana nos permite evidenciar a existência de um autor preocupado e ao mesmo tempo atormentado com a sociedade romana da época em que vive, quer seja, o primeiro século depois de Cristo. Foi um grande aristocrata romano, perceptível pelos seus modos de vida, pelas amizades conquistadas, um letrado consumado e reconhecido pelos seus pares, amigos e inimigos, pela sua posição social e política, ou seja, pelos encargos assumidos e cargos ocupados. Uma riqueza reconhecida no acúmulo de bens, e, no nosso entender, uma riqueza também reconhecida na sua vasta obra intelectual. Assim, interrogar uma obra ou um conjunto de obras de um autor que transitou por diversas áreas, os caminhos são diversos e amplos, ao mesmo tempo em que nos permite ver o que representou para a sua época e exprimir a história de um pensamento.

Na nossa pesquisa de Mestrado intitulada “*Vir Virtutis: a construção da imagem do príncipe perfeito nos escritos de Lucius Seneca*” objetivamos demonstrar o modelo de governante proposto por Sêneca, prioritariamente a partir do seu tratado político mais significativo o *De Clementia*. A leitura das suas outras obras, por outro lado, mostrou que ele não falava apenas do e para o príncipe, porém, se dirigia a um público mais amplo e tencionava estabelecer um modelo de sociedade ideal. Constatamos isso nos seus textos iniciais, nos textos da fase em que se encontrava atrelado ao poder, e os textos do final de sua vida, mais especificamente as Cartas dirigidas ao amigo Lucílio, intitulada *Ad Lucilium Epistolas Morales*. Em todos os momentos podemos visualizar um autor que fazia uma severa e radical crítica social do mundo romano com ênfase nas questões políticas e nas questões morais e éticas. Deste modo, objetivamos demonstrar qual o modelo de sociedade que ele almeja e defende, enfatizando

nestes modelos aquilo que mais foi evidenciado pelo próprio Sêneca nos seus escritos: o príncipe, o cidadão e o filósofo.

Nosso estudo recai, em grande parte, em uma história das idéias políticas, pois possibilita-nos recuperar o significado de uma tradição de participação política efetiva que remonta ao mundo greco-romano, visualizando a imagem do cidadão, do homem clássico por excelência, exercendo publicamente suas ações. É, portanto, também papel do historiador, contextualizar e historicizar a forma como que cada sociedade lida com as suas próprias posturas, concepções de vida e de viver em sociedade.

Um estudo centrado prioritariamente na obra de um autor requer que se faça uma incursão na sua trajetória de vida, naquilo que é possível recuperar, assim como na sua trajetória intelectual, destacando as reflexões produzidas em diversas épocas, e o mais importante, dando ênfase ao contexto em que tais obras foram gestadas, pois em se tratando de um autor como Sêneca, tal questão torna-se fundamental.

É importante ressaltar que em se tratando de abordagens que elegem recortes espaço-temporais distantes, a contribuição de novos paradigmas para “velhos” temas é fundamental, quer seja, reler, reinterpretar fontes conhecidas por uma longa tradição sob um novo olhar.

A partir das conclusões apresentadas na Dissertação de Mestrado, percebeu-se que a antigüidade é um verdadeiro depositário de um gênero que, nominado, remonta à Idade Média<sup>1</sup>: os *espelhos de príncipe*.

Para Eric Voegelin os capítulos sobre o *imperator felix no Civitas Dei*, constituem o primeiro “Espelho de Príncipe”. Isto porque “marcam o começo do gênero literário medieval e têm exercido influência incomensurável sobre a teoria e a prática de governo no Ocidente desde que Carlos Magno os adotou como

---

<sup>1</sup> Como gênero literário os espelhos de príncipe teriam surgido nos meios eclesiásticos medievais, no momento em que os reis pretendiam expandir a propaganda monárquica para além de suas áreas de jurisdição. Para alguns, o *Civitas Dei* de Santo Agostinho teria sido o modelo de inspiração a toda essa literatura. Nesta obra, Agostinho diz que se mede a felicidade do imperador e de seus súditos pela postura de conotação cristã assumida pelo rei na administração do império.

livro-guia”.<sup>2</sup> Inegavelmente, a literatura política ocidental, ainda que não exclusivamente, ocupou-se em produzir obras voltadas à educação dos príncipes. Para Marcos Lopes:

Na tradição do pensamento político Ocidental, desde a Antigüidade Clássica que se reconhece uma literatura política voltada para a formação moral dos homens de Estado. Cícero e Sêneca são autores representativos dessa literatura. O período medieval alterou esta tradição mantendo-a, contudo, naqueles imperativos que lhe eram politicamente estratégicos<sup>3</sup>.

Considerando os diversos textos que remontam ao gênero, percebe-se que, na sua maioria, eles proclamam que os governantes devem procurar esforçar-se para adquirir, incorporar e posteriormente praticar um rol de virtudes que variaram em número e importância ao longo dos séculos. Também definido como literatura de edificação dos poderosos, o gênero remonta à antigüidade grega (Isócrates) e latina (Marco Aurélio). Outro aspecto interessante refere-se ao fato de que os espelhos de príncipe não são uma particularidade do Ocidente medieval, já que existem numerosos exemplos do gênero no Oriente, principalmente em Bizâncio.

Discutir a literatura *espelhos de príncipes* no período em que o gênero surge e se propaga, ou seja, na Idade Média, possibilita perceber a permanência de Sêneca, com mais ênfase em textos de natureza moral e política. Destaca-se que inúmeras interpretações formuladas nesse período procuraram “cristianizar” as reflexões senequianas, principalmente através da iniciativa dos clérigos<sup>4</sup>.

Na obra *As fundações do pensamento político moderno*, Quentin Skinner, ao abordar o gênero literário, enfatiza que “a maior parte dos autores desses ‘espelhos’ (...), retoma a familiar tese humanista de que, tendo a correta educação

---

<sup>2</sup> VOEGELIN, Eric. **A nova ciência da política**. Brasília: Editora da UnB, 1982, p. 71.

<sup>3</sup> LOPES, Marcos. **O político na modernidade**. São Paulo: edições Loyola, 1998, p. 40.

<sup>4</sup> No período de transição ao mundo medieval, Sêneca gozou de amplo prestígio e respeito, graças à difusão da cultura cristã, que, de forma errônea, tentou estabelecer um diálogo, uma troca de correspondências, entre o filósofo latino e São Paulo. Tal interpretação, por volta do século IV d. C., segundo Ettore Paratore, contribuiu para a fortuna excepcional de Sêneca na Idade Média (Cf. PARATORE, Ettore. **História da literatura latina**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, p. 610).

um papel fundamental para modelar o caráter do *vir virtutis*, o bom conselho pedagógico está intrinsecamente articulado com o bom conselho político”<sup>5</sup>. Os modelos e valores neles propagados eram amplamente alimentados através da escolha de *exempla*, ou seja, os feitos de homens citados na poesia heróica, retirados da história de Roma e colocados à disposição para serem admirados e, sobretudo, aprendidos.

Tal gênero pode ser entendido como uma *Historia magistra vitae*<sup>6</sup> em escala reduzida. Estas obras foram responsáveis pela propagação da literatura greco-latina, utilizando-se dos seus exemplos para a elaboração de obras vinculadas aos feitos de monarcas e soberanos. Os exemplos retratados nestas obras serviriam para a educação tanto dos governantes quanto dos cidadãos e súditos, ou seja, serviriam para aconselhar a melhor forma de se portar e de orientar sua vida a partir dos modelos registrados na história: são os *exempla*,<sup>7</sup> recurso amplamente citado em um gênero forjado na Antiguidade e chamado de *Historia magistra vitae*. Os espelhos de príncipe constituem uma espécie de *magistra vitae* conjugada no singular. Parte considerável da obra senequiana, a nosso ver, pode ser considerada como embrionária desse gênero, os *specula principum*, surgido no medievo.

A noção de história como fornecedora de exemplos e contra-exemplos a serem imitados ou rejeitados é relativamente antiga. O gênero remonta à Grécia do século IV a. C.; em Roma, pode ser relacionado a Cícero e a Sêneca. Com relação a este, ainda que não encontremos nenhum texto do gênero “história” no catálogo de suas obras, Sêneca refletiu sobre ela em diversos momentos de sua obra moral e filosófica. Sua trajetória está marcada pelo enlace e pelo conflito constante entre as posições de homem político e de pensador.

---

<sup>5</sup> SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 142.

<sup>6</sup> A formulação é latina, forjada por Cícero, mas a concepção é grega, pois teria sido forjada por Tucídides no século IV a.C. Em dado momento, na obra *A Guerra do Peloponeso*, Tucídides diz que sua obra é patrimônio para sempre (*Ktéma ES Aei*); e do ponto de vista da escrita, a história como mestra da vida, era plenamente válida.

<sup>7</sup> Na *Historia magistra vitae*, a exemplaridade serviria para vincular passado, presente e futuro. Os exemplos são selecionados, por critérios estabelecidos pelo autor, para serem potencialmente um apelo a imitar quando bom, e negar quando é considerado mal.

Os textos incluídos nesse gênero objetivavam mostrar aos iniciantes e iniciados aquilo que deveria ser aprendido e adotado como conduta de vida, bem como aquilo que deveria ser aprendido e em seguida abandonado para que se pudessem evitar erros cometidos em outras épocas. Nos textos dos autores incluídos no gênero *magistra vitae*, tanto naqueles de natureza política como nos de orientação moral, pode ser encontrado uma espécie de catálogo das virtudes e dos comportamentos a serem adotados pelas pessoas; e estes exemplos eram amplamente retirados da história passada.

Sêneca, assim como boa parte de sua geração, referenda um período de excessos cometidos pelos príncipes romanos; por outro lado, aponta soluções para sua época e para épocas vindouras. Apresentar-se-ia, portanto, como um marco divisor de uma forte e poderosa tradição intelectual do primeiro século da era cristã.

É difícil detectar a amplitude, a abrangência, melhor até, a recepção às idéias senequianas no seu tempo. Ainda que se tornasse possível perceber suas influências nas épocas posteriores, imediatas e distantes, interessa aqui entender e detectar por que Sêneca escrevera exatamente aquilo, o que foi objeto de suas análises, procurando com isso inclusive, compreender melhor o mundo romano do primeiro século da era cristã. Assim, é possível utilizar boa parte da vida de uma personagem considerada importante como um veículo para descrever uma época, ou parte dela, na medida em que inúmeras pessoas atravessaram o caminho de Sêneca e ele se reportou a muitas pessoas e muitos lugares.

Viver em sociedade parece inevitável? Esforçamo-nos para torná-la a mais feliz possível, apregoa o filósofo cordobês. Sêneca procurará apontar alternativas para tornar essa convivência feliz. Por que foi possível pensar a formulação de um modelo de homem senequiano? Ele nos diz que só existe vício num ser que possa praticar a virtude. Cabe então realizar “trabalhos de espírito” que ele considera também como um dever ligado à sua alta estirpe.

Muitas das informações que temos são fornecidas pelo próprio autor ao longo de suas obras, quando relata suas experiências e escolhas. Lucius Seneca mostra-se um homem de contradições, e, a nosso ver, aí reside à riqueza de

análise de suas obras e suas trajetórias. Trajetórias no plural, pois transitou por diversos lugares, como um homem de seu tempo, alternou entre uma “vida contemplativa” e uma “vida ativa”; uma fidelidade às tradições de sua estirpe, muito provavelmente inspirado em Cícero: ser letrado e iniciado na filosofia grega; quando necessário e oportuno, ocupar cargos civis; exercer as virtudes próprias à vida pública; iniciar seus pares nos assuntos filosóficos, sentindo-se responsável pela educação, moral e política, pública e privada de uma elite. A partir das considerações acima, torna-se possível definir o lugar de Sêneca no desenrolar dos acontecimentos que marcaram a vida de Roma do primeiro século depois de Cristo.

É preciso, portanto, ter em consideração algumas fases da vida de Sêneca para melhor entender as motivações de seus escritos e de suas ações: a primeira é a mocidade do autor, seus primeiros anos em Roma e sua rápida viagem ao Egito para tratar um problema de saúde; a segunda fase significativa é seu exílio na Córsega por ordens do imperador Cláudio e que marcará profundamente seus escritos; a terceira, o período em que foi preceptor e conselheiro de Nero, quando escreve textos importantes; a quarta e última, a sua velhice, já afastado do poder, momento em que aparece um dos textos mais significativos: as *Epístolas Morais*.

Levando em consideração tal perspectiva, pensamos admitir um método contextualista de análise para a nossa empreitada? Pensamos que sim e procuraremos justificar a referida escolha.

A pesquisa aborda prioritariamente, mas não somente, o universo das idéias e práticas políticas adotadas ao longo do principado, iniciado pelo governo de Augusto até o reinado de Nero (27 a. C. – 68 d. C.), principal foco da análise aqui realizada. Levamos em consideração ainda a renovação historiográfica operada principalmente pela escola inglesa. Isto porque o trabalho inspira-se nas reflexões de autores como Quentin Skinner, John Gunnell, Michel Winock, Réne Rémond, entre outros.

Tais autores reconhecem os pormenores dos caminhos percorridos pela história das idéias políticas no âmbito do debate historiográfico das últimas décadas. Contudo, neste estudo, destacamos as idéias julgadas mais relevantes,

com ênfase para a metodologia adotada por alguns desses autores, principalmente no que se refere à forma como suas reflexões apresentam confluências úteis e importantes para a interpretação das fontes da pesquisa.

A partir da década de 1920, a historiografia inglesa torna-se a produção mais importante no campo das idéias políticas; porém, com um elemento distinto: a desvinculação da filosofia e de algumas outras áreas das ciências humanas. Tal perspectiva de análise pode ser detectada em estudos mais recentes feitos por John Gunnel e Richard Tuck.

Michel Winock destaca o processo de renovação e fortalecimento da área no meio acadêmico, percebendo que a literatura política, antes considerada sob o ângulo puramente literário, passa a ser considerada como campo de estudos de mentalidade política. Para o autor, “dar novamente sentido ao passado e tornar, por isso mesmo, o presente mais inteligível, é a finalidade de uma história política, para a qual a história das idéias traz, pelo ajuste de seus instrumentos (...) uma contribuição indispensável”.<sup>8</sup>

Assim, nos últimos quarenta anos, este campo de estudos se renovou consideravelmente, passando por uma tomada de consciência teórica e de profunda reorganização, de tal forma que “o historiador do político (...) não pretende que tudo seja político (...) mas constata que o político é o ponto para onde conflui a maioria das atividades e que recapitula os outros componentes do conjunto social”. Essas considerações revelam que “a história de fato não vive fora do tempo em que é escrita, ainda mais quando se trata de história política: suas variações são resultado tanto das mudanças que afetam o político como das que dizem respeito ao olhar que o historiador dirige ao político”.<sup>9</sup>

Desse modo, nos anos sessenta, com mais ênfase, percebe-se uma guinada nos estudos das idéias políticas que assinala uma valiosa renovação de caráter teórico-metodológico. A “onda revisionista” parte principalmente da historiografia inglesa, mais especificamente de Cambridge e Oxford. No eixo

---

<sup>8</sup> WINOCK, Michel. “As idéias políticas”. In: **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFPR/FGV, 1996, p. 285.

<sup>9</sup> RÉMOND, René. (org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFPR/FGV, 1996, p. 22.

dessa renovação, Quentin Skinner procura redimensionar sua abordagem, observando o risco do anacronismo presente nas tradicionais histórias das teorias políticas e sociais.

Estudar o contexto de qualquer obra de filosofia política não significa apenas adquirir uma informação adicional sobre sua etiologia; também implica dotar-nos com um meio de alcançar maior visão interna do que seu autor queria dizer, maior certamente do que jamais poderíamos esperar obter se nos limitássemos a ler o texto vezes e vezes sem conta, como propuseram os expoentes do procedimento “textualista”.<sup>10</sup>

Aproximar-se da obra para tentar extrair o seu significado, o mais próximo possível de suas intenções; perceber o meio no qual o autor de determinada obra circula e atua. O entendimento do contexto nos permite procurar entender melhor as circunstâncias e motivações que atuavam sobre ele.

Não parece novidade a análise texto/contexto proposta por Skinner no enunciado acima, pois autores na década de 1920 já estavam propondo tal perspectiva de análise sobre obras políticas. Sendo assim, entende-se que é preciso reconhecer um ou vários textos a partir de sua reinserção contextual, reconstituindo, na medida do possível, seus valores e suas relações com seu tempo. Não se trata, é claro, de repetir um autor, ou simplesmente repetir a prática antiga, algo como, por exemplo, reelaborar em uma língua moderna o latim de Tito Lívio ou o grego de Políbio. Trata-se, isto sim, de uma “reconstrução de sentido produzida pelo encontro de um intérprete com um texto”.<sup>11</sup> Tenciona-se evitar, porém, a criação de relações mecânicas de causalidade na perspectiva por nós adotada.

No presente caso, o encontro se dá com textos de Sêneca escritos principalmente entre os anos 30 e 65 depois de Cristo. Ao investigar as idéias políticas deste filósofo latino, pretende-se realizar uma análise que vá além da proposta textualista, lendo o texto de forma a recuperar as intenções do autor e sua época, pois se torna fundamental considerar o contexto intelectual em que foram concebidas suas idéias.

---

<sup>10</sup> SKINNER, **As fundações do pensamento político moderno**. p. 13.

<sup>11</sup> GUNNEL, J. **Teoria política**. Brasília: Editora da UnB, 1981, p. 80.



A partir desta problemática, pode-se sugerir que Sêneca mostra-se transitando entre os “papéis de intelectual/ator e de intelectual/autor”. Ele atua nos bastidores imperiais tendo praticamente o principado em suas mãos durante a administração neroniana. Como autor, escreve enquanto participa diretamente do poder, assim como quando deixa o poder e passa a dedicar-se exclusivamente às letras. Sêneca mostra-se como alguém que tem a rara oportunidade de denunciar seu período, ao mesmo tempo em que seus escritos deixam exemplos para a posteridade.

Para Quentin Skinner, “compreender as questões que um pensador formula, e o que ele faz com os conceitos a seu dispor, equivale a compreender algumas de suas intenções básicas ao escrever, e, portanto implica esclarecer exatamente o que ele pode ter querido significar com o que disse – ou deixou de dizer”.<sup>12</sup> O entendimento desse contexto, atrelado ao entendimento dos textos produzidos neste contexto, propicia resultados mais seguros e reveladores no que se refere à problematização de seus valores e idéias.

A sociedade na qual os textos senequianos foram produzidos e difundidos apresenta um modelo político denominado principado. Tal modelo mostra-se como o enquadramento político ideal que procurava garantir a coesão da sociedade romana e de sua natureza aristocrática, atrelada ao projeto de hegemonia mediterrânica. Esse modelo político apresenta-se uniforme e estável e, de certa forma, garantia privilégios a apenas algumas camadas dessa sociedade.

O principado romano realizou-se como uma instituição que tornou os seus próprios governantes os grandes representantes de um vasto conglomerado de povos e territórios anexados pela conquista. Roma é a personagem principal da história universal naquele momento, portanto, a história apresenta-se aí com fortes e claras intenções morais e patrióticas. Para os nossos propósitos, entendemos o universo político como o lugar onde se articulam diversos domínios da sociedade com o político, assim como as experiências são construídas também a partir desse domínio.

---

<sup>12</sup> SKINNER. **As fundações do pensamento político moderno**, p. 13.

O estudo de um autor da importância de Sêneca precisa levar em consideração o fato de que os seus textos devem ter o enfoque dado a uma intervenção política. Richard Tuck afirma que “a maneira adequada de se ler um texto histórico é como um produto histórico, em que as verdadeiras intenções do autor (...) devem ser nosso principal guia de como e porquê de o texto ter assumido a forma particular que assumiu”.<sup>13</sup> Michel Winock reforça a perspectiva segundo a qual se deve analisar um texto dentro dos enquadramentos da sociedade no qual esse foi gerado e pensado, pois, para esse historiador, “as idéias são concomitantes aos seus centros de emissão, as suas redes de circulação e aos seus campos de recepção; seu conteúdo é inseparável da função social do sistema de representações que elas organizam”.<sup>14</sup>

Dessa maneira, a escolha de um método que privilegie o entendimento de um texto lido à luz de seu contexto social é passo fundamental para levar adiante pesquisas que direcionem esforços no sentido de perceber e levar em consideração, na análise, o ambiente em que nasceu uma determinada obra. Tal posição procura corroborar a idéia de que “não existe algo mais inútil, já que nada é menos revelador, do que isolar a filosofia política de qualquer pensador das circunstâncias em que brotou”<sup>15</sup>, já que “não é apenas a idéia que age; é também o lugar de onde ela vem”<sup>16</sup>.

Entender a posição assumida por Sêneca nos seus escritos, e em que contexto tais escritos são divulgados. Estas são, portanto, questões a partir das quais se pretende analisar Sêneca e seu mundo. Ainda é preciso perguntar – e isso se torna fundamental no nosso trabalho – não apenas em que contexto ele escreve, ou como escreve, mas para quem Sêneca escreve e a quem o autor se dirige quando faz suas considerações. Estas são questões que foram respondidas

---

<sup>13</sup> TUCK, Richard. “História do pensamento político”. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Edunesp, 1991, p. 275.

<sup>14</sup> WINOCK. Op. Cit, 289.

<sup>15</sup> RÉMOND. Op. Cit, p. 13.

<sup>16</sup> Idem, p. 285.

parcialmente na Dissertação de Mestrado, portanto, merecem ser aprofundadas no presente trabalho.

Vivendo em um período constantemente abalado e conturbado em termos políticos, Sêneca soube manter um diálogo com os mais diversos grupos, sejam eles aliados ou rivais. Ocupou cargos importantes do império, a ponto de ter os destinos deste em suas mãos, mesmo que por um breve período. Bailey, falando do por que os escritos de Sêneca justificar um estudo aponta não apenas para “o trabalho de um brilhante homem de letras que, durante alguns anos, durante a juventude de Nero, teve o governo do mundo civilizado sob sua responsabilidade, mas pela influência profunda e contínua que suas idéias exerceram sobre o pensamento ético, sobre os padrões e normas de conduta”.<sup>17</sup>

Sêneca foi uma espécie de homem “em situação”, pois participou ativamente dos problemas da Roma imperial do primeiro século da era Cristã. Na medida em que é visto como um autor modelar, alguns de seus comentadores, nas mais diversas épocas, têm-se mostrado implacáveis nas suas observações, ainda que se reconheça a importância e amplitude de suas obras. Sêneca transitou por um grande período de tempo entre imperadores e a aristocracia senatorial com uma desenvoltura tal que possibilitou a sua permanência no círculo do poder. De acordo com Ettore Paratore, ele é “uma das personagens da literatura latina de quem mais se gosta, apesar de, e diria, sobretudo, pelos seus defeitos, que o fazem aparecer tão próximo de nós, mesmo com sua grandeza; e a sua grandeza refulge precisamente pela fineza e sinceridade com que reconhece e analisa esses seus defeitos”.<sup>18</sup>

Para Sônia Lacerda e Tereza Kirschner “o que confere a determinados textos o *status* de clássico é precisamente a dinâmica da tradição, as repetidas renovações do seu significado, por revisão das precedentes interpretações”.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> BAILEY, Cyril. (org.) **O legado de Roma**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 371.

<sup>18</sup> PARATORE, Ettore. Op. Cit. p. 577.

<sup>19</sup> LACERDA, Sonia; KIRSCHNER, Tereza. “Tradição intelectual e espaços historiográficos ou porque dar atenção aos textos clássicos”. In: **Revista de Pós-Graduação em História da Unb**, v. 5, n. 2, 1997, p. 17.

Lucius Seneca escreveu diversos textos abrangendo as mais diversas áreas. Com raras exceções, não direcionou e nomeou os destinatários de suas reflexões, sejam eles amigos, inimigos políticos, príncipes e reis. Em muitos destes textos, transmite o mal-estar de seu tempo, levanta problemas e aponta soluções ao cidadão romano, ao político e sua administração. Sêneca detecta o que se chama de “mal do século” da Roma do primeiro século cristão; e que será uma constante abordagem em diversos textos desse período.

Sêneca não queria ser esquecido; ao contrário, desejava eternizar seus escritos e suas atitudes em determinado tempo e lugar; servir de marco divisor para a época em que viveu e escreveu, bem como para servir de modelo a épocas posteriores. Ainda de acordo com Sônia Lacerda e Tereza Kirschner, “um texto é clássico porque sua composição complexa, multiforme e não convencional resiste a leituras unívocas e oferece inesgotáveis possibilidades de interpretações”.<sup>20</sup> Nesta perspectiva, portanto, os textos senequianos podem ser definidos como textos clássicos.

Apesar das poucas incursões no universo das idéias políticas — se comparado com outros autores do mesmo período — Sêneca pode ser considerado um grande pensador político na medida em que suas reflexões possuem expressiva inserção através do diálogo estabelecido com seus contemporâneos e com autores que o precederam.

O pensamento de Sêneca possibilita tais análises. Isto porque essa profusão de abordagens e problemas alimenta suas ambigüidades, bem como sua riqueza potencial.

Optou-se novamente, assim como no Mestrado, na elaboração de um fichário temático direcionado aos objetivos da pesquisa. A confecção dos capítulos, na medida do possível, respeita essa elaboração. Os principais tópicos escolhidos na condução do estudo foram definidos levando em consideração, além dos objetivos propostos, a recorrência aos temas tratados por Sêneca e que devem ser considerados como uma preocupação constante ao longo da sua vida;

---

<sup>20</sup> Idem, p. 18.

citaríamos, portanto: o educar-se a si próprio; a formação educacional (com ênfase na importância dos estudos filosóficos); formação moral; virtudes e vícios; viver segundo a natureza; homem sábio; Sêneca (seu próprio exemplo como filósofo estóico, como cidadão do principado e como um homem dotado de *humanitas*).

O recorte espaço-temporal da presente pesquisa vai de Augusto, com algumas inserções do final da República, até o final do governo de Nero. Com Augusto, pois este funda um novo regime, o principado, além de ser considerado como um governo modelar. Em Nero, assistimos o término da linha Juliana, visto como o final do primeiro capítulo da história do Principado.

Torna-se fundamental evidenciar que a ênfase recairá sobre os escritos de Sêneca entre 30 e 65 d.C. A inclusão de discussões que extrapolam o recorte supracitado se justifica por abarcar alguns aspectos importantes nas reflexões do nosso autor, quer seja: há nos escritos senequianos uma ampla valorização das virtudes republicanas bem como uma constante valorização de personagens daquele regime, tais como Varrão e Catão<sup>21</sup> além de autores do calibre de Horácio, Virgílio e Cícero.

Sobre o último podemos dizer que “parcela considerável de sua obra está voltada para a demonstração de que o futuro do Estado Romano estava na preservação das características do que construiu a glória de Roma: as virtudes de seus heróis. Dentre estas virtudes antigas, o comportamento pragmático era uma marca do caráter romano”.<sup>22</sup>

Augusto e o seu modelar regime são igualmente citados por Sêneca e boa parte de sua geração para referendar outras administrações como a de Nero, por exemplo, ou mesmo para traçar paralelos e procurar ir além do regime augustano.

Mesmo correndo o risco de compartimentar a discussão, entendemos que esta é a melhor forma para visualizar a construção do modelo do “homem

---

<sup>21</sup> Catão é o considerado o grande representante do *otium cum dignitate*, expressão cunhada por Cícero em diversas de suas obras.

<sup>22</sup> FALCÃO, Rodrigo. O Humanismo de Cícero: a constituição de nova tradição. In: LOPES, Marcos. **Grandes nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 121.

senequiano”, nas suas mais variadas formas e manifestações. Ao final, pretendemos ter demonstrado que esta espécie de divisão em tópicos adquire sentido e significado visto em seu conjunto, sempre acompanhado do contexto do mundo romano do primeiro século, juntamente com a trajetória intelectual, pessoal e política de Sêneca.

Sêneca mostra-se incomodado com a sua época, ou seja, o presente não o agrada e ele parece estar constantemente voltado para o passado. Certo mal-estar por ele detectado e por diversos autores da sua geração demonstra a inquietação do período. Quando Sêneca elenca alguns exemplos para Lucílio, evidencia a época em que vive como carregada de volúpia e moleza de espírito.

Assim, em termos históricos, o conjunto das obras senequianas floresce com o objetivo de responder às muitas inquietações políticas e ideológicas da sociedade romana do primeiro século da era cristã. O momento mostra-se como um tempo de procurar conciliar a unidade romana dentro de uma ampla diversidade, pois o período era de conquistas e expansões territoriais; deparava-se com o novo e o diferente. Vive-se numa espécie de “encruzilhada de novos tempos”.

Consideramos que Sêneca não se afasta inteiramente de temas considerados tradicionais para o primeiro século da era cristã, há nos seus escritos uma poderosa crítica social e uma profunda análise política que merece ser problematizada. Considerado como um “moralista de plantão”, suas reflexões demonstram ser o resultado de uma mente inquieta, inconformada com os rumos da sociedade romana de seu tempo.

Sêneca não está satisfeito com a sua época; suas epístolas, reflexão madura e em boa parte, escrita posteriormente daquilo que relata:

Não sou eu que sou ambicioso, o que sucede é que é impossível ter outro estilo de vida em Roma; eu não sou amante do luxo, a cidade é que me obriga a toda esta despesa; não é por culpa minha que me deixo encolerizar facilmente, que ainda não acertei com um rumo certo na vida<sup>23</sup>

Lucius Anneus Seneca nasceu em Córdoba, uma cidade na península ibérica hoje Andaluzia, foi conquistada pelos romanos no ano 152 antes da nossa era, considerada a capital da província báltica, naquele momento, centro de relativa importância política e cultural. Descendente de uma família de cavaleiros, e apesar dos rigorosos cálculos, a data de seu nascimento é imprecisa, variando entre o ano 4 antes de Cristo ao ano 1 depois de Cristo. O pai, também chamado Sêneca, o retor, vive o ambiente dos discursos de Cícero, e critica os exageros dos estilos em voga naquela época e consta, foi o professor de oratória do filho. Curiosamente há poucas referências explícitas ao seu pai ao longo de seus textos. As informações mais precisas sobre a mãe, Hélvia, estão contidas na carta que ele endereçou a ela no período do desterro na Córsega em 41 d.C. Seus irmãos, o mais velho, Novato, e o mais novo, Mela, seguiram o caminho da oratória. Seu sobrinho mais famoso, Lucano, escreveu um texto importante, intitulado *Farsalia*, e assim como seu tio, viveu e morreu sob o reinado de Nero.

Quando se aproximava dos 20 anos de idade, Sêneca precisou interromper seus estudos para tratar de uma persistente moléstia que o acometia quando trabalhava e o cansava facilmente. Vai para o Egito tratar-se e é recebido pela tia, irmã de sua mãe. O marido de sua tia é Galerio, prefeito da cidade sob o imperador Tibério. O Egito era amplamente utilizado naquela época para tratar doenças respiratórias, tal como a que atingia Sêneca. Quando retorna para Roma em 31 d.C., seu tio Galerio morre; nesse momento, e devido à importância desse tio, a família começa a receber ajuda, e Sêneca em 34/35 recebe o cargo de

---

<sup>23</sup> Sénèque. **Lettres a Lucilius**. Texte Établi par François Prechac. Paris: *Les Belles Lettres*, 1969. Epístola 50,2. Optamos por utilizar a tradução acima, cotejando sempre com a edição espanhola SENECA, Lucius Anneus. **Epístolas Morales a Lucílio**. Madrid: Gredos, 1994; a edição portuguesa **Cartas a Lucílio**. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991. A partir de agora será sempre citada como Ep. (epístola).

*questor*, sua primeira função no seu *cursus honorum*, assumirá a magistratura entre 38 e 39 quando perderá seu pai.

Sêneca não pertencia a nenhuma família nobre de Roma, e nesse sentido, precisou trilhar seu caminho como um homem novo (*homo novus*). Como no tempo de Cícero, que também era um *homo novus*, havia espaço para novos talentos em oratória. Ainda muito jovem Sêneca recebe seus primeiros ensinamentos de filosofia com destaque para os estóicos Átalo e Papírio Fabiano; Sócio, um neopitagórico e o cínico Demétrio.<sup>24</sup>

Nos anos 40 escreve a sua primeira Carta Consolatória<sup>25</sup> intitulada *Ad Marciam de consolatione*, endereçada a uma dama da aristocracia, Márcia, filha de um ilustre historiador Aulo Cremúcio Cordo. Sêneca objetivava consolar a mulher que perdera seu filho, Metílio, ainda muito jovem. A esta carta, de gênero consolatório, seguirão mais duas: uma endereçada à mãe Hélvia, *Ad Helviam de consolatione*, e a segunda a um amigo, Políbio, *Ad Polybium de consolatione*.<sup>26</sup> É interessante notar que, uma observação mais aproximada das “cartas consolatórias” nos permite uma interessante leitura do pensamento social e político, na medida em que foram concebidas em uma época que o filósofo esteve desvinculado do poder.<sup>27</sup> Assim, é possível perceber como Sêneca expõe a sua filosofia e como ela se liga a essas questões da vida política e social do principado.

---

<sup>24</sup> “*Naturales Quaestiones*” data desta época. Trata-se de um texto de caráter científico ligado às questões de geografia, natureza, clima, no qual procura relacioná-los aos preceitos do estoicismo.

<sup>25</sup> As “Cartas Consolatórias” foram escritas para amigos e conhecidos, e, portanto, guardam informações acerca da conduta adequada para o cidadão, úteis, portanto, para entender uma construção de modelo de homem virtuoso.

<sup>26</sup> O gênero das cartas era amplamente praticado entre os gregos, mas encontra espaço também em solo romano para se desenvolver. As Cartas Consolatórias são documentos úteis para estudos da aristocracia senatorial.

<sup>27</sup> Nas cartas vê-se a atuação de um homem que parece ter perdido as esperanças de conseguir influenciar e orientar de alguma forma, os destinos do mundo romano e, assim, os textos se mostram menos carregados das convenções de quem escreve quando está ocupando cargos importantes.



Um dos seus primeiros tratados filosóficos intitulado *De Ira* teria sido escrito em 41 e endereçado a seu irmão Aneu Novato.<sup>28</sup> Neste tratado há exemplos da desenvoltura de um autor que soube como poucos, transitar entre imperadores e a aristocracia senatorial com uma desenvoltura tal que possibilitou a sua permanência entre os círculos do poder. Em certo trecho do tratado ele afirma: “conhecida é a frase daquele que havia envelhecido servindo os reis, quando lhe perguntavam como havia chegado à coisa tão rara na corte um velho: ‘recebendo injúrias e agradecendo, respondeu’. Frequentemente não é proveitoso vingar as injúrias, mas ao contrário, identificá-las.”<sup>29</sup>

No outono de 41 Sêneca será exilado na ilha de Córsega<sup>30</sup>, e nesta ilha escreverá as outras duas já citadas cartas.<sup>31</sup> Na primeira carta escancara-se o caráter pessoal do texto, pois o próprio autor é a vítima do exílio. A carta, além de conter reflexões filosóficas estoicas, traz carregadas conotações políticas, na medida em que este fora exilado a mando de um governante. Além disso, Sêneca não perde a oportunidade de se colocar no panteão daqueles que também sofreram com as agruras do desterro.

A segunda carta, endereçada a Políbio, considerando suas intenções de voltar para Roma bajulando um liberto próximo de Cláudio, é campo privilegiado para visualizar a construção do modelo do governante ideal e que

---

<sup>28</sup> Há autores que lêem o tratado como um libelo endereçado ao imperador Calígula, idéia compartilhada neste trabalho. A título de exemplo, o texto de Norberto Guarinello, “Nero, o estoicismo e a historiografia romana”. **Boletim CPA**, 1996, p. 53-61.

<sup>29</sup> SÊNECA. *De Ira*. In: **Tratados Filosóficos**. Buenos Aires: Librería El Ateneo Editorial, 1952, p. 442.

<sup>30</sup> Uma das primeiras províncias romanas, junto com a Sardenha, depois da primeira guerra púnica em 227 antes de Cristo. Mas lá o processo de romanização foi lento; romanos vivem apenas nas chamadas colônias militares (costa oeste, Mariana e Aleria, esta última sob fundação grega). O geógrafo Mela que viveu no tempo de Sêneca, denomina a região como fértil e produtiva, mas prejudicial à saúde. Assim, o isolamento, a exclusão da vida em sociedade é punição extrema e o fardo mais pesado para se carregar. Na carta consolatória enviada à mãe, Sêneca pinta Córsega com cores sombrias.

<sup>31</sup> Na primeira, escrita em 42, Sêneca expõe e “se expõe”, na medida em que está profundamente triste e angustiado devido ao seu desterro. Procura consolar a mãe, privada da presença do seu próprio filho. A segunda carta é endereçada a Políbio, em tom claramente bajulador, pois o destinatário da carta é um liberto grego e uma das pessoas mais influentes da corte de Cláudio e foi escrita entre 43 e 44. Sêneca recorre a esse homem, e é de certo modo de um homem das letras para outro homem das letras.

nessa carta nos permite começar a traçar o referido modelo. Cícero tinha feito uma defesa do exilado Marcelo, apelando para a clemência de César, e Sêneca coloca esse modelo defronte dele mesmo, de Políbio e do próprio Cláudio. Dos confins do mundo muitos exilados voltaram à luz (Roma) e Sêneca também desejava que isso acontecesse com ele.

Sêneca será chamado de volta a Roma nos idos de 49, devido às maquinações de Agripina, pois esta tencionava levar seu filho Domício (futuro Nero) ao trono.<sup>32</sup> O plano é tornar Sêneca o preceptor do jovem futuro príncipe. Assim, juntamente com Burrus, começará sua atuação efetiva no poder e principalmente no campo político. Para Tácito: “ambos eram preceptores de Nero, e, o que é raro entre sócios do poder, viviam em harmonia (...) ambos se apoiavam mutuamente no sentido de deter, por prazeres ilícitos, no declive dos vícios, a perigosa idade do príncipe, se este desprezasse a virtude”.<sup>33</sup>

Agripina desejava que Sêneca fosse grato e conseqüentemente fiel a ela por sua atitude de trazê-lo do exílio, e hostil para com Cláudio. No início parece que essa fidelidade surtiu efeito, pois Sêneca irá ridicularizar o imperador com um texto ácido e irônico: o *Apocolocintosis*. O cordobês almejava ir para a Grécia, especificamente para Atenas, objetivo de todo romano instruído, ouvir os filósofos, conhecer as histórias e os lugares por onde andaram os heróis gregos. Mas, Sêneca já se encontrava na casa dos 50 anos, um cargo de pretor nas mãos, o degrau anterior ao consulado, e, uma obrigação filosófica como estóico que era, de contribuir com parte de sua vida ao bem público.<sup>34</sup>

Sêneca canalizara inicialmente suas energias para melhorar as relações entre o Senado e o príncipe, elemento de constantes conflitos em administrações

---

<sup>32</sup> Agripina não queria ser conhecida por obras ruins, e chamar Sêneca de volta, um homem já com algum reconhecimento intelectual e político, poderia lhe dar crédito, inclusive junto ao seu público.

<sup>33</sup> Tácito. *Anais*. In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Libreria “El Ateneo” Editorial, 1952, p. 285.

<sup>34</sup> Sêneca será cônsul, um membro do conselho imperial (*consilium casesaris*), formado dos senadores, que como *amici caesaris* colocavam à disposição dos mandatários, seus conhecimentos e experiências.

anteriores. Nos primeiros discursos proferidos pelo jovem príncipe Nero estão claros os objetivos do filósofo cordobês. Para Gonzalo Bravo:

O novo imperador havia mantido estreitas relações com o círculo estóico dirigido por Sêneca, com quem havia estabelecido um ‘programa’ de governo baseado na *moderatio augústea*, cujos princípios foram publicados em 56 no *De Clementia* (...), os primeiros cinco anos, período conhecido geralmente como *Quinquennium Neronis*, constituem um modelo de governo imperial: reabilitação do Senado como instituição política ativa através dos *senatus-consultus*; recuperação da *concordia ordinum*, simbolizada na colaboração com o príncipe dos senadores e dos eqüestres, representados estes pela prefeitura do pretório, confiada durante estes anos (51-62) a Afranio Burrus<sup>35</sup>

Um dos seus textos mais polêmicos teria sido escrito em 54, ano da subida de Nero ao trono. Trata-se do libelo político *Apocolocintosis*<sup>36</sup> ou “Apokoloquintose do Divino Cláudio”. Uma clara vingança ao mandatário que o enviara ao exílio na Córsega. Nesse texto, a pena de Sêneca é impiedosa, pois Cláudio é pintado com cores fortes. Ridicularizado e desmoralizado pelo escritor, o texto é distribuído durante os funerais do príncipe. Mesmo considerando as controvérsias da redação e intenção do autor, o libelo nos permite, assim como as cartas consolatórias, verificar a construção de um modelo de governo e de governante ideal na concepção proposta por Sêneca, um dos objetivos do segundo capítulo do presente estudo.

Nos idos de 55, Sêneca praticamente afasta sua protetora Agripina do círculo do poder, e qualquer influência que esta ainda exercia. Neste mesmo ano, o filósofo recebe um título especial que até então nunca existira: *amicus princeps*. O título de cônsul viria no ano seguinte.

Um dos textos mais importantes de Sêneca aparece em torno do ano 56. Trata-se do *De Clementia*<sup>37</sup>. O referido tratado foi escrito inicialmente para Nero,

---

<sup>35</sup> BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Espanha: Alianza Editorial, 1991, p. 57.

<sup>36</sup> SÉNECA. **Apocolocintosis**. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

<sup>37</sup> Sénèque. **De la Clémence**. Texte Établi par François Prechac. Paris: *Les Belles Lettres*, 1961, cotejada com a edição brasileira, **Tratado sobre a Clemência**. Introdução, tradução e notas de Ingeborg Braren. Petrópolis: Vozes, 1990. A partir de agora passaremos a fazer a referência ao tratado como *De Clementia*.

mas também objetiva alcançar um público mais amplo em sua época e em épocas posteriores. Para Sêneca, a chave do sucesso do governante na administração imperial estava no bom uso da clemência, um componente humanístico indispensável.

Sobre o *De Clementia* existem acirradas discussões acerca do estado do texto latino, bem como de sua datação. O trabalho teria sido escrito em 56 d. C. De qualquer forma, o texto foi escrito e distribuído num momento em que Sêneca exercia profunda influência no principado romano.

A maior discussão, sem dúvida, está no fato de que Sêneca não concluía seu tratado, chegando a nós, portanto, incompleto. Foi o francês François Prechac que propôs uma releitura da obra. Para ele, o texto senequiano estaria completo, porém, deveria haver uma redistribuição das partes que compõem o tratado.<sup>38</sup>

Préchac pesquisou fragmentos, extratos da Idade Média e do Renascimento, além de elogios nos escritos de panegeristas para demonstrar que o texto de Sêneca estava completo. Segundo o francês, a Antiguidade e a Idade Média tiveram acesso tão somente ao que se conhece até hoje da obra. Assim, o tratado jamais foi maior do que o atualmente existente. O que aconteceu, segundo ele, foi um deslocamento de suas partes.

No início dos anos 60, Sêneca escreve *De constantia sapientis* e *De vita beata*. No primeiro, defende a postura ideal de um estóico frente às calúnias e injúrias impetradas por adversários e como o próprio título sugere, a postura ideal do sábio que deve ser constante e ininterrupta em busca da perfeição. No segundo texto, procura demonstrar que a verdadeira felicidade está baseada na incessante busca de uma vida virtuosa. Dois momentos desse trabalho evidenciam esses aspectos: O modelo do cidadão e o modelo do filósofo.

Na primavera de 62, Sêneca retira-se gradativamente do poder imperial, ainda que, segundo a literatura, com fortes restrições e resistências de Nero.

---

<sup>38</sup> Para Préchac, o Livro II pertence ao Livro I, ou é anterior a ele. O mesmo Livro II deve ser dividido, pelo seu conteúdo, em duas partes. A terceira parte seria o Livro I. Assim, o Livro I discorre sobre Nero; o Livro II sobre a natureza da clemência e suas delimitações e o Livro III sobre como o soberano deve pôr em prática a virtude da clemência, a fim de exercer um bom governo.

Desse período, destacamos o texto filosófico *De Otio*, no qual o autor defende a busca por uma vida dedicada ao ócio literário, ou seja, na busca de uma vida consagrada às letras e a diuturna reflexão filosófica.

Sêneca, ao longo da sua vida, também compôs tragédias, num total de nove peças.<sup>39</sup> As tragédias tiveram inspiração grega, mais especificamente remontando as composições de Eurípides. Porém, se mostram mais violentas nos seus enredos e teriam sido escritas mais para serem lidas do que representadas.

Apesar de não se constituírem objeto de nossa análise, as tragédias senequianas se mostram um espaço interessante para, entre outros aspectos, corroborar nossas afirmações acerca da recorrência dos temas abordados e propostos por Sêneca. Nelas estão contidas discussões, nem sempre diretas, sobre poder e política. Ainda constam do papel que cabe ao homem neste mundo. Na luta que trava consigo mesmo, entre a razão e as paixões, para Sêneca, as catástrofes que acometem os homens desencadeiam-se devido à falta de controle, devido ao fato deste homem ceder a essas mesmas paixões e não educar-se a si próprio; temas caros à reflexão senequiana em outros de seus textos que não as tragédias.<sup>40</sup> Cabe ressaltar ainda que suas peças se mostram carregadas de preceitos filosóficos, de clara inclinação estoica e, portanto com fortes conotações de ordem ética e moral. Para Ângelo Ricci, “os personagens, pois, senequianos são construções da doutrina moral do seu autor. Escondem-se debaixo de nomes, de acontecimentos e enredos gregos, porém, fixam ideais que o poeta desejaria encontrar realmente existentes na sociedade”.<sup>41</sup> Além disso, Sêneca almejava, a partir de sua produção literária de tragédias, demonstrar a

---

<sup>39</sup> São consideradas obras autênticas de Sêneca: *Tiestes, Hércules furioso, As Troianas, As Fenícias, Medéia, Hipólito (Fedro), Édipo, Agamenon, Hércules Oeteus. A décima, Octavia*, por tratar da morte de Nero, que foi posterior a morte de Sêneca, é evidentemente da autoria de outro autor.

<sup>40</sup> Sêneca, ao compor suas tragédias, pensava num público de intelectuais, ou seja, parte da elite da sociedade romana. Homens literariamente preparados e avessos aos grandes espetáculos dos gladiadores, rodeados da grande massa da população, também para aqueles contrários aos espetáculos que valorizam a baixa moral e a pornografia.

<sup>41</sup> RICCI, Ângelo. **O teatro de Sêneca**. Porto Alegre: Centro de Arte Dramática, 1967, p. 25.

possibilidade de fazer boa literatura frente à grandiosidade da tradição grega clássica.

Lucius Seneca morre em 65 cometendo suicídio por ordens do próprio Nero, pois aquele fora acusado, juntamente com outros, inclusive seu sobrinho Lucano, de participar da chamada “Conspiração de Pisão”.<sup>42</sup>

Assim, optamos por “ver Sêneca” mais em suas próprias obras do que em obras de autores coevos a ele ou posteriores a ele. Nunca é demais lembrar que Sêneca escreveu textos no exílio, se expôs e mesmo considerando alguns tons bajulatórios nesses escritos podemos antever concepções importantes sobre o cidadão, o príncipe e mesmo o filósofo que serão posteriormente retomadas e reforçadas por Sêneca em muitos dos seus escritos.

Estamos cientes de algumas incertezas acerca da cronologia de suas obras. Este problema ocasiona dificuldades para se poder traçar uma linha mais clara e segura de suas idéias, além de constituir problemas para contextualizar suas reflexões e, portanto, entender as motivações para aquilo que escreve e por que escreve. Estas imprecisões às vezes não permitem averiguar se algum texto ou textos foram compostos sob o impulso de condições especiais ou excepcionais.

Muitos dos inimigos de Sêneca estão contidos nas páginas de Dión Cássio, historiador grego do século II depois de Cristo (150 até 235), que tem como fontes prioritárias Plínio e Tácito. Este último “bebeu” também em Plínio, que por sua vez, buscou informações em Públio Suílio, homem poderosíssimo do principado de Cláudio.<sup>43</sup> Lamentavelmente as passagens nos Anais de Tácito,

---

<sup>42</sup> Conspiração liderada por Pisão, que teria por objetivo derrubar Nero do poder, e para esse príncipe, Sêneca conspirava a favor do referido golpe. Sobre a morte do cordobês: “em abril de 65, foi descoberta uma conjuração de Pisão. (...) Em virtude disso, Nero deu-lhe ordem fatídica: suicidar-se (...). Seu médico abriu-lhe as veias do pulso. (...) Entretanto, o velho filósofo teve que mandar também abrir as veias das pernas, porque o sangue não escorria rapidamente. (...) Pediu, então, um veneno, que já possuía há muito tempo. Era cicuta que já levava à morte o grande Sócrates. Como este, Sêneca também entreteve-se com seus amigos, e, na medida em que se aproximava a hora final, sua conversação se tornou sempre mais tranqüila. Após três tentativas, para apressar a morte, pediu que o levassem a um banho quente. (...). Seu corpo foi cremado, sem funerais solenes, tal como pedira, quando estava no zênite do poder”. In: ULLMANN, R. **O estoicismo romano**. Porto Alegre: Edipucrs, 1966, p. 12-13.

<sup>43</sup> Nosso autor não possui nenhuma Vita Seneca. Escrever sobre os governos próximos a Nero era perigoso. Escrever sobre a sua própria atuação no governo não era atividade aconselhável.

sobre o período de Calígula e o início da atividade política de Sêneca no principado se perderam.

Por outro lado, Sêneca se mostra bastante coerente nas idéias que defende ao longo de suas obras e isso pode ser exemplificado na recorrência de suas abordagens, naquilo que elege como objeto de suas preocupações.

No que concerne a produção que elege Sêneca como objeto de pesquisa, destacaríamos inicialmente os estudos introdutórios constando nas traduções feitas hoje, no Brasil, dos escritos de Sêneca. Tais textos destacam a trajetória do autor, suas influências, o contexto em que ele escreve, e se tornam, assim, textos importantes para dialogar. Um exemplo pioneiro é a tradução com estudo introdutório e analítico de Ingeborg Braren para o tratado Sobre a Clemência<sup>44</sup>, que apresenta, entre outros aspectos, o estado da fonte e como ela foi lida ao longo do tempo.

Existem estudos que escolhem Sêneca como objeto de estudo, mas há apenas a confluência de alguns objetivos do trabalho e, portanto, os recortes são diferentes do nosso. Destacamos ainda que muitos estudos sobre Sêneca provenham dos programas de pós-graduação nas Letras Clássicas e na Educação.<sup>45</sup>

Um estudo mais próximo daquele por nós proposto tanto no Mestrado, quanto o aprofundamento para o Doutorado é a Dissertação, agora também publicada em livro, de Marilena Vicentin<sup>46</sup>. Neste, a autora discute as imagens de poder contido no tratado *De Clementia*, principal fonte utilizada para o referido estudo, assim como a nossa Dissertação.

---

<sup>44</sup> SENECA, Lucius. **Tratado sobre a Clemência**. Introdução, tradução e notas de Ingeborg Braren. Petrópolis: Vozes, 1990.

<sup>45</sup> Destacamos o estudo de Luiz Fernando Pita. “**A Praetexta Octavia e o Pensamento de Sêneca**”. Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas. UFPR, 2006.

<sup>46</sup> VICENTIN, Marilena. **Imagens do Poder em Sêneca**. Estudo sobre o *De Clementia*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

Há estudos sobre Sêneca, mas que optaram em eleger como objeto de análise a plebe romana ou esta plebe vista sob a ótica de um autor da aristocracia senatorial.<sup>47</sup>

Destacariamos ainda a obra de Zélia Almeida Cardoso sobre as tragédias senequianas, que, ao trabalharem com literatura, possibilitam-nos um profícuo diálogo com a obra senequiana, pois, em suas tragédias, Sêneca demonstra seu interesse pelo homem romano, o poder e a política de seu tempo.<sup>48</sup>

No campo de estudos das Letras Clássicas, destacariamos ainda a tese de doutoramento de Ingeborg Braren, intitulada “A Natureza Literária das Epístolas Morais de Sêneca”, na qual a autora faz um estudo, entre outros aspectos do estilo de Sêneca, seus valores estéticos e o emprego do jocoso nas epístolas senequianas.<sup>49</sup>

Para uma abordagem do contexto em que Sêneca vive e transita, destacamos a produção de Pierre Grimal, Paul Veyne, Henri-Irénée Marrou, autores que evidenciam tanto a vida pública quanto a vida privada da sociedade romana, preocupações constantes de Sêneca.<sup>50</sup> Na medida em que a discussão entre virtudes e vícios permeia grande parte deste trabalho, não poderíamos nos furtar de dialogar com o estudo, considerado precursor e clássico, de Maria Helena da Rocha Pereira.

---

<sup>47</sup> Como exemplo o trabalho de OMENA, Luciane Munhoz de. *A Fabricação da Plebe sob a Perspectiva de Sêneca*. In: **Stylos**, Pontifícia Universidad Católica Argentina. Buenos Aires: 2005.

<sup>48</sup> CARDOSO, Zélia de Almeida. **Estudos sobre as tragédias de Sêneca**. São Paulo: Alameda, 2005, e (Org.) Lúcio Aneu Sêneca. **As Troianas**. Introdução, tradução e notas de Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: Hucitec, 1997.

<sup>49</sup> BRAREN, Ingeborg. **A natureza literária das Epístolas Morais de Sêneca**. Tese de doutoramento. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. São Paulo, 1989. 180 f.

<sup>50</sup> Entendemos e compartilhamos da idéia de Ciro Cardoso em que “a construção planejada de abrigos sólidos e permanentes, em contraste com as frágeis cabanas temporárias dos caçadores-coletores, foi o que fundou a vida em comunidade e deu as condições para o surgimento da esfera política, bem como a separação entre público e privado”. Para os antigos, especificamente para os gregos, existia equilíbrio e tensão entre as esferas do público e coletivo (*to koinón*) e do privado e individual (*to ídion*). Para a referida discussão, ver a introdução da obra de THEML, Neyde. **O público e o privado na Grécia**. Do VIII ao IV séc. a.C. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 1988.



Um dos aspectos mais significativos de sua trajetória como autor e ator da cena romana foi o fato dele ser o preceptor de Nero e ter praticamente o principado em suas mãos. Desse ponto escreveu outros textos importantes que demonstraram suas preocupações em torno do poder e da sociedade do primeiro século da era cristã.

Na velhice, escreveu textos mais maduros, porém, carregados de ressentimentos, frustrações e “acertos de contas”, portanto, nesses textos há um Sêneca que se expõe constantemente e seus últimos textos carregam uma riqueza inesgotável de possibilidades de análises.

Para discorrer acerca da sociedade ideal proposta por Sêneca e da constituição do modelo de “homem senequiano”, optamos traçá-lo a partir, prioritariamente, mas não somente das Epístolas Morais ou *Ad Lucilium Epistulae Morales*. Trata-se de um texto da fase mais experiente e amadurecida, ao mesmo tempo carregada de frustrações, mágoas, portanto muito rico para análise, pois nelas, o autor faz uma espécie de “acerto de contas” com amigos e inimigos, pessoais e políticos angariados ao longo de sua carreira na alta cúpula política romana. Campo privilegiado ainda para perceber parte de suas influências, de sua formação e das referências de leitura que fez ao longo de sua vida.

O destinatário das cartas era, declaradamente, Gaio Lucílio Júnior, natural de Pompeios, na região da Campânia, cidade muito conhecida, pois foi arrasada pelo vulcão Vesúvio no ano 79 da nossa era. Não se sabe exatamente a data de seu nascimento, mas acredita-se ser próximo à idade do próprio Sêneca.<sup>51</sup> Socialmente, Lucílio era da classe dos *équites*, segundo consta não por nascimento, mas por merecimento, ações e amigos influentes (Sêneca?) fizeram com que o príncipe o promovesse a *eques*.

Sêneca evidencia as qualidades éticas e morais e a inclinação do amigo e discípulo às letras. Além do interesse pela filosofia, Lucílio se dedicava à literatura e quando da correspondência entre os dois, estava ele compondo alguns textos que praticamente se perderam com exceção de poucos fragmentos citados

---

<sup>51</sup> Para tanto ver as Ep. 26,7 e 35,2.

pelo próprio Sêneca.<sup>52</sup> Ele publicou, ainda em vida, os três primeiros livros, portanto, a forma epistolar, para Sêneca, era veículo de propagação e divulgação de idéias não apenas para o destinatário das cartas, mas para toda a humanidade coeva e futura.

Há quem considere parte das Cartas contidas no conjunto, também denominado de “Epístolas Morais”, resultado de ficção literária, ou seja, informações fictícias para destinatários fictícios.<sup>53</sup> Porém, uma leitura mais atenta das cartas nos permite perceber que a troca de correspondência entre o mestre e seu discípulo, na medida em que Sêneca procurará convencer o amigo a se converter a doutrina estoica, é real e concreta. Dois exemplos corroboram tal hipótese: as fórmulas que acusam o recebimento das cartas contidas na correspondência posterior e a abundância de referências a personagens históricos da vida romana.

Um dos temas mais abordados pelo gênero epistolar foi a consolação, e Sêneca não se furtou de incluí-la nas suas correspondências. Amplamente situada na tradição da consolação filosófica, as consolações senequianas serviriam para, como o próprio nome diz, consolar um amigo, parente, alguém que esteja passando por dificuldades ou por uma dor profunda. A utilização desse gênero se mostra oportuno, inclusive para Sêneca, pois ajuda, com argumentos fortes, a demonstrar como se deve dominar o medo, as arbitrariedades da vida, ou seja, todos os reveses do homem. Esse controle se daria com uma vida vivida em conformidade com a natureza e próximo da razão; a *ratio* ajudando a reprimir as fraquezas desse homem atormentado. Assim, a literatura de consolação serve para tentar resolver os problemas da vida a partir de uma orientação filosófica.

---

<sup>52</sup> Ver Ep. 79,5.

<sup>53</sup> O que parece claro nas cartas é a presença dos *suasoriae*. Consiste em o autor imaginar que alguma de suas afirmações é objetada por alguém; objeção essa que lhe dará oportunidade para retomar a sua idéia inicial comprová-la com novos argumentos ou ilustrá-la com nova exemplificação. Abundam nos seus textos a expressão *dicunt* (dizem alguns), *dicis* ou *dices* (dizes ou dirás tu).

As epístolas também podem ser consideradas um veículo de comunicação amplamente utilizado na Antiguidade helenística e clássica.<sup>54</sup> Pelo seu estilo e sua forma, mostram-se facilmente influenciáveis pela retórica. O aspecto do diálogo de um amigo com outro que se oferece para conversar e discutir permaneceu na literatura helenística advindo da tradição grega. Pensamos nas conversas de Sócrates, nos diálogos de Platão que ocasionalmente abria espaço para réplicas, na influência do sofismo e da retórica e podemos perceber a força de um gênero.

Mas Sêneca sempre defendeu que o conteúdo seja o mais claro possível, pois a intenção é sempre procurar atingir o maior número de potenciais leitores, diretamente, e indiretamente, o maior número de pessoas.<sup>55</sup> Quando Sêneca tenta consolar sua mãe, demonstrando que ele não está infeliz, que o exílio não era para sempre, sua intenção era, além da mãe, atingir um público mais amplo. Em suma, Sêneca dialogou, ao longo de boa parte de suas reflexões, com a tradição retórica e epistolográfica.<sup>56</sup> O gênero das epístolas também pode ser considerado como um veículo privilegiado de exortação da *amicitia*, elemento fundamental do viver em sociedade no mundo romano.

---

<sup>54</sup> A *Consolatio* de Cícero, escrita em 45 a. C., após a morte de sua filha Tulia, pode ser considerada uma das obras mais importantes e influentes na transmissão do gênero para outras épocas. Para Ingeborg Braren, a epistolografia não foi bem definida ainda na Antiguidade Clássica. Não chegou uma teoria bem definida acerca do tema. Mas a autora elenca algumas ponderações do modo de pensar o assunto para os antigos: a carta tem um propósito de oferecer um brinde; se o diálogo não tem preocupação com a forma, a elaboração da carta o tem; o diálogo, assim como o caráter do falante, a carta também deve fazê-lo; na medida em que ofereciam “leis de amizade”, as cartas se assemelhavam a discursos jurídicos, por isso havia uma certa construção que limitava as liberdades do escrevente; há um estilo epistolar, como há tópicos epistolares, segundo Aristóteles; junto com aconselhamentos amigáveis, aparecem os ornamentos, mesclado com bons provérbios, que reflete a sabedoria do povo; por fim, evitavam-se as exortações, pois o falante não estava discursando em um púlpito. Conf. BRAREN, I. Introdução: Cartas ou Epístolas? In: “**A natureza literária das Epístolas Morais de Sêneca**”. Tese de doutoramento do Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas. Universidade de São Paulo, 1989.

<sup>55</sup> Ver Ep. 75,2-3 e Ep. 100,2.

<sup>56</sup> Os peripatéticos insistem na moderação dos afetos; os estóicos ensinam o controle das paixões. Panécio é um dos fortes representantes dessa linha de pensamento.

Mas, para Sêneca, há também a intenção de atingir um *tu* mais direto e objetivo, pois dado o conteúdo das cartas seu objetivo é ficar para a posteridade.<sup>57</sup>

Assim, é preciso ter presente quando da escrita dessas epístolas, o contexto romano, a sua situação e da sociedade na qual ele se encontra inserido para melhor entender as motivações e escolhas. Ele recupera, nesse conjunto de cartas endereçadas a Lucílio, o cenário dos governos de Calígula, Cláudio e Nero, vividos intensamente por ele, nos bastidores ou tendo as rédeas do poder em suas mãos. Traços de forte ressentimento perpassam grande parte das cartas endereçadas ao amigo e discípulo. Sêneca assiste ao desgaste do governo de seu antigo pupilo e a forte resistência de diversos grupos, principalmente dos poderosos senadores. Era público e notório que Nero resolvera livrar-se daquilo tudo e, entregar, para grande espanto de todos a administração das províncias e dos exércitos aos libertos e aos cavaleiros.<sup>58</sup>

Há uma riqueza da vida cotidiana do mundo romano, bem como da vida pessoal dos dois personagens, o próprio Sêneca e seu discípulo Lucílio. “A sua filosofia, portanto, não é fruto de uma meditação abstrata (...) mas sim resultado de uma luta de todos os dias contra as imposições do momento, contra a fortuna e a adversidade, contra as próprias fraquezas, o inimigo mais difícil de vencer”.<sup>59</sup>

Sêneca sempre deu pouca importância à teoria, ou a levava em consideração quando esta poderia ser aplicada ou poderia contribuir para auxiliar diretamente ao homem de ação. Não sem razão, ele insiste ao longo das cartas, em ensinar a adquirir a *virtus* e a se aproximar, o máximo possível, ao ideal do homem sábio, no que suas cartas permitem a construção de um modelo ideal.

---

<sup>57</sup> Pertencem a filosofia estoica dois componentes desse gênero: a dogmática e a parenética. A primeira oferece as lições filosóficas propriamente ditas, no grego *dogmata*, no latim *decreta*. A segunda inclui entre outros, a *consolatio*, a *exhortatio* e a *suasio*. Para tanto ver a Ep. 95 na qual Sêneca destaca a influência e os ensinamentos do mestre Posidônio.

<sup>58</sup> Fundamental é entender qual a situação política do principado no momento da composição das cartas: Afrânio Burro, seu maior aliado político, já havia morrido; Tigelino e Popéia estabeleceram forte influência sobre Nero, mesmo afastado do poder, Sêneca estava cercado e de certa forma acuado.

<sup>59</sup> CAMPOS, J. Segurado. In: Introdução. **Cartas a Lucílio**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, p. XXI.

O texto persegue um objetivo e, portanto, não é escrito necessariamente para todos; nenhum texto atinge a totalidade da sociedade. Para Renato Janine Ribeiro:

O texto persegue uma estratégia e, por isso, é fundamental conhecer quem ele define como leitor. Em outras palavras, um texto não é reflexo, porém arma. Um pensador político não procura refletir o seu tempo e sociedade; quer produzir efeitos. E estes ele visa através de sua arma específica, o texto. A designação do leitor é, portanto, a de quem deverá ser afetado pelo texto. Os leitores constituem o campo da eficácia própria do discurso. A leitura é o processo pelo qual se dá tal eficácia. Escrever e ler, portanto, não são meros efeitos: são produtores.<sup>60</sup>

Para tanto, e na tentativa de estabelecer o modelo de homem ideal romano, Sêneca se valeu dos *exempla*, recurso amplamente utilizado na Antiguidade. Junto com os mitos, registram os grandes feitos de heróis e de cidadãos romanos e não romanos, mas romanos prioritariamente. Ele cita personagens ilustres e anônimos, reais, pois históricos, e fictícios, pois oriundos desta mitologia greco-romana. Todos com a função de ensinar algo, servir de exemplo ou contra-exemplo dependendo das intenções de Sêneca. Mas a história passada de Roma, recente ou remota, é constantemente recuperada, servindo de guia ao potencial leitor.

Objetivamos, portanto, demonstrar as virtudes e posturas adequadas ao cidadão romano, ao príncipe e ao filósofo, e tais posturas necessitam serem incorporadas às suas vidas. Reconhecidos pelos seus pares, pelos seus súditos, devem se constituir modelos para a sua época e para épocas vindouras, ao mesmo tempo em que são modelos definidos por um indivíduo desencantado e devem expressar tal sentimento. Ao mesmo tempo em que há o elogio da vida virtuosa, portanto, boa, há a crítica a uma vida viciosa, portanto má. Por que insistir nesses binômios ao longo de seus escritos? Por que tão acentuada valorização de personagens da Roma republicana? Pode-se construir uma linha de pensamento que valorizou homens e instituições do período republicano, desde a segunda guerra púnica até o principado.

---

<sup>60</sup> RIBEIRO, Renato Janine. A filosofia política na história. **Revista Discurso**. São Paulo: v. 2, n. 14, p. 125 - 137, 1989.

A constante presença dos *exempla* supracitados nos textos senequianos permite pensá-los atrelados a um gênero amplamente utilizado e divulgado na Antiguidade: a *Historia magistra vitae*. Há, nas reflexões de Sêneca, inúmeros exemplos de ações, acontecimentos e personagens de épocas anteriores que podem e, para o autor, devem ser aprendidos e praticados (ou rejeitados) na vida pública e privada. Assim, a perspectiva da *Historia magistra vitae*, na qual os *exempla* fazem parte presta-se a servir de ensinamento às diversas épocas da história. A história como mestra da vida, na qual os exemplos fazem parte, ensinam e guiam a vida do homem romano.

Sêneca utiliza-se constantemente desse recurso em seus escritos, tanto nos textos de natureza filosófica, quanto naqueles de perspectiva moralizante. Ao seu modo, Sêneca relaciona-se com o passado romano e o utiliza no presente. A história serve de modelo ao escritor, e o escritor serve de modelo para sua época e para épocas vindouras. Ele propõe, assim, uma pragmática pedagógica da história: ela é educadora (*magistra*) da vida individual e social, pelos exemplos ou contra-exemplos que pode oferecer a um leitor seletivo predisposto a constituir-se como sujeito ético.

Neste sentido, há nas reflexões de Sêneca, inúmeros exemplos de ações, eventos e personagens de épocas anteriores. Em outras palavras, nos escritos senequianos a perspectiva da *magistra vitae* presta-se a servir de ensinamento às diversas épocas da história, pois “o exemplo histórico era o que orientava a espera. O pressuposto, aqui, era o da continuidade da natureza humana, que possibilitava a repetição das experiências humanas e, principalmente, a sua ‘transmissão’. O futuro se reunia ao passado, a espera à experiência, em uma continuidade”.<sup>61</sup>

Sêneca referenda e reforça uma tradição que remonta pelo menos a Cícero? Seus escritos objetivam frear os excessos cometidos na dinastia Júlio-Cláudia? Que função tem a história na perspectiva senequiana? Este é, portanto, um questionário prévio para eleger um filósofo como nosso principal objeto de estudo. A partir dos textos filosóficos e dos textos de orientação moral, torna-se

---

<sup>61</sup> REIS, JOSÉ CARLOS. **Tempo, história e evasão**. São Paulo: Papyrus, 1994, p. 81.

possível desenvolver uma pesquisa que objetiva identificar as idéias políticas, o conceito da monarquia romana, a noção de tempo e de história presente nos textos de Lucius Seneca. É a perspectiva histórica das obras senequianas que moverá as discussões e incursões que aqui serão feitas.

Sêneca faz *Historia magistra vitae*? Defendemos que sim, pois o que não se aprendia de forma autônoma, deveria ser aprendido pelos exemplos da história passada e pelo exemplo de outros; seguir o que se considerava positivo e descartar o que se considerava nocivo à boa educação. As experiências das gerações passadas tornavam-se bastante úteis para o projeto pedagógico almejado por Sêneca. Esse aparato serviria então para que ele, juntamente com seu leitor, caminhasse pela história coeva, recente e até mais distante, para permitir a reflexão sobre a origem dos bons e dos maus exemplos, portanto sobre a origem das virtudes e dos vícios presentes na história da humanidade e na história romana.

Uma felicidade duradoura para o homem, que é um animal social, deve ser buscada nos amigos e na família. Na proposta aristotélica, não se alcança esse estado sem a contribuição dos outros. Uma vida feliz está nas virtudes e, elas ajudam a cultivar os vínculos sociais. A virtude não surge naturalmente, e Sêneca, assim como fizera Aristóteles, defende tal perspectiva.<sup>62</sup> Portanto, para ambos, pessoas virtuosas servem como importantes modelos de desenvolvimento e aprimoramento moral.

Roma, em sua expansão territorial, depara-se com culturas muito diferentes da sua e o quadro se mostrará bastante heterogêneo. Os problemas oriundos desse contato tornam-se presentes nos assuntos políticos e filosóficos e objetos de análises e problematizações diversas. Como lidar com valores diferentes? O que é a “ordem do dia” nos assuntos políticos e filosóficos numa sociedade plural jamais vista antes na Antiguidade?

A unidade do Império se dará prioritariamente na cidade. Cientes da limitação das fontes, grande parte dos textos divulgados atingem a vigésima ou a décima parte da população livre, culta e aristocrática. Mesmo aceitando que

---

<sup>62</sup> Ver *Ética a Nicômaco* 1103a15.

Sêneca almejava atingir muito mais do que essa parcela, é para esses que ele diretamente ou imediatamente se reporta: seus pares, seus próximos, ou os “formadores de opinião”. Em Roma, existia maneiras de se exercer algum poder e que nem sempre era apenas através da ocupação de cargos, pois méritos pessoais contavam muito. Esses méritos pessoais poderiam abrir “espaços” de participação a muitas pessoas. A inclusão em escalões superiores da sociedade romana se dava por diversas razões: ser rico, gozar de algum prestígio social, e mesmo ser membro do *ordo* dirigente e desempenhar cargos importantes, portanto, estar muito próximo do poder; fatores estes que definiam a posição de alguém dentro desta sociedade. Considerando estas relações maleáveis, por vezes instáveis, Sêneca se preocupou também em educar o “homem comum”, e a ele dedicou páginas consideráveis dentro do conjunto de sua vasta obra. Para Zélia Cardoso:

Embora a crítica tenha sido muitas vezes rigorosa com Sêneca, censurando-lhe falhas na arte de composição e excessos no estilo, sua importância foi imensa tanto por ter consolidado o pensamento filosófico em Roma como por ter exercido grande influência sobre a literatura posterior (...). Sêneca é o último dos grandes pensadores que divulgam em Roma as idéias filosóficas ditas pagãs<sup>63</sup>

Podemos, portanto, a partir dessa constatação, visualizar a elite romana, ou pelo menos como uma parcela dessa elite se vê e vê aos outros. Mesmo que Sêneca construa tipos ideais, modelos abstratos, estes são forjados pelas questões da realidade, uma realidade vivida e concreta.

A partir do contato com as fontes, optou-se por priorizar os textos que se reportavam diretamente ao campo das idéias políticas e morais. Inseridos neste recorte, todos os textos citados formam um conjunto adequado para perceber os elementos que demonstram o modelo ideal de soberano, de cidadão e de filósofo almejado pela filosofia senequiana. Outro critério adotado foi definir os textos pela sua natureza moral, traduzida como fonte privilegiada para a elaboração de um quadro das características do homem virtuoso em Sêneca. As fontes

---

<sup>63</sup> CARDOSO, Zélia de Almeida. **História da Literatura Latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 177.



apresentam subsídios para o entendimento de uma das condições básicas — espécie de “lugar comum” — estabelecidas pela literatura política: administrar a si próprio para administrar os outros. Apoiada nestes textos, a análise estará centrada, portanto, nas disputas políticas internas, na relação do príncipe com o Senado e do príncipe com seus súditos, na administração de seu reino, bem como na tradição intelectual que Sêneca objetivava criar e perpetuar.

No tempo de Sêneca, vive-se e morre-se de forma teatral; se hoje uma pessoa se situa no topo da pirâmide social, amanhã ele pode ser condenada a morte por acusações, intrigas, portanto, a vida era considerada preciosa, pois a morte também se mostrava eminente. Diante disso, Sêneca se apresenta com um de seus grandes projetos, talvez o maior deles: como as pessoas viviam e como as pessoas deveriam viver. Pierre Grimal diz que uma das mais originais contribuições de Sêneca foi unir dois aspectos; quer seja, a meditação filosófica e a arte e a vontade de intervir, interferir na sociedade de seu tempo.<sup>64</sup>

Ao debruçarmo-nos sobre o conjunto da obra senequiana, percebemos a presença, entre tantos outros aspectos, de um narrador por vezes angustiado. A partir disso, mas na somente, foi possível comprovar a existência de uma “proposta senequiana” para o homem romano, e nesse sentido, para o conjunto da sociedade romana. Como e por que Sêneca teria forjado esse modelo ou modelos? Entendemos que existiram motivações para que isso tenha ocorrido: o contexto corrompido que Sêneca considerava estar vivendo; o desgaste político e moral proveniente dos conflitos deflagrados no final da Roma republicana. Além disso, sua preparação e trajetória educacional, a partir do contato que teve com os melhores mestres, direta e indiretamente, o tornava apto a propor com autoridade, mudanças no *modus vivendi* dessa sociedade. Os acontecimentos contemporâneos a ele não o deixaram indiferente e sua formação como estóico e ocupante de cargos importantes, o fez se sentir como responsável pelos destinos de Roma e do mundo. Sua opção vai de encontro a uma proposta pedagógica de educar o homem, valores da cultura greco-helenística se encontram com valores

---

<sup>64</sup> Ver GRIMAL, Pierre. **La littérature latine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1965.

da cultura romana. Para Maria Helena da Rocha Pereira, referindo-se a Paidéia grega: “a palavra deixa de ter sentido ativo para passar a ser o estado de espírito plenamente desenvolvido, que desabrochou todas as suas virtualidades, o do homem que se tornou verdadeiramente homem, razão por que Varrão e Cícero, ao vertê-la para latim, lhe deram o equivalente de *humanitas*”.<sup>65</sup>

Para responder a isso, optamos em estruturar o presente trabalho, em três capítulos, surgidos e propostos dessa maneira devido à recorrência dos temas abordados por Sêneca e da possibilidade, a partir disso, de construir um modelo ou modelos de conduta.

O primeiro capítulo é dedicado ao *princeps* romano, o primeiro dos cidadãos e nesse caso, o governante do mundo romano. Trata-se de um campo privilegiado para discutir e problematizar as questões em torno do poder e da política em Roma, e Sêneca constantemente se debruçou acerca dessas searas. O destaque aqui é o binômio bom príncipe/tirano. Para Sêneca, existiam virtudes que o *princeps* necessitava absorver, integrar ao seu caráter para tornar-se modelo de bom governante e para a posteridade reconhecer ali um lugar e um exemplo de bom governo.

O segundo capítulo discute o cidadão e as vicissitudes do viver em sociedade no mundo romano a partir de questões levantadas por Sêneca. O binômio virtudes/vícios perpassa o capítulo, pois ele insiste nisso, defende quais as posturas de uma vida virtuosa, quais as posturas que denotam uma vida de vícios e baixezas morais. É preciso aqui diferenciar “a quem Sêneca se dirige” de “a quem Sêneca se refere” na construção do cidadão ideal. Explicitamente, as referências a quem ele se refere são maiores; pois detecta situações e lugares virtuosos e viciosos. São exemplos e contra-exemplos ao potencial leitor que futuramente poderá se tornar um mestre, um pedagogo. Nesse capítulo percebemos que, ao Sêneca criticar posturas viciantes, os ambientes nos quais os concidadãos circulam e o que são esses ambientes para a vida do homem romano no primeiro século depois de Cristo.

---

<sup>65</sup> PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de História da cultura clássica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, p. 522.

Na pena de Sêneca, tanto a história quanto a filosofia podem aparecer como um suporte para a sua finalidade primordial: a moral e a ética do mundo romano do primeiro século da nossa era. Detectar, apontar e posteriormente orientar é seu maior objetivo, pois a função pedagógica é a tônica dessas reflexões.

O terceiro capítulo discorre acerca do filósofo, prioritariamente o papel do filósofo estóico na sociedade de Roma. Aqui Sêneca evidencia a importância do filósofo como o homem mais preparado para orientar as pessoas, sejam os cidadãos, sejam os governantes. Em todos os momentos podemos constatar que Sêneca se coloca como apto a ser um “diretor de consciência” de todos os habitantes do Império Romano, de sua época e para futuras gerações.

É importante ressaltar ainda que, apesar de Sêneca almejar intervir em todas as esferas da sociedade romana, a ênfase do presente trabalho se volta, mesmo que não somente, mas prioritariamente, ao universo do político, na medida em que seus aconselhamentos, orientações bem como suas críticas estão amplamente voltados à esfera do político, pois ele esteve preocupado constantemente com a relação entre os governantes e seus concidadãos.

## 1. OPTIMUS PRINCEPS

Os primeiros anos após a queda da República nos permitem observar uma série de modificações de diversas ordens. De uma cidade-estado possuidora de algumas colônias, Roma passará a ser a sede de um imenso império, aumentando o contato com culturas exteriores, e era inevitável ter que lidar com essas diferenças e estranhamentos.<sup>66</sup> Ao *princeps* será reservado o papel principal de administrar as transformações advindas dessa expansão. Desta forma, objetivamos no presente capítulo discutir aquilo que Sêneca reserva ao mandatário e às vicissitudes do poder, e, portanto, visualizar a possibilidade de traçar um modelo ou modelos de governante e governo ideal.

O final do período republicano está carregado de conflitos internos e guerras civis. Destaca-se, nesse contexto, a figura de Júlio César, suas conquistas que canalizaram Roma para a implementação de um governo centrado na figura de um só homem<sup>67</sup>, pois “nas últimas décadas da República avistava-se já a solução que permitia garantir a permanência da antiga organização social dotando-a de um novo quadro político: a monarquia”.<sup>68</sup> Compartilhamos da afirmação de H. Stuart Jones, quando diz que “o estabelecimento do domínio romano na bacia mediterrânea, o que para os romanos incluía tudo que era digno

---

<sup>66</sup> Há, nesse contexto, um papel maior reservado à cultura grega, como a importância do *otio*, a valorização das atividades literárias e musicais e uma maior tolerância para com a homossexualidade.

<sup>67</sup> “Na extensão do Império, as ambições pessoais tiveram um papel a desempenhar, como mostram as duas últimas grandes conquistas da República: a de Pompeu, no Oriente, e a de César, no Ocidente”. GRIMAL, Pierre. **O império romano**. Lisboa: Edições 70, 1993, p. 25.

<sup>68</sup> ALFOLDY. **A história social de Roma**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 102. Ver ainda GABBA, Emílio. LAFFI, Umberto. Sociedad y política en la Roma republicana. (siglos III – I a.C.) Milano: Pacini Editore. In: **Rivista Storica Italiana**, n. 93, 1981.

de ser chamado de mundo, foi um desses eventos verdadeiramente grandiosos da história, que só podem acontecer uma vez”.<sup>69</sup>

A nova forma de governo objetivava ainda preservar e proteger alguns elementos da república romana, ao mesmo tempo em que objetivava criar condições de se evitar, a partir do advento do governo de um só homem, os perigos de uma nova guerra civil. Augusto, o primeiro dos cidadãos, apreendera muito com o exemplo de César, e parecia não querer repeti-lo.

A vitória sobre Aníbal e sua Cartago estabelece um poderio imenso para Roma nas cidades gregas e a leste do mar Adriático.<sup>70</sup> Na Ásia também o poder dos romanos já se fazia sentir nesse período. Para Pierre Grimal, “(...) os países ocupados pelos romanos foram rapidamente romanizados e acolheram numerosos italianos. Durante os primeiros séculos do principado, as cidades que então foram fundadas tornaram-se e permaneceram centros culturais muito ativos, fornecendo, mais tarde, imperadores a Roma”.<sup>71</sup>

Para o mesmo Grimal, esta política de expansão territorial, contribuiu mais tarde para a instauração do *imperium* entre os romanos, e seu orgulho pelas sucessivas vitórias nessa política, como uma espécie de “consciência de sua superioridade moral frente a todos os outros povos. Afirma Grimal: “O *imperium* caminhava no sentido da *humanitas*. Não foi este, decerto, o principal móbil da conquista; mas, em determinado momento, justificá-la-á. Este sentimento surge claramente no início do principado”.<sup>72</sup>

Os governos que se seguiram, de Augusto, até o final dos administradores da dinastia Julio-Claudia, objeto de nossa análise, preocuparam-se, cada um ao seu modo, de como lidar com questões de grande relevância política para a

---

<sup>69</sup> JONES, H. S. Administração. In: BAILEY, Cyril. **O legado de Roma**, p. 108.

<sup>70</sup> Este e o mar Jônico tornaram-se um “lago romano” a partir do momento em que em 197 a.C., o rei Filipe V da Macedônia teve de se vergar perante o poder de Roma.

<sup>71</sup> GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**, p. 21. Ver ainda de GRIMAL, Pierre. **Las ciudades romanas**. Barcelona: Vergara, 1956 e **El helenismo y el auge de Roma**. El mundo mediterráneo en la edad antigua. Bilbao: siglo veintiuno, 1972.

<sup>72</sup> GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**, p. 23.

própria subsistência do principado como a coexistência entre um poder de caráter pessoal e unificador, a monarquia, com instituições republicanas fundamentadas numa forte tradição ancestral e pautadas por virtudes como a *iustitia* e a *libertas*, como o senado e as assembléias. Vale recordar que a partir de Augusto o *imperator* se torna, também, “*princeps*” (o primeiro dos cidadãos), e principalmente que a imagem de seu governo seria construída a partir de suas ações políticas.<sup>73</sup>

Para Skinner:

Com razão a historiografia recente chegou ao lugar-comum de que, se temos em mira compreender sociedades anteriores à nossa, precisaremos recuperar suas *mentalités* de dentro (...). Se tentarmos cercar esses clássicos com o seu contexto ideológico adequado, poderemos ter condições de construir uma imagem mais realista de como o pensamento político, em todas as suas formas, efetivamente procedeu no passado (...).E, a fim de reconhecer a direção e força exatas de seus argumentos, necessitamos ter alguma apreciação do vocabulário político mais amplo de sua época.<sup>74</sup>

O período que Sêneca vive e escreve, e diríamos sobre o que ele escreve, pode ser ainda caracterizado como um período de transição. Politicamente assistimos ao fortalecimento do Principado, ao mesmo tempo em que o Senado ainda se mantém como uma instituição forte e presente na sociedade romana.

O fortalecimento do poder de caráter pessoal do *princeps* levou como conseqüência, a uma natural elaboração teórica e ideológica que reforçava a sacralização da figura do *princeps* que traria resultados de grande relevância na proposta de unidade de todo o *orbe* mediterrânico. Aspecto realçado por Ernest Barker ao afirmar que “o rei divinizado podia reivindicar para si a universalidade e receber a adoração universal de um deus manifesto. Sob esta premissa, as

---

<sup>73</sup> “A ficção, imaginada por Augusto, perdura sempre: o imperador é, em princípio, apenas um *privatus cum imperium*, o primeiro cidadão da república, que deve, pela *auctoritas* que o distingue, dar a todos o primeiro exemplo de devotamento ao interesse público e de generosidade”. In: MARROU, Henri-Irene. **História da educação na antiguidade**. São Paulo: EPU, 1990, p. 464. Em torno do ano 5 a.C. os *collegia invenum* tomam forma quando os netos de Augusto, Caio e Lúcio Césares, recebem o título de *princeps-iuventutis*, ou seja, chefes da juventude. Este título, que aparece pela primeira vez em Roma, será retomado muitas vezes, a partir dos Julio-Claudianos, em benefício sempre de um jovem príncipe da casa reinante, e a partir dos Severos é usado regularmente para designar o herdeiro do trono.

<sup>74</sup> *Idem*, p. 11-13.

idades gregas e as nações orientais poderiam unir-se”<sup>75</sup>, sendo protegidas pelo *imperium* dos romanos.

Com uma eficaz política de anexação pautada, sobretudo, na incorporação de elementos das aristocracias regionais nas estruturas administrativas das áreas conquistadas, Roma apodera-se de uma sociedade helenizada. Ainda de acordo com Barker, “um desenvolvimento romano encontra uma idéia grega. Esta é a gênese da concepção do Império Romano”.<sup>76</sup> Com efeito, observamos que a partir de Alexandre, o Grande, pela primeira vez na história, vemos uma clara tentativa de buscar a união política e cultural entre o Ocidente e o Oriente. Para tanto, o monarca macedônico lançou mão duma ação política pautada no acento da unidade à volta do monarca e das garantias de lealdade pessoal. Tais aspectos podem ser grosso modo, relacionados a um processo que culminou com a “divinização do regente”.

O sistema político mudara consideravelmente, mas os laços com a República não foram desfeitos, pois “a existência da monarquia imperial como novo enquadramento político e a integração das províncias contribuíram para reforçar ainda mais essa ordem social, sem modificar as suas bases”,<sup>77</sup> ou ainda como afirma Alföldy: “os laços sociais entre o imperador e os diferentes grupos reportavam-se parcialmente a modelos republicanos, embora o seu conteúdo fosse naturalmente modificado pelas novas condições da monarquia imperial”.<sup>78</sup>

Uma espécie de sentimento religioso dá sustentação e continuidade à adoração de um deus presente, um regente deificado. Um homem enviado pela Providência; é preciso lembrar que se trata de uma sociedade que busca a universalidade em muitos aspectos. A deificação desse regente e os exemplos de

---

<sup>75</sup> BARKER, Ernst. O conceito de império. In: BAILEY, Cyril. **O legado de Roma**, p. 64.

<sup>76</sup> Idem, p. 76-77.

<sup>77</sup> PETIT, Paul. **A paz romana**. São Paulo: Edusp/Pioneira, 1987, p. 115.

<sup>78</sup> ALFOLDY, **A história social de Roma**, p. 117. Já em Cícero havia presente a idéia da substituição da oligarquia por um poder concentrado nas mãos de um só homem, e a geração seguinte não visualizava outra alternativa política. Parecia ser a saída mais plausível para as crises e conflitos dos últimos anos da República. O exemplo dos Cipião, constantemente retomados por autores do período imperial, demonstra que indivíduos política e militarmente ativos e influentes se sobressaíam da oligarquia romana.

lealdade praticados em decorrência de sua divinização serão os pilares desse império.

### 1.1 O governante Senequiano e o exemplo de Augusto

“com o deus Augusto o que se podia escrever ainda não era fonte de perigo, mas já de embaraços” (Sêneca, *Dos Benefícios*, III, 27).

...este Príncipe, que foi outorgado à decadente humanidade, seja por ela considerado sagrado. (Sêneca, *Cartas a Políbio*, p. 118).

Uma definição do regime instaurado a partir de Augusto, e que carrega já algumas das questões que os príncipes irão se defrontar ao longo dos seus principados, se encontra no Dicionário de Política, organizado por Norberto Bobbio quando diz:

Depois do ano 27 a.C., Augusto tende a consolidar o novo regime, chegando sem riscos, no ano 23 a.C. uma nova e definitiva ordem constitucional. Havendo renunciado ao consulado, foi-lhe atribuída uma tribunícia potestas vitalícia e um *imperium procursulare maius et infinitum* que lhe dava também preeminência sobre os próprios governadores das províncias senatoriais e lhe era concedido para sempre. O Principado fica assim definido em suas formas jurídicas. (...) À soma de poderes acumulados nas mãos de Augusto, ornado também desde havia tempo com o título de *imperator*, se acrescentavam os cargos religiosos como o de pontífice máximo. Não se esqueça ainda o culto ao seu *genius*, embora ele tenha procurado sempre evitar sua divinização enquanto vivo<sup>79</sup>.

De fato, o principado estava “fundado em sua *auctoritas*, concebida sob uma forma jurídica, constitucional, uma fonte de poderes e de direitos (...) A *auctoritas*, a princípio concepção moral e política, se institucionalizou no final do

---

<sup>79</sup> BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora da UnB, 1990, p. 993; ver também FRIGHETTO, R. “Imperium et orbis: conceitos e definições a partir das fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV/VII)”, in: **Facetas do Império na História** (Org. Luis Felipe Silvério e Andréa Carla Dore), Curitiba 2006 inédito).



reinado”.<sup>80</sup> Foi no ano de 28 a.C. que Augusto abolira, através de um decreto, todos os atos ilegais surgidos durante a crise republicana, característica fundamental daquele que buscava o *consensus universorum* para o estabelecimento da *pax* e a consolidação de seu poder.

Assiste-se com Augusto, algumas realizações que exemplificam uma prática corrente no novo regime que fora instaurado: recorrer e privilegiar grupos sociais, atrelados ou não ao poder. Com isso, abriu-se possibilidades de fazer carreira a toda espécie de pessoas: elementos da *plebs* romana almejavam adentrar na ordem dos cavaleiros, entre outros.

É preciso, portanto, visualizar este ambiente no qual se demonstrava existir um descompasso entre teoria e prática no cotidiano das questões, neste caso, principalmente políticas. Levar em consideração esta ambigüidade é fundamental para perceber quais são as preocupações de Sêneca acerca deste descompasso, ou o quanto estas questões faziam parte da ordem do dia de suas reflexões.

O governo de Augusto, porém, mostrara-se bastante eficaz em diversos campos de atuação. Uma das suas grandes conquistas foi indubitavelmente a política de administração provincial. É inegável a habilidade de Augusto e até de alguns de seus sucessores, em construir em volta da poderosa “cidade eterna” um império constituído por várias pequenas cidades; povos de diferentes línguas e etnias, que almejavam a salvação de suas vidas acreditando num regente deificado, que está no poder pela vontade dos deuses. Roma criara, a partir de suas conquistas, a idéia de um “Estado supranacional”. Ele pouco interviu nas manifestações religiosas e nos costumes das diversas regiões anexadas, sendo conferido a ele, por tais motivos, muitos agradecimentos. Tal empreitada propiciara um período de paz pouco visto desde as guerras civis do período republicano.

---

<sup>80</sup> PETIT. **A paz romana**, p. 200. Ver ainda o texto de LA VEGA, Maria J. Hidalgo de. Uso y abuso de la normativa constitucional en la República tardía: El “senatus consultum ultimum” y los “imperia extra ordinem”. In: **Studia Historica**. Madrid: vol IV-V n. 1, 1986-87.

Augusto construiu na cidade de Roma, sistemas de canalização e aquedutos que proporcionaram o abastecimento de água para a grande maioria das casas romanas; aumentou a distribuição de alimentos à população pobre da cidade. O príncipe sabia que não poderia diminuir ou abolir as listas da *plebs frumentatis*, pois a pressão popular ameaçaria seu governo, e o príncipe acompanhava de perto as flutuações de preços dos cereais, principalmente do trigo. Não é fator irrelevante que diversos imperadores se declaravam primeiramente como “patronos da plebe”

Além disso, criara um ambiente favorável a uma produção intelectual de um século que levará o seu nome: “o século de Augusto”. Podemos visualizar ecos dessa expectativa, nos escritos de Sêneca, que ansiava repetir o período de felicidade e prosperidade que rondava as mentes durante o governo de Augusto. O mandatário soube se cercar de autores que glorificaram sua imagem e sua administração. O *princeps* passa a realizar a função de evergeta no Império Romano. Era política comum que esse cidadão, o primeiro deles, ajudasse os concidadãos através de grandes doações de alimentos, (*plebs frumentatio*), organizasse jogos, etc. Atrelado às relações clientelares, o evergetismo contribuiu para a frouxidão das leis e de direitos na sociedade romana.<sup>81</sup>

São as realizações e conquistas de Augusto que permitiram ou contribuíram para que os imperadores seguintes da dinastia Julio-Claudia tivessem um ambiente propício e condições favoráveis de governar o Império Romano. A *pax* romana trouxe consigo melhorias em vários setores da sociedade; porém, a idéia segundo a qual a vida no Império tenha conhecido períodos de prosperidade e felicidade, parece ter como ponto de partida também, os poetas do círculo aristocrático ou vinculados a ele. Tal descrição favorável não encobre, no entanto, a continuidade dos arranjos políticos que levavam à privilégios aos “favoritos do imperador”, o que ocasionava, por sua vez, o surgimento de propriedades de relativa extensão, principalmente nas províncias. O próprio Augusto agiu de forma a tomar medidas de repressão contra os

---

<sup>81</sup> Ver o texto de VENTURINI, Renata Lopes. “Viver e sobreviver na Roma Imperial”. In: **Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa**. Maringá: UEM, n 7, 1994.

chamados *supressio*, ou seja, o rapto de homens livres e sua venda a grandes proprietários de terra.<sup>82</sup>

O principado de Augusto mostra-se, no seu nascimento, como a resposta mais adequada para solucionar as crises deflagradas durante as guerras civis do regime republicano. A criação do Império no final da República mostra-se como uma “salvação” para um contexto, em termos políticos, bastante conturbado. Os fundamentos da idéia de um *imperium* são delineados quando os líderes dos exércitos romanos encontram no Oriente o tipo de instituição que garanta força e, acima de tudo, garanta a realização do sonho de se estabelecer no poder por muito tempo. Se aceita como data de instauração do seu regime o ano de 27 a.C., descrito pelo próprio Otávio Augusto no seu texto intitulado *Res Gestae*.

Mas, é preciso considerar que na prática, em alguns aspectos, pouca coisa mudara principalmente no que concerne às ações dos principais grupos sociais da *urbe* romana e as estruturas econômicas existentes. Havia uma continuidade quase inabalável na transição da República para o Principado. Essa continuidade estava amparada na opção pelo aspecto essencialmente rural de Roma, apesar de se assistir a um relativo desenvolvimento do comércio e de produção de mercadorias. O que definirá o sucesso da expansão econômica será a política de anexação e urbanização de novas províncias e territórios conquistados, o que propiciará um grande desenvolvimento tanto na península quanto fora dela.

Grande parte do sucesso das ações de Augusto teve amparo no profundo respeito que o povo romano tinha pelas suas tradições, o chamado *mos maiorum*; assim o novo príncipe valorizou aspectos considerados desgastados do antigo regime republicano e abrandou o quanto pode o impacto da transição para o novo regime, o principado<sup>83</sup>. “Augusto, percebendo a necessidade de um serviço

---

<sup>82</sup> Para tanto ver o capítulo “Agricultura” de W.E. Heitland em **O legado de Roma**, p. 529-570. Otávio era o “patrono” do povo, na melhor tradição de César, ainda o detentor do *imperium*, considerado como o salvador do Estado e da liberdade, *vindex libertatis*.

<sup>83</sup> Para Pierre Grimal, “a noção expressa pela palavra *imperium* está viva na mentalidade romana, tanto quanto podemos remontar no tempo”. Designa uma força transcendente, simultaneamente, criativa e reguladora, capaz de agir sobre o real, de o submeter a uma vontade. A etimologia da palavra é muito clara. Contém a idéia de ordenação, de preparativos feitos tendo em vista um fim, concebido pelo espírito de quem comanda. In: GRIMAL. **O império romano**, p.9.

público permanente e profissional para administrar o seu império, também se deu conta de que este deveria tomar a forma de um serviço público pessoal prestado a um superior, como nas grandes monarquias”.<sup>84</sup>

Pierre Grimal define o conceito e o papel do governante do novo regime que está sendo instaurado por Augusto, quando afirma:

A apropriação quase automática do título de *imperator* pelo príncipe – a principal personagem da cidade, o seu “condutor” e “guia” – a partir de César, e depois de Augusto, conferia-lhe um prestígio muito particular, quando não o de uma divindade, pelo menos o que se pode chamar uma predestinação para se tornar deus, o reconhecimento, nele, de uma natureza já divina, ou sobre-humana, que se afirmava ao longo da vida, se não permitisse que o seu poder degenerasse em tirania, se fizesse reinar a justiça, a ordem, e a paz no interior do Império e nas suas fronteiras. Quando morria, um imperador assim era olhado por todos com um deus. Concediam-lhe as honras da apoteose, que o incluíam no número das divindades reconhecidas pela religião oficial. Recebia, então, um culto, prestado por sacerdotes especiais<sup>85</sup>.

Para Pierre Grimal, “o principado não pode, pois, ser considerado uma monarquia que não ousava dizer o seu nome. Introduziu uma solução original, aceitável para a quase totalidade dos cidadãos, em todos os problemas suscitados pela extensão desmedida do *imperium romanum*”.<sup>86</sup>

Reconhecimento oficial feito pelo Senado da divinização de um imperador morto. Origina a organização de um culto, com um clero especial, e, em alguns casos, a construção de um templo consagrado ao novo deus. Vários cultos ao imperador eram praticados por diferentes grupos sociais romanos; cada grupo tendo os seus próprios sacerdotes. Senadores faziam parte dos *sodales Augustales*; um cavaleiro poderia ser o flâmine de alguma província; de grupos de libertos e escravos destacavam-se os *Augustales* (a imagem do imperador é sagrada) e os *magistri* e *ministre* dos Lares do próprio imperador. Com o passar do tempo, Augusto instituiu cargos que eram diretamente mais dependentes dele

---

<sup>84</sup> JONES. Administração. In: BAILEY. **O legado de Roma**, p. 129.

<sup>85</sup> GRIMAL. **O império romano**, p. 12.

<sup>86</sup> Idem, p. 17. Segundo o mesmo Grimal, a leitura das *Res Gestae* mostra que sempre se esforçou, por apresentar todas as inovações institucionais que impõe como simples modificações das tradições republicanas, que não punham perigo o conjunto do sistema, mas eram apenas medidas excepcionais e, por isso mesmo, provisórias, p. 47.

mesmo. O próprio Augusto foi colocado como comandante de um grande grupo de províncias romanas.

A intervenção de Sêneca para discutir a respeito da figura do príncipe, suas ações e posturas e porque não dizer das abrangências e limitações deste príncipe, além da possibilidade de pensar um modelo para tal, demonstra o quanto Sêneca persegue um modelo ao construir um catálogo de vícios e virtudes nas ações do soberano, também demonstram a importância que esta figura adquiriu na história política do principado romano.

John Gunnel, partindo das reflexões de Quentin Skinner, afirma que “a tarefa de um texto é determinar o que o autor, ao escrever, no tempo em que escreveu e para a audiência a que pretendia se dirigir poderia ter a intenção de comunicar e recuperar esta intenção complexa da parte do autor”.<sup>87</sup>

O *princeps*, sabemos, é o primeiro - como o próprio nome indica -, do Senado e do Povo. A diferença entre ele e todos os outros, quer seja, a humanidade inteira, é de grau e de natureza, pois o governante se aproxima dos deuses porque era apresentado como o depositário dos auspícios.

Em tese, esse príncipe possuía poderes ilimitados na medida em que pessoa alguma poderia ou teria mais poderes que ele; não haveria alternativas de administração paralelas ao príncipe. Além disso, ele era a pessoa mais rica do Império: dispunha do *patrimonium Augusti*, que eram os bens da “coroa imperial” assim como a *res privata*, ou seja, seus próprios bens, constituídos na maioria das vezes por propriedades rurais e oficinas.

Otávio Augusto era patrono do povo, primeiro dos cidadãos, o *princeps* era também o primeiro da aristocracia senatorial. Os *iulli* e os *claudii* passaram a receber um culto especial, baseado nas antigas tradições de suas gloriosas e ilustres famílias.

A presença do príncipe no topo da hierarquia da casa imperial lhe dava garantias de se sobrepôr às camadas dominantes existentes no período republicano. A partir de Augusto, se assiste a um enfraquecimento do poder das *factiones*. Com poder, riqueza e prestígio, ele garantia a posição de chefe desta

---

<sup>87</sup> GUNNEL, J. **Teoria política**, p. 70.

casa imperial, digno representante da vontade dos deuses e elo entre o céu e a terra. O primeiro entre os cidadãos conquistou o controle não pela força, mas cooptando e agrupando as forças dos colégios e das confrarias. Os diversos cultos e honrarias (o título de *princeps iuventutis*, o prenome *imperator*, o nome *Caesar*) realizados em diversas regiões, reforçavam ainda mais o prestígio e o poder deste soberano.

Sua posição pessoal era indiscutivelmente a mais alta *dignitas*, pois seu prestígio perante o povo e o Senado exprimia-se nos seus mais diversos títulos imperiais: a *auctoritate omnibus praestiti*, depositários de todas as virtudes romanas, e o *imperator Caesar Augustus*. Na dignidade de *pontifex maximus*, herdeiro por assim dizer dos antigos magistrados, o príncipe possuía as qualidades necessárias para assegurar, para todo o reino, a paz, ou seja, a *pax deorum*. “É conhecido o papel da religião tradicional, principalmente a de Júpiter, na ideologia imperial. Como *pontifex maximus*, o soberano era o chefe do paganismo greco-latino”.<sup>88</sup>

É importante ressaltar que a adoção de um culto imperial, sendo este uma forte influência oriental no ambiente sócio-político e cultural romano, amplificou a importância da posição política do *imperator* e também a concepção ideológica do poder de caráter pessoal adotado em Roma.

No Ocidente o culto apresentava algumas especificidades em relação ao Oriente. Os imperadores divinizados recebiam uma capela no templo dos *Divi* e recebiam honrarias através de jogos e cerimônias organizadas pelos *sodales*, grupos responsáveis pelos cultos imperiais. Alguns monumentos religiosos foram consagrados aos cultos dos imperadores e de suas famílias. O principal templo de poder romano era o *Capitolium*. A partir do primeiro século da nossa era, alguns desses monumentos representavam e simbolizava a força dos príncipes, associado à tríade romana: Júpiter-Juno-Minerva. Segundo Paul Veyne: “as relações dos homens com as divindades eram análogas às existentes com os poderosos, reis e patronos. O homem que a todo instante treme à idéia dos deuses como diante dos senhores caprichosos e cruéis faz destes uma imagem indigna

---

<sup>88</sup> PETIT, P. *A paz romana*, p. 177.

deles e de um homem livre. (...) No fundo a relação clássica com os deuses é nobre e livre: é de admiração”.<sup>89</sup> O instaurador do principado, Augusto, passa a ter seu nome associado a todo esse estado de coisas e novas práticas políticas e religiosas adotadas na sociedade romana do primeiro século da era cristã. Segundo Maria Helena da Rocha Pereira, logo após a morte de Augusto, “o Senado encontrou esta maneira de honrar aquele que fora princeps durante 57 memoráveis anos na história do mundo: designar por *Saeculum Augustum* todo o tempo da sua vida. O sentido originário é “consagrado”, “sublime” e está etimologicamente ligado a *augeo* e *augur*”.<sup>90</sup>

Sêneca, em trecho da carta consolatória enviada a Políbio durante o seu exílio, descreve Augusto como grande modelo de governante quando nos diz: “o divino Augusto perdeu Otávia sua caríssima irmã, (...) perdeu genros, filhos, netos (...), entretanto, o seu espírito, tão capaz de acolher tudo, suportou tantas e tão grandes dores e o divino Augusto foi vencedor não somente de nações estrangeiras, mas também das dores”.<sup>91</sup>

É perceptível, não só em Sêneca, também em autores de sua geração, bem como autores anteriores e posteriores a ele, uma valorização do governo e do governante Augusto. Esta valorização aparece em boa parte da literatura, principalmente de natureza política e moral, pois o referido governo mostrava-se ideal, portanto, utilizado como um modelo, quando não “o” verdadeiro modelo político para a posteridade.<sup>92</sup>

A construção e posterior manutenção da memória do principado de Augusto demonstraram ser bastante eficazes, principalmente quando o objetivo

---

<sup>89</sup> Idem, p. 204-5. E eis por que as seitas estóica e epicurista puderam propor aos indivíduos tornarem-se, sob o nome de sábios, os iguais mortais dos deuses; tornaram-se “super-homens”. Ver ainda GRIMAL, Pierre. **Virgílio ou o segundo nascimento de Roma**, GAZOLLA, Rachel. **O Ofício do Filósofo Estóico**. O duplo registro do discurso da Stoa. BAUZÁ, Hugo. **El Epicurismo Romano y los Orígenes Del Principado**.

<sup>90</sup> PEREIRA. **Estudos de história da cultura clássica**, p. 219.

<sup>91</sup> SENECA. **Cartas Consolatórias**. Campinas: Pontes, 1992, p. 3.

<sup>92</sup> A interferência de Augusto se dá também no âmbito privado. Na preocupação com a manutenção da família, fez diminuir o número de divórcios, tentou reprimir tentativas de adultério, e dotou de inúmeros privilégios aqueles casais que tinham, ou se propusessem a ter, pelo menos três filhos.

era referendar um determinado modelo de administração, no caso de Sêneca, para o principado neroniano. No tratado *De Clementia*, é visível a intenção do autor, quando cita exemplos de comparação entre Nero e César Augusto. Diz o filósofo: “o divino Augusto, foi um príncipe meigo, se alguém comesse por avaliá-lo pelo período de seu principado. Porém, no período de perturbação geral do Estado, empunhou a espada quando tinha a idade que tu tens agora, tendo começado seu décimo oitavo ano de vida”.<sup>93</sup>

A manutenção desta memória e sua conservação pela repetição dos exemplos augustanos poderia trazer segurança para os governantes e tranqüilidade a todos os cidadãos. No *De Ira*, Sêneca faz uma referência para Augusto e seu regime modelar, pois, “muitas coisas disse e fez o divino Augusto que merecem ser referidas, e que demonstram que a ira não imperava nele”.<sup>94</sup>

Augusto se coloca como um defensor da *Oikumené*, influência greco-helenística, que objetiva ampliar o conhecimento por todo o mundo, não apenas geográfico, mas também intelectual e educacional. O mecenato, que tem o príncipe como seu maior representante, cumpre papel fundamental nesse campo.<sup>95</sup> Augusto soube como poucos, se cercar de bons escritores, tais como Horácio e Virgílio, que pudessem a partir de uma literatura eficaz e de grande amplitude referendar seu regime. Um dos maiores exemplos está na *Eneida* de Virgílio, texto que relata as andanças de Enéias, herói da guerra de Tróia, para fundar o que seria a Roma Imperial.

Augusto, assim como Júlio César, colocava-se como descendente direto de Enéias, filho da deusa Vênus, portanto da família *Iulia*. Podemos observar que Augusto recorre ao mito como uma forma eficaz de fortalecer sua posição através da vinculação divina. Há um trecho exemplar no texto virgiliano que diz: “Seu filho (de Enéias) Ascânio – o cognome de Iulo lhe foi acrescentado quando ainda no orbe sabia-se de Ílio e da sua presença – governará por trinta anos, um mês

---

<sup>93</sup> SENECA. *De Clementia*, VII, (I,9) 1.

<sup>94</sup> SENECA. *De Ira*. p. 466.

<sup>95</sup> Para tanto ver LEVEQUE, Pierre. **O mundo helenístico**. Lisboa: edições 70, 1987, especialmente os capítulos II e III.



depois do outro, a cidade, e a capital de Lavínio, seu reino, aumentando de muito para Alba ao fim mudará, guarnecida de grandes muralhas”.<sup>96</sup>

Em outro trecho da carta a Políbio, Sêneca ressalta o papel do príncipe no governo dos homens quando afirma que “não há ninguém melhor do que ele para ocupar este papel de consolar; se ele fala, as suas palavras terão um outro peso, como se envolvidas por um oráculo, a sua divina autoridade esmagará toda a força da tua dor”.<sup>97</sup>

O Livro VII desta mesma carta consolatória resume o bom exemplo que o príncipe pode fornecer a *res publica*. O príncipe que se mostra prudente e virtuoso coloca o mundo a salvo; o César é a verdadeira personificação do mundo e de todas as coisas; a sua bondade, o seu trabalho, a sua constante vigília e dedicação para com o mundo garante uma vida próspera para todos, cheio de paz e felicidade.<sup>98</sup>

O governo instaurado por Augusto, na obediência a uma só pessoa com o consentimento de todos, deveria ser apenas transitório<sup>99</sup>, pois objetivava acalmar os espíritos, assentar a poeira das guerras civis da República, e levar o regime de volta ao seu antigo modelo, pois para Henri-Irénée Marrou: “a ficção, imaginada por Augusto, perdura sempre: o imperador é, em princípio, apenas um *privatus cum imperium*, o primeiro cidadão da república, que deve, pela *auctoritas* que o distingue, dar a todos o primeiro exemplo de devotamento ao interesse público”.<sup>100</sup>

Uma espécie de “transladação” de idéias e práticas orientais para o mundo

---

<sup>96</sup> VIRGÍLIO, Públio. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1983, p. 16.

<sup>97</sup> SÊNECA. *Ad Polybium de consolatione*, p. 114.

<sup>98</sup> *Ad Polybium de consolatione*, Livro VII, 1-4.

<sup>99</sup> Augusto não consentiu em ser abertamente considerado um “deus-vivo” em Roma, não quis a coroa, não reivindicou honras divinas, como fizera anteriormente César. Assim, deve-se ver o culto imperial, ao menos nos tempos iniciais, com uma boa dose de cautela. O mesmo Augusto agiu cuidadosamente de forma a desbancar qualquer tipo de oposição interna e afirmar que governava e baseava o seu poder nas antigas tradições de *imperium consular e tribunicia potestas*; atribuições das magistraturas e das decisões que delas derivam. Assim, o governo do primeiro magistrado de Roma associado ao poderoso e sempre presente Senado.

<sup>100</sup> MARROU. **História da educação na antiguidade**, p. 464.

romano se mostrou inicialmente falha, pois tal tentativa não se deu de forma simples. O assassinato de César, patrocinado por uma forte oposição, demonstra que grande parte dos romanos propunha manter traços de fidelidade às tradições republicanas frente a uma adoção de concepções orientais. Apesar das deferências feitas ao *princeps* no advento do regime, a relação deste para com o Senado também era fundamental ao funcionamento do principado.

A ascensão de Tibério no ano 14 d. C. ao posto mais alto do principado, demonstra que as coisas não eram tão simples assim. Assiste-se, nesse momento, a substituição da casa dos *Iuli* pela casa dos *Claudi*.

A inclinação do principado voltava-se à hereditariedade, pois o poder nas mãos de um só mostra sempre a tendência monárquica e hereditária; porém, isso não bastava e não era garantia nenhuma. O príncipe, ao que parece, não tinha possibilidades jurídicas de garantir a sucessão.<sup>101</sup>

Assim, não era apenas um assunto de ordem jurídica, mas era também um assunto de natureza política, resolvida de diversas maneiras, conforme as circunstâncias, variando as suas formas de realização: ajuda do exército, através da força de algum comandante; o próprio imperador, beneficiando um parente direto ou adotado; pelo Senado, favorecendo algum de seus inúmeros membros.<sup>102</sup>

A influência de práticas republicanas, entrevista em acirradas defesas deste modelo, não estava desfeita. Para alguns nunca se quis quebrar ou romper os laços, que de alguma forma, havia entre os dois modelos políticos. Assim, se assiste a um embate entre os defensores de um ou outro. Não poderia ser de outra maneira, pois o Senado, criação republicana, exercia um poder que na história política romana, sempre rivalizou com o príncipe e exigia deste um diálogo constante, através de acordos e negociações constantes. A relação

---

<sup>101</sup> EHRHARDT, Marcos L. *Vir virtutis: a construção da imagem do príncipe perfeito nos escritos de Lucius Seneca*. Dissertação de mestrado em História. Curitiba: UFPR, 2001.

<sup>102</sup> Para Paul Petit, entre os romanos não há noções claras do que os modernos entendem por “conselho de ministros” ou “governos”. Residia aí, para ele, a grande dificuldade em poder explicar, de forma satisfatória, as posições e opções políticas dos soberanos. Ver PETIT, Paul. **A paz romana**.

Príncipe/Senado deu a tônica não só no que se refere à administração imperial, como também, e isso nos interessa muito, definiu a produção da memória dos feitos engendrados no primeiro século da era cristã, e, de forma capital, durante a administração dos imperadores da dinastia Julio-Claudia.

Assim, o Senado se constituía em força sempre presente nas principais decisões tomadas na casa imperial, e a luta entre imperadores e Senado foi durante longos anos a verdadeira essência da história política do Império. Até essa época a legislação romana preserva traços do antigo dualismo. Se ela pode proclamar o imperador “uma lei viva na terra” e declará-lo “livre de todas as leis”, também pode anunciar que é um pronunciamento digno da majestade do governante o de que um príncipe deve professar-se submisso às leis.<sup>103</sup>

Os governantes reconheciam a força do Senado romano, pois este manteve em suas mãos decisões de extrema importância acerca da política e da administração imperial.<sup>104</sup> Os ataques mais violentos e extremados eram dirigidos aos governantes que atentavam principalmente contra as pessoas dos senadores, e a estes “o Senado respondeu com desprezo, servidão, absentismo, usando às vezes o complô e o assassinato”.<sup>105</sup> Com exceção de Augusto, que, ao fundar o novo governo, procurou neutralizar as constantes oposições, os príncipes da dinastia Júlio-Cláudia travaram muitas lutas nas relações estabelecidas com o Senado.<sup>106</sup>

---

<sup>103</sup> BARKER. **O conceito de império**, p. 87. Ver também HIDALGO, Maria José de la Veja. **El intelectual, la realeza y el poder político en el Imperio Romano**, Salamanca, 1995.

<sup>104</sup> Como exemplos relevantes citam-se a questão da investidura, isto é, o poder de reconhecer ou não, legalmente e de fato, o senhor do Estado; era esse mesmo Senado que decidia, após a morte do imperador, sua apoteose, a *relatio interdivos*, ou a sua condenação, *abolitio* ou *damnatio memoriae*.

<sup>105</sup> PETIT. **A paz romana**, p. 120.

Ver GRIMAL, Pierre. **O império romano e Os Erros da Liberdade**. São Paulo: Papirus, 1990; ROULAND, Norbert. **Roma, Democracia Impossível**, GUARINELLO, N; JOLY, F. “Ética e ambigüidade no principado de Nero”. In: BENOIT, H. FUNARI, P. (orgs.) **Ética e Política no Mundo Antigo**. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002.

<sup>106</sup> A resistência senatorial tinha, ao próprio grupo, razões de existir, pois a intromissão dos imperadores nos domínios do Senado e nas decisões dos magistrados era freqüente, tal como a multiplicação dos cargos imperiais, no qual a interferência do monarca era nítida e constante.

O contexto que se segue a administração de Augusto, já não é o mesmo, pois está caracterizado por excessos nos mais variados domínios do principado romano. Para alguns autores, parte da produção literária traz a marca desta decadência moral e política, detectada por parte dos autores do primeiro século da era cristã. Atrelado aos problemas das sucessões imperiais, segundo Ettore Paratore, “verificou-se um desencadeamento selvagem de ódios, de recriminações, de calúnias, que alimentou toda uma série de publicações escandalosas, mais ou menos anônimas”.<sup>107</sup>

Com um estreito diálogo com a sua época e toda uma tradição educacional que remonta ao período republicano, é notória a preocupação de Sêneca com as virtudes e os vícios da sociedade romana. A ênfase de suas análises recai principalmente nos sucessores de Otávio Augusto. Esta escolha não é aleatória, pelo contrário, pois a referida época está marcada pela corrupção, pela valorização dos luxos e vícios, pela degenerância dos tempos e dos espíritos. Já no final de sua vida, diz a Lucílio acerca das impressões de outras épocas: “Glorioso século aquele em que um general, um triunfador, um censor e, mais relevante ainda, um Catão, se contentava com um só cavalo”.<sup>108</sup>

Podemos considerar o período supracitado como uma época de esvaziamento de idéias<sup>109</sup>, e alguns imperadores fazem uma espécie de “caça às bruxas” às obras consideradas divergentes ao regime do principado.

Para Souza:

politicamente, o regime implantado por Augusto, com o exacerbamento do poder pessoal dos governantes, que agem como verdadeiros tiranos, degenerou, pouco a pouco, em monarquia absoluta. De modo geral, a supressão das liberdades individuais contribuiu para o enfraquecimento da energia dos caracteres, fundamento da antiga romanidade, em que consistia, até então, a razão da grandeza da literatura latina. Particularmente, os poderes enfeixados nas mãos dos imperadores serviam, muitas vezes, para oprimir a própria aristocracia que, pouco a pouco, vai desaparecendo

---

<sup>107</sup> PARATORE. **História da literatura latina**, p. 541.

<sup>108</sup> Ep. 87,10.

<sup>109</sup> As leituras públicas, em que o autor deveria despertar o interesse do público não pela beleza da construção, mas pelo brilho dos detalhes, agravava ainda mais esse esvaziamento. O gosto era apenas pelas tiradas de efeito e os conceitos das *sententiae*. Isso contribuía para afrouxar os laços que podiam unir a criação literária à realidade vivida.

em virtude das condenações à morte, por crimes de lesa-majestade, na maioria das vezes, forjados por delatores e cortesãos que enchiam o palácio real. O mesmo acontecia com os literatos que tentavam projetar-se<sup>110</sup>

De forma direta e indireta, a literatura desse contexto é aviltada, e um ambiente de forte hostilidade, abrirá espaço para a confecção de “obras de bajulação”. Em decorrência disso, muitos autores mostraram-se cuidadosos nas críticas realizadas. Mostra-se válida ainda, depois de tanto tempo, a afirmação de Jérôme Carcopino acerca do papel dos prefeitos e procuradores, pois “tinham o poder de condenar a um desaparecimento lento, porém seguro, os livros suspeitos ou perigosos, aos quais fecharam as portas. Arrogaram-se o poder de semear ruidosamente o bom grão dos textos favoráveis ao regime, composições úteis à sua propaganda”.<sup>111</sup>

Autores como Paul Petit, ao analisar grande parte dos textos produzidos durante a dinastia Júlio-Claudiana, afirmam a existência de uma mudança no gosto e no estilo literário então reinante. Esse fenômeno foi chamado de “revolução neroniana”, conforme a denominação tomou força durante o reinado de Nero. Há, segundo o autor, elementos que justificariam o aparecimento dessa mudança nos aspectos artísticos e culturais no mundo romano, chamado de “gosto novo”, e que se refletiu também no universo político.<sup>112</sup> Nero teria tentado impor ao seu tempo, concepções estéticas a todas as áreas, pois queria governar sempre como um artista.

Portanto, grande parte das reflexões produzidas no final do regime republicano e no início do Principado, em forma de textos, libelos políticos,

---

<sup>111</sup> CARCOPINO, Jérôme. **Roma no apogeu do Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (a versão original é do final dos anos 20). Destacam-se nesse período autores como Manílio, Fedro, Valério Máximo, Cornélio Celso, Pompônio Mela, Cúrcio Rufo. Ver também a obra de PARATORE, Ettore. **História da Literatura Latina**.

<sup>112</sup> O asianismo celebra o estilo de Cúrcio, rico de antíteses, de elipses estudadas, de frases de efeito, de grandes esquemas retóricos, (são descrições de batalhas, prodígios, discursos). Para PARATORE, Sêneca é o grande representante no principado neroniano e posteriormente, Tácito será considerado um seguidor velado desse estilo.

tratados diversos, evidencia questões morais e políticas.<sup>113</sup> Não nos parece coincidência a abordagem proposta por diversos autores dos momentos históricos acima citados.

Assim, faz-se necessário levar em conta certos vícios presentes nas referidas obras, e, portanto, verificam-se algumas injustiças cometidas com determinados príncipes da dinastia Julio-Claudia que legaram a posteridade visões de certa forma deturpadas do comportamento e da postura adotada por esses mandatários.<sup>114</sup>

Sêneca sente os ecos do ambiente de transição da república para o principado, pois a força do senado se fazia sentir na relação que este estabelecia com o príncipe, ao mesmo tempo em que sente este ambiente carregado e por vezes hostil que cercou grande parte dos autores que escreveram durante a existência da dinastia Júlio-Cláudia. Um debruçar sobre os escritos senequianos e suas impressões acerca das ações e posturas dos príncipes desta dinastia nos permite compreender melhor, a partir prioritariamente, mas não somente, de um autor importante no primeiro século da era cristã, as vicissitudes desse modelo de administração, e, sobretudo o modelo do governante senequiano no campo político.

Quando Tibério assume o principado, este já se encontrava com idade bem avançada. Adotara uma postura de deferimento para com o Senado, pois para Tácito, “livre de qualquer temor, conduziu-se a princípio com muita moderação e quase como um cidadão particular (...). Proibiu que se lhe erigissem estátuas e imagens, sem licença de sua parte”.<sup>115</sup> Reside nesse trecho de Tácito, um exemplo de como o governo de Augusto era considerado modelar e as tentativas de imitá-lo foram freqüentes, principalmente em passar uma imagem de

---

<sup>113</sup> Esta fase da literatura romana, marcada pela concisão das frases, influenciará outras fases posteriores. Coroando esse estilo que Calígula compara à ‘areia sem cal’, empregam-se na prosa, expressões e termos só permitidos na poesia. A essa tendência deu-se o nome de ‘gosto novo’, do qual Sêneca é a principal figura.

<sup>114</sup> Destaca-se então um ambiente gerador de verdadeiras obras de bajulação fruto de uma época pouco propensa a críticas fundadas.

<sup>115</sup> TACITO. *Anais*, p 11.

moderação e estreito diálogo para com o Senado. Novamente uma referência em Tácito quando este cita uma epístola que Tibério teria endereçado ao Senado:

Todas as leis estabelecidas por nossos maiores, todas as que promulgou o divino Augusto, decaídas, umas pelo esquecimento, outras pelo descaso, o que é mais vergonhoso, tiveram o efeito de fortalecer o luxo (...) Por que razão reinava entre nós outrora a parcimônia? Porque cada um se dominava a si mesmo, porque éramos cidadãos de uma mesma Itália, quando conseguimos dominá-la, não nos oferecia tais estímulos. Depois, com as vitórias externas, aprendemos a gastar o alheio, e nas guerras civis, o nosso.<sup>116</sup>

Porém, a imagem do governo de Tibério, assim como dos outros imperadores da dinastia Júlio-Cláudia, foi construída por autores que em sua grande maioria estavam vinculados ao Senado, portanto, a construção da memória de um determinado príncipe estava atrelada à relação que este estabelecia para com aquele.<sup>117</sup> Assim, um mesmo governante poderia ser “bom” ou “mau” dependendo de quem escrevia, e esta fronteira de bom príncipe ou tirano era sempre muito tênue<sup>118</sup>. Para Ettore Paratore:

A grande falha dos sucessores de Augusto foi à de não terem sabido assegurar nenhuma adesão válida das classes culturais; enquanto que os mais diversos escritores da época de Augusto acabaram por compor um admirável tributo à obra do príncipe, os sucessores de César não quiseram ou não souberam achar correspondência no mundo cultural. A consequência mais vistosa deste dissídio entre o príncipe e as letras foi que estes imperadores tiveram mal cariz e, na mão de historiadores e literatos, tornaram-se monstros de perversão, numa consonância espantosa de representações, que contém, no fundo, também boa dose de injustiça<sup>119</sup>

---

<sup>116</sup> Idem, p. 130-1. Em outro trecho afirma: “À Tibério, iam já faltando as forças, mas não o abandonava a dissimulação: conservava a mesma flexibilidade de ânimo, (...) embora com rebuscada jovialidade pretendesse encobrir a manifesta decadência física”. P. 225.

<sup>117</sup> O próprio Sêneca se refere ao governo de Tibério com críticas negativas. Era a época de sua de juventude e o ambiente que o cercava, segundo ele dizia, em nada convidava para a reflexão e a diminuição dos excessos praticados nesse momento. Ver Ep. 108.

<sup>118</sup> A literatura cristã não poupou críticas a inúmeros imperadores, principalmente para com aqueles que diretamente agiram contra as ações e pensamentos judaico-cristãos. Tibério reprimira em 19 d. C. uma colônia judaica a ponto de expedir para a Sardenha, de uma só vez, nada menos do que quatro mil judeus.

<sup>119</sup> PARATORE. **História da literatura latina**, p. 505.

O governo de Tibério, quando ainda não se sentia a forte influência da mãe Augusta, se mostrou austero. Num balanço final, ficou a lição da difícil “arte de governar” um império, rodeado de personagens ilustres. Tácito, ao analisar quase vinte e três anos de reinado, afirma:

seus costumes variavam com os tempos: enquanto simples particular ou enquanto desempenhava funções públicas sob o governo de Augusto, gozou de boa reputação; astuto e dissimulado, fingiu virtudes até a morte de Germânico e Druso; vacilou entre o bem e o mal, enquanto viveu sua mãe; tornou-se detestável por sua crueldade, enquanto por amizade e temor se ligou a Sejano; afinal desmandou-se em crimes e infâmias, quando, perdido o pudor e o medo, se deixou levar por sua índole<sup>120</sup>.

Podemos afirmar que o Senado, órgão republicano por excelência, continuava a influenciar as decisões do príncipe e do principado, e a construir a memória do principado romano ao longo do primeiro século da era cristã. A sustentação política da dinastia Júlio-Cláudia, na maioria das vezes, mostrara-se fragilizada pelos constantes conflitos deflagrados com o Senado romano. Esta relação conflituosa aumenta consideravelmente quando Calígula toma as rédeas do poder. Este vai renegar a diarquia príncipe-senado<sup>121</sup>. Calígula teria levado a sério em demasia a deificação do imperador ainda em vida.

O principado de Calígula, ainda que breve, mostrou-se desastroso, pois suas atitudes eram encaradas como oriundas de uma mente doentia<sup>122</sup>, e a relação que Calígula mantinha com o Senado era frágil e tumultuada. Calígula não mediu esforços no sentido de ser lembrado como um deus ainda em vida.<sup>123</sup> Decretou

---

<sup>120</sup> TACITO. *Anais*. p. 226.

<sup>121</sup> Um dos seus primeiros atos de governo foi abolir um decreto de Tibério, que permitia que o Senado, ratificasse as designações do princeps para os cargos públicos; decreto este que mostrava até então um exemplo da aparente boa relação que Tibério tinha para com o Senado. Ver GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**; SOUZA, **Manual de História da Literatura Latina**.

<sup>122</sup> Calígula, sem dúvida se utilizou de métodos despóticos. Mas consta que os abalos de sua juventude não poderiam passar em branco; primeiramente, a morte do seu pai, Germânico, que possivelmente caiu por motivo de envenenamento; a matança de boa parte de sua família a mando de Tibério. Manteve-se Calígula vivo por completa submissão as vontades de Tibério e seus asseclas e de seu completo silêncio.

<sup>123</sup> Augusto não aceitou nenhuma homenagem de divinização, mas a alternativa permaneceu de pé e parece que Calígula quis aproveitá-la, quando se intitula como *Júpiter Optimus Maximus*.



que o dia de sua investidura fosse denominado de *Palilis*, que significava que era ele o novo fundador da cidade. Ao assumir o governo do império, Calígula satisfez os anseios da multidão, também dos soldados e dos habitantes das províncias. É importante não esquecer que ele lembrava o pai, Germânico, homem considerado exemplar e elogiado de uma família quase extinta. Para Suetônio: “movido pelo mesmo desejo de popularidade, reabilitou condenados e banidos e deu por inexistentes todas as acusações que pudessem restar do precedente reinado”.<sup>124</sup> Assim, a nobreza e o Senado foram tratados com desprezo e arrogância por parte de Calígula.

Segundo Suetônio, após a morte de Calígula em 41 d.C., o Senado teria se manifestado pelo restabelecimento da liberdade dentro do império; alguns membros mais exaltados sugeriram a destruição dos templos que foram construídos para a sua consagração, como forma de apagar da memória aquela breve administração. Entre outros aspectos, tais atitudes demonstram que as relações entre esse imperador e o Senado foram conflituosas, que aquele interferiu em demasia nas designações conferidas aos senadores, e ao que parece, pagou um preço bastante alto pela suas decisões e posturas.<sup>125</sup>

No *Ad Helviam de consolatione*, Sêneca ataca também os excessos cometidos no seu governo quando diz: “Caio César, a quem a natureza, creio eu, gerou para mostrar o que poderiam os maiores vícios na maior riqueza, gastou, em um só dia para um jantar dez milhões de sestércios; e, (...) encontrou dificuldades em como pudesse sacrificar o tributo de três províncias em um só jantar”.<sup>126</sup>

Mas, não esqueçamos que Calígula só não mandou executar Sêneca, porque acreditou que o pensador iria morrer em tempo breve, pois estava

---

<sup>124</sup> SUETÔNIO. *Vida de los doce césares*. Traducción y notas de Rosa M. Agudo Cubas. Madrid: Editorial Gredos, 1992, p. 137.

<sup>125</sup> Desejava Calígula construir um império, a partir do Egito, inspirado na realeza divina dos Ptolomeus.

<sup>126</sup> SÊNECA, *Ad Helviam de consolatione*, p. 80.

acometido de grave doença respiratória, e pensava que este não voltaria vivo do Egito.<sup>127</sup> As desventuras entre ambos eram constantemente lembradas por Sêneca em seus escritos, e em quase a sua totalidade, de referências desanimadoras e depreciativas, portanto maus exemplos, em relação à figura do príncipe que quis governar como um déspota. Assim, Calígula personificou a imagem do tirano por excelência para muitos escritores inclusive para Sêneca.

Muitos autores, como já se afirmou, estavam estreitamente vinculados com o Senado, ou faziam parte dele, e, nesse sentido, construíram uma imagem de loucura e de demência para com muitos imperadores. A memória que nos chega de algumas administrações, carrega essa imagem, como nos mostra Suetônio, ao se referir à figura de Calígula:

Era de alta estatura, tez palidíssima, corpo enorme, o pescoço e as pernas delgadas. Os olhos, assim como as têmporas, fundos. A fronte larga e carrancuda. Cabelos raros e o alto da testa desguarnecida. Seu rosto era naturalmente horrível e repelente. E ele procurava torná-lo ainda mais feroz, compondo-o diante de um espelho para inspirar terror e espanto. Não era são nem de corpo nem de espírito<sup>128</sup>.

No tratado *De Ira*, Sêneca usa o principado de Calígula para exemplificar as más ações de um príncipe dizendo que “Caio César, irritado porque trovões do céu atrapalhavam seus atores, (...) e porque o raio, perturbava a representação teatral, provocou Júpiter para um combate mortal. Que loucura! (...) Assim, pois, é a ira, até quando se mostra mais violenta, desafina os deuses e os homens, não existe nada de grande nem de nobre”.<sup>129</sup>

---

<sup>127</sup> Calígula conhecia Sêneca da *Ad Marciam de consolatione*, carta consolatória para uma mãe que chorava a morte prematura de seu filho. Márcia era filha do senador Cremúcio, que sob Tibério compôs uma obra histórica, na qual retrata Brutus e Cassius, os assassinos de César e defensores da República. Considera Cassius o último dos romanos. O autor foi colocado sob suspeita por Sejano e sua obra foi queimada.

<sup>128</sup> SUETÔNIO. *Vidas de los doce césares*, p.154. Há outros exemplos não menos significativos que para Suetônio eram amplas tentativas de transformar o principado em uma verdadeira realeza. Apresentava-se com aquilo que se considerava como as insígnias dos deuses, tais como o raio, o tridente e o caduceu, além de uma barba de ouro. Em vários momentos, antes das expedições trazia junto de si ornamentos triunfais, e, talvez o mais importante deles, dizem, fora a couraça de Alexandre, o Grande, que o próprio Calígula ordenara que o trouxessem, retirado do sepulcro do comandante macedônico.

<sup>129</sup> SENECA, *De Ira*. p. 416/7.

Foi nesse ambiente que Sêneca viveu durante a sua mocidade e os exemplos citados acima demonstram o choque que o principado de Calígula teve sobre a formação do nosso autor. É no final do principado de Calígula e no início do governo de Cláudio, que Sêneca será exilado na ilha de Córsega<sup>130</sup> de onde escreverá alguns de seus textos como as já citadas cartas consolatórias.<sup>131</sup> Boa parte da personalidade e do estilo do jovem escritor serão definidos a partir de sua permanência no desterro. Pensemos no impacto sobre a personalidade de um homem que, na fase em que se encontrava, ainda jovem, começando a colher os frutos de sua produção intelectual, ser obrigado a abandonar a principal cidade da Antiguidade naquele momento, para viver por oito anos, em terra inóspita e politicamente inexpressiva.

Quando retorna a Roma, devido às maquinações políticas de Agripina, escreve um libelo político endereçado a Cláudio intitulado “*Apocolocintosis do Divino Cláudio*”.<sup>132</sup> Uma sátira para ser lida durante os funerais do príncipe morto.<sup>133</sup>

---

<sup>130</sup> No ano de 41, Messalina, invejosa da beleza de Júlia Livila (irmã de Calígula e de Agripina) viu uma relação entre esta e Sêneca, ou que ele tenha sido cúmplice no adultério, e assim não escapou de uma acusação certamente injusta.

<sup>131</sup> Ver estudo introdutório de Cleonice Furtado de Mendonça van Raij para as Cartas Consolatórias.

<sup>132</sup> “*Apocolocintosis*” significa “transformação em abóbora”. Apoteose significa transformação do homem em deus. *Colocynthe* é abóbora, homem bobo sem intelecto.

<sup>133</sup> Para Cláudio foi preparado um pomposo funeral e o Senado decidiu por fazer honras religiosas. A adoração, a apoteose, baseia-se numa crença antiga, em que se acredita, o príncipe volta para uma realeza divina. Os governantes possuem seu poder “pela graça dos deuses”, que depois de mortos, são levados de volta para junto dos deuses. Os imperadores helenísticos que ainda em vida deixavam-se chamar de *Soter* e *Euergetes*, salvador e benfeitor, eram, depois de mortos, oficialmente chamados de deuses e companheiros de cultos honoríficos. Em Roma, foi César o primeiro romano a ser considerado *divi filius*, elevado a deus e com um sacerdote próprio para o seu culto. Augusto também foi transformado em *divus*.

Há, nesse texto, grande ressentimento, mesmo porque foi Cláudio o responsável pelo exílio na Córsega imposto ao pensador.<sup>134</sup>

O texto senequiano contra Cláudio teria inclusive repercussões futuras. O Cláudio tacitano<sup>135</sup> estaria bastante próximo daquele pintado por Sêneca no seu *Apocolocintosis*, além do Cláudio de Suetônio, apesar de algumas inclinações mais positivas.<sup>136</sup>

A leitura da *laudatio funebris*, a oração fúnebre lida por Nero em homenagem a Cláudio, provocou gargalhadas na platéia. Se a intenção de Sêneca era provocar risos em um funeral não sabemos, possivelmente sim, mas é possível nesse caso, detectar a inclinação do público para com esse tipo de coisas.<sup>137</sup>

O referido texto deixa muito claro as intenções de Sêneca, pois as críticas feitas ao principado de Cláudio estão escancaradas. Porém, o que nos interessa mais especificamente é evidenciar a forma como que um autor, da posição que ocupa e do grupo ao qual pertence, constrói a memória de um governo e

---

<sup>134</sup> O referido texto seria a grande marca do estilo literário adotado no governo neroniano, chamado de “gosto novo”. Uma espécie de revolução artística e cultural com influências na política. O “esteticismo” de Nero cercado por certa “academia neroniana” com destaque para o citarista Terpneos e os literatos Sêneca e Lucano. Sobre o ressentimento ver os textos de GRAMMATICO, Giuseppina. Silencio y Furor en La Apokolokynthosis de Séneca. In: **Semanas de Estudios Romanos**. Universidad Catolica de Valparaiso. Chile, vol IX, 1998, p. 93 – 108; e GALVÃO, Carlos. Autocracia, Ressentimento e Engajamento Político no Principado Romano. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. **Memória e Ressentimentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 315 – 332.

<sup>135</sup> No livro XXVIII dos *Anais* aparecem críticas de Tácito a um Cláudio manipulado, sua estupidez, a cega afeição por Messalina, e as muitas mortes perpetradas por essa mulher. No livro XII, capítulo LIX Cláudio era instigado a perpetrar muitas crueldades pelos artifícios de Messalina. Nos capítulos LXI e LXVII, Tácito evidencia o caráter estúpido e a “imbecilidade natural” do referido mandatário. Messalina era bisneta de Otávia, a irmã de Augusto, portanto era aparentada da casa Juliana. A partir do casamento de Otávia com Marco Antônio, pôde ela também se sentir representante direto dessa linhagem aristocrática. Ampara-se junto dos libertos. Irmão de Germânico, a escolha por Cláudio faz a sucessão retornar uma geração. Passou incólume por Tibério e Calígula e talvez tenha que agradecer a sua deficiência física. Ele coxeava e gaguejava possivelmente em decorrência de uma paralisia infantil. Assim, manteve-se a margem da família imperial por longo tempo. Como um homem das letras, permaneceu isolado no seu mundo histórico e literário à sombra da história.

<sup>136</sup> Ver texto de GRAMMATICO. Silencio y furor en la Apokolokynthosis de Séneca. p. 95.

<sup>137</sup> Sêneca circula sem panfleto em dezembro, durante as festas em homenagem a Saturno, as Saturnais, se brincava de “mundo invertido”, e eram espaços para jogos ou encenações teatrais. Ao invés da glorificação de Cláudio, sua *Apocolocintosis*, ao invés de adoração, uma zombaria.

hierarquiza valores, a partir daquilo que considera ser o perfil ideal de um príncipe. O julgamento de Cláudio, após sua chegada ao céu, é feito por Augusto e as opiniões acerca deste tema, assim como no Senado na terra, se mostram controversas. É clara a posição de destaque destinada a Augusto, um verdadeiro *divus*, na obra senequiana. Deixou pessoas inocentes morrerem, muitas vezes tratava-se de ilustres romanos, durante o seu governo, as relações familiares eram tumultuadas, se deixou manipular fácil e constantemente. Todo o julgamento de Cláudio, na pena de Sêneca, assume tons jurídicos, aos moldes daquilo que o imperador em vida admirava e gostava, mas para o autor da Apocolocintosis era parcial e tendencioso. O juiz Éaco<sup>138</sup> faz o mesmo com Cláudio, ou seja, escuta apenas o lado contrário e condena o defunto que não tem direito de defesa.<sup>139</sup> Decidiu-se que Calígula o teria como seu escravo, mas este não o quis e Cláudio acabou nas mãos de um liberto, Menandro, como um empregado menor nos tribunais.

Cláudio assumiu sem muito alarde e de forma bastante reservada, talvez pela educação que tivera.<sup>140</sup> Vai, contudo, tomar decisões que fortalecem certo caráter aristocrático do seu governo e uma política de distanciamento para com o Senado<sup>141</sup>. Na sua administração, os escravos e libertos ganham uma grande importância.<sup>142</sup> Para S. Jones, “a política de Cláudio naturalmente encontrou

---

<sup>138</sup> É um dos três maiores juízes do além-túmulo: Éaco, Radamanto e Minos.

<sup>139</sup> Decidiram criar um novo castigo para Claudio: um tormento sem fim e sem resultado: ele foi condenado a brincar com os dados, mas usando um copo sem fundo.

<sup>140</sup> Ao longo de sua administração, Claudio escreveu muito, tanto em grego quanto em latim. Compôs em dois volumes a história de sua vida, denominado de “Memórias”; outro texto intitulado “Defesa de Cícero”, direcionado à Assínia Galo. Em grego produziu vinte obras sobre a “História dos Tirrênios” e oito sobre a dos “Cartagineses”.

<sup>141</sup> Em relação a Cláudio, Suetônio transmite à posteridade uma forte visão tirânica dele: “Evidenciava a sua natureza cruel e sanguinária (...). Fazia executar sem demora as torturas e os castigos reservados aos parricidas e exigia que essas ações fossem levadas a cabo na sua presença”. *Los Doce Cesares*, p. 178.

<sup>142</sup> É preciso considerar que Cláudio empenhou-se na tarefa de criar condições de bem administrar um reino com pretensões universais, coisa que seu antecessor Calígula desprezara: a criação de um aparelho burocrático com repartições separadas e bem organizadas como por exemplo a administração das finanças (a *rationibus*), a redação de decretos imperiais, chamados de *ab epistulis*.

desaprovação entre os elementos conservadores da sociedade romana. (...) Cláudio tinha uma visão mais liberal do Império e do seu destino do que Augusto, que zelosamente defendia a posição privilegiada da raça italiana”<sup>143</sup> Esses libertos que cercavam o imperado mostravam-se de grande capacidade para as lides administrativas.<sup>144</sup> Considera-se, inclusive, que esse serviço era mais avançado que o serviço público criado no principado de Augusto.

Vejamos como Sêneca nos revela também sua opinião sobre a política adotada por Cláudio em relação aos escravos e libertos, posição por sinal bastante contrária, em trecho do *Apocolocintosis*, mas aqui dando a voz para Cloto que fala sobre Cláudio<sup>145</sup>: “Eu tinha pensado, por Hércules, em deixar-lhe alguns dias, somente para poder conceder a cidadania aos poucos que ainda não a possuem: ele decidira ver todos com a toga, Gregos, Gauleses, Hispanos, Britanos”.<sup>146</sup>

A infeliz escolha das esposas, que foram quatro ao total, contribuiu significativamente para selar seu destino. Sua sobrinha, Agripina, foi a mais ambiciosa delas. Exigiu que Claudio adotasse seu filho, e o colocasse à frente de Britânico, filho legítimo e natural sucessor na linha imperial.<sup>147</sup> Foi envenenado pela própria Agripina e sua morte encoberta até o momento em que as decisões nos bastidores imperiais garantissem a subida ao trono do seu filho Domício, que aos 17 anos de idade, herdou o trono e entrou para a história como imperador Nero. Segundo Tácito “por uma requintada adulação para com Domício, foram

---

<sup>143</sup> JONES. Administração. In: BAILEY. **O legado de Roma**, p. 142.

<sup>144</sup> Os libertos foram outrora escravos, na maioria dos casos pessoas instruídas oriundas do oeste da Grécia, que puderam comprar a sua liberdade devido a sua capacidade.

<sup>145</sup> Uma das três deusas, filhas de Júpiter ou de Érebo e da Noite; Cloto a mais moça das Parcas, fiava o fio da vida; Láquesis determinava a qualidade e o comprimento do fio; Átropos, com a tesoura, cortava o fio no momento oportuno e inexorável.

<sup>146</sup> SÊNECA. *Apocolocintosis*, p. 262. No livro XI, capítulo XXXV, Tácito fala que Cláudio obedecia a um liberto. No livro XII, capítulo XX Cláudio se mostrava moderado com homens que não eram romanos. Aqui, a nosso ver, aparecem novamente ecos senequianos na obra tacitiana.

<sup>147</sup> Ver texto de GIUA, Maria Antonietta. Storiografia, informazione política, costruzione della memória. Il caso del processo pisoniano (20 d.C.). In: **Semanas de estudios romanos**. Chile: Pontificia Universidad Católica de Valparaíso. Vol. XII, 2004.

decretadas ações de graças ao príncipe e promulgada uma lei, para qual passava ele a família Cláudia com o nome de Nero, e a Agripina se dava o cognome de Augusta”.<sup>148</sup>

Cláudio assumira o trono aos 50 anos de idade, quando a pouco recebera o cargo de cônsul. A pouca força que seu nome ainda possuía vinha da vinculação com Germânico e com Augusto. Ainda assim, tanto Tibério quanto Calígula pouco se importaram e pouco caso fizeram mesmo considerando essas relações. Cláudio era a oportunidade de melhorar a desagradável discórdia existente entre a casa Juliana e a casa claudiana.<sup>149</sup>

No processo de sucessão imperial entre a morte de Cláudio e a subida de Nero ao poder, Agripina foi peça chave.<sup>150</sup> Quando chamou Sêneca do exílio, objetivava passar uma boa impressão a todos, pois Sêneca já era bastante conhecido devido a sua produção literária. Para Agripina, Nero deveria conciliar cultura intelectual com uma eficiente administração, e Sêneca deveria instruí-lo em sua grande tarefa de tornar-se o verdadeiro sucessor de Augusto. Tácito nos fornece um relato da grande importância de Agripina, ainda durante o governo de Tibério. “Nada impressionou tanto a Tibério como o afeto público manifestado à

---

<sup>148</sup> TÁCITO, *Anais*, p. 261/262. Agripina, que assim como a primeira esposa de Augusto, Lívia, apresentou o título de Augusta, queria que seu filho Nero possuísse o nome de Augusto, *divi filius*, filho do idolatrado César. Para uma discussão acerca da importância das mulheres no principado romano ver o texto de GONÇALVES, Ana Teresa. “Um olhar sobre Júlia Domna: esposa e mãe de imperadores”. In: **Amor, desejo e poder na Antiguidade**. Relações de gênero e representações do feminino. FUNARI, P; FEITOSA, M.; SILVA, G. (orgs). Campinas: editora da Unicamp, 2003, e FUNARI, P. “Romanas por elas mesmas”. In: **Cadernos Pagu**, 5. Campinas: 1995, p. 179-200.

<sup>149</sup> Augusto não teve filhos com sua esposa Lívia. Julia era filha de sua primeira esposa. Lívia teve em seu em seu casamento com Tibério Cláudio os filhos Tibério e Druso. Apesar de terem sido hábeis comandantes, Augusto não os quis na sucessão. Daí Augusto adota seu neto Gaio e Lucius, o filho de sua única filha Júlia com seu general Agripa. Os dois jovens morrem assim como Druso e não resta outra saída para Augusto do que determinar como sucessor Tibério, o filho mais velho de Lívia. Augusto determinou em seu testamento, que Tibério adotasse seu sobrinho Germânico e dar-lhe a primazia. Germânico morre misteriosamente na Síria. Sua esposa Agripina (filha de Júlia) juntamente com seu filho Druso e Calígula são exilados, o primeiro morre. Depois que Calígula não faz jus a sua linhagem, a esperança foi depositada em Cláudio.

<sup>150</sup> Uma de suas primeiras atitudes como príncipe, foi chamar de volta do exílio, a filha de Germânico, Agripina.

Agripina, a quem chamavam honra da pátria, único sangue de Augusto, modelo restante das virtudes antigas”.<sup>151</sup>

Apesar da força política de Agripina, acreditamos que esta espécie de servilismo para com as mulheres, e conseqüentemente atitudes de fraqueza ao tomar importantes decisões, fez com que Sêneca o considerasse um imperador fraco. No modelo proposto por Sêneca, às posturas adotadas pelo mandatário definem se este possui mais virtudes ou mais vícios, e constituem elementos fundamentais na construção da imagem que o soberano vai legar para a posteridade.

Para Sêneca, Cláudio não foi o melhor exemplo de bom soberano, como ele havia projetado ou almejado ainda no exílio quando endereçara sua segunda carta consolatória a Políbio.<sup>152</sup> Cláudio não atendeu as expectativas senequianas, e para ele seu principado foi um fracasso.<sup>153</sup> Ficou apenas a evidência de seus dotes literários, quando afirma: “Reúna, pois, o mais depressa possível, um relato dos feitos de teu César, para que, com um elogio familiar, sejam narrados por todos os séculos: o próprio César te fornecerá matéria e exemplo para ordenar e escrever, perfeitamente, uma obra histórica”.<sup>154</sup>

A demarcação dos períodos, e, portanto, dos principados de Cláudio e Nero ficam evidentes.<sup>155</sup> Ao primeiro, constrói uma imagem de decadência, má

---

<sup>151</sup> TÁCITO, *Anais*, p. 104/105.

<sup>152</sup> Cláudio assinou o exílio e a sentença de morte de sua sobrinha, Júlia Livilla.

<sup>153</sup> Para Sêneca, há claras inclinações de Cláudio a uma forte centralização de poder, com uma complexa burocracia estatal, mantida sob seu absoluto controle, pois fazia questão de acompanhar de perto as questões judiciais, condenando os réus sem consulta ao Senado, o que desagradava inteiramente a classe política. Ver Tácito, *Anais*, Livro XII.

<sup>154</sup> *Ad Polybium de consolatione*. VIII, 2. Cláudio, que por insistência de Tito Lívio, resolveu escrever história, vangloriava-se de declamar os capítulos dos livros que acabava de redigir. Como era um *princeps* de sangue, a sala estava sempre lotada de ouvintes.

<sup>155</sup> Ver texto de LETTA, Cesare. Seneca di fronte a Cláudio e Nerone: data e significato político dell’apocolocintosis. In: **Semana de Estudios Romanos**. Instituto de Historia. Universidad Católica de Valparaíso. Vol. VII-VIII, Chile, 1996, para o qual a composição do texto sarcástico contra Cláudio data de 54 d.C., momento chave que explica grande parte de sua intenção e composição. A visão dos governos de Cláudio e Calígula contido no *Apocolocintosis* era totalmente desencantada e pessimista em oposição ao *De Clementia*, libelo de uma monarquia iluminada, sob o ponto de vista da instituição imperial.



administração, ou seja, a construção da figura do tirano.<sup>156</sup> Ao segundo, uma nova fase, uma verdadeira “idade do ouro” que se inaugura com a subida de Nero ao poder. O início do texto definiu e demarcou essa fronteira: “Os acontecimentos que se passaram nos céus durante o dia 13 de outubro, primeiro ano de uma nova era de felicidade, eis o que eu quero transmitir à história”,<sup>157</sup> ou ainda no mesmo libelo, mas em outro trecho quando Sêneca diz: “assim como, depois das trevas, a Aurora difunde a rubra luz do Sol cintilante o universo saúda, para fora das barreiras guiando com ímpeto o carro; assim o novo César aparece aclamado por Roma agora será Nero: desprende-se a luz do seu rosto, do cândido pescoço guarnecido de longos cabelos”.<sup>158</sup> Podemos concluir, portanto, que o libelo político endereçado a Cláudio, serviria para o principado neroniano como o modelo a não ser seguido; detectar os erros, aprender com eles e abandoná-los imediatamente. Também serviu para fortalecer a imagem de Nero perante a opinião pública, pois não era segredo para ninguém que Cláudio não concordava com a escolha de Nero em substituição a Britânico.

Norberto Bobbio nos auxilia a entender esse momento:

Se o governo de Tibério está ainda muito próximo do modelo de Augusto, o breve reinado de Calígula já se acha marcado pela acentuação do caráter religioso do poder imperial e, ao mesmo tempo, por uma maior importância da classe militar nos momentos decisivos da indicação do príncipe. Pode-se dizer, em geral, que a época Júlio-cláudia representa um passo de enorme importância na transformação do Principado em poder absoluto. Isto veio confirmar, naturalmente, o difícil equilíbrio em que se apoiava a constituição de Augusto.<sup>159</sup>

Nero mal acabara de sair da infância e já deveria assumir a tarefa de administrar Roma, ao mesmo tempo em que o ambiente da sucessão imperial, encontrava-se bastante desgastado, tanto politicamente quanto moralmente.

---

<sup>156</sup> A sentença de Sêneca para Cláudio é ao mesmo tempo dura e amarga, assim como fez Cícero a César no *De Officiis*, acusando o homem da república de perseguir e matar por ódio e tirania.

<sup>157</sup> SENECA, *Apocolocintosis*, p. 261.

<sup>158</sup> SENECA, *Apocolocintosis*, p. 263.

<sup>159</sup> BOBBIO, N. **Dicionário de política**, p. 994/5. Ver também GALVÃO, C. **Autocracia, ressentimento e engajamento político no principado romano** e NUNES, José Luiz. **Principado e legitimidade na Roma antiga**. Passo Fundo, 1996.

Sêneca tem a grande oportunidade de interferir e contribuir na construção de uma memória eficaz para o governo de Nero e para tanto, ele ataca por diversas frentes. Assim como fez Virgílio nas *Bucólicas*, quando Augusto assume o trono muito jovem, as referências laudatórias foram abundantes no *Apocolocintosis* possivelmente com o intuito de acalmar um público que assistia a subida ao trono de um príncipe de 17 anos. Outra frente vinha de Lucano, quando na sua obra mais importante, a *Pharsalia*, faz elogios ao novo governo e ao novo governante.

Sêneca escreve o *De Clementia*<sup>160</sup> em torno do ano 54, endereçando-o a Nero, no momento em que o preceptor praticamente toma as rédeas do poder no principado romano. Nesse tratado, podemos encontrar sua proposta de modelo de governo que era baseado fundamentalmente, como o próprio título do tratado apresenta, na virtude da clemência,<sup>161</sup> ao mesmo tempo almeja construir um modelo de governo, portanto ideal, para épocas vindouras. Para Maria Helena da Rocha Pereira, este “é um termo político especialmente adequado à finalidade de propaganda”.<sup>162</sup> Nesse momento, parece que o autor do texto pretende recuperar um “estado de espírito” perdido já há muito tempo e não cumprido em governos anteriores, pois segundo Sêneca, “agindo com bondade, em todo o mundo, a retidão de costumes retornará”.<sup>163</sup>

Nesse tratado, Sêneca propôs e defendeu uma espécie de despotismo filosófico ao mesmo tempo em que almejou um estreitamento da política de aliança junto ao Senado. O *De Clementia*, portanto, vai além do seu principal destinatário que era o príncipe. Ele teria, nesse texto, lançado os fundamentos para consertar uma desarticulada estrutura administrativa. Suas idéias e propostas

---

<sup>160</sup> Diz Ingeborg Braren na Introdução do *De Clementia*: “Como as grandes idéias, a *clementia*, depois que apareceu na língua latina, foi recebendo acréscimos de novos momentos, alterou-se conforme as necessidades políticas enriqueceu-se com as situações históricas e com o pensamento filosófico grego”. P. 18.

<sup>161</sup> Há no referido tratado, cinquenta e duas referências à clemência e a idéia de ser clemente. Esta virtude é considerada como o elemento indispensável à condução da administração imperial.

<sup>162</sup> PEREIRA. **Estudos de história da cultura clássica**, p. 360. Para Sêneca, o primeiro que exercitou a clemência para com seus concidadãos foi César, o vencedor da guerra civil. Mas, a clemência de César não foi nenhuma nascente bondade, como Cícero a denominou, porém, uma estratégia, uma ação para vencer.

<sup>163</sup> SENECA, *De Clementia*. II. (II,2)1.

direcionavam para um retorno, ou uma tendência próxima de Augusto, uma definição mais clara e precisa das funções do príncipe e do Senado, em oposição a postura autocrática dos administradores precedentes, a Calígula especialmente, a uma radical recusa de Cláudio, com seu favoritismo aos libertos e ao espaço exagerado dado as mulheres, principalmente a Messalina.

No que se refere ao *De Clementia*, e, portanto a composição de um texto que propõe um modelo político, com visíveis orientações morais, há que se levar em consideração algumas questões. Sêneca aparece como uma das principais vozes de um período histórico tenso e moralmente desgastado. O tratado, portanto, mostra-se como uma espécie de programa para o governo de Nero. A prática da virtude da *clementia* aparece para Sêneca como uma espécie de “ornamento” para o soberano, além de uma forte garantia de segurança a ele. Não esqueçamos que o governo de Calígula ainda ressoava na memória dos romanos e, portanto, o tratado objetivava se contrapor a uma prática de tendências absolutas do principado pós- Augusto.<sup>164</sup>

Esta virtude é propagada como a mais humana entre todas as virtudes, devendo ser buscada incessantemente já que é considerada rara encontrá-la na casa imperial. Sua principal função é garantir a fidelidade por parte dos cidadãos, pois, ao fazer uso constante da clemência, o príncipe não teria o que temer já que seus comandados não mediriam esforços para assegurar sua proteção.

O tratado, se pensado como uma proposta modelar de bom governo almejava convencer a sua época, bem como a épocas posteriores, de que Nero era a imagem do soberano ideal, ou seja, de que este possuía as características ideais para a função que iria exercer a partir daquele momento.

---

<sup>164</sup> Ernst Cassirer traz uma contribuição para tal, citando *A República*, no qual Platão insere uma impressionante descrição de todos os perigos a que um indivíduo se encontra exposto num Estado injusto e corrupto. Algo como certa interdependência entre a vida pública e a vida privada. Se esta é má e corrupta, aquela não consegue alcançar os seus objetivos. Ver CASSIRER. **O mito do estado**. Lisboa: P.E.A., 1961.

Através de inúmeros exemplos, argumenta que o representante da família dos Domícios fora escolhido acertadamente para ser o governante do principado romano.<sup>165</sup>

Evidenciamos sempre que reconhecemos possíveis contradições, ou um descompasso entre teoria e prática, mas o interesse prioritário é demonstrar a possibilidade da construção de um modelo ideal de governo.

Como preceptor do jovem príncipe, Sêneca deseja ver transformado em ações e práticas na vida moral e política do principado, as suas reflexões. “Sêneca orientou a política romana a título de conselheiro do jovem imperador, fê-lo porque pensou ter nas mãos uma oportunidade única de agir, através da política, sobre a vida moral de Roma”.<sup>166</sup>

No começo do tratado, Sêneca afirma que Nero é possuidor de inocência, uma virtude rara em se tratando de um governante. Diz: “Cobiçaste uma distinção bastante rara e que até agora não se concedeu a príncipe nenhum, a inocência (...). Adquiriste este reconhecimento: nunca um homem foi tão caro a outro homem quanto tu és ao povo romano, seu único e duradouro bem”.<sup>167</sup> No que concerne às virtudes nesse tratado, Sêneca dá maior atenção a três delas: a clemência, a inocência e a bondade.

Devemos reconhecer a força argumentativa utilizada por Sêneca para convencer seus pares da escolha feita, bem como seus potenciais leitores. Além da inocência, o alvo do tratado seria ainda possuidor de outra virtude rara para um governante: a bondade.<sup>168</sup>

---

<sup>165</sup> No início do tratado, Sêneca afirma que o príncipe desempenha o papel dos deuses na terra. Ele reflete como se sua fala tivesse sido proferida pelo próprio Nero: “Todas as vezes que não encontra nenhum motivo de compaixão, poupei por minha conta. Hoje, se os deuses imortais me requisitarem uma prestação de contas, estarei apto a apresentar-lhes o número total da raça humana”. In: *De Clementia*, I, 4. O príncipe aparece, portanto, como o representante máximo dos deuses, o árbitro da vida e da morte de toda as gentes que habitam o império.

<sup>166</sup> CAMPOS, In. Nota introdutória. In: *Cartas a Lucílio*. p. XLVIII.

<sup>167</sup> SÊNECA, *De Clementia*, I,5.

<sup>168</sup> Sêneca, *De Clementia*. I,6.

Para Sêneca, esta virtude era “algo natural” em Nero e fundamental para o sucesso da administração neroniana.<sup>169</sup> No mesmo tratado, Sêneca afirma que “para o rei, Nero, não existe nenhuma glória proveniente de uma condenação brutal (pois quem duvida de seu poder?), mas, ao contrário, sua glória será muito grande, se contiver sua violência, se resgatou muitos da cólera alheia, se não aplicou a ninguém a sua própria”.<sup>170</sup>

Na medida em que a natureza do príncipe é boa, tem-se a possibilidade da realização de uma administração plena.<sup>171</sup> Assim, Sêneca afirma que existe “uma segurança profunda, contínua; um direito colocado acima de toda injustiça; além disso, uma forma de Estado que se mostra aos nossos olhos como muita satisfatória”.<sup>172</sup>

Ainda segundo Sêneca:

Não é sem razão que povos e cidades têm um consenso como o de proteger e amar os seus reis, expondo a si e a seus bens todas as vezes que a salvaguarda do governante o requeira. E não é menosprezo de si mesmo ou demência o fato de tantos milhares receberem golpes de espada em benefício de uma só pessoa e resgatarem, com muitas mortes, uma só vida, que às vezes, é a de um ancião e de um inválido.<sup>173</sup>

O uso da clemência se destaca como a maior virtude a ser praticada por Nero na condução de seu governo. É esse uso da clemência que inauguraria uma “era de felicidade” para a sociedade romana e revelaria a todos os habitantes do

---

<sup>169</sup> Sêneca destaca três virtudes em seu tratado: o perdão, a inocência e a bondade. É interessante notar que as duas últimas são virtudes pouco comentadas por outros autores e talvez pouco praticadas por outros imperadores, mas que adquiriram força quando Nero assume o poder.

<sup>170</sup> SÊNECA, *De Clementia*, XV (I,17)3.

<sup>171</sup> Num primeiro momento, o uso da clemência apresenta-se no âmbito da política externa, pois era aplicado aos vencidos, em grande parte, das batalhas surgidas durante a política de expansão de território. Num segundo momento, a clemência passa a ser adotada também internamente, já que os súditos, escravos e prisioneiros poderiam ver na clemência a possibilidade de salvação de suas vidas.

<sup>172</sup> SÊNECA. *De Clementia*, I,8.

<sup>173</sup> SENECA. *De Clementia*, I,3/4.

império a “humanidade do imperador”, porque a clemência se tornaria acessível e seria distribuída com equidade pelo príncipe.<sup>174</sup>

Na proposta de Sêneca, o príncipe deve agir com moderação no que tange ao trato com os seus comandados, os desconhecidos e os humildes, pois usando da clemência, que convém dignamente ao mandatário, levará paz e tranqüilidade a todo lugar que for.<sup>175</sup> Assim, as ações do príncipe devem ser medidas e orientadas pelo contínuo uso da clemência, pois “a clemência é a moderação que retira alguma coisa de uma punição merecida e devida (...) é a clemência que faz desviar a punição pouco antes da execução que poderia ter sido estabelecida por merecimento”.<sup>176</sup> Poupar a vida de alguém, para quem tem poder de vida e morte sobre todas as pessoas, demonstra moderação e retidão de espírito. Tomando tal atitude, o exemplo da ação do príncipe propagar-se-á; assim a violência e a crueldade serão freadas em todas as partes do império.<sup>177</sup>

---

<sup>174</sup> À Virtude da clemência se atrela uma série de outras virtudes que auxiliam o príncipe no cumprimento de suas nobres funções, são elas: a temperança, a moderação e a severidade. É preciso usar da severidade, porém com discernimento para não cair na crueldade, que para o autor é o oposto da clemência. Diz ele: “podemos dar o nome de loucura, porquanto existem vários tipos de insanidade, mas nenhuma é mais declarada do que a que termina em massacre e dilaceramento de homens”. In: *De Clementia*, II (II,4)2.

<sup>175</sup> As ações do príncipe podem ser imitadas em todo o império, e se referindo ao governante diz que “não podes falar sem que as nações onde estiverem, acolham tua voz. Não podes enfurecer-te sem que todas as coisas estremeçam, porque não podes derrubar ninguém sem abalar tudo à tua volta”. *De Clementia*, VI (I,8) 5.

<sup>176</sup> SENECA. *De Clementia*. I. (II,3) 2. No *Ad Polybium*, Sêneca já reconhecia a necessidade do uso da clemência pelo soberano quando afirma que “a sua clemência que, entre suas virtudes, ocupa o primeiro lugar, me assegura que eu mesmo serei um dos seus espectadores (...) o grande consolo de minhas desventuras [não esqueçamos que ele está exilado neste momento] é ver a sua clemência distribuída por todo o mundo”. In: *Ad Polybium de consolatione*, p. 113-4.

<sup>177</sup> Na Ep. 88 ele diz: “A clemência é que nos ensina a poupar a vida alheia tanto como a nossa própria e que sabe que um homem não deve desperdiçar a vida de outro homem”. Mesma perspectiva aparece no tratado filosófico *De Ira* no qual: “A vida humana descansa nos benefícios e na concórdia; e não no terror, o amor mútuo estreita a aliança dos auxílios comuns.”. Livro Primeiro, IV.

Sêneca propõe a aplicabilidade de uso da clemência assim como os limites para o seu uso quando afirma: “a clemência é a temperança de espírito de quem tem o poder de castigar ou, ainda, a brandura de um superior perante um inferior ao estabelecer a penalidade”.<sup>178</sup>

O bom uso da clemência atrela-se também a idéia segundo a qual príncipes e reis personificam o próprio Estado e se constituem na garantia da existência e permanência do próprio império. O governante tem o poder sobre todas as coisas e sobre todas as pessoas, e desta maneira, o autor reafirma em diversos trechos de suas obras, inclusive no *De Clementia*, a necessidade dos governantes em espelharem-se nos deuses.<sup>179</sup> Afirma Sêneca: “já que fiz menção aos deuses, seria ótimo que eu estabelecesse um modelo de formação de príncipe que quisesse ter para com os seus súditos as mesmas disposições que os deuses têm para com ele”,<sup>180</sup> ou ainda na bela metáfora, “e a aparência de um império tranqüilo e bem estruturado outra coisa não é senão a de um céu sereno e brilhante”.<sup>181</sup>

A nosso ver, a escolha pelas referidas virtudes não são aleatórias nem tampouco ingênuas. Numa sucessão de administrações mais próximas de um despotismo, principalmente quando se analise o principado de Calígula, falar em bondade, inocência poderia soar como a postura ideal de um governante que “inaugurava uma nova era”.

Nos primeiros anos do reinado de Nero, se percebeu certa inclinação a uma conduta pacífica para o principado. Reprimiu alguns abusos,<sup>182</sup> freou

---

<sup>178</sup> SENECA. *De Clementia*. P. 44. Idéia semelhante aparece em “Embainhada, ou melhor, manietada, minha espada permanece junto de mim. Até o sangue mais humilde estou poupando com extrema parcimônia”. In: *De Clementia*. P. 40.

<sup>179</sup> Ainda de acordo com Ingeborg Braren, a respeito da *clementia*: “(...) é este um conceito de poder segundo a filosofia política estóica: a autoridade, que domina o povo, retendo suas tendências anárquicas, contribuindo para ordenar o mundo, provém de sua própria grandeza e poder, que, por sua vez, pertencem aos deuses”. Estudo introdutório, p. 21.

<sup>180</sup> SENECA, *De Clementia*. V. (1,7) 1.

<sup>181</sup> SENECA, *De Clementia*. V, 2.

<sup>182</sup> Consta que participando de um combate de gladiadores, num anfiteatro de madeira construído no Campo de Marte, Nero ordenara que não matassem ninguém, nem mesmo entre àqueles que eram considerados criminosos.

excessos e reduziu o número de festas públicas. O nome de *Quinquennium Neronis* é dado a esse período inicial do seu governo, mas que teve, é verdade, a onipresença de Sêneca no poder. Stuart Jones afirma: “ao subir ele [Nero] ao trono, um programa altamente coerente foi projetado por Sêneca e entregue a um entusiástico Senado cujo domínio ele garantiu restaurar”.<sup>183</sup>

A política de Sêneca, na aplicabilidade da clemência, visava com o passar do tempo a frear o gradativo aumento dos excessos praticados por Nero. Para Suetônio, se referindo àquele: “a petulância, a libertinagem, o luxo, a avareza e a crueldade foram vícios a que se entregou a princípio (...) sem a preocupação de dissimular, deu livre curso aos mais incríveis excessos”.<sup>184</sup>

Sêneca tentara minimizar o desgastado começo de seu governo, pois a própria sucessão, a que garantiu sua subida ao trono, fora motivo de muitas polêmicas.<sup>185</sup> “Perguntava-se como poderia tomar a si e enfrentar tão grande negócios um príncipe que mal completara seus dezessete anos (...) governado por uma mulher, e se porventura os combates, os assaltos das cidades e mais operações de guerra poderiam ser dirigidos por professores”.<sup>186</sup> Assim, o principado neroniano começou desgastado e observado com os olhos de um Senado desconfiado. Grande parte do bom diálogo estabelecido entre o Senado e Nero deveu-se a intervenção constante de Sêneca e Brutus, pois a instituição republicana gozaria de toda a sua antiga jurisdição.<sup>187</sup>

Sêneca trabalhou para melhorar a imagem e a reputação de um príncipe em sua época e para a posteridade. A “mágica do reinício” e a força da juventude que envolvia o início da administração neroniana foram amplamente explorados por Sêneca em seus escritos. Envolto nas insígnias de Apolo, se inauguraria uma nova era, profecia realizada por Virgílio em sua quarta *Écloga*. Com sua

---

<sup>183</sup> JONES, Administração. In: BAILEY, **O Legado de Roma**, p. 143.

<sup>184</sup> SUETÔNIO. *Los doce césares*, p. 195.

<sup>185</sup> Fora acusado de ser cúmplice da morte de Cláudio, e não se cansava a todo o momento que lhe era oportuno, ultrajar a memória do seu antecessor, acusando-o de ter sido um imperador cruel e estúpido. Caiu sob seus ombros a responsabilidade pela morte da própria mãe.

<sup>186</sup> TACITO. *Anais*, Livro XIII, Capítulo III.

<sup>187</sup> Ver em Tácito. *Anais*, Livro XIII, capítulo IV.



inclinação artística, parece mesmo que Nero quisera ser visto como protetor e protegido de Apolo. Augusto também havia se utilizado de Apolo e com seus epítetos de deus da razão e da clareza. Sêneca agarra essa identificação e a partir disso, mas não somente, procurou construir um modelo que está retratado ao longo de seus textos, prioritariamente no *De Clementia*.<sup>188</sup>

O governo de Nero não seria mais comparado a Augusto, mas ao seu próprio governo, suas ações e posturas. Se Augusto derramou sangue, como disse o próprio Sêneca, Nero tinha a chance de realizar um governo sem derramamento de sangue, com bondade, justiça e clemência, virtudes de um bom soberano, pois um grande destino necessita de um grande mandatário.

Na defesa da postura e das ações do príncipe, o homem virtuoso caracteriza-se por agir corretamente, porém, para agir de forma acertada, é preciso um esforço diuturno por parte do mandatário. As ações que denotam a constituição do príncipe perfeito atrelam-se às suas qualidades morais e físicas e suas posturas adotadas frente à administração. Suas ações vão de encontro aos anseios de uma multidão que necessita do príncipe para viver em paz e com tranquilidade.

Louvar e/ou elogiar o soberano é ao mesmo tempo alertá-lo para o que pode e o que não pode fazer. Torná-lo semelhante aos deuses, por exemplo, é alertá-lo para que nunca erre e nunca cometa injustiças, principalmente para com os mais fracos.

## **1.2 A *Humanitas* do *Princeps*: o *optimus* e o *tirannus***

Falar da condição do *princeps*, da sua *humanitas* e da tênue fronteira que separa o bom príncipe do tirano, é trazer a tona questões em torno da educação e

---

<sup>188</sup> Visualiza-se com Nero, uma política de segurança das fronteiras, fiel a máxima de Augusto; ao invés de realizar novas conquistas, se deveriam fortalecer aquelas já feitas. Internamente assentou uma regulamentação na administração das finanças. Acerca dessas realizações, as figuras de Sêneca e Afrânio Burrus aparecem agindo e intercedendo na política do Império. Exemplo disso ainda se encontra na adoção de uma política pacifista quando do contato e posterior anexação de novos territórios. Tal estratégia pode ser sugerida como influência deles na administração imperial.

das virtudes que este deveria possuir. Ao estudar as incursões dos autores latinos nas questões em torno das virtudes romanas, observa-se que grande parte desses autores preocupou-se em evidenciar o homem nobre e suas qualidades, ou aquelas que ele deveria buscar nas leituras; debruçaram-se sobre a vida da aristocracia romana, construindo, portanto, uma abordagem sobre determinada parcela dos romanos, e nós estamos cientes desse fato, pois objetivamos discutir a visão dessa parcela da população em nossa abordagem.

Num estreito diálogo com a sua época, Sêneca também se ocupa das virtudes romanas, e, em diversos momentos faz enfáticas referências a elas. Afirma a Lucílio: “quem admite a existência de algum bem superior à virtude, quem pensa que pode haver outro bem que não ela, fica sem defesa perante os dons da fortuna, na expectativa ansiosa do que lhe irá caber em sorte”.<sup>189</sup>

Ao conceito de *virtus*, atrela-se ainda a *pietas*, esta intimamente ligada aos sentimentos religiosos dos romanos e a *fides*. Significa cumprir os deveres para com a pátria, a família e os deuses; define-se como um sentimento de obrigação ao círculo no qual o romano encontra-se inserido.

A *fides* é uma das mais significativas virtudes da sociedade romana, pois se encontra na base desta sociedade. Está no centro da vida política e social e povoa o imaginário dos romanos desde épocas mais remotas. Virtude que perpassa muitos campos da vida desse povo, ultrapassando inclusive as fronteiras de Roma, pois com uma política imperialista de anexação de territórios, as terras conquistadas se mostravam unidas através do sentimento de *fides*<sup>190</sup> e este se constituía no verdadeiro cimento do império romano. Para Maria Helena Pereira, “era na *fides* romana que estava uma parte da explicação da espantosa capacidade de congregar os povos sob a sua égide”.<sup>191</sup>

Não menos importante, a *pietas* dos romanos está firmada nos seus sentimentos religiosos. Segundo Pereira: “a *pietas* defini-se habitualmente como

---

<sup>189</sup> Ep. 74,6.

<sup>190</sup> Ligadas a *fides*, existem idéias nobres, características do povo romano: firmeza de caráter, lealdade e fidelidade aos compromissos.

<sup>191</sup> PEREIRA. **Estudos de história da cultura clássica**, p. 325.

um sentimento de obrigação para com aqueles a quem o homem está ligado por natureza (pais, filhos, parentes)”.<sup>192</sup>

Para Lucius Seneca, o príncipe não nasce feito ou preparado para o governo *da res publica*. Assim, era papel de um pedagogo ou de um filósofo educar o príncipe para bem conduzir sua administração; suas ações políticas, suas posturas e comportamentos, tanto na esfera pública quanto na esfera privada. Nessa relação entre o príncipe e o filósofo, Sêneca mais uma vez evidencia a importância da *amicitia*, pois o mandatário tem condições de fornecer um ambiente adequado ao filósofo para se dedicar aos mais elevados estudos, e claro, estar mais preparado para bem orientar o príncipe na sua tarefa de bem conduzir a administração. Sêneca traça um paralelo entre a relação do príncipe com o filósofo e entre o filósofo e seus mestres.<sup>193</sup>

Mas ele também propôs posturas e atitudes que poderiam ser aplicadas para qualquer governante em qualquer época. Assim, podemos reafirmar o papel pedagógico de seus textos no que concerne aos governantes e suas administrações.

Na direção de uma preocupação educacional ao príncipe citamos trecho de Henri-Irénée Marrou, no qual afirma: “(...) mais significativo ainda é o lugar que continua reservado à música e às artes plásticas nas biografias imperiais (...) basta-me concluir que eles atestam que, nos séculos I e II da nossa era, como nos IV e V, a arte sempre faz parte da idéia que se tem da educação de um imperador, e este, sabemo-lo, define o tipo ideal da humanidade.”<sup>194</sup>

Sêneca discorre acerca das obrigações dos homens preparados para a árdua tarefa de conduzir as coisas públicas: “acima de tudo, cada um de nós deve convencer-se de que temos de ser justos sem buscar recompensa. (...) cada um de nós deve convencer-se de que por esta inestimável virtude devemos estar prontos

---

<sup>192</sup> Idem, p. 328.

<sup>193</sup> Ver Ep.73,2. Podemos perceber aqui a recorrência dos temas tratados por Sêneca, evidenciando que o príncipe deve manter relação de amizade com seus preceptores, ser amigo dos concidadãos e esta postura também se destaca na relação existente entre os filósofos.

<sup>194</sup> MARROU. **História da educação na antiguidade**, p. 384.

a arriscar a vida abstendo-nos o mais possível de quaisquer considerações de comodidade pessoal”.<sup>195</sup>

Sêneca escrevera muitos textos nos quais expõe a melhor forma de um cidadão se postar perante a vida pública e a vida privada. Dedicou inúmeras páginas para falar da postura ideal de um governante, e esta discussão encontra-se, prioritariamente no tratado político *De Clementia*.<sup>196</sup> Esse tratado pode ser entendido como um espelho, um manual de orientação moral e política, primeiramente, à administração neroniana, mas também a quem interessar em realizar um governo centrado nas virtudes. A clemência, para Sêneca, é uma virtude ampla, pois atrela caráter e compromisso social, leva ao comprometimento com a moderação, a justiça e o autodomínio. Aqui Sêneca lembra Cícero, que no *De republica*, lembra o leitor de que o homem que governa deve ter o seu povo diante dos olhos sempre, buscar caminhos para a felicidade de todos e ser o tutor e administrador da coletividade. (*tutor et procurator rei publicae*).

Segundo Sêneca, o príncipe é o vínculo de todas as forças do império, e se constitui como uma espécie de tutor da ordem pública, pois “se homens sensatos colocam os interesses públicos acima dos privados, sucede que a pessoa mais querida é também a que personifica o Estado”.<sup>197</sup>

---

<sup>195</sup> SÊNECA. Ep. 113,31.

<sup>196</sup> O uso da clemência em Sêneca não deve ser percebido apenas no campo jurídico, mas entendido e aplicado também no campo político. Para ele, a clemência é uma virtude ampla: caráter e compromisso de responsabilidades sociais, comprometimento com o autodomínio, com a moderação e com a justiça. Em um rol de mais de quarenta virtudes, destacam-se a clemência, a justiça e a piedade.

<sup>197</sup> SENECA. *De Clementia*, II. (I,4).3. Esta visão organicista para o principado aparece em outros trechos do tratado, como por exemplo: “Da cabeça provém a saúde que se espalha por todas as partes do corpo”. II (II,2)1, ou ainda em “és a alma do Estado e o Estado é teu corpo, podes ver, como espero quão necessário é a clemência, pois é a ti que poupas, quando parece poupar o outro”, III (I,5)1; outro exemplo também quando afirma: “o príncipe que tem preocupações universais, atendendo mais a algumas, menos a outras, presta assistência ao Estado, como se fosse parte de si mesmo”. XI (I,13)4.

Este governante representaria a ordenação do mundo, mantenedor de uma ordem estabelecida pela vontade dos deuses.<sup>198</sup> A comparação e a proximidade de natureza ligam os governantes e os deuses, pois, em termos senequianos, o imperador que é gerado da natureza dos deuses, deve ser benéfico, generoso e sempre com o seu poder voltado para o bem.<sup>199</sup> Diz Sêneca em sua segunda carta consolatória:

(...) não te é permitido abater-te mais do que aquele, em cujos ombros o mundo se apóia. Mesmo ao próprio César, a quem tudo é lícito, por este motivo muitas coisas não são permitidas: a sua vigília protege o sono de todos, a sua fadiga, o ócio de todos: a sua atividade, os prazeres, o seu trabalho, o repouso. Desde o dia em que César se dedicou ao mundo, se privou de si mesmo e, como os astros, que desenvolvem seu curso sem cessar, nunca lhe é permitido descansar nem fazer qualquer coisa para si mesmo. (...) Com ele salvo, todos os teus estão salvos, nada perdeste; convém que os teus olhos não somente estejam secos, mas também felizes, em César estão todas as coisas, ele está para tudo<sup>200</sup>

Mesmo reconhecendo “tons bajulatórios” na carta que endereçara ao amigo Políbio, - pois o César retratado na referida carta é Cláudio, responsável pela ida de Sêneca para o exílio -, ali podemos visualizar elementos que serão amplamente utilizados em outros textos e que caracterizam o modelo proposto por Sêneca para o bom governante aquele que será o depositário das verdadeiras virtudes romanas.

Assim como os deuses, que não encontram oposição para sua ira, os imperadores não devem agir com crueldade para com os seus comandados. Esse

---

<sup>198</sup> O governante tem sua imagem associada a alguns deuses. Com Júpiter, a figura do *princeps* está atrelada à noção de *optimus* e *maximus*. À força, está associada à figura de Hércules; entre vários, o mais conhecido é Hércules o Tebano, filho de Júpiter e Alcmere, mulher de Anfitrião.

<sup>199</sup> O príncipe deve ter aparência extraordinária e diferenciar-se dos demais pelo tamanho, ou seja, pela sua grandeza como também pelo seu brilho. Para ser ao mesmo tempo maior e melhor, portanto *optimus* é preciso buscar o modelo nos deuses e procurar imitá-lo. Para a garantia desta grandeza e deste brilho, concedem-se títulos honoríficos dignos de um representante dos deuses: Grande, Feliz, Augusto.

<sup>200</sup> SENECA. *Ad Polybium de consolatine*. VII, 1. No livro XII aparecem trechos que corroboram esta referência quando afirma: “(...) enquanto ele governa o mundo e mostra quão melhor o Império se conserva com benefícios do que com armas, não há perigo de que sintas ter perdido algo: só nele encontras bastante defesa e consolo. Possam os deuses emprestá-lo, por muito tempo, à terra! Enquanto estiver entre os mortais, possa ele sentir que nada mortal há em sua casa”.

traço comparativo - imperadores e deuses -, objetiva indicar que o primeiro, que tem poder de vida e de morte sobre todos os mortais, deve agir com clemência, moderação e bondade. No tratado *De Ira*, Sêneca escreve a respeito dos efeitos de um homem tomado por este sentimento:

O homem nasceu para ajudar o homem, a ira para a destruição comum. O homem busca a sociedade, a ira o isolamento; o homem quer ser útil, a ira quer prejudicar; o homem socorre até os desconhecidos, a ira fere até os amigos mais íntimos; o homem está disposto a se sacrificar pelos interesses alheios, a ira se mostra como perigosa, pois pode arrastar consigo os outros<sup>201</sup>

Uma atitude de moderação garantiria um bom governo ao príncipe e a preservação da comunidade estaria segura, pois a confiança das pessoas em um governante clemente que age com equidade garante a solidez da administração, do contrário o caos e a desordem se instalariam, como no exemplo que Sêneca demonstra no *De Ira*.<sup>202</sup>

De acordo com Sêneca, o príncipe precisa ser “afável de conversa, fácil de aproximação e ao acesso, com fisionomia que cativa às massas, propenso às petições legítimas apenas ríspido em relação às ilegítimas: ele é amado, defendido e respeitado pela nação inteira”.<sup>203</sup>

Em Sêneca, pessoas humildes, quando necessitam “forçar a mão”, fazem-no sem embaraço, mas, para um governante, até uma alteração na voz prejudica sua imagem. O comedimento na postura do imperador exige que este saiba administrar-se a si próprio para então administrar os outros. Ainda no *De Ira*, Sêneca relata: “podem se ocultar os demais, alimentar-lhes em segredo, mas a ira se revela no semblante, e quanto maior é, melhor se manifesta”.<sup>204</sup>

Na Carta 47 a Lucílio relata a sua preocupação em demonstrar ao príncipe a postura que este deve possuir a alguém que praticamente não conhece rivais em

---

<sup>201</sup> SENECA. *De Ira*. Livro Primeiro, IV.

<sup>202</sup> “Se queres considerar agora seus efeitos e estragos, verás que nenhuma calamidade custou mais ao gênero humano. Verás os assassinatos, envenenamentos, as mútuas acusações de cúmplices, a desolação das cidades, as ruínas de nações inteiras, (...) a ira as destruiu, contempla essas imensas terras desabitadas, a ira formou estes desertos”. *De Ira*. Livro Primeiro, II.

<sup>203</sup> SENECA. *De Clementia*. XI (I,13)4.

<sup>204</sup> SENECA, *De Ira*. Livro Primeiro, IV.

sua vida pública: “e os reis, por seu lado, esquecendo-se do próprio poder e da fraqueza dos outros, enfurecem-se e lançam-se como feras, como se tivessem recebido alguma ofensa, quando a grandeza da própria fortuna os mantém ao abrigo total das ofensas”.<sup>205</sup>

Assim, o papel de um governante bem preparado para a administração pública, é agir com equidade e moderação, pois para Sêneca, este é o único com reais condições de discernir quando castigar, quando perdoar e quando fazer bom uso da clemência. Quando Sêneca afirma que entre todos os homens a clemência não convém a ninguém mais do que ao governante, e este quase sempre é artigo raro no poder imperial, é porque para ele o poder do príncipe é absoluto.

Essa discussão nos leva a pensar no binômio príncipe/tirano, pois em se tratando de uma literatura pedagógica voltada principalmente às questões políticas, essa fronteira em outros momentos se mostra bastante tênue.

Um bom príncipe diferencia-se de um tirano pelos seus atos e seus comportamentos na lide da *res publica*. Diz o pensador cordobês: “um rei atento a estrita moralidade cuida do corpo que lhe está confiado, não dá a mínima ordem que seja imoral ou degradante. Mas um rei sem sentido de medida, ambicioso e debochado passa a merecer antes o nome odioso e cruel de tirano”.<sup>206</sup>

Podemos aqui pensar em um esquema recorrente na literatura senequiana: o cuidado com o corpo liga-se também a uma questão moral.<sup>207</sup> Esse ensinamento aparece tanto ao se dirigir aos governantes, quando endereça sua reflexão as “pessoas comuns”, ou melhor, a todos os habitantes do império e seus potenciais leitores.

Vemos, e isso também é tema recorrente em Sêneca, que os excessos e a gluttonaria à mesa constituem hábitos e posturas de um tirano e não de um bom soberano. Uma vida reta deve ser devotada a praticar o bem, portanto, virtuosa e isso tudo está atrelado ao bem moral, pois para ele, “o laço mais forte a prender-

---

<sup>205</sup> SENECA. Ep. 47.

<sup>206</sup> SENECA. Ep. 114,24.

<sup>207</sup> Afirma em Ep. 120: “Nada é um bem se não for conforme a moral; tudo quanto é conforme a moral é necessariamente um bem”. In: Ep. 120,3.

te à prática da virtude é este: comprometeste-te a ser um homem de bem”.<sup>208</sup>

A diferença que existe entre um bom príncipe e um tirano passa pelo uso da clemência.<sup>209</sup> Para Sêneca, o bom soberano, quando age de maneira cruel, o faz por extrema necessidade; o tirano, ao contrário, se mostra cruel por prazer. Agir com clemência garante a paz no império e a tranqüilidade de todos os seus habitantes; laços de fidelidade se mostrariam garantidos e a segurança estaria a salvo. Agir com crueldade poderia, potencialmente, aumentar o número de inimigos e adversários políticos e, conseqüentemente, levar a um ambiente de violência e desconfianças<sup>210</sup>. Não usar de clemência, aumenta a possibilidade de contrair esses inimigos, porque mais mortes trazem mais adversários, e o ambiente de tirania pode se instalar. É sempre oportuno, para o caso da educação do príncipe, lembrar que o governo de Calígula e suas atitudes despóticas ainda ecoavam nos bastidores do poder e na consciência coletiva.

A manutenção desse equilíbrio refere-se também a mansidão de espírito do próprio governante, que, agindo desta forma, propagará a paz a todos os cantos do império, e ele servirá de espelho para moldar o comportamento de todos os habitantes que agirão à semelhança do príncipe. Esse laço de fidelidade entre as atitudes do príncipe e, por conseguinte a recíproca de fidelidade dos concidadãos atrela-se a prática da virtude da clemência por parte do governante.

Sendo considerado como “Pai da pátria”, o primeiro dos cidadãos, o príncipe deve olhar e zelar por todos os homens. Em diversos momentos de suas reflexões, Sêneca compara a figura do bom soberano à figura do bom pai na medida em que ambos devem pensar primeiro no interesse de seu semelhante e de seus próximos.

---

<sup>208</sup> EP. 37,1.

<sup>209</sup> Afirma em trecho do *De Clementia*: “um dispõe de armas das quais se serve em defesa da paz, o outro, como reprime grandes ódios por meio de grande medo, nem às próprias mãos, às quais se confiou, olha-as com segurança”. X (I,12)3

Na Ep. 105,7 diz: “os homens de caráter violento não conhecem na vida senão tumulto e ansiedade. O medo que sentem é proporcional aos prejuízos que causam, e a tranqüilidade é coisa que não conhecem. Sentem-se ansiosos quando fazem algo de mal”.

<sup>210</sup> Para Sêneca, “o nosso rei é a alma; se esta permanece incólume, todas as nossas funções e deveres se realizam na mais perfeita ordem, mas se ela começa a oscilar, por pouco que seja, tudo o mais em nós é afetado”. In: Ep. 114,23.



A existência de um ambiente saudável é um dos principais argumentos da “Política” de Aristóteles. Qual a melhor forma de comunidade política para aqueles que desejam realizar seu ideal de vida.<sup>211</sup> Aristóteles propõe para o governante, a necessidade de pensar no caráter ético e projetar, a partir dele, uma comunidade política que seja capaz de produzir esse caráter; assim o mandatário, mas também os concidadãos vistos como agentes virtuosos.<sup>212</sup>

O próprio Sêneca afirma em trecho do *De Clementia*: “a partir dos pequenos impérios, procuremos um modelo para os grandes. Não existe uma forma única de comandar. O príncipe comanda seus cidadãos; o pai, seus filhos; o professor, seus alunos; o tribuno ou o centurião, seus soldados”<sup>213</sup>.

Essas questões reforçam a perspectiva presente nos exemplos senequianos do imbricamento da vida pública com a vida privada<sup>214</sup> e é importante frisar que a intervenção do príncipe em assuntos privados e familiares tornou-se prática comum a partir do advento do principado, em algumas ações de Augusto.

Em suma, o modelo de príncipe senequiano deveria ser o encontro entre o melhor da tradição augusta e suas realizações com a ideologia do soberano estóico bem preparado para conduzir todas as mentes da sociedade. A ligação da coletividade com o príncipe é como a alma e o corpo, inseparáveis. Tal perspectiva é, portanto, a realização do princípio ideal de estadista romano. O príncipe como o *philantropos basileus*, que a partir de sua alta e digna posição, tem a obrigação de amar a todos indistintamente com humanidade, (*humanitas*). Assim, a boa administração de um governante bem educado, eleva o mandatário à condição de *optimus princeps*.

---

<sup>211</sup> Ver: ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco* 1260b25.

<sup>212</sup> Idem, 1176a16-19

<sup>213</sup> *De Clementia*. XIV (I,16)2

<sup>214</sup> No *De Clementia* lemos que: “o que deve ser feito pelos pais, deve também sê-lo pelo príncipe, a quem demos o nome de Pai da Pátria, sem termos sido levados por vã adulação”, XII (I,14) 2.

### 1.3. Os *Exempla* e a *Historia Magistra Vitae* para o Principado Romano

“... porque a história é a escola comum de toda a raça humana. Não apenas o príncipe, mas também os súditos” (François Hartog. “A História de Homero a Santo Agostinho”).

Ao longo dos textos senequianos, vemos desfilar inúmeros personagens, uns mais, outros menos conhecidos, mas, a quase totalidade deles, cumpre um papel, quer seja: ser um exemplo ou um contra-exemplo para aquilo que Sêneca deseja demonstrar aos seus potenciais leitores.

Para Sêneca, o sujeito, seja ele concidadão, seja ele mandatário, deveria mostrar-se vigilante e atento para discernir o certo e o errado. A alma pode ser encarada como uma espécie de tabula rasa sobre a qual as sensações imprimem signos e imagens. Tais impressões fixam-se na memória através da repetição de eventos ou pela (re) memorização destes eventos e das personagens trazidas a memória da sociedade do período em que Sêneca encontrava-se inserido.

A constante presença desses *exempla* nos seus textos permite analisá-los a partir de uma abordagem atrelada ao conceito de *Historia magistra vitae*. Essa constatação é válida inclusive para as questões ligadas ao poder, portanto, nesse caso, a política e as suas vicissitudes.

Há, nas reflexões de Sêneca, inúmeros exemplos de ações, acontecimentos e personagens de épocas anteriores que podem e, para o autor, devem ser aprendidos e praticados (ou rejeitados) na vida pública e privada. Objetivava mostrar às pessoas que homens considerados especiais poderiam ter condições de instruir outros homens e outras épocas através do exemplo de seus pensamentos e de suas ações. Em outras palavras, a perspectiva da *magistra vitae* presta-se a servir de ensinamento às diversas épocas da história.

Na Carta 24 endereçada a Lucílio, Sêneca afirma:

se para ganhares coragem necessitas de exemplos, não custa muito arranjá-los: em qualquer época os há com abundância. Em qualquer período da história, seja romana seja de outras nações, depararás com homens dotados de serenidade filosófica, ou ao menos capazes de

corajosos arrebatamentos (...). O problema não é descobrir exemplos, mas sim escolhê-los.<sup>215</sup>

Sêneca utiliza-se constantemente desse recurso em seus escritos, tanto nos textos de natureza filosófica, quanto naqueles de perspectiva moralizante. Ao seu modo, Sêneca relaciona-se com o passado romano e o utiliza no presente. A história serve de modelo ao escritor, e o escritor serve de modelo para sua época e para épocas vindouras. Sêneca propõe, assim, um entendimento da história como prática pedagógica: ela é educadora (*magistra*) da vida individual e social, pelos exemplos ou contra-exemplos que pode oferecer a um leitor seletivo predisposto a constituir-se como sujeito ético.

Nos textos senequianos, tanto naqueles de natureza política como nos de orientação moral, pode ser encontrado um catálogo das virtudes a serem praticadas pelos governantes em sua missão primordial: realizar o melhor governo e zelar pelo bem público.<sup>216</sup>

A nosso ver, Sêneca referenda e reforça uma tradição de pensamento dos autores que remonta no mundo romano a toda uma tradição helenística. No campo político nota-se a influência de Platão e Aristóteles. Do período republicano, a ênfase recaiu em Cícero, autor modelar do primeiro século antes de Cristo.

Assim, é possível levantar uma série de questões: seus escritos objetivam frear os excessos cometidos na dinastia Júlio-Cláudia? Que função tem a história na perspectiva senequiana? A partir dos textos filosóficos e dos textos de orientação moral, torna-se possível identificar as idéias políticas, suas aplicações no principado romano, a função da história que podemos detectar ao longo dos textos de Lucius Seneca.

O período mais efervescente da trajetória política e pessoal de Sêneca, bem como da produção e volume de seus escritos, é considerado pelos

---

<sup>215</sup> SENECA, Ep.. 24,4.

<sup>216</sup> Segundo Silvio G. de Queirós, inspirado nestes manuais, o modelo precisava ser fixado, reproduzido e aprendido pelos governantes. In. “Pera Espelho de Todollo Uiuos”: a imagem do Infante D. Henrique na Crônica da Tomada de Ceuta. **Dissertação de Mestrado**, Niterói: UFF, 1997, p. 86.

historiadores como um período turbulento, de excessos, ou seja, pessimista em relação ao futuro do principado. Esse mal-estar reinante é detectado, inclusive, por diversos autores do primeiro século da era cristã.

Ricardo Lima, em introdução a um dos livros de Sêneca, diz: “Sêneca não se apóia exclusivamente no estoicismo (...), mas também, com certeza, nas lições de sua vida gloriosa e atribulada, em que não faltaram desafios a superar. Isso, sem dúvida, confere às suas palavras um peso e um sabor especiais”.<sup>217</sup>

Sêneca, assim como boa parte de sua geração, referenda este período de excessos cometidos pelos príncipes romanos; por outro lado, aponta soluções para sua época e para épocas vindouras. Apresentar-se-ia, portanto, como um marco divisor de uma forte e poderosa tradição intelectual do primeiro século da era cristã? A questão que ora se apresenta é complexa, pois às vezes ele se mostra um autor “saudosista”, voltado a uma tradição republicana; por vezes fala a favor de uma época e de toda uma estrutura imperial.

Lucius Seneca escreveu textos dos mais variados gêneros, nos quais raramente deixou de identificar os destinatários. Ao longo dessas obras, Sêneca transmite ao leitor certo mal-estar característico de seu tempo. Muitos dos aconselhamentos dados pelo pensador e moralista remetem a exemplos ilustres de épocas passadas da história de Roma, sejam elas remotas ou recentes. Assim, é possível interrogar-se em como Sêneca lê, interpreta e representa o passado de Roma. Isto porque, com tal abordagem, pode-se perceber como esse passado interfere no presente da sociedade romana. Segundo José Carlos Reis, comentando Koselleck, trata-se de experiência e espera, pois:

aqui, a história se faz, lá a história é feita; a história que se faz ensina, a história que é feita não ensina. Essas diferenças entre experiência e espera, termina Koselleck, são plurais, isto é, o tempo histórico não é um, mas múltiplos que se superpõem. Cada época mantém relações diferentes com seu passado e seu futuro, cada presente constrói ritmos históricos diferenciados, mesmo se um deles predomina.<sup>218</sup>

Como Sêneca utilizava-se do passado? Que critérios utilizou para determinar o que escolher desse passado exemplar? Para José Carlos Reis,

---

<sup>217</sup> Seneca, Lucius. *De Providentia*; Edição Bilíngüe. São Paulo: Nova Alexandria, 2000, p. 08.

<sup>218</sup> Reis. **Tempo, história e evasão**, p. 83.

Não se pode falar de um tempo histórico único, mas de tempos históricos plurais, como são plurais as sociedades; não se pode falar de um tempo histórico homogêneo, pois as sociedades são heterogêneas; não se pode falar de um tempo histórico linear, pois as mudanças, quando não reduzidas ao número, não têm direção dada antecipadamente, e as sociedades se relacionam diferentemente, em cada época, ao seu próprio passado e ao seu futuro. Isto é: uma mesma sociedade pode mudar de perspectiva em relação a si mesma, pode resgatar passados esquecidos, esquecer passados sempre presentes, abandonar projetos, propor outras esperas.<sup>219</sup>

Essa historiografia exemplar e especular pressupõe a utilização pragmática e pedagógica do passado representada como um repositório de regras para as relações consigo (ética) e para as relações com outrem (política). A história é evocada para orientar a conduta moral e política dos soberanos e dos súditos, por meio dos exemplos ou contra-exemplos de ação individual num passado tornado monumental e ilustre. Um passado que é rememorado constantemente.

O recurso da história como *magistra vitae* foi utilizado por Sêneca em diversas oportunidades. No âmbito político isso se torna perceptível principalmente no seu mais conhecido tratado político o *De Clementia*. Escrito endereçado a Nero, o filósofo almeja orientá-lo na condução do principado, no momento em que aquele assume o poder. Para tanto, Sêneca lançou mão de uma série de recursos de escrita e exemplos da história passada, romana e não-romana.

É preciso levar em consideração o momento em que o referido tratado foi escrito e divulgado para perceber a importância e o objetivo deste. A estratégia senequiana mostra-se bastante eficaz e podemos exemplificá-la em diversos momentos do tratado. Sêneca manipula de forma interessante tanto o passado quanto o presente, e deles retira aquilo que interessa naquele momento, tornando o *De Clementia* como um espaço privilegiado para discutir a “história como mestra da vida”.

---

<sup>219</sup> *Idem*, p. 84.

Consideramos importante reforçar no pensamento senequiano, o aspecto que denota seus textos com função de arma de construção de uma memória sobre determinado período da história romana. Sêneca utiliza-se de um forte argumento: o despertar de uma nova era. Afirmamos no estudo anterior que: “Há inúmeras passagens no Tratado que apontam para essa questão e que se mostram extremamente importantes no cumprimento daquilo que o autor se propõe a defender. Cita uma série de virtudes praticadas pelo imperador, tais como a equidade, a lealdade, o bem e a modéstia”.<sup>220</sup>

Sêneca comenta as novas virtudes do novo príncipe como elemento comparativo: todas elas (as virtudes) são formas de “fazer os males praticados em longo período de soberania, finalmente, darem lugar a um século de felicidade e pureza”.<sup>221</sup>

Cria-se assim, uma espécie de “discurso fundador” para uma nova fase na história do principado romano. Voltamos ao *De Clementia* quando diz: “mas tu te impuseste um enorme encargo. Ninguém fala mais do divino Augusto, nem dos primeiros tempos de Tibério César, nem querendo imitar um modelo, procura outro além do teu: avalia-se o teu principado por esta prova”.<sup>222</sup>

Sêneca faz inúmeras citações a Augusto, seus exemplos e feitos, pois seu governo aparece como modelar para a quase totalidade dos autores do primeiro século da era cristã. O autor faz comparações com Nero, reforçando suas intenções de normatizar o principado neroniano:

Tais coisas fez Augusto quando velho, ou quando seus anos já o inclinavam para a velhice. Na juventude inflamou-se e a cólera arruinou-o; fez muitas coisas às quais voltava os olhos constrangidos. Ninguém ousara comparar a tua mansidão às do divino Augusto, mesmo se fosse levados à disputa os teus anos juvenis e a velhice dele, mais do que madura<sup>223</sup>.

---

<sup>220</sup> EHRHARDT, *Vir Virtutis: a construção da imagem do príncipe perfeito nos escritos de Lucius Seneca*.

<sup>221</sup> SENECA. *De Clementia* I (II,1) 4.

<sup>222</sup> SENECA. *De Clementia* I,6.

<sup>223</sup> SENECA. *De Clementia*, IX (I,11)1.

Um exemplo não romano é citado por Sêneca em trecho da carta 94, e pode ser lido como um contra-modelo, ou seja, exemplo deixado na história que deve se apreendido para em seguida ser descartado. Trata-se das atitudes de Alexandre, o Grande, nome importante na Antiguidade:

Uma vontade furiosa de devastar terras alheias incita o infeliz Alexandre e leva-o até remotas paragens. Ou consideras tu são de espírito um homem que começou sua carreira infligindo sucessivos golpes à Grécia, a terra em que fora educado e que roubou a cada cidade o seu bem mais caro, forçando Esparta à servidão e Atenas ao silêncio?<sup>224</sup>

O exemplo a seguir, demonstra claramente a necessidade, defendida por Sêneca, que o domínio e o controle de si devem vir em primeiro lugar, em se tratando de um cidadão comum, como também para um homem que domina vastas regiões. Afirma em trecho das Epístolas Morais: “Alexandre, o vencedor de tantos reis e tantas nações deixava-se vencer pela ira ou pela amargura! E como não seria assim se ele próprio julgava preferível conquistar o universo a dominar suas paixões?”.<sup>225</sup> Parece que Sêneca quer alertar Nero e todos aqueles que se desejarem se prestar a isso, além de parecer uma pesada crítica para com aquele (Alexandre) que não foi fiel para com a cidade e os preceptores que o educaram, ensinando os valores da *Paidéia* e da *Areté*.

Um trecho da já citada carta 94 reforça a perspectiva moral dos exemplos senequianos retirados da história recente romana, no qual afirma que “também não foram a virtude ou a razão que persuadiram Gneu Pompeio à guerra no estrangeiro ou à guerra civil, mas sim uma paixão insana por uma falsa grandeza”.<sup>226</sup>

Outro trecho, agora do *De Clementia*, é um exemplo que serve prioritariamente ao príncipe Nero, como também aos príncipes que virão, e uma espécie de alerta ao governante: “o que impede Lúcio Sila de ser denominado

---

<sup>224</sup> SENECA. Ep. 94,62.

<sup>225</sup> Ep. 113,29-30. Em outro momento diz: “Alexandre, rei da Macedônia, começou a estudar geografia, pobre homem! (...) Chamo-lhe pobre homem porque ele devia ter percebido como era falso o seu cognome, pois como pode alguém ser considerado grande dentro de limites tão estreitos. Ep.91,17

<sup>226</sup> Ep. 94,66.

tirano, ele que somente a escassez de inimigos fez por fim à matança?"; ou ainda no tratado filosófico *De Ira* citando a mesma personagem no qual “uno de los ejemplos de la crueldad de Sila fué haber expulsado de los cargos públicos a los hijos de los proscritos. Nada más injusto que hacer pasar a los hijos el odio que se tuvo a los padres”.<sup>227</sup>

Outro personagem que constantemente aparece como um contra-exemplo nos textos de Sêneca é Calígula. Afirma o pensador estóico: “(...) Que vergonha para o Império! O jogo foi o consolo de um príncipe romano que chorava a perda da irmã. Que esteja distante do povo romano este exemplo de homem que se afasta da dor com divertimentos inoportunos, ou a irrita com o espetáculo da sordidez e da miséria ou a alivia com o sofrimento de outros”.<sup>228</sup>

A história, nesse contexto, é retratada para recuperar um passado, que, de acordo com a tradição, era mais glorioso que o presente. As conclusões as quais chegou Sêneca nos permitem afirmar que ele faz uma espécie de monumentalização de um passado romano considerado melhor a partir da constatação de um forte declínio da sociedade romana, iniciado principalmente, depois da morte de Otávio Augusto.

Como vimos neste capítulo, a relação do senado, símbolo republicano por excelência; e do príncipe, símbolo e representante máximo do novo regime, era bastante frágil. Ao que parece, depois de Augusto, o novo regime não demonstrou o mesmo vigor, e o governo de Tibério já anunciava esse estado de coisas.<sup>229</sup> Não sem razão, muitos autores, inclusive Sêneca, retomam Augusto e sua administração. A construção de uma memória, neste caso, bastante positiva, tem uma função conservadora. A conservação e possível repetição desta memória trazem um clima de segurança, portanto, essa construção pode se tornar muito eficaz.<sup>230</sup>

---

<sup>227</sup> SENECA. *De Ira*, p. 444.

<sup>228</sup> SENECA. *Ad Polybium de consolatione*, Livro XVII, 4.

<sup>229</sup> Ver GRIMAL. *O império romano*.

<sup>230</sup> Para essa discussão sobre memória e construção de mitos ver capítulo de VENTURINI, Renata. “Mito e História”. In: MALERBA, Jurandir. *A Velha História*. Teoria, Método e Historiografia. São Paulo: Papirus, 1996, P. 61-72.



Sêneca procurou instruir o príncipe por intermédio de textos que abarcavam diversos assuntos, pois demonstrou um leque extremamente amplo de abordagens. Nas tragédias inclusive, é possível detectar sua preocupação com o universo político. Afirma nas *Troades*: “Ninguém conseguiu manter impérios por muito tempo, pela violência”,<sup>231</sup> ou “nunca se perpetuam reinos iníquos”.<sup>232</sup>

Para quem desejasse ser príncipe, ou fosse o escolhido, ensinou o que fazer e o que não fazer e de como agir para levar a termo um bom governo. Esse mostruário foi construído por Sêneca dialogando com diversos autores e se reportando à diversos personagens.

Em muitos momentos a função de suas reflexões serviu para re-visitar e revisar o papel do soberano, em todos os aspectos, na lide da *res publica*. Como já vimos, almejava a construção da memória dos principados, principalmente o de Nero, pois tivera participação direta, como também dos anteriores. Mas não apenas, também desejava reformular a memória de toda dinastia Julio-Claudia até o governo de Augusto.

O modelo principesco coloca o *imperator* como uma espécie de tutor da sociedade que governa. Na *virtus* a união de todos os povos; na *clementia* a boa relação do príncipe com seus comandados e da boa relação entre o príncipe e o senado. Na *iustitia*, a melhor forma de ser justo e de julgar-se a si mesmo antes de julgar os outros, na *pietas* e na *fides* os laços que garantiriam solidez ao império como um todo, amparado, sem dúvida no *mos maiorum*, herança dos tempos antigos.

A imagem positiva do poder de Roma se dava através de um discurso eficaz que serviria como propaganda ideal para demonstrar a grandeza de Roma e de suas instituições perante outras civilizações. Sêneca fazia parte desse jogo político e soube se posicionar, ao mesmo tempo em que atacava os vícios de uma época, defendia a civilidade romana, ou seja, a *humanitas* dos romanos, frente a “barbárie externa”.

---

<sup>231</sup> SENECA. *Troades*, 262. In: RICCI, Ângelo. **O teatro de Sêneca**.

<sup>232</sup> SENECA. *Medéia*, 196. In: RICCI, Ângelo. **O teatro de Sêneca**.

Os exemplos dados ao príncipe tinham um objetivo político claro: o seu bom uso poderia aproximar o governante de seus comandados e dos potenciais conquistados, mas também aproximar o príncipe do senado, instituição republicana que continuava a exercer poderosa influência ao longo do principado. Segundo Pierre Grimal, “o regime imperial, tal como então o apresenta Sêneca, surge como uma monarquia inscrita na ordem do mundo. Promete uma nova idade de ouro, onde a justiça e a força serão temperadas pela *humanitas*”.<sup>233</sup>

Sêneca defendeu uma espécie de “retorno às posturas antigas”, ou seja, uma valorização de tradições republicanas anteriores ao seu momento histórico. A verdadeira ética, a melhor postura se encontrava num passado nem tão distante. O seu mundo, como vimos, estava moralmente desgastado, e, Sêneca valoriza uma instituição forte, o Senado; e de uma personalidade forte para a condução do principado, algo da figura de Catão e Augusto, por exemplo.

Um príncipe dotado de *humanitas* saberia dialogar com o Senado. Nossa hipótese da valorização do modelo de homem republicano pode ser corroborada, pois que Sêneca valoriza aquela instituição, republicana por excelência e em nada diminui a sua importância mesmo com o advento do principado e o governo de um só, no qual ele efetivamente participa. Na Epístola 14 ele afirma: “Quando o governo da cidade passa pelo Senado são os seus membros que importa conciliar”.<sup>234</sup>

Podemos concluir: enquanto Sêneca acreditou em Nero, depositou neste a esperança de uma administração mais eficaz e, portanto, a realização do sonho estóico de um bom governo. Isso transparece nos escritos do período em que esteve atrelado ao poder do principado. Essa fase atrelada ao poder, exemplificada diretamente em Sêneca, mas não somente, demonstra claramente a existência de um projeto de um grupo de levar a cabo um governo centrado em valores prioritariamente estóicos.

---

<sup>233</sup> GRIMAL. **O império romano**, p. 91.

<sup>234</sup> Ep. 14,7.

Os primeiros anos do governo neroniano podem ser considerados uma nova *concordia ordinum*, com uma clara tentativa de imitar Augusto e até ir além, em forte oposição aos governos autocráticos de Calígula e Cláudio. Os “homens fortes” atrelados ao poder da casa imperial direcionavam suas reflexões e defendiam posturas para tal ordem de coisas. Os textos dessa fase de Sêneca refletem seu interesse e intento: o *De Clementia*, o *De vita beata*, o *De Beneficis*. Lucano com seu texto mais conhecido, a *Pharsália*, traz explicitamente elogios ao governo de Nero, suas conquistas e realizações e a escolha deste imperador pela vontade dos deuses. Columela, que com seu tradicionalismo defende o amor a terra e um retorno aos valores ancestrais personificado nos exemplos de Catão e Virgílio. Calpúrnio Sículo, admirador de Sêneca, assim como Columela, na sua égloga IV, celebra o principado de Nero e seus feitos, o que ainda reforçava a importância do pensador cordobês na corte do jovem Domício.<sup>235</sup>

Quando Nero institui os *Neronia* em 60, jogos a serem realizados de cinco em cinco anos, eles são absolutamente gregos. Os opositores não tardaram a fazer pesadas críticas a um evento que não se vinculava aos costumes latinos nem tampouco homenageava deuses latinos.<sup>236</sup> Atrela-se a isso, a pouca vontade de Nero expandir o império, portanto, a recusa à novas conquistas e conflitos armados.<sup>237</sup> O governo neroniano caminhava gradativamente para um isolamento sem volta, pois a oposição só fazia crescer. Sua política de valorização dos jogos se inclinava a valorizar as atividades ligadas ao *otium*, portanto pouco vinculadas ao coletivo. Ao mesmo tempo. Nero se inclina a uma valorização do luxo

---

<sup>235</sup> Segundo Paratore, a IV égloga celebra o principado de Nero e na figura do personagem Melibeu, reconhecem o próprio Sêneca. Ver PARATORE, Ettore. **História da Literatura Latina**.

<sup>236</sup> Apesar de não citar diretamente pessoas importantes, o pensamento da oposição antineroniana está contida em Suetônio (*Nero*, 12,7) e em Tácito (*Anais*. XIV, 20).

<sup>237</sup> Ver Suetônio (*Nero*.18). diz que Nero chegou ao ponto de pensar em retirar as tropas que estavam na Britânia, se conseguisse manter a fronteira nos mesmos limites anteriores. Ver também Tácito (*Anais*, XV,1).

oriental, batendo de frente, inclusive, com os valores tradicionais dos romanos e suas virtudes.<sup>238</sup>

Sêneca constatou a ruína do governo neroniano, e isso se reflete nos seus últimos escritos, principalmente no *De otio* e sua defesa de uma vida devotada à reflexão e a contemplação. Nas cartas das *Ad Lucilium Epistolas Morales*, no qual abundam exemplos de posturas adequadas para todas as épocas e lugares para concidadãos e para personagens ilustres o projeto de um bom governo parece ser transferido para um futuro próximo, em outro governo, para outro mandatário.

---

<sup>238</sup> Ver trabalho de MOURA, Alessandro Rolim de. Dialogismo e reflexão estética em Petronio: a guerra civil. **Dissertação de mestrado**. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Universidade de São Paulo, 2000.

## 2. O *BONUS CIVIS CUM HUMANITATIS*

Ao longo dos escritos de Sêneca encontramos propostas de ensinamentos morais e políticos tanto aos governantes, quanto aos concidadãos, pois para o autor, o cimento do principado estava centrado na boa relação que se estabelecia entre o príncipe e os seus comandados.<sup>239</sup> Como um homem que dialogara de forma estreita com o seu tempo, as questões em torno da vida política foram objeto de suas preocupações. Ele visou educar a população, ou pelo menos àqueles que pudessem ser atingidos com o resultado de suas reflexões, no intuito de facilitar a vida do príncipe e sua administração. Tal perspectiva aparece de forma clara no texto endereçado a Nero, o *De Clementia*,<sup>240</sup> espécie de programa de governo e texto legitimador de sua administração, que discutimos no capítulo anterior.

O principado nasceu como uma resposta aos problemas decorrentes das crises e guerras civis deflagradas no final do primeiro século antes de Cristo, onde se assistiu a uma degradação das instituições republicanas. Augusto quis criar um regime com legitimidade jurídica e administrativa, e conseguiu, pois seu governo lançou as bases para dar sustentação aos seus sucessores. Porém, só isso não era o suficiente, pois há campos em que esta legitimidade não mostra o efeito desejado. Há domínios em que as competências jurídicas não são determinadas de forma clara. Esses domínios, que não são todos de um estatuto jurídico e não são apenas de caráter político, passam pela esfera da ética, da moral, tanto no campo público quanto no campo privado. Nesse sentido, se entende porque

---

<sup>239</sup> Não há um relato preciso que defina a origem da distinção existente entre os *patres* e a *plebs* no mundo romano. Sabe-se que as aristocracias se originaram das distinções econômicas e se fortaleceram através da religião; assim um grupo reduzido monopolizou os privilégios sociais e políticos e, talvez o mais importante disso tudo, foi o de representar o Estado romano.

<sup>240</sup> Ver *De Clementia*, XI, (I,13) 4.

Sêneca e outros autores, muitos seus contemporâneos, elegem determinados objetos para suas reflexões.

É notória a constatação nas reflexões do autor, do desgaste tanto político quanto moral do principado romano no primeiro século da era cristã. Percebemos constantemente um desencanto por parte de Sêneca quando ele se debruça para tentar entender o que está acontecendo em sua época, e podemos daí constatar que ele mostrou-se um “saudosista”. É um homem voltado para o passado, defensor de valores republicanos, defensor de exemplos e ações de homens da República, como Catão, Varrão e principalmente Cícero. Os exemplos fornecidos por ele, acerca do que é correto e do que é errado, daquilo que denota uma vida virtuosa e de uma vida entregue aos vícios, demonstram sua inclinação para outra época. Em Carta a Lucílio, escrita no final de sua vida, afirma: “naquela época, (antiga) os homens ainda não necessitavam de remédios fortes. A perversidade não havia atingido ainda a intensidade provada nos dias de hoje. Vícios simples necessitavam de remédios simples”.<sup>241</sup>

Neste capítulo procuraremos demonstrar que Sêneca escreve a um público amplo, ou pelo menos almeja que assim seja. Suas incursões objetivam atingir a todos. Muito provavelmente os seus leitores mais assíduos eram seus pares da aristocracia senatorial. Ainda assim, atingia um dos seus anseios: ser reconhecido por esses pares; referendar o regime que praticamente teve em suas mãos e deixar modelos nas mais variadas áreas para as gerações que viriam depois dele. O homem sofre, portanto precisa buscar a felicidade para viver em sociedade. Assim, o filósofo cordobês tratou amplamente da condição humana. Quem é para ele o homem? Quem é o homem e em que circunstâncias vive no primeiro século da era cristã?

Lucius Seneca detectou o mal estar de sua época, e a partir de seus escritos, tencionou impedir o desmoronamento moral da sociedade romana. Ao mesmo tempo, desejava valorizar seus escritos e seus exemplos, ou seja, valorizar a sua grandeza de homem público e de pensador. A saída estava no estudo, filosófico prioritariamente, nos seus exemplos como dissemos, mas

---

<sup>241</sup> SENECA, Ep. 95,14.

também nos de outros grandes pensadores da Antiguidade, buscados através de grande esforço e de um “educar-se a si próprio” diários.<sup>242</sup> Disse ele em carta a Lucílio: “(...) não se deixe guiar por um ambiente aliciado de concessões a volúpia”.<sup>243</sup>

Lucius Seneca mostrou-se um homem atormentado com a realidade que o cercava. Não é sem razão a recorrência a temas tão caros a condição humana: a fraqueza do homem, a presença dos vícios, a busca por uma vida virtuosa, o educar-se a si próprio. A sua pena se prestou como um suporte para a análise política e moral de todo mundo romano e porque não dizer, não romano, pois suas reflexões trazem sempre elementos de universalidade. As Epístolas Morais podem ser consideradas uma espécie de balanço de sua vida, um acerto de contas com o mundo e com as pessoas que passaram pela sua vida. É nesse momento que ele assevera que por vezes um defeito, inclusive de estilo de escrita, é característico de uma pessoa, por vezes de toda uma era. A prosperidade que leva ao excesso de luxo, de requintes, de exageros à mesa, é característica da decadência de costumes de uma época. Para ele, Roma provara dessa degenerância já há muito tempo.<sup>244</sup>

Desde seu exílio na Córsega em 41 d.C., Sêneca fez duras críticas aos maus hábitos dos homens, diretamente aos seus concidadãos romanos. Assim, podemos dizer que ele criticou o próprio modelo de civilização existente em seu tempo. Por exemplo, quando ele ataca a prodigalidade, o gasto desmesurado com os banquetes e as refeições das pessoas, personificado na “cozinha gulosa” de Apício.

Assim, procuraremos demonstrar nesse capítulo que Sêneca escreve para os comandados, ou se refere a eles como exemplos a serem seguidos ou contra-exemplos a serem abandonados logo se percebe que não servem como um modelo adequado. Ele propõe uma postura ideal para se atingir à felicidade e a

---

<sup>242</sup> No terceiro capítulo é discutida a necessidade do educar-se a si próprio na busca por uma vida exemplar e virtuosa.

<sup>243</sup> Conf. Ep. 18,3-4.

<sup>244</sup> A Ep. 114 é dedicada, em quase a sua totalidade, a detectar e criticar os maus hábitos da sociedade romana e não romana.

busca por uma vida harmoniosa. Por tanto, é possível forjar um modelo de “cidadão senequiano” e quais são os elementos presentes na formulação desse modelo. Pretendemos uma análise que leve em consideração o contexto em que Sêneca vive e escreve, pois também vai nos permitir discutir as abrangências e as limitações de ação do cidadão romano.

Levaremos em consideração, sempre que for possível e pertinente, a trajetória pessoal do autor latino, suas conquistas, suas frustrações, os caminhos apontados e as possíveis contradições; visualizando se existe um descompasso entre a teoria e a prática na constituição/formulação do modelo de cidadão característico do final da *Res publica* e dos primórdios do principado.

Para entender melhor a formação desse cidadão é preciso ter em mente que os primeiros séculos de desenvolvimento da civilização romana se mostram de forma mais ou menos independente, pois inicialmente a influência grega é pouco sentida. Em comparação com os gregos, voltados a uma educação cidadina e aristocrática, percebe-se no mundo romano uma educação mais rudimentar, voltada ao âmbito rural.<sup>245</sup>

Jean-Noel Robert nos diz: “Em sua origem, o romano é um soldado e um camponês. Trabalho obstinado, frugalidade e austeridade constituíam as três principais regras de vida desses homens”.<sup>246</sup> Tal referência não é meramente gratuita, pois a terra assumirá um lugar capital na exploração econômica de Roma e da Itália como um todo. As conseqüências dessa escolha irão intervir em diversos aspectos de sua história; questões políticas, já nos primórdios da República, são questões vinculadas a terra.<sup>247</sup> Para Maria Helena da Rocha Pereira, “(...) estas tradições rústicas que, como notou Claude Nicolet, tão bem se coadunavam com a doutrina estoica, vão perseverar e, sobretudo ganhar novo alento na época de Augusto”.<sup>248</sup>

---

<sup>245</sup> Um latim que se apresenta como uma língua de camponeses, palavras, que mais tarde terão seu sentido alargado, tem origens em termos técnicos da agricultura.

<sup>246</sup> ROBERT, Jean-Noel. **Os Prazeres em Roma**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 17.

<sup>247</sup> O típico cidadão romano com plenos direitos era um homem com uma propriedade de terra, um homem “estabelecido no solo”, um *adsiduus*, residindo nela ou não.

<sup>248</sup> PEREIRA. **Estudos de História da Cultura Clássica**, p. 351.



Quando assistimos às crises deflagradas no final do regime republicano, há exemplos significativos, e as tentativas de reforma agrária proposta pelos irmãos Gracos<sup>249</sup> corroboram a importância da terra para os romanos. Apesar do relativo desenvolvimento comercial, Roma ainda era, naquele contexto, uma comunidade essencialmente agrária.<sup>250</sup>

Há, portanto, muitos fatores e critérios não menos importantes que definem a inclusão de determinados cidadãos em um círculo privilegiado que é a aristocracia romana. Uma origem ilustre e o prestígio social dela advinda eram fundamentais; destacaríamos ainda a vinculação a uma região importante e, um aspecto pertinente à nossa problemática, uma boa educação que reflete grande capacidade pessoal para exercer algum cargo na magistratura.<sup>251</sup>

Ser cidadão é o elemento aglutinador na Antiguidade clássica e no principado romano do primeiro século da era cristã. Para Claude Nicolet:

Os romanos, tanto durante a República, como durante o Império, são cidadãos. Humildes ou poderosos, governados por assembleias, por magistrados eleitos anualmente e por um senado, ou por um príncipe vitalício (ao lado do qual, aliás, continuam a existir as antigas instituições), nenhuma hesitação é possível: cada romano é um cidadão, e todo aquele que possua ou adquira o “direito de cidadania”, a “cidadania” romana, é automaticamente romano.<sup>252</sup>

Para Nicolet, a cidadania não é apenas um modo de vida ou um ofício, mas será sempre um estatuto jurídico. Porém, como bem lembra a autora, “igualdade perante a lei não significa, naturalmente, que todos têm exatamente a

---

<sup>249</sup> A família é originária da nobreza. Cipião, o Africano, foi avô dos dois tribunos que deixaram seu nome na história, Tibério e Caio Graco.

<sup>250</sup> Os cargos mais importantes na administração e no comando dos exércitos, inclusive no período imperial estavam reservados para cavaleiros e senadores, as elites locais tinham sob a sua tutela a administração das comunidades municipais, reunidas no que se denomina *ordines decuriorum*. De qualquer forma, a posse da terra era sempre vista como uma das principais frentes de formação de fortunas; nunca é demais lembrar que a concentração de grandes propriedades aumentara consideravelmente nas primeiras décadas do período imperial. Muitos senadores eram também grandes proprietários de terras, tanto nas províncias, quanto na própria Itália.

<sup>251</sup> “A sociedade romana nunca foi, porém, um autêntico sistema de castas, pois sempre apreciou o mérito pessoal. A posição social do indivíduo dependia ainda, consideravelmente, da sua situação jurídica”. In: ALFOLDY. **A história social de Roma**, p. 127.

<sup>252</sup> NICOLET, Claude. “O cidadão e o político”. In: GIARDINA, Andréa. **O Homem Romano**. Lisboa: Editorial Presença, 1992, p. 22.

mesma posição e os mesmo direitos: há diferenças inevitáveis, devido à natureza ou ao patrimônio; a cidade, comunidade de direito, adapta-se muito bem a isso”.<sup>253</sup>

Nessa linha interpretativa, Paul Veyne afirma: “os nobres romanos tinham um senso agudo da autoridade e da majestade de seu Império, mas o que chamamos de sendo de Estado ou serviço público era-lhes desconhecido. (...) As funções publicas eram tratadas como dignidades privadas e o acesso a tais dignidades passava por um elo de fidelidade privada”.<sup>254</sup>

Outro trecho que corrobora o aspecto discutido acima é citado por Géza Alföldy:

Os conflitos eram desde o seu início confrontos de caráter político, inicialmente conduzidos no quadro das instituições políticas e pelo meio político da assembléia do povo, girando em torno da questão do exercício do poder político do Estado. [O que inicialmente era] conflitos entre *optimates e populares* foi sendo cada vez mais relegado para segundo plano, uma vez que a questão do poder político foi adquirindo importância crescente, até que por fim, o objetivo da luta passou a ser exclusivamente a liderança de determinados agrupamentos políticos e, acima de tudo, do seu chefe.<sup>255</sup>

Para Henri-Irénée Marrou, “a cultura romana permanecerá sempre uma cultura aristocrática: ao velho patriciado sucede uma nova nobilitas não menos preocupada em ilustrar suas tradições de família”.<sup>256</sup>

Certo descompasso entre prática e teoria, as brechas existentes nas leis, dois pesos e duas medidas em sua aplicabilidade podem ser referendadas pela citação de Nicolet quando nos diz:

Só são considerados cidadãos aqueles que podem ser mobilizados em caso de guerra, que pagarão impostos e que participarão nas decisões e na ação. Por conseguinte, só os indivíduos adultos do sexo masculino. O resto da população aparecerá apenas “em redor” dessas “pessoas úteis”, para melhor definir cada um. Para além do nome, extremamente significativo porque diz muito acerca das origens e exprime com bastante clareza o estatuto de cada um, há outros elementos que concorrem para essa definição: trata-se de um conjunto de dados respeitantes à idade, à origem local ou familiar, ao mérito

---

<sup>253</sup> Idem, p. 24.

<sup>254</sup> VEYNE, Paul. **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 103.

<sup>255</sup> ALFOLDY. **A história social de Roma**, p. 82/3.

<sup>256</sup> MARROU, Henri-Irénée. **História da educação na antigüidade**, p. 384.

mas também, e sobretudo, ao patrimônio, em suma à riqueza (...) em suma, observa-se que da atribuição de um lugar preciso num vasto sistema de ordens, de classes, de tribos e de centúrias dependerá, em grande parte, a condição de cada um, a sua existência autêntica e concreta.<sup>257</sup>

Registra-se o fato que de os romanos viveram centenas de anos de uma vida rústica, muito simples, fechada em si mesmos. As conquistas do período republicano trouxeram riquezas, fortunas, mas ao mesmo tempo novos problemas a serem enfrentados. O advento do principado faz uma “abertura” para um novo mundo, cosmopolita, universalista. Como então, lidar com essa nova perspectiva? Como lidar com os novos contatos? Como enfim administrar esse novo mundo? Era preciso amenizar e contornar os efeitos do desarraigamento e mutilações impostas pela nova vida, neste caso, com ênfase num mundo urbano.

Assistia-se, ao final do regime republicano, a um progresso de um pensamento cada vez mais engajado e direcionado aos interesses da cidade romana e atrelada a isso, aos interesses da “pátria romana”. Assim como fizeram aqueles que pertenciam ao círculo de Augusto, referendando e fortalecendo o novo regime, Sêneca acompanha tal linha de pensamento e ação. O novo cenário, que ora se apresentava, exigia a presença de príncipes e súditos preparados para um novo viver e, portanto, careciam de uma formação sólida e eficaz que atendesse aos novos interesses de uma verdadeira *cosmopolis*.

Segundo Pierre Grimal, em estudo sobre Virgílio e acerca desta problemática enfrentada a partir do primeiro século da era cristã, afirma que “se for possível infletir o curso das coisas, isso pode ser feito tão bem ou melhor, agindo-se sobre os espíritos, fazendo-os sentir a verdade, do que se coagindo o corpo pela violência e pela guerra, como, até então, a política se limitara a fazer”.<sup>258</sup>

---

<sup>257</sup> NICOLET, p. 28.

<sup>258</sup> GRIMAL, Pierre. **Virgílio ou o segundo nascimento de Roma**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 61.

Retomemos a questão da importância da família<sup>259</sup> e o papel preponderante do *pater família* na educação romana, pois era em casa, inicialmente, que o romano adquiria as virtudes capitais de sua formação.<sup>260</sup> O que essas virtudes representavam podem ser destacadas em Cícero: *grauitas, pietas e simplicitas*: a influência do lar deveria ensinar. Essas virtudes, os romanos pensavam que era dever da família, estrutura social que contribuiria ou até de quem dependeria o bem-estar da coletividade. *Virtu* é uma palavra latina, porém, o seu significado mudou muito ao longo da história romana.

Para Hugh Last, “o pai de família estava numa posição semelhante à de um juiz do que à de um tirano, mas, ainda assim, de um juiz cuja autoridade em fazer valer suas decisões era indiscutível. Esta era a *patria potestas*, que durou por ser boa e, acima de tudo, foi responsável pela disciplina que moldou o povo romano”.<sup>261</sup> Nota-se, portanto, a dedicação dos romanos aos deveres, quer seja, a importância destacada aos *mos maiorum*.

Uma reflexão de Bailey nos auxiliará a levantar e posteriormente procurar responder uma das problemáticas desse capítulo:

Estamos aptos a pensar na filosofia grega em seu período clássico e associá-la com os nomes de Sócrates, Platão e Aristóteles. Deles era a filosofia da cidade-estado, pela qual, na esfera moral, o homem bom era sinônimo de bom cidadão. Mas com a dissolução da cidade-estado sob o domínio da Macedônia, uma era de individualismo se estabeleceu e os homens agora se voltavam à filosofia para aprender a viver suas vidas como indivíduos independentes; tornou-se até mesmo motivo de polêmica o fato de o homem bom participar ou não da vida pública (...) As duas escolas realmente vitais no século II a.C. foram a estoica e a epicurista, ambas se vangloriando de oferecer, mais do que uma filosofia, um modo de vida<sup>262</sup>

Constataram-se as abrangências e limitações do “ser cidadão na sociedade romana”, e, portanto, havia campos onde as ações do príncipe e as ações do

---

<sup>259</sup> Ver GRIMAL, Pierre. **Os erros da liberdade**. São Paulo: Papirus, 1990, que discorre acerca da importância e da influência da família na educação romana.

<sup>260</sup> Para tanto ver CICERO. *De Finibus et Bonorum et Malorum*. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

<sup>261</sup> LAST, Hugh. In: BAILEY, Cyril. **O legado de Roma**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 237.

<sup>262</sup> BAILEY. **O legado de Roma**, p. 273.

Senado não eram amplamente sentidas. Literatos, filósofos denunciavam os excessos cometidos no período de nosso interesse. Muitos autores romanos desprezaram a “especulação abstrata” e a ênfase de suas preocupações recaiu então nos “modos de vida” das pessoas. Visualizava-se assim, uma preferência acentuada pelos problemas éticos e morais.

## **2.1 O cidadão senequiano e o diálogo com sua época: a formulação de um modelo**

“Nunca é inútil a atividade do bom cidadão: ele é ouvido e visto” (Sêneca - *Ad Serenum de Tranquillitate Animi* - IV,1,6)

É possível detectar que Sêneca participou amplamente desse debate, opinando e tomando partido; e defendendo, pelo menos em grande parte de seus escritos uma participação ativa do cidadão nas questões da cidade, definindo posturas e obrigações a esse mesmo cidadão.

Muitos dos autores que escreveram no primeiro século da era cristã, inclusive Sêneca, estavam vinculados ou ao epicurismo ou ao estoicismo, senão, nutriam alguma simpatia por uma dessas correntes filosóficas. Alguns deles, ocupantes de cargos públicos, levantaram a voz para opinar acerca da conduta dos habitantes do Império Romano e se utilizaram de sua posição social para intervir no cotidiano da sociedade. Havia, ainda, autores que não ocuparam cargos, porém, se percebe em seus escritos, preocupações de ordem moral e ética nos assuntos de ordem familiar. Segundo Veyne, “sendo o casamento um dever cívico e uma vantagem patrimonial, tudo que a velha moral exigia dos esposos era que executassem uma tarefa definida: ter filhos, cuidar da casa (...) ser bom vizinho, anfitrião, amável, meigo com a mulher e clemente com o escravo, diz o moralista Horácio”.<sup>263</sup> Nessa mesma linha de pensamento Sêneca e Plínio por

---

<sup>263</sup> VEYNE. **História da vida privada**, p. 52.

vezes se filiam, pois como diz Veyne, no qual o ideal do casal torna-se um dever. A vida conjugal é tratada em um tom virtuoso e exemplar.<sup>264</sup>

Horácio, ao comentar os antigos hábitos romanos afirma: “houve em Roma durante muito tempo o doce hábito consagrado de se acordar para abrir a casa desde manhã, explicar o direito aos clientes (...) de ouvir os mais velhos, de ensinar os mais novos, a diminuir a ruidosa ambição (...) jovens e seus pais severos ceiam com grinaldas na cabeça e ditam seus carmes”.<sup>265</sup>

É claro que nem todos os autores escreveram textos que podem ser classificados como uma “literatura moralizante”, porém e apesar disso, a confluência é por detectar e denunciar uma época de excessos. Uma breve incursão na produção de alguns autores nos permite afirmar essa convergência em temas como a ética e a moral; ambas vinculadas tanto às questões familiares quanto as questões públicas. Essa convergência comum de temas aparece em autores que viveram no primeiro século ou que o elegeram como objeto de suas reflexões.

*Aulus Persius Flaccus*,<sup>266</sup> ou apenas Pérsio, escreveu suas *Sátiras*,<sup>267</sup> evidenciando questões religiosas; elogiando o estoicismo, o autor ataca a hipocrisia e a superstição, investe principalmente contra a época neroniana, o que acha ser uma época de luxos excessivos e de prazeres desenfreados.

Contemporâneo de Pérsio, *Marcus Valerius Marcialis*,<sup>268</sup> hispano, se faz amigo de pessoas influentes em Roma, como o próprio Sêneca, além de Lucano e Quintiliano. Escreve uma obra bastante conhecida intitulada *Epigramas*,<sup>269</sup> espécie de caleidoscópio da vida romana durante a dinastia Julio-Claudia.

---

<sup>264</sup> Idem, p. 53

<sup>265</sup> HORÁCIO. *Epístolas* II,1. 103-110.

<sup>266</sup> Nasceu em 34.d.C. na Etrúria. Estudou com Rênio Palemon (gramático), Aneu Cornuto (filósofo), e Virgínio Flavo (retor). Indica, portanto, uma formação intelectual bastante respeitável.

<sup>267</sup> PERSE. *Satires*. Texte Établi et traduit par A. Cartanet. Paris: Les Belles Lettres, 1929.

<sup>268</sup> Marcial nasceu em BÍlbilis em 45 d.C. Aos 20 anos de idade, quando fixa residência em Roma, faz-se cliente de pessoas ricas e influentes; conheceu Juvenal, Plínio, o jovem. Sua obra poética é essencialmente satírica. Nos seus textos estigmatiza os defeitos de seus contemporâneos e os aqueles que ele considera ridículos em seu tempo.

<sup>269</sup> MARCIAL. *Epigramas*. Madrid: Editorial Gredos, 1997.

Marcial se mostrará descontente com a vida em Roma, e defenderá uma espécie de “regresso à vida campestre”, postura característica de muitos escritores dessa época. Os tumultos da grande cidade são criticados. Um trecho de sua obra, endereçada ao seu principal protegido, Juvenal, ilustra tal aspecto: “talvez, meu Juvenal, os teus pés passeiem por alguma ruidosa rua de Roma enquanto eu, ao cabo de muitos anos de Roma, regressei ao meu lar hispano, BÍlbilis, rica em aço e ouro, faz de mim um camponês consagrado”.<sup>270</sup>

Em outro trecho, defende que o homem deve aproveitar a vida, porém, de forma sábia e justa, e assim, poderíamos classificá-lo de modelo virtuoso, portanto, bom. Diz o autor: “são estas as coisas que tornam a vida melhor, mais feliz, mais agradável (...) paz de espírito; força interior, um corpo são; prudência e honestidade; amigos iguais a si próprio; prazeres informais, uma mesa simples (...) o desejo de ser o que se é e de não exigir nada mais; nem temer nem desejar a morte”.<sup>271</sup>

Sêneca, ao buscar um modelo de vida virtuosa, discorre acerca desta ao longo de seus textos, a defende constantemente, pois uma vida virtuosa é uma vida feliz. Destacamos a virtude da prudência para estabelecer um diálogo com Juvenal e demonstrar a recorrência de temas em textos de natureza ética e moral.

Para o pensador estóico, a prudência leva à moderação, a moderação traz ao homem uma vida de tranquilidade, nessa condição, o homem não colhe tristezas, logo este homem é feliz, portanto, na fórmula senequiana, o homem feliz é o homem prudente.<sup>272</sup>

*Decimus Iunius Iuvenalis*<sup>273</sup> com a obra *Sátiras* fornece reflexões importantes aos propósitos do nosso texto. Apesar de viver em época posterior, Juvenal elege a época da dinastia Julio-Claudia como objeto de sua produção literária. Achava o poeta mais prudente escrever sobre pessoas e épocas passadas.

---

<sup>270</sup> Idem, p. 48.

<sup>271</sup> Idem, p. 260.

<sup>272</sup> SENECA. Ep. 85,2.

<sup>273</sup> Nasceu no ano 55 d. C. em Aquino, região do Lácio. Para muitos, um dos últimos grandes autores literários de Roma. Critica a sociedade anterior à administração de Trajano, cujo reinado escreve.

Há, segundo ele, uma corrupção dos costumes e o autor direciona o foco de suas críticas principalmente às administrações de Cláudio, Nero e Domiciano. Critica a índole das pessoas, e diz que os próprios deuses os tratam com risos e escárnios.<sup>274</sup>

O autor ridicularizava os novos-ricos em Roma; com uma crítica mordaz coloca palavras na boca de um deles para afirmar: “se então os grandes oficiais do estado somarem no fim do ano o quanto as ofertas lhe trazem, a quando ascendem o seu rendimento, o que faremos nós protegidos, que, com as mesmíssimas ofertas, temos de pagar as roupas e os sapatos, o pão e a lenha para os nossos lares?”<sup>275</sup>

Assim como diversos autores do primeiro século da era cristã, Juvenal também critica os excessos cometidos à mesa, como na *Sátira XI*: “Para comer ao Mundo só vieram. O que é total ruína se encaminha, o destes mais pobre avulta, é esse mais profuso em banquetes, nem lhe importa barato custe ou caro; satisfaça à vontade seu gosto o mais que importa? Melhor lhe sabe o que mais caro custa.”<sup>276</sup>

Outro autor de projeção nesse período é *Marcus Annaeus Lucanus*.<sup>277</sup> Sua principal obra, a *Pharsalia* foi composta em dez livros com oito mil versos. Para Ettore Paratore, a obra lucaniana “é polêmica política contra o principado despótico, primeiro em nome da tradição augustal, depois em nome da republicana. (...) É polêmica moralista (...) em nome dos princípios da virtude e da fortuna”.<sup>278</sup>

Para os propósitos desse capítulo, cabe assinalar que em Lucano há valorização das virtudes republicanas e Catão aparece como o depositário das verdadeiras virtudes romanas. No *Liber Secundus*, Lucano escreve:

---

<sup>274</sup> JUVENAL. *Sátiras*. Texte Établi et traduit par Pierre de Labriolle et François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1921.

<sup>275</sup> JUVENAL, *Sátiras*. p.78.

<sup>276</sup> Idem, p. 103.

<sup>277</sup> Nasceu em Córdoba em 39 d.C. De família nobre, era neto de Sêneca, o Retor, e sobrinho de Sêneca, preceptor de Nero.

<sup>278</sup> PARATORE. *História da literatura latina*, p. 625.



O severo Catão, resoluto, assim vivia e agia, esta a sua moral: guardar o meio termo; sempre impor limites, seguir a natureza; à pátria dar a vida; e crer que existe não para si, mas para o mundo. A Catão um banquete era matar a fome; grandioso lar, um teto pra fugir do frio; roupa estupenda, a rude toga Quirinal; única utilidade do venério enlace, procriação: à Urbe era um pai e um marido, defensor da justiça e da honra inflexível, afeito ao bem comum. Em ato algum Catão falhou, avesso a toda espécie de egoísmo<sup>279</sup>

Lucano, assim como outros autores desse período, detectaram certa baixa moral e buscam refúgio nas virtudes apregoadas no período republicano. Afirma o autor em trecho do *Líber Primus*: “De fato, conquistado o mundo, quando a Sorte trouxe riquezas mil, os usos bons cederam aos usos prósperos, e os bens ganhos do inimigo os luxos fomentaram, em ouro e edifícios não existia regra, e às mesas dos antigos a gula desdenhou; homens feitos trajaram vestes que a custo suas noivas usariam; aos heróis a pobreza fecunda se vai, e em todo orbe se busca tudo o que nações corrompe”.<sup>280</sup>

Apesar de ser considerada uma obra inacabada, interessa-nos aqui ressaltar a recorrência a temas considerados caros à literatura do período por nós estudado e que mereceram reflexões por parte de Lucano, autor importante que circulou pelos bastidores do poder, principalmente durante o principado de Nero.

*Caius Petroneus*<sup>281</sup>, autor que teria vivido na corte de Nero, retrata na sua obra *Satyricon*, o ambiente e os costumes desta época, marcada pela participação de novos ricos, de libertos, influenciado ainda pelo governo de Cláudio, na sociedade e na política. Em trecho da *Cena Trimalchionis*, a mais conhecida e estudada da obra petroniana, ele afirma:

Aqui jaz Pompeu Trimalchião Mecenaciano. Foi piedoso, probo e fiel. Tendo partido do nada, deixou uma fortuna de trinta milhões de sestércios. Jamais deu ouvido aos filósofos. Salve, ó passante, que lês

---

<sup>279</sup> LUCANO. *Farsália*. Livro Segundo, versos 375-390. Introducción, Traducción y notas de Antonio Helgado Redondo. Madrid: Editorial Gredos, 1984.

<sup>280</sup> *Idem*, *Livro Primeiro*, versos 155-165.

<sup>281</sup> *Caius Petroneus* ou *Petronius Arbiter* é possivelmente o autor descrito nos *Anais* de Tácito. A tradição o denomina ainda como Caio ou Tito Petronio.

estas linhas. Era assim que Trimalchião, liberto novo-rico, imaginava, quando se sentia de humor alegre, o epitáfio de seu túmulo.<sup>282</sup>

Considerada como uma das precursoras do gênero romance no mundo ocidental, *Satyricon* retrata a ação do herói romanesco.<sup>283</sup> Os papéis retratados no texto são intercambiáveis, pois estes sofrem a intervenção da Fortuna, e isso demonstra constantemente a quebra das hierarquias e as relações maleáveis existentes na sociedade romana. Assiste-se a uma teatralização generalizada no qual a narrativa é permeada de histórias dentro da história principal, e, que no romance latino está ligado à farsa e ao mimo, com cenas de adultérios, violência sexual, entre outros.

Assim, sua obra permanece como uma fonte importante para problematizar e tentar entender melhor as vicissitudes daquela época. Aos nossos propósitos, *Satyricon* tem grande relevância, pois permite estabelecer um diálogo com o conjunto da obra senequiana, na medida em que Petrônio faz uma detalhada descrição do ambiente corrompido e desgastado moralmente em que Roma se encontrava, influenciado pela pompa e pelo luxo orientais. Para Paratore, o autor foi “seduzido, por atração dos contrários, pelo novo mundo de libertos, de homens de negócios, de proxenetas, de mulheres de má vida, que espumava à superfície da sociedade”.<sup>284</sup>

Apesar de parecer moralista devido ao tom de sua obra, Petrônio não almeja corrigir a sociedade que descreve e, por vezes, critica. Frente ao desgaste político e moral que visualiza, Petrônio parece sorrir com certo ceticismo, quando Sêneca parece se desesperar. “Não era um devasso ou um dissipador, como aqueles que esbanjavam seus bens, mas um amante do mais requintado

---

<sup>282</sup> PETRÔNIO. *Satyricon*. Edição bilíngüe. Tradução de Sandra Bianchet. Belo Horizonte: editora Crisálida, 2006.

<sup>283</sup> Para tanto ver obra de BAKTHIN, Michael. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo-Brasília: Hucitec-Edunb, 1993 e FAVERSANI, Fábio. **A pobreza no ‘Satyricon’ de Petrônio**. Ouro Preto: editora da UFOP, 2000.

<sup>284</sup> PARATORE, op. Cit. P. 645. “No *Satyricon*, um liberto como Trimalchião, que, vivendo na Campânia, vendera as suas terras para se dedicar ao comércio – de fato, preocupava-se, sobretudo em enriquecer e mantinha-se alheio às hierarquias estritamente políticas – era, o melhor exemplo das mudanças de mentalidade geradas pela expansão econômica da Itália”. Ver ANDREAU, Jean. O Liberto. In: GIARDINA, A. **O Homem Romano**, p. 149.

luxo (...). Todavia, quando procônsul da Bitínia e depois como cônsul, mostrara energia e capacidade nos seus deveres”.<sup>285</sup>

E Sêneca, como se posicionava em seu contexto que era bastante semelhante? Sêneca esteve sempre transitando entre a teoria e a prática, pois escreveu sobre as coisas nas quais também “atuou” como uma das personagens mais importantes do primeiro século da era cristã. Para Cleonice Furtado Van Raij em estudo introdutório da obra do pensador: “Sêneca é a voz de um período histórico tenso; ele é a voz que fala para e contra uma sociedade aristocrática, culta e em perpétuo sobressalto”.<sup>286</sup>

Sêneca fala para esta sociedade aristocrática, pois suas preocupações vão ao encontro de vários autores de sua geração, e outros, assim como ele, escrevem a partir de problemas comuns. Por outro lado, fala contra esta mesma sociedade aristocrática, porque traz como preocupações, aspectos muitas vezes negligenciados por seus pares, como o exemplo clássico, da situação do escravo no principado romano. Afirma o autor cordobês: “Até quando andaremos sempre a pedir qualquer coisa aos deuses? (...) Quanto tempo ainda andarão o povo a ceifar para nós? Quanto tempo ainda para serviço de uma única mesa, andarão a pescar em vários mares tantos barcos?”<sup>287</sup>

Os autores supracitados detectam o mal-estar reinante na Roma do principado. Sêneca, como podemos demonstrar, se mostra bastante pessimista com relação a sua época, a exemplo das passagens contidas nas Epístolas Morais. Afirma: “(...) desde que o dinheiro começou a merecer honras, a honra autêntica começou a perder terreno. (...) A moralidade pública degradou-se a tal ponto que a pobreza é objeto de maldição e causa de opróbrio, desprezada pelos ricos e odiosa aos pobres”.<sup>288</sup>

---

<sup>285</sup> TÁCITO, *Anais*, Livro XV, XLIV

<sup>286</sup> VAN RAIJ, Cleonice F. In: SÊNECA, *Cartas Consolatórias*. Campinas: Pontes, 1992, p. 15.

<sup>287</sup> Ep. 60,2. Acerca desse mal-estar causado a Sêneca pelos maus hábitos ver também Ep. 90 na qual afirma: “A civilização do luxo é um desvio em relação à natureza: dia-a-dia cria novas necessidades, que aumentam de época para época; o engenho está ao serviço dos vícios! 19-20.

<sup>288</sup> Ep. 115,10. Na Ep. 110,10 afirma: “só temos que nos queixar de nós mesmos, pois arrancamos de forma violenta da terra o que a natureza lá escondeu, e isso será a causa de nossa ruína”.

Ao cotejar textos de diversos autores do primeiro século da era cristã, pode-se perceber a recorrência dos temas abordados por estes autores: a ética e a moral. Essa inclinação de abordagem se fortalece, principalmente a partir dos sucessores de Otávio Augusto.

As possíveis referências a outros autores demonstram claramente, a nosso ver, que Sêneca dialoga com vários deles. Quando não o faz explicitamente, pode-se ainda assim, visualizar ecos desses autores ao longo de suas reflexões. Por outro lado, Sêneca serve de fonte de inspiração para aqueles que escreveram em períodos posteriores, principalmente para autores que elegeram as vicissitudes da dinastia Julio-Claudia como objeto de observação e reflexão.

Torna-se possível então, estabelecer pontos de diálogo entre diferentes obras e diferentes autores, através da identificação de temas e situações descritas nesses textos, que acabam guardando afinidades no que se refere principalmente às questões políticas e morais.

Constata-se nesses autores um estado de coisas que os desagradava profundamente. Assim, desfilam ao longo dos textos exemplos de enriquecimento fácil, rápido, práticas de prostituição, excessos de todos os tipos, como a presença dos banquetes, verdadeiros festins pantagruélicos.

Vejamos como o próprio Sêneca se coloca em relação a esse estado de coisas:

Hoje, é através de decretos senatoriais e de plebiscitos que se exerce a ferocidade, é a lei que manda fazer-se a nível de Estado o que proíbe a nível particular! Um crime que, cometido às ocultas, incorreria em pena capital, suscita louvores quando praticado por militares! O que se busca é apenas o prazer! Nenhum vício se conserva dentro dos limites: o luxo degenerou em ganância! O desprezo pela moral invadiu todos os domínios<sup>289</sup>

A preocupação do príncipe em não cometer atitudes que pudessem ser classificadas como tirânicas e autoritárias, pode ser expressa por um comentário de Pierre Grimal: “um historiador antigo, Díon Cássio, fala-nos das precauções tomadas por Augusto para não poder ser acusado de tirania. Começava por

---

<sup>289</sup> Ep. 95,30-33.

apresentar ao povo o texto das leis que elaborava e convidava-o a fazer as objeções ou reflexões que o texto sugerisse”.<sup>290</sup>

Sêneca mostra a necessidade da observação para tomar decisões e orientar a partir do período em que vive e circula e destaca:

Observações sobre os costumes, sobre os deveres, é possível fazê-las de um modo geral e por escrito; são conselhos que se podem dar não só a ausentes, como até a posteridade. Mas a maneira e a ocasião de tomar uma decisão concreta, isso ninguém pode aconselhá-lo à distância, é forçoso deliberar em face das próprias circunstâncias. Para captar a oportunidade no momento justo é preciso não só estar presente, como estar atento<sup>291</sup>

A influência para Sêneca é fortemente centrada no filósofo estóico Átalo, do qual ele assistiu os ensinamentos pessoalmente e dá provas na correspondência com Lucílio.<sup>292</sup> Átalo sempre se colocou contra os vícios: o luxo, as paixões e os desejos. Estes tornam as pessoas servas desses vícios e as impedem de crescerem e se aperfeiçoarem individualmente e poderem viver em sociedade. Para Átalo e também para Sêneca, o que o cotidiano apresenta como algo necessário, é supérfluo tanto ao corpo quanto ao espírito, principalmente aos insensatos e despreparados para enfrentar as provações que a vida coloca a sua frente.

Outra influência que se fez sentir sobre Sêneca foi a dos neopitagóricos, principalmente o exemplo de Q. Sextius. Os pitagóricos acreditam na metempsicose e esta se atrela a prática da renúncia pela carne. Nos primeiros tempos do império, esta corrente consegue muitos adeptos.<sup>293</sup> Sêneca também segue esse conselho, pois ataca de forma radical nos seus escritos, as pessoas que se alimentam em suas refeições como leões e abutres.<sup>294</sup>

---

<sup>290</sup> GRIMAL, Pierre. **O império romano**, p. 87.

<sup>291</sup> SÊNECA. Ep. 22.

<sup>292</sup> Ver Epístola 118.

<sup>293</sup> Ovídio, no final de suas *Metamorfoses*, mostra clara influência disso.

<sup>294</sup> Da escola de Pitágoras provém outro exercício fortemente incorporado pelos adeptos e simpatizantes da referida escola como prática filosófica: a prova diária de consciência.

Assim como Átalo fez com seus alunos e discípulos, Sêneca objetiva fazer o mesmo: ensinar virtudes e apontar os vícios através de instruções práticas e exemplos concretos.

## 2.2 Virtudes e Vícios: uma leitura senequiana para o cidadão

“Aprender as virtudes equivale a desaprender os vícios”. Sêneca

Discutir virtudes e vícios nesta época, não apenas em Sêneca, como também em outros autores, apresenta-se complexo e paradoxal, pois a fronteira entre virtude e vício mostra-se tênue e a hierarquização dos mesmos varia de autor para autor e de época para época.

Maria Helena da Rocha Pereira afirma que *virtus* é um dos conceitos mais complexos a ser analisado, pois este compreende elementos da cultura grega, bem como elementos da cultura romana. Quando se assiste Augusto fixar as virtudes em Roma, percebe-se que a *virtus* era sentida e valorizada como um valor fundamentalmente romano. Para a autora: “encontra-se na palavra *virtus*, *virtutis* o sufixo *-tut-*, que indica estado, e que é o mesmo que serviu para formar *senectus* (velhice) e *inventus* (juventude) (...) é ‘ser homem’ no sentido de ‘ser homem virtuoso’”.<sup>295</sup>

Paul Veyne, estudioso da Antiguidade greco-latina, afirma:

(...) em Roma, as mentes estavam impregnadas de uma doutrina de senso comum que condenava como pervertido e decadente o mundo tal como se encontrava; considerava-se que a moralidade consistia menos em amar a virtude ou em habituar-se a ela do que em ter a energia de resistir aos vícios; a base do indivíduo era, pois, uma força de resistência. Teoricamente a educação tinha por objetivo temperar o caráter a tempo para que os indivíduos pudessem resistir, depois de adultos, ao micróbio do luxo e da decadência, que, devido ao vício dos

---

<sup>295</sup> PEREIRA. **Estudos de História da cultura clássica**, p. 400. Em Cícero a *virtus* é um conceito fundamental, definido como a disposição da alma para praticar o bem, e se insere numa vivência reta e constante.

tempos atuais, está em toda a parte<sup>296</sup>

Veyne se refere a uma preocupação constante nos discursos proferidos no fórum, mas também como um tema recorrente na literatura moralizante do primeiro e segundo séculos da era cristã. Durante o período republicano, Roma ainda não possuía efetivamente uma política escolar consolidada. Só com o advento do Império, é que se assiste a um avanço nesta área com fortes e claras influências gregas e helenísticas.

A prática das virtudes para os romanos esteve atrelada a uma educação moral. Para Henri-Irénée Marrou, “se procurarmos agora definir o conteúdo desta antiga educação, perceberemos, no primeiro plano, uma idéia moral: o essencial é formar a consciência da criança ou do jovem, inculcar-lhe um sistema rígido de valores morais, reflexos seguros, um estilo de vida”,<sup>297</sup> essa educação é essencialmente paterna. Para Marrou,

a partir dos sete anos, a criança, como na Grécia, escapava à direção exclusiva das mulheres, mas em Roma era para passar sob a do pai, nada é mais característico da pedagogia romana: o pai é considerado como o verdadeiro educador; mais tarde, quando existirem mestres, a ação destes será sempre considerada como mais ou menos assimilável à influência paterna<sup>298</sup>

A educação romana se mostra mais cívica e religiosa do que a educação grega, pois o “patriotismo” romano pode corroborar essa afirmação, na medida em que o sucesso da empreitada imperial está atrelado a uma submissão aos deuses e a sua vontade. Assim, essa educação romana é de orientação prática, pois a formação moral e ética do cidadão não está separada da vida cotidiana e de suas responsabilidades.

Muitos são os autores nesse período que atribuem uma estreita ligação

---

<sup>296</sup> VEYNE. **História da vida privada**, p. 29.

<sup>297</sup> MARROU. **Historia da educação na antiguidade**, p. 365. O quadro, o instrumento de tal formação é a família. Todos os historiadores do direito costumam salientar a forte constituição da família romana, a soberana autoridade de que se investia o *paterfamilia*, o respeito de que a mãe é objeto: em nenhuma parte o papel desta célula social aparece tão manifestamente quanto na educação.

<sup>298</sup> Idem, p. 362.

entre vida pública e vida privada. Para Ernest Cassirer, citando a atuação dos filósofos estoicos (maiores propagadores de uma pedagogia moral), “para eles, não existia quebra de continuidade entre a esfera individual e política. E isto porque estavam convencidos de que a realidade tomada como um conjunto, tanto a realidade física como a vida moral, era uma grande república”.<sup>299</sup>

Este imbricamento entre a vida pública e a vida privada aparece inclusive nos ensinamentos do estoicismo, citado por Sêneca em uma passagem da Carta 94:

aquela parte da filosofia que proporciona os conselhos adequados a cada indivíduo e se destina, portanto, não a formação do homem em geral, mas sim, por exemplo, a indicar ao marido como comportar-se em relação à mulher, ao pai como educar os filhos, ao senhor como dirigir os escravos, ; houve filósofos que a aceitaram como única e exclusiva, pondo de lado todas as outras partes a pretexto de que elas não oferecem qualquer utilidade prática. Como se fosse possível alguém ministrar preceitos sobre uma questão particular sem ter em vista toda a complexidade da vida humana<sup>300</sup>

O trecho revela a compreensão do filósofo da necessidade de articulação entre as diferentes esferas sociais da sociedade romana. São preceitos válidos para vários contextos, e podemos concluir pela função normatizadora de comportamento que esta afirmação carrega.

O bom cidadão, responsável pelos destinos da *civitas*, deveria ser também exemplo de pai e marido devoto no interior da casa. Sêneca diz que um casamento para ser sólido deveria ser como uma amizade verdadeira. O papel reservado a *amicitia* é uma constante nos textos senequianos, e aqui ele parece querer retomar Cícero que dedica parte de seus escritos a destacar o papel da *amicitia*, tanto no âmbito privado quando no âmbito público. Para Sêneca, a *amicitia* se apresenta sob vários aspectos e com inúmeras funções na vida das pessoas. Em primeiro lugar destacaríamos o papel da *amicitia* como troca de experiências e de sabedoria.<sup>301</sup> Segundo Sêneca: “E não quero a tua presença

---

<sup>299</sup> CASSIRER. **O mito do estado**, p. 134.

<sup>300</sup> SENECA. Ep. 94,1.

<sup>301</sup> SENECA. Ep. 6. Praticamente toda a carta é dedicada a *amicitia*.



apenas para que *tu* aproveites, mas também para que *me* aproveites: ambos poderemos ser muito úteis um ao outro!”<sup>302</sup>

A *amicitia* também tem a função de cultivar e manter essas mesmas amizades, como uma espécie de ciclo.<sup>303</sup> Manter um amigo é ter a consciência de poder contar com este nas horas mais difíceis, como por exemplo, uma dor e um exílio; e não esqueçamos que Sêneca sofreu as agruras de um exílio. Adquirir, cultivar e reaprender virtudes<sup>304</sup>, também é função da *amicitia*, segundo Sêneca. Para ele, a *amicitia* pode ser encontrada em toda a parte; no Senado, nas ruas e mesmo na sua própria casa<sup>305</sup>. Nessa última constatação, a necessidade de sentir-se bem e feliz para buscar novas amizades, e aí pensamos no educar-se a si próprio. Aristóteles já destacava a importância da amizade, para ele sem amigos não podemos exercer a virtude nem ter uma vida plena e feliz. Nesse rol estava incluída toda a família.<sup>306</sup>

Para Sêneca, a busca por amigos fazia parte de uma vida voltada a natureza e a razão. É salutar dividir com os amigos as frustrações, mas também os progressos do educar-se a si próprio, ao mesmo tempo em que o amigo deve se alegrar quando outro amigo atinge um progresso na busca por uma vida virtuosa. A *amicitia* se liga a *ratio* que se liga profundamente com a *res publica* e o viver em sociedade, pois segundo o pensador estóico: “a natureza gerou o homem como uma família, pois nos criou da mesma matéria e temos o mesmo destino. (...) Ao mesmo tempo em que aponta para nós o caminho do viver em sociedade”<sup>307</sup>.

Mas não poderíamos deixar de destacar que a *amicitia* cumpre uma função

---

<sup>302</sup> Ep. 6.

<sup>303</sup> Na Ep. 63 Sêneca afirma: “(...) para mim, pensar nos amigos já desaparecidos é algo que nos proporciona uma doce satisfação; quando os tinha comigo sabia que os havia de perder, agora que os perdi é como se os tivesse sempre comigo!”.

<sup>304</sup> SENECA. Ep. 9.

<sup>305</sup> SENECA. Ep. 47.

<sup>306</sup> Ver *Ética a Nicômaco*. 1158b9-16.

<sup>307</sup> Ep. 95,52.

primordial: a sobrevivência no jogo político do principado romano. Afirma Sêneca: “A amizade estabelece entre nós uma comunhão total de interesses; nem a felicidade nem a adversidade são fenômenos individuais: vivemos para a comunidade. (...) tem de viver para os outros quem quiser viver para si mesmo”.<sup>308</sup>

Para Henri-Irénée Marrou, acerca da obra educacional de Roma:

uma comunidade julga-se segundo os valores nos quais comungam seus membros: o ideal de Roma imperial não está limitado aos valores propriamente políticos: a justiça, a ordem e a paz não constituem, a seus olhos, um fim: são apenas meios que permitem aos homens viverem em segurança, em abundância, no lazer, ou seja, na felicidade, esta felicidade que, aos olhos de todos os pensadores helenísticos, representava o supremo valor, a razão de viver da humanidade.<sup>309</sup>

Veremos adiante que Sêneca, em diversos momentos de suas reflexões, trata dessa questão, pois percebe prematuramente o jogo político existente no principado romano. “Em latim, não há nenhuma palavra que designe o “homem político”, a não ser, na sua nudez, aquele que designa também o cidadão, *civis*.” o homem político “ideal é o *bonus* ou o *optimus civis*”.<sup>310</sup> Ser “ótimo cidadão” é ser possuidor de determinadas virtudes, ter posturas adequadas e praticar determinadas ações consideradas ideais para um cidadão, e em Sêneca percebe-se amplamente a presença desses elementos, podendo, portanto, construir um modelo de “cidadão senequiano” que perpassa, entre outras características, aquelas supracitadas.

Um trecho importante, e uma espécie de grande síntese do que é, e da importância da *virtu* para o romano, encontra-se em Maria Helena Pereira. Trata-se de um fragmento (1326) de Lucílio, que segundo a autora é um dos textos mais antigos do período arcaico:

(...) *Virtus* é para um homem saber o valor de cada coisa, *virtus* é saber o que para o homem é reto, o que é útil, honesto, o que é bom, como o que é mau, o que é inútil, feio, desonesto; (...) ser adversário e inimigo dos homens de costumes maus, e, ao invés, defensor dos homens e costumes bons, a estes prezá-los, a estes querer-lhes bem,

---

<sup>308</sup> SENECA. Ep. 75.

<sup>309</sup> MARROU. *História da educação na antiguidade*, p. 448.

<sup>310</sup> Idem, p. 44.

ser seu amigo; e, além disso, por em primeiro lugar o bem da pátria, em segundo o dos pais, e, em terceiro e último, o nosso<sup>311</sup>

A mesma autora afirma que “as idéias morais e políticas dos romanos formam a parte mais significativa do seu legado cultural”.<sup>312</sup> Destacaríamos aos propósitos do nosso trabalho o conceito de *humanitas*, que segundo a mesma autora, “deriva de *humanus*, que por sua vez está relacionado como *homo* (‘o homem’) e *humus* (‘a terra’)”. Em Sêneca, ‘os homens perecem, mas a *humanitas*, à imagem da qual os homens são modelados, permanece’. Deve notar-se, no entanto, que Sêneca está a expor a teoria platônica das idéias, pelo que *humanitas* contém a idéia pura de “homem”.<sup>313</sup>

Pensamos ser possível ir além da referida autora nesta observação, pois é possível, ao construir um modelo senequiano de homem, elencar os elementos desta formação, e saber quais as características mais adequadas a um homem romano dotado de *humanitas*. Tal modelo, portanto, vai além daquele proposto por Maria Helena Pereira, para a qual o enfoque recai em Plínio - o moço, ele mesmo exemplo acabado desse modo de ser: polimento, receptividade, simpatia. Mas, por outro lado, a *humanitas* com ênfase no conhecimento, na sabedoria, na sólida formação, alcança os escritos e a trajetória de Sêneca.

Um exemplo disso aparece nas Cartas quando diz a Lucílio que “no homem enalteçamos só aquilo que se lhe não pode tirar, nem dar, aquilo que é específico do homem. Queres saber o que é? É a alma, e na alma, uma razão perfeita. O homem é, de fato, um animal possuidor de razão”,<sup>314</sup> ou ainda em trecho de outra Carta quando afirma: “Qual é o homem de natureza nobre? Aquele que pela natureza foi dotado para a virtude. Apenas esse ponto importa ter em consideração”.<sup>315</sup>

Assim como os outros aspectos da constituição deste homem senequiano

---

<sup>311</sup> PEREIRA. **Estudos de história da cultura clássica**, p. 400.

<sup>312</sup> Idem, p. 321.

<sup>313</sup> Idem, p. 417.

<sup>314</sup> Ep. 41,8.

<sup>315</sup> Ep. 44,5.

dotado de *humanitas*, a prática da virtude longe dos vícios deve ser buscada incansavelmente e não sem penosos sacrifícios. Desta forma, uma educação exemplar deve começar desde a mais tenra idade.

Diz-nos Paul Veyne citando o próprio Sêneca:

Somente a severidade, que aterroriza os apetites tentadores, desenvolve o caráter. Também, diz Sêneca, ‘os pais forçam o caráter ainda flexível dos bebês a suportar o que lhes fará bem; podem chorar e se debater que mesmo assim são rigidamente enfaixados, com medo de que seu corpo ainda imaturo se deforme ao invés de crescer direito e em seguida se lhes inculca a cultura liberal recorrendo ao terror, se a recusam’<sup>316</sup>

Em 27 a.C., Augusto fixa o cânon clássico das principais virtudes romanas no momento em que o Senado imprimiu em seu escudo de ouro as qualidades do príncipe: *virtus, clementia, iustitia e pietas*. As referidas virtudes foram praticadas e comentadas ao longo de toda a história do Império Romano, porém com importância e força que variavam de autor para autor, de dinastia para dinastia e de imperador para imperador. Afirma o pensador cordobês: “a virtude subdivide-se em 4 aspectos: frear os desejos, dominar o medo, tomar decisões mais adequadas possíveis, a cada um aquilo que é devido. Temos então a temperança, a coragem,<sup>317</sup> justiça e a prudência”.<sup>318</sup> Assim, vemos que o próprio Sêneca hierarquiza a *virtu* e estabelece a importância de todas elas, as virtudes, bem como a função que cada uma ocuparia na sociedade romana.

Muitos autores afirmam categoricamente que, o primeiro século da era cristã, assiste a certa “decadência”<sup>319</sup> da literatura latina em comparação com o período imediatamente anterior, no qual havia a sombra e a presença de grandes nomes como Virgílio, Ovídio, Horácio e Cícero, só para citar alguns deles. Percebe-se um enfraquecimento de um sentimento de interesses locais em favor

---

<sup>316</sup> VEYNE. **História da vida privada**, p. 29/30;

<sup>317</sup> O que é a coragem em Sêneca? Uma barreira inexpugnável para defender o homem da fraqueza humana; quem dela se rodeia pode resistir com segurança. Conf. Ep. 112,27.

<sup>318</sup> Para tanto ver Ep. 120,11.

<sup>319</sup> Ver PARATTORE. **História da literatura latina**; CARDOSO. **A literatura latina**; obras nas quais os autores problematizam acerca dessa suposta decadência.

de uma perspectiva universalista, já citado anteriormente e Sêneca aparece, neste contexto, como um dos maiores nomes das letras latinas. O vínculo latino nesse contexto é mais forte com a produção do período helenístico, prioritariamente através da filosofia e suas vicissitudes. Nestas, a filosofia aparece como uma das grandes representantes, senão a maior desse caráter de universalidade. Para Rômulo de Souza, “(...) foi a única que se manteve livre, em meio ao servilismo que, muitas vezes, se manifesta na literatura. Ela é uma espécie de consoladora e ao mesmo tempo sustentáculo dos desafortunados e perseguidos”.<sup>320</sup>

Sêneca em trecho do tratado filosófico *De Ira* destaca o papel da educação que para o cidadão romano deve estar em primeiro plano: “A educação exige especial cuidado, e seus frutos se recolhem no futuro, é difícil extirpar os vícios que cresceram conosco”.<sup>321</sup>

Nas famílias mais abastadas, as crianças e os jovens eram educados em consonância aos *mos maiorum*, ou seja, um respeito às tradições, aos antepassados e a própria família. Era, portanto, no âmbito doméstico que a primeira fase da educação cumpria o seu papel. Segundo, Pierre Grimal, “a vida privada é uma causa entre todas as causas que atuam sobre a psicologia de um povo. E isso não o ignoravam os próprios romanos”.<sup>322</sup> Nesse sentido, a educação romana mostra-se com um grande sentido pragmático, pois as orientações estão voltadas e atreladas para a vida cotidiana, com seus deveres e suas responsabilidades.

A virtude poderia e deveria ser aplicada em todos os campos da vida do homem romano. Qual o sentido e qual a função da virtude no projeto senequiano?

---

<sup>320</sup> SOUZA, Rômulo de. **Manual de história da literatura latina**. Pará: Serviço de Imprensa Universitária, 1978, p. 247;

<sup>321</sup> SÊNECA. *De Ira*, p. 431.

<sup>322</sup> GRIMAL, Pierre. **A Vida em Roma na Antigüidade**. Lisboa: Fundação Publicações Europa-América, 1981, p. 13.

Assevera o pensador estóico: “manter a salvo das investidas da fortuna; controlar a prosperidade; aliviar a adversidade e menosprezar aquilo que os homens comuns, ou mortais, mais admiram”.<sup>323</sup> Mais uma vez a distinção que Sêneca faz entre a multidão e o homem preparado para orientar o vulgo na busca por um caminho virtuoso.

Para o pensador estóico, a *virtu* abarca dois aspectos: a contemplação do que é verdadeiro e a ação. A contemplação é alcançada pelo estudo e pela reflexão e a partir daí a ação confirma o que se aprendeu na contemplação e no estudo. Assim, a virtude é coroada por uma ação justa e para saber o que é justo, era preciso saber o que era a *virtu*, e para Sêneca, a única coisa imortal concedida aos mortais.<sup>324</sup>

Havia espaços em Roma onde a educação formal não atingia os objetivos ou não os alcançava. Assim, grande parte da filosofia que se praticava nos primeiros séculos da era cristã era extremamente pragmática, ou seja, voltada ao cotidiano do homem romano. Uma educação filosófica contribuiria para discernir o certo do errado, ou seja, a virtude do vício, pois “o esbanjamento pode ser confundido com generosidade, a indiferença pode passar por amabilidade e a inconsciência pela coragem”.<sup>325</sup> É preciso ainda considerar que para Sêneca, a virtude é coisa simples de perceber, ao contrário, o vício se mostra mais difícil de ser classificado, detectado, pois este se mostra sob vários aspectos e sempre são mais numerosos. Podemos afirmar, a partir disso, que para Sêneca, a educação tem função primordial na preparação do homem que busca uma vida na retidão.<sup>326</sup>

---

<sup>323</sup> Carta 39,3. A virtude é sempre igual, pois não há variação devido às circunstâncias. Para Sêneca, “sejam em que condições forem que a virtude deva agir, ela agirá em retidão igual”. Ep. 66,15.

<sup>324</sup> Como tantos outros exemplos de virtudes assim como sua importância e função para Sêneca, contidos ao longo do trabalho podemos citar ainda: a coragem dá vigor ao olhar; a prudência reforça a atenção; o respeito acentua a calma; a severidade acentua a rigidez; todas tornam a alma do homem mais forte, mais sublime e mais vasta. Ver Ep. 76 e Ep. 106.

<sup>325</sup> Conforme Ep. 120,8.

<sup>326</sup> Diz Sêneca em trecho da Ep. 122,17: “observar onde está o bem é simples; o mal é complexo e passível de muitos desvios.

Para se atingir uma vida virtuosa, é preciso sempre buscar entender o que é uma vida de vícios, quais são, onde estão. Inicialmente, chama à atenção a ênfase de Sêneca em denunciar as escolhas daqueles que se tornaram escravos dos seus próprios corpos, ou seja, atitudes que são tomadas apenas para satisfazer os desejos corporais.<sup>327</sup> Se já não bastasse denunciar o aspecto moral, Sêneca aponta o lugar, a “morada desse vil prazer”: “o prazer é baixo e servil, débil e fugaz, sua sede são os prostíbulos e tabernas. (...) o prazer sempre furtivo ou na escuridão reside junto às termas ou locais sob a mira da justiça, fraco, enervado, encharcado de vinho e perfume, pálido e maquilado, embalsamado como um cadáver”.<sup>328</sup>

Em trecho da Carta 122 o pensador retoma a preocupação com a busca pelo prazer físico “por muito que empreguem no vinho e nos perfumes as trevas em que vivem, por muito que gastem os seus tempos de viciosa vigília em banquetes requintados de milhares de pratos mais do que uma festa o que eles fazem é celebrar os próprios funerais”.<sup>329</sup> Para ele a embriaguez não cria os vícios mas os incita, repelindo o pudor que consegue se opor as atitudes ditas condenáveis pela moral senequiana.<sup>330</sup>

As questões em torno do corpo são objetos de preocupação, principalmente para os estóicos. Michel Malherbe afirma: “o corpo não é odiado ou desprezado, mas certamente considerado como um inimigo que nos engana no plano do conhecimento (o testemunho dos sentidos está cheio de ilusões) e nos

---

<sup>327</sup> Ver *De Vita Beata*, Livro IV e V, na qual se encontram referências aos escravos dos desejos corporais.

<sup>328</sup> *De Vita Beata*, Livro VIII. Na Ep. 59 uma referência semelhante quando afirma: “aqueles que se deixam prostrar pelo vinho e pela luxúria, que passam a noite inteira entregue ao vício, que acumulam num corpo exíguo os prazeres até ultrapassarem o ponto de saturação”. Na Ep. 51 cita diretamente duas cidades, Canopo e Báias como “autênticos antros de vícios”. A Ep. 76 faz uma referência ao teatro de Nápoles, onde sempre há um amontoado de gente, em contrapartida, onde há discussões sobre o homem de bem, pouca gente reunida.

<sup>329</sup> Carta 122,3-4. Perspectiva semelhante na *Ad Helviam de consolatione*, Livro X, no qual combate os excessos cometidos em nome de necessidade corporais.

<sup>330</sup> Conf. Carta 83. Para Sêneca, o excesso de vinho está associado à crueldade, avareza, falta de autocontrole, chamadas por ele de “doenças de espírito”, e que leva o homem à tormentos cotidianos. Ver Carta 85. A vida de luxo está associada à ira. Carta 47.

impede, no plano moral, de procurarmos uma coisa diferente do prazer”.<sup>331</sup> Já nas primeiras cartas endereçadas a Lucílio, Sêneca dá forte ênfase aos escravos do corpo e da gula.<sup>332</sup> Na Carta 26, Sêneca aponta o corpo como a própria morada dos vícios.<sup>333</sup>

No já citado *De Vita Beata*, ele atrela a vida devotada ao prazer com inúmeros vícios: arrogância, presunção, soberba, amor cego e excessivo às posses, a lascívia e o prazer.<sup>334</sup> Tomando esta postura viciosa, para Sêneca, o homem se torna comparável aos animais,<sup>335</sup> e porque não dizer parecido com os bárbaros, portanto, não-romanos. Sêneca aponta locais onde há práticas viciosas e viciantes ao cidadão romano. Um aspecto interessante refere-se a relação que estabelece entre a sociedade que corrompe, e os vícios. Assim, o contato com a multidão pode levar o homem ao vício.<sup>336</sup>

Por que tal perspectiva? Para Sêneca, nem sempre, ou raras vezes há razão e equilíbrio na opinião da multidão. Afirma no *De Vita Beata*, final do Livro I:

---

<sup>331</sup> MALHERBE, Michel; GAUDIN, Philippe. **As Filosofias da Humanidade**. São Paulo: Instituto Piaget, 1999, p.46. Ver também BROWN, Peter. **Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo**. Jorge zahar editor, 1990.

<sup>332</sup> Na Carta 14,1 diz: “Será escravo de muitos quem for escravo do próprio corpo, quem temer por ele em demasia, quem tudo fizer em função dele”. Na Carta 15,2 afirma: “cultiva, em primeiro lugar, a saúde da alma, e só depois a saúde do corpo”. Postura semelhante aparece no tratado filosófico *Ad Paulinum de Brevitate Vitae* VII, 1.

<sup>333</sup> Carta 26,1-2. Na *Ad Helviam de consolatione*, Sêneca diz: “Todas essas coisas que os espíritos incultos e demasiadamente escravos de seus corpos admiram: mármore, ouro, prata, grandes mesas redondas e polidas” XI, 5. No XI, 7, uma referência ao corpo como prisão do espírito e escravo das paixões vis.

<sup>334</sup> *De Vita Beata*, X. O prazer está associado ao vício e está de acordo com os ensinamentos dos mestres estoicos. Assim o prazer é sempre uma coisa indigna. Conf. Ep. 59,1.

<sup>335</sup> Idem, IX. Ele diz: “eu busco o bem do homem, não o do estômago, como é provável ocorrer nos animais e nas bestas incapazes” ou “ (...) a espécie dos animais e dos que medem a felicidade pelo que lhes empanturra o estômago”. Na Ep. 92 a referência é semelhante quando diz: “(...) o prazer, é um bem digno de animais! Significa por ao lado do racional o irracional, da moralidade a imoralidade, da grandeza à pequenez. Exemplo semelhante se encontra na Epístola 92,7-8: (...) as bestas para quem a comida é tudo!

<sup>336</sup> Na Ep. 7,1 o homem só deve enfrentar a multidão quando estiver bem preparado. Na Ep. 8,1-2, a referência é bastante semelhante, assim como na epístola 14,7, o contato com a multidão pode ser considerado nocivo ao homem de bem. Na Ep. 114,26 diz: “(...) parece-te plausível que se guardem vinhos de tantas colheitas e de tantas regiões para um único estômago? (...) parece-te plausível que todas as sementeiras da Sicília e da África se destinem a um único estômago?”.

No tratado *Ad Paulinum de Brevitate vitae*, XVIII, 1 Sêneca alerta Paulino para afastar-se da multidão. No *De Vita Beata*, Livro I, a salvação está em se afastar da multidão.



“Mas a plebe é conduzida, contra a razão, a defender seu próprio mal. Igual as assembléias onde os primeiros a se maravilharem com a eleição dos pretores em desrespeito à vontade popular, são aqueles que os elegeram. Dependendo do caso, aprovamos e condenamos as mesmas coisas; e este é o resultado de qualquer julgamento que siga a opinião generalizada!”.<sup>337</sup> É a busca por uma vida devotada a virtude que faz o homem elevar-se acima do vulgo, e permite que esse possa, afastado da multidão, obter o discernimento necessário para separar o falso do verdadeiro, o bem do mal, ou seja, a virtude do vício e por conseguinte orientar a humanidade no caminho da retidão.<sup>338</sup>

Além das já citadas cidades de Canopo e Báias, existem inúmeros outros lugares de ambientes viciosos. Uma passagem considerada clássica nos relatos senequianos está contida na Epístola 7,3 na qual ele relata uma experiência traumática ao assistir uma luta de gladiadores:

fui casualmente assistir ao espetáculo do meio dia, à espera de encontrar algo de ligeiro, de divertido, algo que descansasse os olhares dos homens da vista do sangue humano. Foi o contrário que encontrei! (...) o que há são puros homicídios. Os lutadores não tem proteção nenhuma. (...) Atiram-se homens aos leões e ursos de manhã, aos próprios espectadores ao meio dia! (...) Para estes lutadores a única saída é a morte. Matam-nos a ferro e fogo. É isto o que se passa nos intervalos do circo<sup>339</sup>

Em outra carta, Sêneca relata as impressões de quem está vivendo sobre uma terra. Selecionamos trechos da referida epístola:

aqui estou eu agora, rodeado de barulho por todos os lados, pois estou vivendo por cima de um balneário. Imagina toda a casta de ruídos capazes de porem os ouvidos no desespero. (...) Junta a tudo isso o barulho dos arruaceiros, dos ladrões apanhados em flagrante, dos que gostam de se ouvir a cantar no banho (...) E toca a consumir ainda todo o tipo de pregões: o vendedor de bebidas, o salsicheiro, o pasteleiro, e todos os negociantes de comensais e bebidas apregoando a sua

---

<sup>337</sup> *De vita beata*, Livro I.

<sup>338</sup> Ver Ep. 88, na qual Sêneca visita as virtudes consideradas fundamentais ao homem: coragem, lealdade, simpatia humana, clemência.

<sup>339</sup> Ep. 7,3-4. A crítica para com as lutas de gladiadores e outros tipos de espetáculos considerados nefastos aos olhos e ao espírito também está citada no *Ad Paulinum de Brevitate vitae*, XVI, 3-4. Na Ep. 7,2 afirma: “E nada é tão nocivo aos bons costumes como ficar a assistir a algum espetáculo, pois é pela via do prazer que os vícios se os insinuam mais facilmente!”.

mercadoria cada um com uma entonação própria<sup>340</sup>

O barulho e o tumulto geram, segundo ele, um ambiente no qual a prática de uma vida virtuosa, devotada ao estudo, torna-se impossível. Fugir do vício ou do ambiente vicioso não constitui tarefa fácil para ninguém, pois o homem está cercado desse ambiente, porém, esta deve ser uma busca incessante e diuturna.<sup>341</sup>

Detectar esse ambiente vicioso e as posturas inadequadas tem, para Sêneca, uma função primordial: realizar uma crítica radical dos hábitos de boa parte da sociedade romana, ao mesmo tempo em que deseja instruir em direção a outro caminho. Não sem razão, o verbo *sudare* ganha em Roma, conotações interessantes e para o projeto senequiano, fundamentais,<sup>342</sup> e a palavra *sagina*, com referência a engorda de animais, atrela-se a obesidade dos homens. Há uma forte associação entre beber e suar com quem se dedica apenas a ser um escravo do corpo e mais especificamente, do estômago.<sup>343</sup> Em suma, um estreito e contínuo contato com a multidão pode levar aos vícios; a via do prazer desenfreado está localizada em alguns locais por excelência: os banquetes, os espetáculos nas arenas e as termas.<sup>344</sup>

Vimos até aqui, alguns exemplos de vícios atrelados aos prazeres do corpo, bem como ambientes que levam o homem a se declinar para tal fim. A formulação proposta ao cidadão romano, embasado em Sêneca, leva em consideração outros aspectos do mesmo tema.

---

<sup>340</sup> Ep. 56,1-2.

<sup>341</sup> Afirma o filósofo: “Os vícios atacam-nos, e rodeiam-nos de todos os lados e não permitem que nos reergamos, nem que os olhos se voltem para discernir a verdade, mantendo-os submersos, pregados às paixões. In: *Ad Paulinum de Brevitate Vitae*, I,3.

<sup>342</sup> Essa discussão está contida em tese de doutoramento de Ingebord Braren, intitulada: “**A natureza literária das epístolas morais de Sêneca**”. Universidade de São Paulo, 1989.

<sup>343</sup> Na Ep. 15 ele afirma: “beber e suar é vida de quem sofre do estômago”.

<sup>344</sup> Na Ep. 57,15-16 afirma: “Toda a gente, tende para um objetivo: a alegria, mas ignora o meio de conseguir uma alegria duradoura e profunda. Uns procuram-na nos banquetes, na libertinagem; outros, na satisfação das ambições, (...) na posse de uma amante. (...) Toda esta gente se deixa iludir pelo que não passa de falacioso e breve contentamento, tal como a embriaguez”. Na Ep. 108,16 diz: “(...) me afasto, durante toda a minha vida, dos balneários, pois considero inútil colocar o corpo para destilar e enlanguescer”.

Quando o vício não se apresenta diretamente nos locais supracitados, ele se apresenta dentro do homem. Portanto, livrar-se dos vícios exige um esforço hercúleo. Segundo Sêneca, o vício está na própria alma.<sup>345</sup> Em Carta a Lucílio ele afirma: “(...) doenças da alma são os vícios bem enraizados e violentos, tais como a avareza ou a ambição; tais vícios ocupam a alma com tanta intensidade que se transformam em enfermidades crônicas”.<sup>346</sup>

É interessante notar que, destacado mais uma vez o imbricamento entre a vida privada do cidadão e a sua relação com a sociedade, Sêneca constantemente estabelece uma via dupla, quer seja, o cidadão influenciando a sociedade em suas ações e, ao mesmo tempo, sendo influenciado por esta mesma sociedade. “Os vícios de cada um são-no também da sociedade, pois foi a sociedade que os gerou. Enganas-te se pensa que os vícios nasceram conosco: vieram por acréscimo, foram inculcados em nós”.<sup>347</sup>

Com inúmeros exemplos de posturas e ações, podemos concluir que Sêneca buscava um equilíbrio de forças, perspectiva apregoada pelos gregos. Cassirer, se referindo a Platão, salienta a tríade *Logos, Nomos, Taxis*, ou seja, a Razão, a Legalidade e a Ordem. Um imbricamento entre o mundo físico e o mundo ético. Tal tríade leva o homem a beleza, a verdade e a moralidade. Para Cassirer: “Aparece na arte, na política, na ciência e na filosofia. Se numa casa se encontra a ordem e a regularidade, será uma boa e bela casa; se aparece num corpo humano, chamamo-lo forte e saudável; se aparece na alma, damo-lhe o nome de temperança (*sophorosyne*) ou justiça”.<sup>348</sup>

---

<sup>345</sup> Ep. 17,12

<sup>346</sup> Ep. 75,11. Na mesma direção, em trecho da Ep. 92,8 lê-se: “A parte irracional da alma consta de duas partes: uma excitável, ambiciosa, impetuosa, toda entregue às paixões; outra rasteira, indolente, consagrada aos prazeres. (...) São os nossos vícios que nos conduzem ao desespero (...) A nossa alma tem capacidade bastante para se elevar até a divindade desde que os vícios a não deitem por terra”.

<sup>347</sup> Ep. 94,54.

<sup>348</sup> CASSIRER. **O mito do estado**, p. 94.

Lucius Seneca insiste em discutir essa relação, como também a relação entre cidadão e sociedade.<sup>349</sup> Uma citação longa, mas fundamental para exemplificar o funcionamento dessa relação, está contida na epístola 94 e parece deixar claro onde está o problema:

quem se vai vestir de púrpura senão para se exhibir? Quem usa baixela de ouro para comer sozinho? Quem, estendido sozinho no campo à sombra de uma árvore, faz estadão de todo o seu luxo? Ninguém se adorna para se autocontemplar, nem sequer para se apresentar diante de alguns amigos e familiares; adequa, sim, o aparato dos seus vícios às dimensões da multidão que o observa! (...) A falta de ocasião para os exhibir afastar-nos-á de desejos insensatos. Ambição, luxo, excessos, precisam de um palco: tira-lhes o público, sanarás esses vícios<sup>350</sup>

A exortação básica senequiana é: é imperioso seguir a natureza? Viver segundo a natureza (*sequi naturam*)? Aqui Sêneca dialoga inclusive com os epicuristas, - que levantam a questão de forma bastante semelhante e não sem razão, o estóico cita constantemente Epicuro, - e acaba por definir a sua própria concepção de condição humana. Viver segundo a natureza é combater os vícios, e na medida em que o homem é um ser imperfeito, este mesmo homem recebeu da natureza a aptidão para aprender, e, portanto, a busca por um aperfeiçoamento ético e moral está ao alcance de todos. Comportar-se a fim de viver em conformidade com a razão e a natureza, é para o homem, o supremo bem, pois inclusive a virtude, para Sêneca, está sempre de acordo com a natureza. Tudo que é bem, e aí estão incluídas todas as virtudes, está de acordo com a natureza, e permite ao homem a busca por uma vida feliz, que pode ser alcançado não pelo prazer, mas segundo os desígnios da natureza.<sup>351</sup>

Assim, é preciso lutar para se atingir um outro nível. Sêneca diz que a

---

<sup>349</sup> As relações humanas, para Sêneca, são causas de perigos diários, pois há o risco de encontrar homens maus que causam o mal ao semelhante. Conf. Ep. 103.

<sup>350</sup> Ep. 94, 70-72. Idéia semelhante na Ep. 123,10-11; no qual práticas viciantes afastam o homem “da pátria, dos pais, dos amigos, da prática da virtude, e se não lhes passamos ao largo, esmagam-nos de encontro a uma vida de vergonha e depravação”. Na Ep. 122,8 Sêneca afirma: “os vícios (todos) são hostis a natureza, pois evitam a ordem natural das coisas, (...) afasta-nos do caminho justo e faz com que se distancie cada vez mais dele, levando a um tipo de vida que é o contrário de tudo que seja normal”.

<sup>351</sup> Ver Ep. 41,8/ Ep. 49,11-12/ Ep. 66,38/ Ep. 94,8/ Ep. 122,9/ Ep. 124,7.

alma humana é de dupla natureza: a inferior (*affectus*) e a superior. A primeira, baixa, pois domina os instintos e a paixão; a segunda, superior, pois domina a razão (*ratio*). O objetivo maior era buscar o domínio da segunda sobre a primeira. Tal empreitada era tarefa árdua e exigia esforços hercúleos, portanto, exemplos de personagens comuns e ilustres amenizam possíveis dificuldades.

Evidenciamos mais uma vez a motivação do projeto de Sêneca, pois ele detecta um ambiente, em todas as esferas, corrompido pelos vícios. Mais uma vez, nos reportamos a Carta 95 na qual ele, ao mesmo tempo em que critica, censura a sua época, aproveitando ainda para elogiar homens que viveram em outra era. (Roma republicana?): “os homens de outrora ainda não sofriam dos males de hoje, afetados pela artificialidade, homens que tinham um cuidado e um domínio de si próprios. As atividades intelectuais estão paradas, (...) nas escolas de filósofos e retores tudo é deserto, porém, as cozinhas estão cheias e a multidão se acotovela nos festins”.<sup>352</sup>

A leitura dos textos de Sêneca nos possibilitou propor a formulação de um modelo de cidadão ideal. A configuração desse modelo perpassa posturas, atitudes, tomadas de consciência e, para tanto, Sêneca recorre a si próprio, a eventos da história, principalmente romana, e a personagens dessa história, tanto para os exemplos bons, quanto para os exemplos maus, portanto, o binômio virtudes/vícios se mostra sempre presentes nas suas reflexões. Quem deseja abandonar os vícios, segundo Sêneca, deve se afastar de exemplos que convidam aos vícios. Um contato contínuo e distraído com a multidão aumenta a possibilidade desses deslizes de um caráter em busca de aperfeiçoamento.

### **2.3 A formação do homem senequiano: a presença dos bons e dos maus exemplos**

“Se para ganhares coragem necessitas de exemplos, não custa muito arranjá-los: em qualquer época os há com abundância.” Sêneca, Cartas a Lucílio.

---

<sup>352</sup> Ep. 95, 18-30. Essa visão, segundo Sêneca, perpassa a vida pública e a vida privada. Nesta mesma carta, ele associa o número de doenças, cada vez mais crescentes, com o número de cozinheiros existentes em Roma. A glotonaria está atrelada a uma vida de vícios e doenças.

Já vimos que Sêneca propôs um modelo de príncipe perfeito, portanto, ideal para a sua época e acreditamos para épocas vindouras. Seu catálogo de virtudes morais e políticas está voltado à totalidade da sociedade; assim, estende sua pedagogia aos “homens comuns” ou “comandados” para usar uma expressão ciceroniana.

Mesmo que seus críticos o acusem de deslizes e anacronismos, escrevia prioritariamente em nome de seu objetivo maior: orientar e educar o maior número possível de pessoas. Afirma no tratado *Ad Serenum de Tranquillitate Animi*: “(...) a fim de que eu venha a me encontrar mais preparado e mais útil frente a amigos e parentes e a todos os cidadãos e, portanto, a todos os mortais: disposto, inexperiente, sigo Zenão, Cleantes, Crisipo, nenhum dos quais entrou na vida pública e nenhum, todavia, a deixou”.<sup>353</sup>

Diretamente, os endereçados são selecionados e conhecidos, pois nomeou grande parte dos destinatários de suas obras. Porém, nunca escondeu o anseio de ampliar os potenciais leitores de suas obras. Para tanto, exemplos retirados da história passada, remota e recente de Roma e quando interessa de outras regiões; personagens considerados importantes dessa história, e em alguns casos, autores e/ou atores menores “sobem ao palco” do texto senequiano.

Os *exempla* não são uma exclusividade senequiana, mas, foi um recurso da tradição retórica clássica que estava presente em diversos gêneros literários amplamente utilizados ao longo de toda a antigüidade por autores das mais variadas formações e de diferentes influências.<sup>354</sup> A intenção era demonstrar, através de exemplos, as ações, pensamentos e claro, exemplos, de homens considerados especiais ou até excepcionais. Retirava-se da história passada o cabedal necessário a demonstrar a eficácia de determinado exemplo. O referido exemplo quando considerado modelar, deveria ser amplamente apreendido pelo

---

<sup>353</sup> *Ad Serenum de Tranquillitate Animi*. I,10.

<sup>354</sup> Ver estudo introdutório de Ricardo da Cunha Lima em SENECA. *Sobre a Providência Divina/Sobre a Firmeza do Homem Sábio*. Edição Bilíngüe. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

leitor, ou melhor, por uma gama, a maior possível de leitores; porém, quando o exemplo mostrava-se “negativo” ou de conseqüências desastrosas, deveria ser apreendido para depois ser imediatamente descartado, quer seja, apresentava-se como um contra-modelo. Para Henri-Irénée Marrou “praticamente, a educação moral do jovem romano era alimentada por uma escolha de exemplos oferecidos à sua admiração; mas eram tirados da história nacional, e não da poesia heróica; o fato de muitos destes exempla serem legendários pouco importa: é como históricos que eram apresentados e revividos”.<sup>355</sup> Esses exemplos perpassavam a vida de um romano desde a mais tenra idade. Nos ensinamentos feitos nos primeiros anos de vida dentro de casa pelo pai ou por um preceptor, até a vida adulta nas escolas formais, ou mesmo nos debates filosóficos, um romano ouvia e aprendia constantemente acerca de seus antepassados. Não esqueçamos nunca a importância que o *mos maiorum* sempre teve na vida de um romano. A virtude da *pietas* pedia uma profunda reverência à família, aos antepassados e a pátria. “Roma jamais se libertará completamente do ideal coletivo que consagra o indivíduo ao Estado; jamais consentirá em renunciar a ele, nem mesmo quando a evolução dos costumes dele se distanciar; a ele se reportará sem cessar, nostálgica, esforçar-se-á periodicamente por voltar a ele”.<sup>356</sup>

Nesse sentido, podemos levantar uma série de questões pertinentes aos propósitos do presente estudo: Quem Sêneca cita ao longo de seus textos? Por que exatamente aqueles autores? Qual o critério utilizado pelo autor cordobês nos exemplos citados? Pontuar, e na medida do possível hierarquizar os referidos exemplos, podem nos fornecer elementos para entender parte da circularidade cultural daquele período, quer seja: quem era mais lido, quem são os exemplos mantidos na história presente, quem são os autores abandonados ao longo do caminho, entre outros.<sup>357</sup>

---

<sup>355</sup> MARROU. **História da educação na antiguidade**, p. 366.

<sup>356</sup> Idem, p. 357/8.

<sup>357</sup> “A sabedoria do prudente (...) apóia-se sobre o elevado sentido do justo, do bem, como da ordem. Esta sabedoria, cediçamente intuitiva, torna-se refletida, consciente e irá alimentar-se de toda a contribuição formal do pensamento grego, da robusta armadura lógica do aristotelismo, assim como da riqueza moral do Estoicismo” In: Marrou. **História da educação na antiguidade**, p. 444.

Além disso, as questões elencadas acima, nos permitem perceber até que ponto Sêneca se mostra como um autor conservador, e aqui entendemos esse conservador como alguém que referenda um período, uma determinada tradição cultural educacional; e em que medida, Sêneca se mostra um autor inovador, ou seja, “rema contra a corrente” e valoriza atores e/ou autores considerados “menores” pela mesma tradição cultural e intelectual do primeiro século da era cristã.

Ao cotejar com outros autores coevos a ele, Sêneca não se afasta dos temas considerados tradicionais em voga no primeiro século da era cristã. Um dos autores mais citados por ele é Virgílio. É importante frisar que a presença de Virgílio se faz em praticamente todas as fases de Sêneca. Nas Epístolas Morais inclusive é o autor mais citado, exatamente sessenta e sete vezes. Sabemos, Virgílio cantara em parte dos seus textos as bênçãos de uma vida simples, que não perturba as paixões, conforme lições de Epicuro. Este último, citado em mesma obra cinqüenta e nove vezes, sendo, portanto, o segundo autor que Sêneca mais faz referências nas Cartas a Lucílio. Afirma no *Ad Serenum de Tranquilitate Animi*: “Sou possuído pelo mais profundo amor à parcimônia, confesso: agrada-me uma cama preparada sem pompa, (...) uma veste doméstica e comum (...) agrada-me o alimento que os criados nem preparem nem fiquem contemplando nem tenha de ser encomendado muitos dias antes, nem servido por mãos de muitos, mas que seja facilmente encontrado e preparado”<sup>358</sup>

Os exemplos retirados da obra de Virgílio servem para Sêneca demonstrar ou reforçar algum tipo de intenção. O desprezo a bens materiais e a ânsia de acumular grandes riquezas, fazem com que o homem seja comparado a um deus, pela sua grandeza de caráter e de postura.<sup>359</sup> O uso de Virgílio também robustece, no projeto senequiano, a busca por bons exemplos para se poder enfrentar qualquer provação da fortuna inclusive a morte, com coragem.<sup>360</sup> A abundância

---

<sup>358</sup> *Ad Serenum de Tranquilitate Animi*, I, 5-6

<sup>359</sup> Conf. Ep. 18,12; Ep. 31,11; Ep. 41,2; Ep. 94,28.

<sup>360</sup> Conf. Ep. 76,33; Ep. 78,15; 104,24-30; Ep. 107,3.



de alusões ao poeta de Mântua reforça ainda aos valores da Roma Republicana, pois Sêneca retoma a vida de Catão e faz elogios a uma época mais simples e rústica, quando não havia grandes ornamentos arquitetônicos.<sup>361</sup> Assim, ao mesmo tempo em que Sêneca elogia a vida e o exemplo de outros tempos, critica seu tempo, corrompido pela busca desenfreada dos prazeres fáceis refletida inclusive no estilo e no método considerado por ele como empolado e empobrecido. Era preciso, portanto, mirar-se no estilo e exemplo de Virgílio, ainda muito lido na época de Sêneca, porém, simples e direto para com seu leitor. A filosofia era, para o pensador estóico, o refúgio para se atingir uma vida virtuosa e feliz. Ela forneceria o instrumental para transformar palavras em atos úteis a toda a sociedade. Um estilo e método empolado só levariam para “catar arcaísmos, expressões figuradas, metáforas atrevidas e figuras de estilo”.<sup>362</sup>

Quando se trata de Virgílio no texto senequianos, podemos afirmar que: No que se refere a exemplos para uma vida devotada ao espaço público, exemplos de grandes feitos, ou para avigorar o modelo de homem sábio, as referências são do texto Eneida. Não sem razão, Sêneca associa grandes homens aos heróis lendários de Tróia assim como aos fundadores de Roma.<sup>363</sup> Quando os exemplos são para defender o retorno a uma vida mais simples, frugal, de homens desapegados dos bens materiais, que buscam uma vida de retidão e virtudes, os modelos são retirados prioritariamente do texto *Geórgicas*.

Sêneca retoma autores e personagens do período republicano como forma de se contrapor as mazelas do tempo em que está vivendo; época de esbanjamento e de excessos. Para Robert, “essa moral, favorável a um certo

---

<sup>361</sup> Conf. Ep. 87,8; Ep. 90,10-37; Ep.95,68; Ep. 104,31. Sêneca compara nessas cartas, Catão aos heróis da guerra de Tróia, na qual Catão está associado a Aquiles e Pompeu e César com Príamo. Não esqueçamos a força da mitologia grega na cultura latina ao mesmo tempo em que são valores considerados eficazes nos seus objetivos de atingir um potencial leitor.

<sup>362</sup> Ver Ep. 108,34. Conforme discutimos também no terceiro capítulo, a filosofia para Sêneca deveria fornecer sempre exemplos para a vida prática e não apenas teórica, ou seja, a preparação intelectual a serviço do bem comum, como o exemplo do homem sábio que está preparado para tal tarefa. Ver ainda estudo de BRAREN, Ingeborg. “Valores estéticos. In: **A natureza literária das Epístolas Morais**. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo, 1989.

<sup>363</sup> Virgílio será um autor que modelará seu herói de acordo com os valores contidos na Odisséia e na Ilíada de Homero.

puritanismo e hostil à especulação intelectual, rejeitava o luxo e a vida fácil. Era uma moral de energia. O camponês conhecia o valor do trabalho e combatia o desperdício que, para ele, acarretaria a miséria. Era também uma moral da necessidade”.<sup>364</sup>

Ao retomar constantemente homens e valores da época republicana, assim como o fez seu sobrinho Lucano, o grande nome citado, ou um dos nomes mais lembrados é o de Catão. As inúmeras referências a esse personagem não são gratuitos, pois este inspirou gerações de romanos, e é lembrado por homens ilustres e não ilustres como exemplo a ser seguido. Afirma Catão: “mas é dos lavradores que descendem os homens mais fortes e os militares mais valentes, são eles que alcançam o ganho mais honesto e estável, e o menos sujeito à inveja, e os que se ocupam deste trabalho são os que menos têm maus pensamentos”.<sup>365</sup>

Não sem razão, e considerando Catão um autor modelar, muitos outros autores, inclusive Sêneca, valorizou e potencializou a importância do meio rural na formação ética e política do cidadão romano.<sup>366</sup> Jean-Noel Robert afirma: “Plutarco nos diz que recebera uma educação severa e tirava sua força e robustez do fato de estar acostumado desde jovem a trabalhar com seu próprio corpo e a viver na sobriedade”.<sup>367</sup>

As referências mais lembradas a Catão nas Epístolas Morais, por exemplo, demonstram a sua postura de grandiosidade perante a morte. Atrela-se sua morte a um exemplo de glória,<sup>368</sup> que ele enfrentou a morte com virtude e sem covardia<sup>369</sup>; e aqui, Sêneca usa o contra-exemplo com Brutus, que adotara uma postura vergonhosa e vil, quando recebe a notícia de sua execução,<sup>370</sup> assim como

---

<sup>364</sup> ROBERT. **Os prazeres em Roma**, p. 18.

<sup>365</sup> CATON. Prefácio. *De L'agriculture*. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

<sup>366</sup> Ver, para o exemplo de Catão, que trabalhava junto aos seus escravos o estudo de GABBA, Emilio; LAFFI, Umberto. Sociedad y política en la Roma republicana. (siglos III – I a.C.) Milano: Pacini Editores. In: **Rivista Storica Italiana**. n.93, 1981. PP. 27-44.

<sup>367</sup> ROBERT. **Os prazeres em Roma**, p. 18.

<sup>368</sup> Ver Ep. 13.

<sup>369</sup> Ver Ep. 11 e Ep. 104.

<sup>370</sup> Conf. Ep. 82,12.

a referência a um mau exemplo em P. Clódio, acusado de cometer adultério com a mulher de César, e que adotara postura covarde durante seu julgamento.<sup>371</sup>

Os inúmeros exemplos em Catão, também perpassam suas ações como homem público e envolvido com a política romana.<sup>372</sup> Para Sêneca, seu nascimento foi benéfico para a República, e exemplo de coragem, pois este enfrentou Pompeu e César ao mesmo tempo,<sup>373</sup> recebendo por isso a alcunha de “sábio”. Aqui pensamos que Sêneca explicitamente critica o ambiente de hostilidade e de guerra que se travava no final do período republicano, ao mesmo tempo em que serve como um aviso aos regimes que tendem a autocracia, experimentados durante o governo de Calígula, por exemplo.

Os exemplos de uma morte honrosa, ou poderíamos chamá-la de “bela morte” incluem além de Catão,<sup>374</sup> nomes importantes como Rútílio e Régulo.<sup>375</sup> Além destes cita Lélcio, Sócrates e Zenão, o segundo ensinaria a morrer ante a necessidade, e o último ensinaria a morrer antes da necessidade.<sup>376</sup> Sêneca associa a morte destes homens com a liberdade de outros tempos. Considerando que fez críticas pesadas aos principados de Calígula e Cláudio, e não escondeu o descontentamento com os rumos do governo neroniano, a tônica desses discursos era o caminho tomado por estes governantes em suas ações e posturas. Para o pensador estóico, fundamental era a postura tomada por um homem condenado;

---

<sup>371</sup> Conf. Ep. 97,10.

<sup>372</sup> Como exemplo disso, Sêneca fala que Catão se contentava com apenas um cavalo, e isso era considerado num “tempo glorioso”; Catão defendia que o homem só deveria ter o necessário; que ele era um exemplo de combatente na guerra. Cita ainda a cidade de Báias, como um lugar de vícios que Catão jamais moraria ou pisaria. Ver Ep. 51, Ep. 87, Ep. 94 e Ep. 104.

<sup>373</sup> Ver Ep. 14 e Ep. 95.

<sup>374</sup> No *De Providentia*, Sêneca, ao se referir a Catão professa: “A morte consagra aqueles cujo fim é louvado até pelos que o temem”. 2,12, e os grandes homens nasceram para servir de exemplo à humanidade. 6,3.

<sup>375</sup> Ver Ep. 67 e *De Providentia*. 3,4, para o qual o bom exemplo se revela na desgraça e no infortúnio, pois para Sêneca, o homem que deseja servir de exemplo, ou para alcançar uma vida virtuosa, deve se expor, testar seus limites, oferecer-se as provações que a vida lhe impõe.

<sup>376</sup> Ver Ep. 104, 21-22.

sua postura perante uma adversidade é o que determinava seu exemplo para seus contemporâneos e para a posteridade. Senão vejamos: “o que é desejável não é sofrer a tortura, mas se a sofrer que seja corajosamente: é neste “corajosamente” que consiste a virtude. Quando um homem sofre a tortura de forma corajosa, está pondo em ação todas as suas virtudes”.<sup>377</sup>

Mas é importante destacar que Sêneca, no momento em que discorre acerca dos exemplos de homens ilustres, aproveita a oportunidade de fornecer ao seu leitor, um exemplo de postura virtuosa e de coragem, de um gladiador, e como sabemos não pertencente às camadas mais elevadas da sociedade romana.<sup>378</sup>

Sêneca dialoga, ainda que por vezes indiretamente, com os grandes autores lidos na sua época. “Durante o império, introduz-se o costume de se adotarem excertos de autores recentes ou até contemporâneos: Virgílio, Horácio, Ovídio, Lucano e Estácio, entre os poetas, Cícero, Tito Lívio e Salústio, entre os prosadores, foram os que mais gozaram dessa honra”.<sup>379</sup>

A Carta 74 endereçada a Lucílio pode ser vista como uma verdadeira “ode a virtude” e nela encontramos boa parte da sistematização do modelo de homem virtuoso em Sêneca: uma virtude fortalecida é um bem moral, está em conformidade com a natureza e a razão e é o caminho para se atingir uma vida plena e feliz; além de proteger o homem dos golpes da fortuna. Portanto, não há bem superior a virtude; para ser feliz deve-se admitir que o verdadeiro bem é o bem moral; esse bem deve ser canalizado à alma; esse bem está na razão e a verdadeira felicidade não será atingida se a canalizarmos para o corpo. Alcançar

---

<sup>377</sup> Conf. Ep. 67. Os exemplos que se seguem ilustram a situação de homens ilustres frente as adversidades: a masmorra de Régulo, a ferida aberta por Catão, o desterro de Rutílio e o cálice de veneno de Sócrates.

<sup>378</sup> Trata-se da história de um lutador que fingiu dormir durante o percurso que o levava a luta. Cambaleou até que teve a oportunidade de meter a sua cabeça entre os raios de uma roda até que a mesma quebrasse seu pescoço. Diz Sêneca: “o carro que o conduzia ao suplício foi instrumento de sua liberdade. Nesta mesma carta, Sêneca fornece exemplos de outros lutadores em outras circunstâncias que agiram de modo semelhante. Ver Ep. 70. Afirma em outra carta: “a virtude é louvável tanto um corpo forte e desenvolvido quanto num corpo fraco e deficiente”. In: Ep. 66,22.

<sup>379</sup> BORNECQUE, H.; MORNET, D. **Roma e os Romanos**. São Paulo: EPU, 1976, p. 156.

esse modelo é não sentir falta de mais nada; a virtude permanecerá grandiosa mesmo sem contatos externos; assim, atinge-se uma harmonia perfeita.<sup>380</sup>

No pensamento dos estóicos, o fim supremo, o único bem do homem, não é o prazer, mas a virtude. A felicidade do homem virtuoso é a libertação de toda perturbação, a tranqüilidade da alma, a independência interior, a autarquia.

Podemos destacar também o Livro VIII do tratado *De Vita Beata*, no qual o autor o dedica quase que integralmente a discutir a virtude e sua importância para os homens: a virtude é o princípio de todo bem; a virtude preserva o homem dos desregramentos; ela prescinde do prazer; mostra-se enfim como “elevada, excelsa, régia, invicta e infatigável”.<sup>381</sup>

Influência ciceroniana? Sim, pois em passagem do *De republica* ele afirma: “afirmarei, sim, que tamanha é a necessidade de virtude que o gênero humano experimenta por natureza, tão grande o amor à defesa da saúde comum, que essa força triunfa sempre sobre o ócio e a voluptuosidade”.<sup>382</sup>

Uma vida centrada na virtude, portanto uma postura de um homem de bem, possibilita ao cidadão aproximar-se dos deuses e viver de acordo com estes. Uma vida plena de alegrias e realizações será alcançada se escolher o caminho da retidão. No tratado *De vita Beata* o filósofo estóico conclui:

A verdadeira felicidade apóia-se na virtude. E o que te aconselha a felicidade? A considerar um bem o que emana da virtude e um mal o que brota da adversidade. Além disso, aconselha-te a manter firmeza em resistir ao mal e na perseguição do bem. E o que te promete a virtude em troca de tal tarefa? Grandíssimos dons semelhantes aos dos deuses: a nada te forçarão nem sofrerás necessidades. Serás livre, seguro, a salvo de toda ameaça<sup>383</sup>

Percebe-se que a prática da virtude garante ao homem uma vida dotada de felicidade e segurança, pois a proteção dos deuses estará garantida. A estes homens, a garantia de dons semelhantes aos dos deuses romanos. A virtude é guia e fornecedora da justa medida das coisas. São inúmeras as referências do

---

<sup>380</sup> Ver diversas referências ao longo de toda a Carta 74 das Epístolas Morais.

<sup>381</sup> *De Vita Beata*, Livro VIII.

<sup>382</sup> CICERO. *De Republica*, Livro Primeiro, I.

<sup>383</sup> SÊNECA. *De vita Beata*. Livro XVI, p. 45.

autor, quando se opta pelo caminho de uma vida virtuosa e daí conseguir atingir a felicidade. Praticar a virtude é caminho para uma alegria perene e inabalável.<sup>384</sup>

Um homem virtuoso, ou que caminhe para esta, é, para Sêneca, possuidor de um “espírito superior”. Diz-nos: “(...) a um exame mais atento ver-se-á como diferimos do vulgar e quem entrar na nossa casa admirar-nos-á mais a nós do que à nossa mobília”.<sup>385</sup> Do contrário, afirma: “Dá provas, contudo, de um espírito imperfeito aquele que não sabe suportar a riqueza”.<sup>386</sup> Trecho semelhante e que corrobora a discussão acima, está presente em fragmento da carta 20 quando afirma: “(...) Viver como pobre no meio da riqueza é indício de grandeza de alma”.<sup>387</sup>

Para Sêneca, depois que as virtudes são adquiridas, estas não poderão ser extirpadas, pois estão de acordo com a natureza e são um bem. Porém, adquiri-las não constitui tarefa fácil. Como em outros aspectos, tornar-se uma pessoa virtuosa exige sacrifícios diários e os males que cercam os homens podem estar dentro de sua própria casa.<sup>388</sup>

A virtude, assim como o vício, apresenta-se de formas e em lugares variados, por isso o homem deve estar atento a estas manifestações. A carta 66, lapidar para a nossa discussão, é uma espécie de ode à virtude, assim como a carta 74. Vejamos o que nos diz Sêneca:

toda a virtude assenta na justa medida, e a justa medida baseia-se em proporções determinadas. (...) A honestidade não é passível de qualquer acréscimo. (...) todas as virtudes são tão iguais entre si como todas as realizações da virtude e todos os homens dotados dessa virtude (...) as virtudes medem-se por um único critério, e esse critério é a razão, é perfeita e livre das contingências<sup>389</sup>

Em suma, o homem dotado de virtudes é um homem de bem. Como deve ser este homem? : Ter “uma alma que contempla a verdade, que atribui valor às

---

<sup>384</sup> SENECA, Ep. 27,3.

<sup>385</sup> Ep. 5,6.

<sup>386</sup> Ep. 5,6.

<sup>387</sup> Ep. 20,10..

<sup>388</sup> Ep. 50,8-9.

<sup>389</sup> Ep. 66,11.

coisas de acordo com a natureza e não com a opinião comum”.<sup>390</sup>

O homem de bem deve preparar-se quotidianamente para as atribulações. São nos períodos de calma e tranquilidade que a alma deve se exercitar para os momentos em que a fortuna colocá-lo à prova. “Começa por fazeres ante ti próprio o papel de acusador, depois o de juiz, só depois o de advogado de defesa; e uma vez por outra aplica uma pena a ti mesmo!”<sup>391</sup>

Uma alma fortalecida pelo exercício diário, e pelos bons exemplos, em conformidade com a retidão, pode segundo Sêneca, atingir um modelo de perfeição. Afirma o filósofo: “uma alma que contempla a verdade, que atribui valor às coisas de acordo com a natureza e não com a opinião comum; (...) uma alma sã, íntegra, imperturbável, intrépida, uma alma que força alguma pode vergar, que circunstância alguma pode envaidecer ou deprimir - uma tal alma é a personificação da virtude. Este seria o aspecto da virtude se se apresentasse sob um único aspecto, se se mostrasse toda de uma só vez”.<sup>392</sup> Aqui podemos mais uma vez constatar que o homem que deseja atingir um outro nível deve se afastar do vulgo, buscar uma vida de reclusão para refletir diariamente, pois a multidão não é boa influência.

A virtude está atrelada à natureza e à razão; seguindo este preceito, o homem atinge o melhor caminho. A virtude ensina a praticar o bem, desvia dos vícios e possibilita se alcançar uma vida de paz e tranquilidade. Para tanto, é preciso se fazer preparado e estar aberto a recebê-la. Diz a Lucílio acerca desse homem: “aquele para quem todo o bem reside na própria alma, é o homem sereno, magnânimo, que pisa aos pés os interesses vulgares (...) que segue as lições da natureza (...) e vive segundo o que ela prescreve (...) a quem a força pode abalar, mas nunca desviar de sua rota”.<sup>393</sup>

---

<sup>390</sup> Ep. 66,6. Idéia semelhante aparece em outro tratado no qual afirma: “É a alma que nos torna ricos. Esta nos segue no exílio e quando encontra o quanto basta para sustentar o corpo, mesmo nas solidões mais agudas, ela goza dos bens, de que é rica; o dinheiro não importa à alma, não mais do que importa aos deuses imortais! In: *Ad Helviam de consolatine*. XI,5.

<sup>391</sup> Ep. 28,10.

<sup>392</sup> Ep. 66,6-7. Outra referência ao valor absoluto da virtude encontra-se na Ep. 71,8: “a virtude não pode ser maior ou menor, tem apenas uma grandeza absoluta”.

<sup>393</sup> Ep. 45,9.

Para Sêneca, ao que parece, quando a virtude é alcançada, o homem adquire condições plenas de questionar os maus hábitos, ou seja, os vícios e os prazeres. Para atingir uma vida virtuosa é preciso confiar à razão a gerência da vida e viver de acordo com os preceitos da natureza, pois segundo ele “a razão não exige do homem mais do que esta coisa facílma” viver segundo a sua própria natureza! “O que torna este objetivo difícil de atingir é a loucura generalizada que nos leva a empurrar-mo-nos uns aos outros na direção do vício”.<sup>394</sup> Esse viver segundo a natureza que nos fala Sêneca, passa pela idéia e pela prática de uma vida simples, pois como ele mesmo afirma “regressemos à lei da natureza, e teremos riqueza em abundância (...) a natureza contenta-se com pão e água”.<sup>395</sup>

No que é possível detectar das referências em “viver segundo a natureza” nas Epístolas Morais, há, em alguns momentos, uma recorrência da necessidade de se afastar da multidão para se atingir a perfeição.<sup>396</sup>

As reflexões do autor nos permitem concluir que na multidão, ou seja, na sociedade que ora se encontra cheia de vícios, não há bons exemplos, há uma desenfreada busca pelo luxo e, portanto, nada de positivo ali se encontra. Na medida em que, para Sêneca, a natureza determina o que é lícito e justo,<sup>397</sup> nada mais “natural” buscar nela própria o caminho mais correto. Ainda para ele, por ser lícita e justa, a natureza dotou o homem para viver em sociedade e as mãos

---

<sup>394</sup> Ep. 41,8. Diz em trecho da Ep. 50,3: “Não sou eu que sou ambicioso, o que sucede é que é impossível ter outro estilo de vida em Roma; eu não sou amante do luxo, a cidade é que me obriga a toda esta despesa”.

<sup>395</sup> Ep. 25, 4. A mesma idéia aparece em “como é insignificante o que basta para satisfazer a natureza! (...) Ela contenta-se com pouco”. Ep. 60,3. Outro trecho que vale destacar está contido na Ep. 90,16-18: Tu podes dispensar todas as técnicas: basta que sigas a natureza! (...) a cada um ensinou como suprir as carências essenciais. (...) Daquilo que é indispensável à nossa sobrevivência nada a natureza nos impôs que fosse difícil de obter ou que exigisse grandes canseiras. (...) A natureza dá-nos em abundância o que naturalmente necessitamos. A civilização de luxo é um desvio em relação à natureza.

<sup>396</sup> Essa perspectiva aparece na Ep. 16,8, “pois as exigências da natureza são mínimas em comparação a multidão”; na Ep. 48,9, “o que a natureza exige em contraposição a opinião alheia, nos torna mais felizes e tranquilos”; na Ep. 66,6 também mais atenção aos ditames da natureza do que da opinião comum.

<sup>397</sup> Ref. a Ep. 95,52.



desse homem devem estar sempre prontas a auxiliar quem necessite.<sup>398</sup> Em suma, para auxiliar a multidão, o homem que se propõe a ajudar a sociedade, deve antes buscar auxílio na natureza, pois nela está o caminho para uma vida reta.

Vimos anteriormente que os vícios encontram-se em vários lugares físicos, estão presentes na sociedade romana e também dentro dos próprios homens.<sup>399</sup> Sêneca afirma que o mal, portanto, uma vida devotada ao vício está também na ignorância do homem.<sup>400</sup> Como resolver isso? Buscando exemplos em homens devotados a uma vida em conformidade à natureza e a razão; ao mesmo tempo fugindo dos maus exemplos, e buscando aconselhamentos com pessoas mais preparadas e com uma sólida formação intelectual.

Sêneca reconhece que a conduta proposta por ele é por demais severa, praticamente impossível de se alcançar e, portanto, intimidadora aos interessados. Ele mesmo fala dessa dificuldade e se coloca como um homem ainda em formação. Porém, Sêneca aponta, a nosso ver, algumas saídas e uma delas é confiar na condução de alguém mais preparado; é inspirar-se em modelos de grandes homens e nos exemplos desses grandes homens; assim como no passado da história de Roma, recente e remota.<sup>401</sup>

Passagem interessante aparece na carta 66, quando Sêneca dá o exemplo de um amigo seu, praticamente seu discípulo, Clarano. Mora em uma choupana, tem um corpo débil, porém, mostra-se apto a atingir uma vida virtuosa. Para Sêneca: “Clarano nasceu para o exemplo, para mostrar que a alma não sofre mesmo com a deformidade do corpo, antes o corpo é que se adorna pela beleza da alma”.<sup>402</sup> Assim, ele defende que a *virtu* pode aparecer e vingar em locais

---

<sup>398</sup> Idem.

<sup>399</sup> Na Ep. 7,6 encontra-se o seguinte: “(...) nenhum de nós seria capaz de fazer frente à avalanche de vícios no meio de uma turba. Um só exemplo de luxo ou de avareza basta para provocar muito mal”,

<sup>400</sup> Ep. 31,6

<sup>401</sup> Na Ep. 11,8, Sêneca citando Epicuro aconselha o amigo a procurar um grande exemplo como modelo para a sua vida. Diz: “devemos eleger um homem de bem como modelo e tê-lo sempre diante dos olhos, de modo a vivermos como se ele nos observasse, a procedermos como se ele visse os nossos atos”.

<sup>402</sup> Ep. 66, 3-4.

aparentemente menos propícios, e que se a pessoa desejar, independente de sua condição, ela pode alcançar uma vida reta, em conformidade com a natureza e a razão.

Já constatamos anteriormente uma influência ciceroniana nos escritos de Sêneca. Quando lemos em Cícero a transcrição abaixo, isso se torna muito claro: “(...) tudo quanto a terra produz foi criado para utilidade do homem, e por sua vez os homens nasceram por causa dos homens, de maneira a poderem ajudar-se uns aos outros, o nosso dever é seguir o caminho indicado pela natureza”.<sup>403</sup>

Outro trecho ciceroniano está nas seguintes linhas: “para maiores coisas nos engendrou e formou a natureza”<sup>404</sup> ou ainda em outro trecho: “Nem os desejos naturais requerem muito, porque a própria natureza pode dispor facilmente das riquezas com que se satisfaz. Aos desejos vãos, no entanto, não se lhes pode encontrar moderação nem término”.<sup>405</sup> Não sem razão, há várias referências diretas a Cícero nas Epístolas e citamos duas passagens a título de exemplo: “(...) e que eu, seguindo o exemplo desse grande escritor que foi Cícero, me permito traduzir para a nossa língua”,<sup>406</sup> e ainda quando afirma a Lucílio: “cá estou então a escrever-te, antecipadamente, mas sem fazer o que Cícero, esse mestre da eloquência, pedia a Ático que fizesse...”<sup>407</sup>

Também uma influência virgiliana se faz sentir nos textos senequianos, no que tange às questões aqui discutidas. Uma vida despreendida de riquezas, uma vida simples era defendida por Virgílio. Este, como já dissemos, é o autor mais citado por Sêneca nas Epístolas. Citando Virgílio, ele diz: “não te esquives, meu hóspede, a desprezar a riqueza, mostra-te digno de um deus”.<sup>408</sup>

---

<sup>403</sup> CICERO. *Dos Deveres* I,7,22. Referência semelhante aparece em *De Republica* Livro Primeiro, XVII no qual ele afirma: “Feliz o homem que pode verdadeiramente gozar do bem universal, não por mandamento das leis, mas em virtude de sua sabedoria (...) pela Natureza mesma que dá a cada um o que julga que pode saber, usar e ser-lhe útil”.

<sup>404</sup> CICERO. *De Finibus Bonorum et Malorum*, Livro Primeiro, VII.

<sup>405</sup> *Idem*, Livro Primeiro, XIII.

<sup>406</sup> Ep. 107,10

<sup>407</sup> Ep. 118,1.

<sup>408</sup> Ep. 18,12; referências a essa vida sem luxo também em Ep. 90,9 e 90,37; na Ep. 95,33 condena o esforço da sociedade de seu tempo pela busca do prazer desenfreado e pelo luxo em Ep. 102,30.

A nossa opinião é a de que Sêneca cita Virgílio e Cícero, principalmente, não apenas como uma influência direta ou indireta, pois poderiam ser autores de suas intermináveis leituras. Sêneca busca legitimidade quando cita dois dos maiores autores latinos e, segundo consta, dois dos autores mais lidos do final do período republicano e do período imperial.<sup>409</sup>

Afirma o filósofo cordobês: “Feliz o homem capaz de ter por alguém tanto respeito que a simples lembrança do modelo basta para lhe dar ordem e harmonia espiritual”.<sup>410</sup> Como pode ser depreendido das palavras de Sêneca, é necessário eleger um modelo cujo caráter mereça ser imitado. Agindo dessa forma, adquire-se respeito idêntico àquele do modelo seguido. Não raro, Sêneca exemplifica, nas ações de figuras consideradas ilustres, os elementos incentivadores que irão inspirar os homens nas suas ações quotidianas.<sup>411</sup>

Essa questão nos leva a avaliar os *exempla* “bons” que Sêneca destaca ao longo de seus textos; alguns ilustres, outros não, porém, as ações destes e daqueles deveriam ser exemplo para todos; Destarte, Sêneca recomenda a Lucílio, por exemplo, mas também a seus leitores a busca pelos bons exemplos.<sup>412</sup> Essa busca auxilia no caminho a uma vida de perfeição moral, pois como ele próprio afirma, “há os que necessitam de apoio externo; são incapazes de marchar se não tiverem um guia, mas, tendo-o, avançarão animosamente”.<sup>413</sup> Em outro texto, afirma: “Deves assim considerar todos os grandes homens que há pouco mencionei (...). Deves imitar a firmeza daqueles em suportar a vencer as dores, enquanto é lícito ao homem seguir os rastros divinos”.<sup>414</sup>

---

<sup>409</sup> Diz Carlos Nogué em apresentação à edição brasileira da obra *Do Sumo Bem e do Sumo Mal*: “(...) foi Cícero - o príncipe da romana eloquência - um dos forjadores do mais alto latim itálico. Ainda com Virgílio. P. XII. Ou ainda quando afirma: “Pode-se dizer em sentido lato, que Roma teve três fundadores: Rômulo, Cícero e Virgílio. P. XI.

<sup>410</sup> Ep. 11,9. Idéia semelhante aparece no *Ad Serenum de otio*, quando indaga a Sereno: “E o que dizer de juntarmos-nos aos melhores homens e elegermos algum modelo pelo qual conduzamos nossa vida? Livro I,1.

<sup>411</sup> EHRHARDT. *Vir virtutis: a construção da imagem do príncipe perfeito nos escritos de Lucius Seneca*, p 104.

<sup>412</sup> Ep. 7,8-9;

<sup>413</sup> Ep. 52,3.

<sup>414</sup> SÊNECA. *Ad Polybium de consolatione*. XVII, 1.

Ao longo de seus textos, podemos encontrar inúmeras referências a lugares; evidenciados aqui como lugares de “morada dos vícios” e para o “cidadão comum”, deveriam ser evitados sempre. Qualquer lugar é um bom lugar para se praticar a virtude, para adquirir virtude quando diz na Carta endereçada à sua mãe: “essa humilde choupana não abriga virtudes? Então será o mais formoso de todos os templos, desde que aí se veja a justiça, a temperança, a prudência, a piedade, o bom senso em relação ao correto discernimento de todos os deveres, a ciência das coisas humanas e divinas. Nenhum lugar que contenha esta abundância de tão grandes virtudes é acanhado; nenhum exílio é penoso, se nele se pode andar com tal comitiva”.<sup>415</sup>

Sêneca cita períodos, e, assim como outros autores de sua geração, retrata valores republicanos, principalmente as virtudes forjadas e ou aplicadas naquele contexto. Não sem razão o nome de Catão, símbolo maior de uma época, constantemente é lembrado e amplamente valorizado.<sup>416</sup> Sêneca afirma em trecho do tratado *Sobre a Brevidade da Vida*: “O mais insolente dos reis da Pérsia, ao ver seus exércitos espalhados por vastos espaços de terra (...) desfez-se em lágrimas porque, dizia, em cem anos nenhum dentre tão grande número de jovens haveria de estar vivo. Mas ele próprio, que chorava, estava prestes a apressá-los para aquele destino”.<sup>417</sup>

Destacamos um longo, porém ilustrativo exemplo, de um trecho contido na carta consolatória endereçada à mãe Hélvia, no qual Sêneca critica o cozinheiro Apício, considerado por ele como um dos responsáveis pelos maus hábitos à mesa e a corrupção dos costumes. Nesse trecho ele afirma:

*Apicius*, que, na cidade, da qual certa vez os filósofos foram obrigados a partir como corruptores da juventude, ensinou a ciência da gulodice e corrompeu com o seu ensinamento a nossa geração. (...) Tendo gasto na cozinha cem milhões de sestércios, dissipado em cada uma de suas

---

<sup>415</sup> *Ad Helviam de consolatione*, IX, 3.

<sup>416</sup> Catão recusou a clemência de César, pois para aquele, este tratava seus concidadãos como súditos. Escolhe, depois de perder a batalha de Thapsos, o suicídio em Utica, e acaba entrando para a história como o “último republicano”.

<sup>417</sup> *Ad Paulinum de Brevitate Vitae*, XVII, 1.

orgias o equivalente às tantas dádivas dos príncipes e a imensa renda do Capitólio, (...) calculou que haveria de lhe sobrar dez milhões de sestércios, e como viver com somente dez milhões fosse para ele viver em extrema fome, envenenou-se. Quão grande devia ser a devassidão daquele para quem dez milhões de sestércios era miséria. (...) Estas coisas sucedem àqueles que não aplicam a riqueza segundo o bom senso, cujos limites são bem determinados, mas segundo seus costumes viciosos, cujo capricho é imenso e ilimitado. Para a cobiça nada chega; à natureza, até o pouco é bastante<sup>418</sup>

Retornemos ao nome de Catão novamente, pois Sêneca em carta a Lucílio, também utiliza frases do homem republicano que amplamente criticou os glutões e suas posturas, dizendo que estes eram homens que nunca viram o nascer nem tampouco o pôr do sol, tão ocupados estavam em encher seus estômagos.<sup>419</sup>

Nomes citados por Sêneca, e que nos interessam diretamente neste capítulo, fazem, geralmente, referências a exemplos de pessoas que superaram dores profundas e perdas irreparáveis, como aquelas presentes nas “Cartas Consolatórias” ou nomes de personagens vistos como verdadeiros depositários das virtudes romanas. Suas ações e posturas deveriam servir de modelo a todos os cidadãos romanos. Mas os nomes de pessoas menos ilustres, ou nada edificantes, como o de *Apicius*, deveriam servir de contra-modelo, ou seja, posturas que jamais deveriam ser copiadas ou imitadas por ninguém.

Há inúmeros outros nomes citados por Sêneca como um modelo a ser verificado e imediatamente descartado, pois é um mau exemplo de postura e de ação: dentre vários exemplos citados por ele, destacamos o nome de Mecenas.<sup>420</sup> Sêneca enumera seus requintes, seu exibicionismo, sua recusa em ocultar todos os seus vícios.

---

<sup>418</sup> *Ad Helviam de consolatione*, p. 275. Outra crítica ao cozinheiro Apício, juntamente com Nomentano está contido no tratado *De Vita Beata*, XI

<sup>419</sup> Conf. Ep. 122. Cícero fala da mesma coisa no seu tratado *De finibus*, II, 23.

<sup>420</sup> Citado como um mau exemplo pelo menos nove vezes só nas Epístolas Morais.

Ao mesmo tempo em que critica sua postura, ele também ataca seu estilo de escrita e de fala, aproveitando mais uma vez para, associar decadência de costumes e da moral com empobrecimento da retórica e da escrita.<sup>421</sup>

Os excessos cometidos pelos homens são, entre outros aspectos, reflexos da expansão territorial. Para Jean-Noel Robert: “Roma torna-se uma capital internacional e novos valores transformam a sociedade. É o preço da vitória. A civilização rústica com base no trabalho e na austeridade é sucedida por uma civilização urbana que oferecerá as tentações do prazer aos cidadãos”.<sup>422</sup>

Sêneca menosprezou, ou valorizou pouco, as conseqüências dessa expansão. O aumento da população urbana, e o contato com outras culturas, aguçaram a sensibilidade dos romanos para provar outras comidas, outros temperos. Poder, prestígio e reconhecimento social também eram adquiridos por aqueles que ofereciam jantares e festins com pratos mais refinados e os mais exóticos possíveis.<sup>423</sup>

O pensador cordobês cita pessoas consideradas menos importantes, assim como pessoas consideradas ilustres e ou modelares em sua época. Para Sêneca, os bons exemplos seriam espelhos a todas as pessoas. Ele visualiza a necessidade da ação para melhorar o estado atual da sociedade romana. Diz no tratado *De Otio*: “(...) Costumamos dizer que o maior bem é viver segundo a natureza: a natureza nos gerou a um e outro, tanto para a contemplação das coisas como para a ação”.<sup>424</sup>

Sêneca, assim como outros autores, pronuncia-se com uma intenção normatizadora, pois a partir de seus escritos, almejam corrigir as imperfeições e

---

<sup>421</sup> Ver Ep. 114. Ep. 19 Mecenas é considerado um homem sem vigor, que usou seu talento em maus exemplos; Na Ep. 92 temos um exemplo de como ele sucumbiu às riquezas fáceis; Ep. 101 um Mecenas destituído de dignidade e tomado de degradação física; na Ep. 120 uma referência pelo seu amor ao luxo a ponto dele ser considerado por Sêneca um adjetivo que desqualifica. A generalização se dá quando Sêneca, ao se referir ao gosto de uma época, afirma: “os banquetes de Apícios, os luxos de Mecenas”.

<sup>422</sup> ROBERT. **Os prazeres em Roma**, p. 25.

<sup>423</sup> Ver texto de POBLETE, Marcela Cubillos. In: FRIGHETTO, Renan, GUIMARÃES, Marcella. (orgs.) *I Seminário Argentina, Brasil e Chile de História Antiga e Medieval*. “Instituições, Poderes e Jurisdições”. Curitiba: Editora Juruá, 2007.

<sup>424</sup> *Ad Serenum de Otio*. IV,2.

deturpações de toda uma época, principalmente abusos e excessos cometidos por vários extratos da sociedade romana.<sup>425</sup>

Dentro de um processo bastante eclético, de influências de autores gregos e romanos coevos a sua época, Lucius Seneca distante de propor uma “teoria ética”, almejou forjar um “tipo ideal de caráter”, posturas e atitudes para o cidadão. Sêneca detecta um ambiente carregado de vícios e posturas viciantes que cercavam os cidadãos por todos os lados. Insistimos na estreita ligação entre sociedade e vida privada; e, Sêneca constata tal relação quando afirma: “é que hoje a loucura não se limita à vida privada, invade igualmente a vida pública. (...) A ganância e a crueldade não conhecem limites”.<sup>426</sup>

Vimos anteriormente que os vícios se fixam no homem de tal forma que atingem até a alma. Assim, Sêneca propõe exercícios contínuos para que a alma atinja a perfeição. Exercícios mais rápidos para o corpo e mais demorados e duradouros para a alma.<sup>427</sup>

Para Sêneca: “[defini-se] o homem feliz como aquele cultivador da honestidade e satisfeito em ser virtuoso”,<sup>428</sup> ou ainda em se tratando da busca por uma vida de felicidade plena, diz que “feliz o homem dotado de reto juízo (...) feliz quem confia à razão a gerência de toda a sua vida, pois esta apoia-se, estável e imutavelmente, sobre a retidão e a certeza do juízo”.<sup>429</sup>

Assim, é plenamente possível caracterizar um modelo de cidadão ideal; pois os elementos para esta construção perpassam grande parte da monumental obra senequiana. Pergunta-se então: Por que essa preocupação? Os excessos cometidos pelos imperadores, sucessores de Augusto, são latentes. A relação destes para com o Senado, como vimos, nem sempre era harmonioso. Sêneca

---

<sup>425</sup> O século primeiro da era cristã assiste ao aparecimento de grandes fortunas de provincianos e de alguns protegidos da dinastia Júlio-Claudiana como Mecenas, Agripa, Narciso e Palas. Um dos exemplos mais significativos disso está no retrato pintado por Petrônio da vida de Trimalcião.

<sup>426</sup> Ep. 95,30.

<sup>427</sup> Ep. 15,5.

<sup>428</sup> *De Vita Beata*, Livro IV.

<sup>429</sup> *Idem*, Livro IV.

pensa ser um ponto nevrálgico a boa relação entre o príncipe e os seus comandados, portanto, empenha-se na tarefa de educar todas essas pessoas. Sêneca detecta uma crise aguda em sua época e essa crise de valores e de consciência é o que move seu projeto pedagógico-político que pretende atingir prioritariamente o príncipe, seus pares da aristocracia senatorial, pois formadores de opinião, e na medida do possível, potenciais “leitores comuns” de suas obras.

Função normativa? Sim, mas também acreditamos que ele considere muito, a força que possuía os cidadãos na condução da administração imperial; ou seja, a força do espaço público; do contrário, não dedicaria tanto esforço e tantas páginas a dissertar sobre a melhor conduta para o cidadão; de suas posturas em casa e no espaço público, na valorização radical de uma vida devotada às virtudes e da também radical proposta de condenação dos vícios.<sup>430</sup>

A defesa, ao mesmo tempo, emblemática e radical das virtudes, inclusive republicanas, permite-nos concluir o desejo de Sêneca em homogeneizar a sociedade romana. Uma conduta pessoal, ancorada na *virtu*, considerada por ele como ideal, permitiria a criação de uma unidade que facilitaria inclusive a administração imperial por parte do mandatário. Sêneca desejava padronizar um comportamento, definir posturas ideais, construindo um mostruário de verdades com dimensões universais, válidos e aceitos por todo o Império Romano.

Em carta dirigida a Lucílio, Sêneca escreve de uma vila que pertencia a Cipião, o Africano, e aproveita o local para uma defesa da postura deste homem que para ele, era exemplar:

Como não hei-de admirar uma grandeza de alma tal que levou Cipião ao exílio voluntário para aliviar a cidade da sua influência? A situação chegara a um ponto em que ou a liberdade pública seria nociva a Cipião ou Cipião seria nocivo à liberdade. Qualquer das hipóteses seria indesejável e assim Cipião cedeu o lugar às leis, e retirou-se para Literno, beneficiando a República com o seu exílio.<sup>431</sup>

Ao findar este capítulo, é possível afirmar que Sêneca defendeu um cidadão com um perfil republicano. Este modelo de cidadão é forjado para

---

<sup>430</sup> Como o bem absoluto e único é a virtude, assim o mal único e absoluto é o vício.

<sup>431</sup> Ep. 86,3.



desenvolver suas tarefas no principado, porém, também busca inspirações e modelos na República romana.

Assim, um dos grandes projetos pedagógicos, senão o maior do filósofo foi demonstrar o caminho para a busca de uma vida virtuosa, em conformidade com a razão, devotada ao bem. Ao longo de seus escritos, Sêneca louvará a *virtu*, e, nesse sentido, tornou-se possível construir um modelo de cidadão virtuoso, quer seja: quais as atitudes a serem tomadas e as posturas a serem buscadas pelo homem na conquista de uma vida plena e feliz. Atingindo-se esse modelo, o homem pode transmiti-lo aos outros, à sua família, bem como para toda a sociedade romana. Diz-nos em trecho de uma de suas epístolas: “usa da clemência para com o teu escravo, de amabilidade, admitindo-o até em suas conversas, nas tuas refeições, pois quem é respeitado também é amado”.<sup>432</sup>

Sêneca insistiu na necessidade de se detectar os vícios e as posturas viciantes presentes na sociedade romana, assim como os lugares em que esses vícios estão mais presentes. Mas, ao mesmo tempo em que fala destes vícios e destas posturas, Sêneca fala de pessoas que agem impulsionados por esse ambiente e por esta escolha. Os exemplos amplamente citados existem para aprender e em seguida descartar, porém, estão ali como contra-modelos que reforçam os bons exemplos. Desta maneira, quando o pensador cordobês traz ao seu leitor esses exemplos, muitos deles conhecidos do público, ele se reporta a pessoas que viveram em sua época ou em outras épocas. Estes exemplos são, em sua maioria, retirados da história, portanto, é uma história que tem a função de ensinar, assim ela é também *magistra vitae*.

---

<sup>432</sup> Conf. Ep. 47.

### 3. O HOMO ILLUSTRIS

“Ser sábio é atingir a perfeição espiritual” Sêneca  
Ep. 17.

Quando nos debruçamos sobre a literatura política e moral da sociedade greco-latina, é imperioso constatar a relação existente, em quase todas as épocas da Antiguidade, entre o governo e os pensadores, e mais especificamente ao que nos interessa, entre o governo imperial romano e os filósofos e/ou moralistas. Para exemplificar essas relações em diferentes épocas e lugares, há farta literatura que demonstra esse estreito diálogo entre saber e poder.<sup>433</sup>

A simbologia da deificação do soberano que discutimos no primeiro capítulo, e que apresenta Júlio César e Otávio Augusto como precursores romanos de uma adoração, apresenta na filosofia uma compreensão que reforça a relação supracitada. O príncipe deveria governar em harmonia com a razão de mundo dos deuses, um príncipe que “conquistou o mundo para si” e deve ser visto como *divus*. O próprio Sêneca aponta no *De Clementia* Augusto como um deus, um bom príncipe e um bom pai.<sup>434</sup>

A enorme importância dada por Sêneca do papel do filósofo na vida política da cidade pode ser observada em trecho do tratado *De Ira*, no segundo livro, no qual diz que “para isso é importante eleger preceptores e pedagogos de caráter. Todo bom ensinamento se adere de imediato e cresce se conformando com ele: o jovem reproduz muito rapidamente os costumes dos pedagogos”.<sup>435</sup>

---

<sup>433</sup> Procuramos evidenciar a relação entre Sêneca e Nero em nossa já citada dissertação de Mestrado. Destacamos ainda o estudo de LA VEGA, María José Hidalgo de, sobre a relação entre o imperador Trajano e Plínio, o jovem, intitulado: **El intelectual, la realeza y el poder político en el Imperio Romano**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, s/d, e a obra de TEJA, Ramón. Emperadores. In: **Emperadores, obispos, monjes y mujeres**. Protagonistas del cristianismo antiguo. Madrid: Editorial Trotta, 1999.

<sup>434</sup> Ver por exemplo *De Clementia*, VII (I,9),1.

<sup>435</sup> SENECA, *De Ira*, p. 434.

Para Sêneca o filósofo deve ser um guia, deve se mostrar presente, inclusive fisicamente para orientar o melhor caminho, se portar como um guia no ócio literário, naquilo que os romanos chamam de *otium cum dignitate*.<sup>436</sup>

Mesmo que Sêneca não seja apenas filósofo, ou um filósofo em tempo integral, a esta área do conhecimento ele dedicou infindáveis páginas de seus escritos, e poderíamos dizer, fez opções de vida e sua opção de morte a partir de valores retirados da filosofia, principalmente dos ensinamentos da filosofia estóica.<sup>437</sup> A importância da filosofia e do filósofo é tamanha que possibilitam estabelecer sólidas relações de amizade para com os seus pares, pois permitem ao iniciado avaliar de forma mais segura os avanços e retrocessos na busca por uma vida mais virtuosa.<sup>438</sup> Sêneca vê sua filosofia desdobrar-se em sólidas relações com seu irmão Novato e os amigos Lucílio e Sereno.

Quem é, para Sêneca, o homem mais preparado para orientar, educar, enfim, assumir o papel de pedagogo de todos os habitantes do império romano e quiçá de toda a humanidade? Um homem sábio,<sup>439</sup> ou melhor, o homem considerado como um verdadeiro sábio.<sup>440</sup>

Ter sabedoria, portanto, ser sábio é símbolo de perfeição. Na proposta demonstrada por Rachel Gazolla ao evidenciar o papel do sábio na Antiguidade, podemos colocar da seguinte forma: o sábio é virtuoso, é possuidor da *epistème*,

---

<sup>436</sup> Conforme Eps. 6 e 7.

<sup>437</sup> A confiança diária na filosofia Sêneca encontrou em Sextio; o ideal de perfeição filosófica para toda a vida ele encontrou em Átalo.

<sup>438</sup> Aqui se atrela a filosofia, o filósofo a *amicitia* e a relação que se estabelece entre eles. No segundo capítulo evidenciamos a importância da *amicitia* no pensamento senequiano.

<sup>439</sup> Há um tratado de Sêneca intitulado *De constantia sapientis*, no qual ele discorre acerca do homem sábio, suas atribuições, seu papel na sociedade e sua contribuição para a humanidade. Ali, vemos desfilar, eleitos por Sêneca, inúmeros exemplos e contra-exemplos que tem, entre outros aspectos, uma função pedagógica.

<sup>440</sup> Na Ep. 75 há uma informação importante, uma nota explicativa que diz: “Para o estoicismo antigo, os homens dividem-se em dois grupos exclusivos: os sábios (*sapientes*) e os não sábios, insanos, insensatos (*stulti*) A idéia de um estado intermédio no qual se inserissem os *proficientes*, isto é, aqueles que iniciaram o estudo da filosofia e que, em maior ou menor grau, se vão aproximando da sabedoria plena sem, no entanto, a terem ainda alcançado, parece ter-se originado durante o chamado estoicismo médio, nomeadamente com Panécio.

sabe fazer as suas escolhas,<sup>441</sup> e realiza ações corretas, aquilo que os gregos chamam de *kathortómata*; por outro lado, o insensato é vil, ignorante, não sabe fazer suas escolhas e vive sob o controle das paixões, deixando-se dominar por elas.<sup>442</sup>

O filósofo almeja propor construir possibilidades para a vida política e moral da sociedade. Para Gazolla: “Na verdade, o filósofo não é o sábio, mas é o que pode falar sobre a sabedoria. Perfila-se como agente teórico por excelência, capaz de propor e levar a cabo uma nova *Paidéia*”.<sup>443</sup> Consideramos que o filósofo pode sim ser considerado também como um homem sábio capaz de propor e levar a cabo mudanças no modo de ser e de pensar de uma sociedade. O filósofo como um guia espiritual e um professor, não apenas para seu círculo de amigos e pares, mas para fazer o possível e o impossível no intuito de curar todos os males da sociedade em que vive, foi tomado de Átalo, um dos principais orientadores do pensamento senequiano e uma das suas maiores influências.

Sêneca se coloca como um filósofo que escreve acerca do homem sábio, das características desse homem, da sua função, social e educacional, da importância e do papel da filosofia na sociedade de seu tempo, e, por isso, podemos afirmar que Sêneca propõe uma nova *Paidéia*, um novo modelo de educação para a sociedade romana. Discutir esse aspecto da obra senequiana neste espaço nos parece o mais adequado na medida em que “ser sábio” é ser possuidor de cultura, cultura letrada, de *humanitas*. É, além disso, ter o cabedal de formação necessário para assumir esse papel. Uma formação sólida passa seguramente, entre outros campos, pela cultura filosófica.

Percebe-se na leitura dos textos senequianos, a presença da filosofia estoica, e sua intenção em ampliar seu uso a um público, o mais amplo possível. Ele utiliza seus textos, inclusive as tragédias, como um veículo propagador do estoicismo na Roma imperial. Um desses elementos de propaganda filosófica

---

<sup>441</sup> A sabedoria ou *Phronesis* grega é o conhecimento das coisas que o homem deveria possuir para saber o que seguir e o que evitar.

<sup>442</sup> Ver GAZOLLA, Raquel. **O ofício do filósofo estoico**: o duplo registro da *Stoa*. São Paulo: edições Loyola, 1999.

<sup>443</sup> Idem, p. 95.

encontra-se na discussão em torno do homem sábio. <sup>444</sup> Para ele, o sábio estóico tem plenas condições de dominar o sofrimento, pois se contenta consigo próprio, tem domínio sobre si próprio e é um “especialista em fazer amizades”.<sup>445</sup> Visualizamos aqui, novamente, pois já o discutimos em capítulo anterior, o papel da *amicitia*, que parece perpassar todos os domínios do homem.

Para Sêneca, o sábio estóico basta-se a si mesmo, pois vive uma vida feliz, afastado dos bens materiais e indiferentes aos golpes da Fortuna. Não necessita de quase nada e está satisfeito com o que tem, porque para ele, grande parte da infelicidade do homem está na frustração de não conseguir aquilo que almeja, pois se buscam coisas em demasia. Sêneca afirma que: “o sábio, esse superior artista da filosofia, saberá rejeitar ou escolher o que for oportuno, mas sem sentir temor do que rejeita, nem admiração pelo que escolhe, para tanto basta uma alma nobre e firme”. <sup>446</sup>

Para Sêneca, o sábio ao bastar-se a si mesmo, prova que os fatores externos não devem abater uma alma forte e preparada para enfrentar os percalços do cotidiano. Se lembrarmos do seu exílio na Córsega, em que para ele, apesar das péssimas condições em que vivia, o mais importante era manter-se firme no propósito de ser um estóico, virtuoso, desapegado de luxos e riquezas materiais. O exílio era, para Sêneca, uma provisória mudança de endereço, mas para quem o mundo inteiro como pátria, qualquer lugar serve como moradia. Uma vida ligada à natureza em busca apenas das necessidades mais elementares. As cartas consolatórias, principalmente àquelas enviadas à mãe e ao amigo Políbio, comprovam seu esforço para defender tal postura. O verdadeiro sábio não se abala com as vicissitudes do ambiente externo; o mais importante é aquilo que o homem carrega dentro de si: a virtude. Assim, seus oito anos de exílio

---

<sup>444</sup> Para o estoicismo antigo, os homens dividem-se em dois grupos: os sábios e os ‘não sábios, insanos, insensatos’. Qualquer homem era rigorosamente incluído numa ou noutra dessas categorias, sem haver um grau intermediário. Um grau intermediário, para aqueles que iniciaram o estudo da filosofia e que, vão se aproximando da sabedoria plena sem a terem ainda alcançado, teria sua origem no chamado estoicismo médio com Panécio. Para os não sábios, os filósofos desenvolveram todo um conjunto de preceitos para utilizar na vida prática.

<sup>445</sup> SENECA, Ep. 9.

<sup>446</sup> SENECA, Ep. 31,6.

demonstraram que ele saiu vitorioso de tamanha empreitada, e ele se sente com autoridade para também servir de modelo de sábio e de homem virtuoso.

O fundamento da sabedoria está em não tirar satisfação de coisas vãs.<sup>447</sup> Para Sêneca, o verdadeiro sábio vive em plenitude absoluta, pois sabe fazer escolhas, sabe viver plenamente na alegria verdadeira, pela simples razão de saber como viver. “O sábio se mantém vertical seja qual for o peso sobre os seus ombros. Conhece as próprias forças, sabe que não vergará sobre o peso. (...) o espírito do homem pode resvalar na incerteza, mas desde o momento em que atinge a perfeição adquire para sempre a estabilidade total”.<sup>448</sup>

No *De Finibus Bonorum et Malorum*, Cícero já prenunciava as características do homem sábio: “pois só o sábio que expulsa e elimina todo e qualquer erro e vaidade pode viver feliz dentro dos limites da sua natureza, sem dor nem temor”.<sup>449</sup> Segundo Sêneca são esses homens sábios aqueles que alcançam resultados mais eficazes em suas ações, pois, “o sábio jamais se compadecerá, mas socorrerá e será útil. Nasceu para a assistência comum e para o bem público, do qual dará a cada um a sua parte”.<sup>450</sup> Um homem preparado para a vida em sociedade, que vive segundo a natureza, portanto sábio, estará sempre preocupado com o bem comum, seja na vida pública seja na vida privada. Na Carta 59 enfatiza que “o sábio autêntico vive em plena alegria, contente, tranqüilo, imperturbável; vive em pé de igualdade com os deuses”.<sup>451</sup>

O papel do homem sábio, ou a existência deste homem sábio na sociedade é muito anterior ao aparecimento de Roma como referência ao mundo clássico. Uma das escolas que discutiram tal questão e que mais influenciaram o mundo romano foi o epicurismo. Para os epicuristas, a vida política é considerado como anti-natural, portanto, está carregada de dores e perturbações constantes, e por

---

<sup>447</sup> SENECA, Ep. 23,2

<sup>448</sup> SENECA, Ep. 71,26.

<sup>449</sup> CICERO. *De Finibus Bonorum et Malorum*, Livro Segundo, XIII, ou ainda em Livro Terceiro VIII: “(...) com respeito porém ao sábio, o que é sabiamente feito é perfeito desde o início, porque tudo o que parte dele deve ser imediatamente perfeito em todos os pontos, uma vez que é nisto que reside o bem supremo que se busca”.

<sup>450</sup> SENECA, *De Clementia*, IV, (II,6) 3.

<sup>451</sup> SENECA, Ep. 59,14.

isso compromete a felicidade do homem. A verdadeira felicidade para estes, estava na ausência de dor no corpo (a *aponia*), e a não perturbação da alma (a *ataraxia*). Assim, o ideal do homem sábio estaria em conseguir alcançar esse nível de entendimento da relação do homem com o mundo que o cerca. Epicuro irá fornecer o “quádruplo remédio” para o homem sábio, aquele que pode ser considerado como um “senhor de si”. Em primeiro lugar, os temores em relação aos deuses e o além são vãos e não devem grande importância na vida do homem; em segundo lugar Epicuro considerada um absurdo o pavor que o homem tem diante da morte, pois ela não é nada; em terceiro, o prazer está ao alcance de todos os homens, desde que este seja entendido corretamente; e, por último, o mal é facilmente suportável, pois dura pouco.<sup>452</sup>

Por vezes não parece muito claro a função ou o papel exato desse sábio na sociedade. Sêneca retoma essas questões em seus escritos, reforçando e referendando a indiferença do sábio perante a dor, porém, ele parece ir além dessa constatação. Pensamos que ele defende o sábio como orientador ou diretor de consciência de todos os habitantes do império, tanto os concidadãos quanto os mandatários. Ele se coloca como filósofo, bem preparado para essa tarefa, portanto um homem sábio, apto a sua função. O príncipe, por exemplo, a partir do momento em que é educado e guiado por um homem sábio, e como corolário suas atitudes de bom governante, também pode ser incluído no “rol dos homens sábios”.

Ser sábio é corolário do homem de bem e ser homem de bem é possuir sabedoria. Diz-nos Sêneca:

É um bem aquilo que só um indivíduo bom pode possuir; a qualidade de “ser sábio” só um indivíduo bom a pode possuir, logo, é um bem. A sabedoria consiste num espírito perfeito; é, numa palavra a arte da vida. Em que consiste o “ser sábio”? (...) o estado em que se encontra aquele que possui um espírito perfeito. O “ser sábio”, consiste na aplicação prática da sabedoria (...) devemos, pois, tentar “ser sábios”,

---

<sup>452</sup> Segundo os epicuristas, através da inteligência, a realidade é passível de ser conhecida; portanto nas dimensões do real há espaço para a felicidade do homem, e para se atingir essa felicidade, o homem só precisa de si mesmo, portanto ele é um ser “autárquico”. Ver DUVERNOY, Jean-François. **O epicurismo e sua tradição antiga**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

e, se o devemos tentar, é porque é um bem<sup>453</sup>

Percebe-se que o filósofo estabelece uma espécie de ciclo, pois atrela o ser sábio na busca por uma vida virtuosa, reta, deve viver segundo a natureza, porque este sábio deverá saber discernir o certo do errado. Assim atinge-se uma vida devotada aos preceitos da filosofia do estoicismo. Diz-nos o filósofo citando Posidônio: “um único dia da vida de um sábio é mais rico que a existência interminável de um ignorante”.<sup>454</sup>

A árdua luta deste homem para atingir a perfeição possui objetivos: ser modelo a toda sociedade, ajudar na tarefa de ser útil ao bem público. Para ele:

(...) mesmo que algumas dificuldades o aflijam, nem assim o sábio é impedido de ser útil aos outros. (...) A sua obra dilata-se ao longo de toda a sua vida, por isso nenhuma circunstância, nenhuma situação impede a ação do sábio de manifestar-se, guiar ao bem, vencer o mal. O sábio é um artista a domar os males: a dor, a miséria, a degradação social, a prisão, o exílio – objeto do terror geral!, tornam-se mansos quando se chegam junto dele<sup>455</sup>

O trecho acima nos permite ainda perceber, na constante recorrência ao tema, a função social do sábio almejado por Sêneca. Assim, no modelo de homem que é possível construir a partir de suas reflexões, o papel social reservado ao homem sábio é de grande importância<sup>456</sup>. Diz Sêneca: “(...) o sábio, embora levando uma vida retirada, nem por isso passa a situar-se à margem do Estado; (...) fica certo de que nunca a ação do sábio é mais considerável do que quando à sua contemplação se oferece tanto o divino como o humano”.<sup>457</sup>

Quando tem oportunidade, Sêneca atrela o exemplo do homem sábio, com as críticas que realiza acerca da degeneração de sua época, pois para ele, o sábio

---

<sup>453</sup> Ep. 117.

<sup>454</sup> Ep. 77.

<sup>455</sup> Ep. 85.

<sup>456</sup> Escreve Sêneca: “nós definimos o sábio como um homem dotado de todos os bens no mais alto grau possível. O sábio necessita igualmente de manter as suas virtudes em atividade e, por isso mesmo, não só se estimula a si próprio como se sente estimulado por outro sábio”. Carta 109.

<sup>457</sup> Ep. 68,2. Para Sêneca, em outro trecho da mesma carta: “quando nós atribuímos ao sábio o único Estado digno dele - ou seja, o Universo!”.



não necessita de instrumentos sofisticados para interferir na sua realidade, e esse mesmo homem se contenta com uma vida simples, portanto, em nada colabora com a procura de uma vida de vícios que ele assiste a sociedade romana desejar.<sup>458</sup> Neste mesmo exemplo, aparece ainda a defesa de um outro tempo, intitula-a de “idade do ouro” e utiliza Posidônio, um de seus mestres, para corroborar a idéia que o governo do mundo já esteve nas mãos dos sábios.

O modelo de homem sábio para Sêneca tem discernimento de onde deve viver, ou seja, passa pela perspectiva de escolher lugares próximos das virtudes e longe dos ambientes viciosos; sabe escolher as suas companhias, quer seja, evidencia o crucial papel da amizade no convívio tanto público quanto privado; o homem sábio, para Sêneca, sabe como agir e que ações empreender, assim, é um homem para a reflexão, porque suas teorias poderão ser úteis à sociedade, bem como para a ação, pois estará preparado para ser útil a toda a humanidade, independentemente da escolha que fizer.<sup>459</sup> Para ele: “o sábio autêntico vive em plena alegria, contente, tranqüilo, imperturbável; vive em pé de igualdade com os deuses”.<sup>460</sup>

Para Sêneca o sábio tem funções primordiais na sociedade em que ele possa intervir, ou a partir de seu exemplo e sua escrita, legar ao futuro, quando as condições do seu presente não permitirem, ensinamentos para a humanidade. É o sábio que ensina a verdade da natureza, as regras para uma convivência harmoniosa em sociedade, ensina a conhecer os deuses, impede ao homem de acreditar em falsas opiniões, demonstra que a felicidade está em uma vida devotada a virtude e o homem mais poderoso é aquele que tem um absoluto controle sobre si.<sup>461</sup>

---

<sup>458</sup> Ver Ep. 90,6. O exemplo de uma idade de ouro aparece quando Posidônio cita os druidas, que segundo ele, proporcionavam liderança, lições de moral e justiça para a sociedade celta. Catão já incentivava os romanos a estudarem a cultura do povo celta. Para tanto ver MOMIGLIANO, Arnaldo. **Os limites da helenização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990.

<sup>459</sup> Conforme postura do homem sábio defendida por Sêneca na Epístola 70.

<sup>460</sup> SENECA. Ep. 59,14.

<sup>461</sup> Ver Ep. 75; Ep. 83; Ep. 90

Para se atingir a condição de sábio, citado acima, é preciso que haja um esforço contínuo um empenho constante e árduo, exercícios de reflexão e ação diários, que Sêneca propaga em seus textos, através de exemplos seus, modestamente se colocando com um ser em constante aprendizado, e de outros autores que ele elege. No tratado *De Vita Beata* o autor afirma: “a mim me basta cada dia tolher um dos meus defeitos e corrigir os meus erros. (...) O que digo não é defesa própria (sou um efetivo mostruário de defeitos), mas para defender aqueles que conseguiram certo progresso”.<sup>462</sup> Essa suposta modéstia, diríamos, falsa modéstia também tem um propósito. Demonstrar que qualquer pessoa tem condição de atingir um nível de retidão moral digno de respeito aos pares e a toda a sociedade.

Assim como em outros aspectos da filosofia senequiana, tal como a busca de uma vida virtuosa, o educar-se a si próprio, entre outros, a busca por uma vida de sabedoria não se faz sem esforços e sacrifícios. Os maus exemplos estão por toda parte, a inclinação dos homens aos vícios é uma constante, por isso, atingir uma vida de homem sábio é tarefa árdua. Afirma ele: “a sabedoria só se obtém pelo esforço. (...) Ninguém atingiu a sabedoria sem primeiro passar pela insensatez”.<sup>463</sup>

Tornar-se um exemplo para discípulos, cidadãos e para épocas vindouras conforme citado acima, são recompensas reservadas para os homens esforçados em busca de uma vida com sabedoria. “Conselho de sábio: é mais importante a pessoa do beneficiário do que o montante do benefício”.<sup>464</sup> Ao mesmo tempo em que deves ajudar o bem comum, ressalta Sêneca a Lucílio, é preciso escolher exemplos adequados para seguir na busca de uma vida sábia: “(...) escolhe para teu mestre alguém que te mereça admiração pelas ações e não pelas palavras”.<sup>465</sup>

Disse Cícero no final da República:

E, assim como as leis antepõem a saúde de todos à de cada um, assim

---

<sup>462</sup> SÊNECA, Lucius. *A Vida Feliz*. Campinas: Pontes, 1991, p. 47.

<sup>463</sup> Ep. 50,7. Em trecho da Epístola 94 o filósofo afirma: “Nisto consiste a sabedoria: em regressar à natureza, em retornar ao ponto donde nos afastou o erro do vulgo”.

<sup>464</sup> Ep. 19,12.

<sup>465</sup> EP. 52,8.

o varão bom, sábio e obediente às leis, e não-ignorante do dever civil, atenta mais à utilidade de todos que à de uma só ou à sua própria. E não é mais vituperável o traidor da pátria que o que troca o interesse comum pelo interesse próprio. Donde se infere que é digno de louvor aquele que se lança à morte pela República, dando-nos testemunho de que devemos amar mais a pátria que a nós mesmos<sup>466</sup>

É sábio o homem educado para a lide da *res publica*, devotado ao bem comum, respeitador do *mos maiorum*, defensor e propagador da *fides* e da *pietas*, como o fez Cícero, como o fará Sêneca quase um século depois, defendendo a *humanitas* dos romanos. Ser sábio ou atingir o status de sábio, para Sêneca, é poder servir de exemplo aos seus contemporâneos e a posteridade. Quem atinge a sabedoria plena, ou seja, recebe a alcunha de “homem sábio” pode garantir seu nome na história.

Podemos visualizar assim, uma espécie de “ciclo senequiano”, pois um sábio auxilia outro sábio, um aprende com as ações e exemplos do outro. Aprende-se e ensina-se ao mesmo tempo. Para ele: “Encontrar outro sábio é, por isso mesmo, um objetivo digno de um sábio (...) assim, cada sábio dá a todo homem de bem o mesmo valor que dá a si próprio. O sábio procurará um homem já perfeito ou pelo menos que caminhe na via da perfeição”,<sup>467</sup> ou ainda quando afirma: “(...) assim, ambos percorrerão a mesma sublima órbita a par um do outro”.<sup>468</sup>

Sêneca sempre se mostrou muito rigoroso acerca da diferenciação entre *sapientes* e *stulti*, dando pouco espaço a um nível intermediário, apesar de incentivar os estudos filosóficos. Por tal razão, sua proposta poderia não agradar muito um potencial leitor e futuro discípulo da sua doutrina. Para tanto, e no intuito de abarcar maior número possível de adeptos as suas idéias, recorreu constantemente aos *exempla* para demonstrar a possibilidade de mudanças no estilo de vida e de concepções.

---

<sup>466</sup> CICERO. *De Finibus Bonorum et Malorum*, Livro Terceiro, XIX.

<sup>467</sup> SENECA. Ep. 109,13.

<sup>468</sup> SENECA. Ep. 109,16.

### 3.1 O papel do filósofo estoíco e a influência do estoicismo na formação educacional e filosófica

Acima de tudo, porém, refugia-te na filosofia.  
(Sêneca. Epístola 103,4).

A filosofia exige frugalidade, não suplícios.  
(Sêneca. Epístola 5,5).

O contexto histórico que assiste ao florescimento do estoicismo é o terceiro século antes de Cristo.<sup>469</sup> Neste, assistimos a mudanças profundas no mundo helenístico, pois é o tempo conturbado da queda das *poleis* gregas, das emigrações, de constantes desarraigamentos, do Oriente para o Ocidente, do Ocidente para o Oriente. “O estoicismo e o epicurismo, (...) foram elaboradas num mundo perturbado onde as grandes cidades gregas estavam em decadência. Têm uma dimensão soteriológica, ou seja, propõem uma forma de salvação para o indivíduo que não pode contar com a ordem em mudança no mundo exterior”.<sup>470</sup>

Assim, são praticamente contemporâneas essas duas grandes escolas filosóficas: a estoíca, do grego “*stoa*”, pórtico, escola fundada por Zenão de *Cicum*, e a escola epicurista, fundada por Epicuro.<sup>471</sup> O primeiro era um fenício helenizado oriundo de Chipre, que vai exercer grande influência sobre as

---

<sup>469</sup> Na época helenística, a ética se estrutura de maneira mais autonomia, pois se dá a valorização ou descoberta do indivíduo, vendo o homem na sua singularidade.

<sup>470</sup> MALHERBE, Michel; GAUDIN, Philippe. **As filosofias da humanidade**. São Paulo: Piaget, 1999, p. 47. Nesse ambiente também proliferavam seitas místicas que competiam com as escolas filosóficas. O estoicismo e o epicurismo são filosofias voltadas para solucionar os problemas da vida cotidiana, ou seja, uma forma de conforto espiritual; trazem fortes pretensões moralizadoras, extremamente pragmática, penetram no mundo romano com bastante facilidade. Sob o ponto de vista político, a época marca o início de uma era bastante diversa, no qual o indivíduo aparece no meio de uma variedade imensa de etnias e culturas. Nesse período, estoícos e epicuristas, mas também os cínicos irão dirigir o foco de suas atenções para as questões em torno da ética. Os interesses pela vida prática substituirão as especulações de natureza abstrata.

<sup>471</sup> Chamados estoícos ou ascetas cosmopolitas; seu fundador Zenão (335-264 a.C.), seus discípulos mais influentes são Cleantes (331-232 a.C.) e Crisipo (281-205 a.C.). Escola que influencia um período bastante amplo que passa pela cultura grega dita “helenística” até a cultura romana do período imperial.

monarquias desse período que se mostram devotadas no aspecto político a regentes deificados. As duas correntes filosóficas querem oferecer muito mais do que teoria, o que almejam é oferecer aos interessados e iniciados um modo de vida e as orientações práticas para o cotidiano das pessoas, ou seja, não era uma filosofia apenas para iniciados, aos letrados, mas uma corrente que propunha uma ampliação de público visava atingir o maior número possível de pessoas que desejassem melhor governar suas vidas.<sup>472</sup> Norberto Bobbio, referindo-se ao estoicismo, diz que se trata de “uma filosofia moral concreta, que insere elementos universais e comuns a todos os homens na vida real da sociedade”.<sup>473</sup>

Quando os romanos exigem e lutam pelos antigos reinos helenísticos, entram eles também em contato direto com a filosofia grega. Panécio de Rodas e Posidônio são os herdeiros de Zenão no estoicismo. Cícero será aluno de Posidônio. Depois, também Crisipo e Cleantes, exercerão profunda influência sobre as pessoas. A escola teve um alcance e uma influência enorme sobre a jovem monarquia romana e seu pensamento universalista e cosmopolita, atingiu em cheio as cabeças pensantes da sociedade romana.<sup>474</sup> Sêneca e seus amigos encontraram o entusiasmo necessário nos ensinamentos de Átalo. As suas críticas sobre as coisas supérfluas marcarão profundamente Sêneca a ponto de ele se lembrar desse ensinamento ao longo de toda a sua vida.<sup>475</sup>

---

<sup>472</sup> O estoicismo é considerado a primeira filosofia explicitamente Universalista e Cosmopolita, pois considera todo homem como “cidadão do mundo”. O fundador da *stoa* divide a sua filosofia em três partes: lógica, física e ética. A lógica compreende a dialética, a retórica como poesia e a gramática como a teoria do conhecimento. A física, ou o ensino da natureza, conhece como princípio do mundo uma força divina. Essa força atua também como origem do cosmos. O ser humano e o universo fazem parte de um organismo vivo, como macro e microcosmos. Dão o primeiro lugar para a ética e a teoria social. A base metafísica vem dos pré-socráticos, especialmente de Demócrito e Heráclito.

<sup>473</sup> BOBBIO, **Dicionário de Política**. p. 294. Ver texto de LOZANO, Arminda. **Asia Menor em época helenístico-romana** e GAZOLLA. **O Ofício do filósofo estóico**.

<sup>474</sup> As pessoas foram trabalhadas em analogia ao cosmos, aonde a cooperação entre uns e outros é tarefa obrigatória para que exista uma ordem harmoniosa no mundo. Daí que ele só pode se realizar de forma verdadeira enquanto existir espírito comunitário.

<sup>475</sup> Ver Ep. 110,14, na qual existe uma longa reflexão sobre o desapego da riqueza proferida por Átalo e reproduzida por Sêneca.

Cabe ressaltar que o estoicismo em Roma, além da perspectiva ética e moral, de controle das paixões e dos desejos materiais, insiste na importância do aspecto político, e neste campo, a escola deixou valiosas contribuições, sendo o próprio Sêneca um dos seus maiores entusiastas. Assim, “a participação dos estóicos na vida do estado manifestou-se, com particular força, sob o principado de Nero (...), cujo reinado, sob muitos aspectos, é uma chave para entendermos os conflitos políticos e a evolução das doutrinas políticas no primeiro século do Império”.<sup>476</sup>

A filosofia estóica influenciou amplamente a política romana, principalmente a partir do primeiro século da era cristã. Os legisladores romanos se utilizaram dela a partir dos ensinamentos de igualdade entre os homens, como “uma sociedade universal, um estado do mundo inteiro; uma lei da natureza, com a qual todos os seus membros devem viver em conformidade - estes são os dois grandes princípios do estoicismo”.<sup>477</sup>

A idéia e a prática da *virtu*, já não apenas correspondiam aos momentos das guerras, aos exemplos de grandes homens com sua coragem e bravura, mas também estava associada, a partir daquele momento, ao domínio da consciência e das responsabilidades pessoais e sociais. Uma duradoura união entre o pessoal e o social, pois as ações na sociedade pública, na *res publica*, foi desde muito tempo objetivo e determinação dos romanos. Cícero, como aluno da escola platônica, influenciou profundamente na introdução do estoicismo no pensamento romano. Sêneca escreveu, exerceu cargos e guiou um imperador com formação estóica e Marco Aurélio governou o império com formação de um estóico.

---

<sup>476</sup> GUARINELLO, Norberto. Nero, o estoicismo e a historiografia romana. In: **Boletim do CPA**, Campinas: 1996, n. 1, p. 54.

<sup>477</sup> BARKER. **O conceito de império**, p. 68. O estoicismo é um dualismo radical que defende que só um corpo pode agir sobre outro corpo e que só uma idéia pode agir sobre uma outra. O estoicismo romano era dotado de toda a ética tradicional, repetida constantemente pelos seus adeptos: a virtude é conhecimento, assim, o homem sábio não pode errar; virtude é viver de acordo com a natureza; o homem bom exibirá as quatro virtudes principais: sabedoria, justiça, coragem e moderação; a dor não é algo maléfico ao homem e os valores exteriores a ele serão tratados com indiferença.

O estoicismo, mas também o epicurismo,<sup>478</sup> teve profunda penetração em Roma, pois realizou uma aliança entre o pensamento filosófico e o pensamento político. Já no período republicano, a influência estoica se fazia sentir, e ela foi contributiva de um ordenamento político-social do império romano. É papel do filósofo estoico buscar uma formação sólida e adequada para se tornar apto também a ensinar porque ele deve ser útil ao maior número possível de pessoas, pois deve ainda adotar um estilo de vida correto e saudável, para servir de exemplo e é ele que indica aos outros o caminho justo.<sup>479</sup>

No tratado *Ad Helviam de consolatione*, a idéia de universalidade mostra-se presente quando Sêneca afirma que: “daí o princípio do qual nós, estoicos, estamos orgulhosos: o de não nos encerrarmos nas muralhas de uma só cidade, mas de entrarmos em contato com o mundo inteiro e de professarmos que nossa pátria é o universo, a fim de oferecer à virtude o mais amplo campo de ação”.<sup>480</sup> Essa idéia vai de encontro àquilo que Sêneca propõe como aperfeiçoamento para o cidadão e para o príncipe: atingir o modelo de uma vida virtuosa, uma conduta dedicada a praticar o bem deve ser buscada em qualquer lugar, para almejar-se à condição de *civis/Optimus princeps*. Quando a oportunidade existe, ela deve ser colocada em prática, independentemente de lugar; pois os valores romanos devem ser amplamente divulgados, defendidos e praticados por todas as pessoas; enfim, um modelo de civilidade para toda a humanidade.

A referida escola marchara com o tempo e, nesse sentido, se pode perceber a força que esta apresentava nos lugares por onde operara grande influência; na literatura política e na prática política e administrativa, na qual Sêneca se mostra como um dos maiores expoentes desta corrente filosófica. O que adentrou o mundo romano, mais do que uma teoria estoica, foi efetivamente o resultado prático dos ensinamentos de Zenão. Questões em torno da ética e da moral, “despreocupadas” das especulações abstratas, o estoicismo se tornou

---

<sup>478</sup> Ver texto de BAUZA, Hugo. El epicureismo romano y los orígenes del principado. In: **Semana de Estudios Romanos**. Vol. VII-VIII. Chile: Universidad Católica de Valparaíso, 1996.

<sup>479</sup> Conf. Ep. 8.

<sup>480</sup> SENECA, *Ad Helviam de consolatione*. p. 212.

espécie de “estilo de vida”, pois foi de encontro ao pragmatismo tão característico dos cidadãos romanos. Esse estoicismo romano, segundo Bailey, “era dotado de toda a filosofia ética tradicional: a virtude é conhecimento e, portanto, o homem sábio não pode errar. (...) O homem bom exibirá as quatro virtudes essenciais: sabedoria, justiça, coragem e moderação”.<sup>481</sup>

O estoicismo é, portanto, uma espécie de doutrina de autonomia moral, que visa ao controle do indivíduo sobre si mesmo. Aplicado no campo político o estoicismo torna-se uma concepção de caráter cívico, pois objetiva a fidelidade do homem para com o outro homem. Sêneca almejava dirigir-se à consciência moral de cada habitante do império, pois reconhecia a existência das redes clientelares e suas vicissitudes e estava ciente de algumas desigualdades presentes na Roma de seu tempo.

A constatação de que a condição moral das pessoas se mostra quase sempre extremamente complexa e bastante ambígua, essa filosofia, que poderia ser considerada como “guardiã” de valores ideais e nobres, pois remontava a uma fortíssima tradição greco-helenística, carregava a possibilidade de ser um depositário de virtudes para se aplicar, quando houvesse necessidade, ao universo político romano e não romano.

A filosofia do estoicismo defende claramente a participação dos seus iniciados na vida pública e, portanto, política da cidade. Sêneca procura então, seguir as orientações dos seus mestres, e expressa, por exemplo, a aplicabilidade dos ensinamentos estóicos acerca do cosmopolitismo e do universalismo do estoicismo e que marcaram profundamente a mentalidade romana. Observamos que a sua postura em alguns momentos, é pautada nas experiências e conjunturas que ele experimenta e participa. Do exílio, Sêneca escreve na carta endereçada a sua mãe:

Enquanto meus olhos não se afastarem daquele espetáculo (...) enquanto me permitirem olhar o sol e a lua, fixar os outros planetas, observar o seu nascimento e ocaso, (...) contemplar durante as noites tantas estrelas cintilantes, (...) enquanto esteja com estas coisas e na medida em que é permitido ao homem, possa eu misturar-me aos corpos celestes, enquanto tenha sempre no céu o espírito inclinado à

---

<sup>481</sup> BAILEY. **O legado de Roma**, p. 277.



contemplação das coisas que lhe são afins, que me importa que solo eu pise?<sup>482</sup>

Na carta 73 podemos constatar a relação que ele defende entre o filósofo iniciado nos ensinamentos do estoicismo e o governante:

Os filósofos, portanto, que nos seus esforços com vista a uma vida consagrada à moral, só tem a beneficiar com a segurança social, veneram como a um pai o príncipe a quem devem tal benesse. (...) Apenas esse homem pode testemunhar desinteressadamente em favor do príncipe e ter em relação a ele, sem que este o saiba, uma enorme dívida de gratidão.<sup>483</sup>

A sua filosofia é uma filosofia pragmática, voltada a enfrentar os problemas cotidianos. Diz ele: “na filosofia não basta, como é o caso nas outras ciências, confiar na memória, devemos pô-la em prova através da ação. Para ser feliz não basta conhecer a teoria, há que pô-la em prática”.<sup>484</sup> Aqui, Sêneca reforça a necessidade da participação do filósofo na vida pública e política do principado romano. Este homem, sábio e preparado, deveria agir politicamente, interferir para a melhor condução das coisas, quer seus pares, quer os “comandados”. Para Maria da Rocha Pereira: “ser virtuoso identifica-se com o sábio, e filosofia é o saber do humano e do divino. Tudo no mundo é obra da razão, e a razão absoluta é a base do mundo. (...) Tudo obedece a leis universais, que o homem está apto a conhecer, graças à razão”.<sup>485</sup>

Em suma, a participação do filósofo estóico na vida pública é uma obrigação, aquilo que o próprio Sêneca chamava de “gloriosa servidão”.<sup>486</sup> Mas

---

<sup>482</sup> SENECA, *Ad Helviam de consolatione*. Livro VIII, 6, p. 77. Na Ep. 28,4, Sêneca corrobora a perspectiva universalista dos estóicos quando afirma que: “temos de viver com esta convicção: não nascemos destinados a nenhum lugar particular, a nossa pátria é o mundo inteiro (...) Se te persuadires de que toda a terra te pertence, o primeiro ponto em que parares agradar-te-á de imediato”.

<sup>483</sup> SENECA, Ep. 73,2. Esta referência aparece no nosso primeiro capítulo, subitem 2.1., que reforça a recorrência, mas também a importância da *amicitia* nas reflexões senequianas.

<sup>484</sup> Ep. 75,7. Diz em outro momento: “(...) para o filósofo não convém preocupação demasiada com o estilo: como pode ser corajoso perante o risco da sua própria vida, um homem preocupado com as palavras?”. Ep. 100,4. Cita ainda o exemplo e o estilo do mestre Fabiano.

<sup>485</sup> PEREIRA, Maria da Rocha. **Estudos de História da cultura clássica**, p. 530.

<sup>486</sup> SENECA. *De Clementia*, VXII, (I,19) 4.

para que esta participação fosse produtiva, útil, esse filósofo deveria ter uma sólida formação para tal empreitada.

Sêneca demonstra o seu interesse pelo homem dotado de *humanitas*, ou as características desse homem, prioritariamente romano, que se diferencia dos outros povos, e aqui Sêneca acaba por referendar uma tradição que remonta ao final do período republicano, quando os romanos sentem orgulho de suas conquistas de anexação territorial. Afirma em carta a Lucílio:

Um homem mal faz tudo redundar em mal, mesmo quando aparentemente as coisas se apresentavam excelentes; um espírito íntegro e justo sabe corrigir os erros da fortuna, sabe, pela sua sabedoria, temperar as ocorrências adversas e difíceis de suportar; um tal espírito é capaz de acolher a felicidade com gratidão e temperança, de enfrentar a adversidade com firmeza e coragem, (...) para podermos dizer à fortuna: “Estás lidando com um homem! Procura quem tu possas vencer!”<sup>487</sup>

Sêneca defende, na formação do seu modelo, a importância da filosofia e dos estudos. Aproximar-se da filosofia é o melhor caminho, pois para ele na filosofia reside à saúde verdadeira, ela dá forma e estrutura à alma, ensina os rumos da vida, pois uma vida verdadeiramente feliz é produto de uma sabedoria plenamente alcançada.<sup>488</sup> Para Sêneca: “O objetivo da filosofia consiste em dar forma e estrutura à nossa alma, em ensinar-nos um rumo na vida, em orientar os nossos atos, em apontar-nos o que devemos fazer ou por de lado (...) sem ela ninguém pode viver sem temor, ninguém pode viver em segurança”.<sup>489</sup>

É clara a influência ciceroniana em grande parte das reflexões do nosso filósofo, pois Cícero é um dos grandes autores lidos no período imperial, apesar de fazer sucesso e influenciar o pensamento da Roma republicana. Para Henri-Irénée Marrou, Cícero insiste na necessidade de uma preparação filosófica sólida.

---

<sup>487</sup> SENECA. Ep. 98,3.

<sup>488</sup> Os ensinamentos para se atingir uma alma forte, aquilo que os gregos chamavam de *Euthymia*, encontram-se nas linhas de Demócrito.

<sup>489</sup> SÊNECA, Ep. 16,3.

O conhecimento da história e do direito era fundamental para a formação de um bom romano, seja ele um cidadão comum, seja ele um homem de estado.<sup>490</sup>

Essa formação intelectual se torna fundamental, pois fazer referências aos grandes autores ou autores mais conhecidos, saber falar acerca da história de outros povos e civilizações, era demonstração de erudição e “passaporte” para dialogar com os seus pares, para merecer o respeito de ser lido e ouvido pelas platéias, era, além disso, possuir algo que para os romanos os diferenciava dos demais povos: a *humanitas*. Diz Sêneca: “(...) um ócio à margem da cultura equivale à morte, é como o sepulcro de um homem vivo!”.<sup>491</sup> Na mesma linha interpretativa Marrou afirma: “(...) o homem verdadeiramente culto não é apenas um “letrado”, mas também um erudito, um sábio, sob o nome de ciência devendo-se, essencialmente, compreender esta erudição adquirida a margem dos clássicos”.<sup>492</sup>

Um exemplo da busca pela erudição e no bom exemplo que um filósofo pode fornecer está contido em trecho de uma carta quando ele afirma: “Mas ao ler Sêxtio dá vontade de dizer: Que vida, que vigor, que liberdade! Este homem está para além da condição humana; ao terminar a leitura vou cheio de intensa confiança em mim mesmo”.<sup>493</sup> Aqui a formação educacional se atrela ao educar-se a si próprio tão propagado por Sêneca em seus escritos. Um bom exemplo de leitura leva o leitor a procurar imitar o objeto lido e se espelhar em seu exemplo. E esse recurso, Sêneca usou incansavelmente.

A iniciação e posterior domínio da filosofia fazem segundo Sêneca, o iniciado mais seguro de si, auxilia a enfrentar os problemas cotidianos e os temores da vida; propicia o discernimento para separar o certo do errado, o bom do mal, o amigo verdadeiro do inimigo, muitas vezes disfarçado de amigo. Para ele era preciso interiorizar a filosofia no mais íntimo do ser, torná-la uma amiga inseparável. Diz ele a Lucílio acerca da importância da filosofia na sua formação:

---

<sup>490</sup> MARROU. **História da educação na antiguidade**, p. 437/8.

<sup>491</sup> SENECA. Ep. 82,3.

<sup>492</sup> MARROU. **História da educação na antiguidade**, p. 433.

<sup>493</sup> SENECA. Ep. 64,3.

“... para a tua formação a opinião que tenhas sobre ti mesmo importa muito mais do que a dos outros (...) em levar-te a querer agradar mais a ti do que ao vulgo, a avaliar a qualidade, e não o número, das pessoas que emitem juízos sobre ti, (...) a poder vencer a adversidade ou a pôr-lhe a cobro”.<sup>494</sup> Citação que reforça aquela perspectiva discutida no modelo proposto por Sêneca para o cidadão que busca uma sólida formação educacional, pois para se atingir tal modelo é preciso se afastar da multidão. Entre a multidão está a demagogia e a opinião que nada acrescenta aos estudos.<sup>495</sup>

Sua defesa recai não no falar, numa retórica vazia, mas no ensino e na ação. “Tem de viver para os outros quem quiser viver para si mesmo. (...) Se queres saber o que a filosofia traz de útil à humanidade, dir-te-ei: os seus preceitos”<sup>496</sup>, pois a filosofia não elege alguém especial, sua luz está ao alcance de todos indistintamente, diz Sêneca.

Aqui pensamos existir uma ambigüidade nas reflexões senequianas, pois nem todos irão demonstrar condições de, ao se dedicarem aos estudos, se mostrarem preparados para se tornarem úteis a toda a humanidade. Entendemos este “ser útil” no sentido de intervir efetivamente na consciência dos habitantes do Império. Assim, era necessária uma sólida formação educacional e intelectual para merecer a alcunha de “homem preparado” para a ação.

A filosofia serviria ainda, para uma utilidade prática, para que o homem de bem, neste caso, o homem senequiano, estivesse pronto para auxiliar seu semelhante e a serviço do bem comum. “Ora, os homens de bem são úteis uns aos outros. A sua função é praticar a virtude e manter a sabedoria num estado de perfeito equilíbrio. (...) Um homem de bem só pode ser útil a outro homem de bem. Na realidade, ser útil consiste em estimular o espírito segundo a natureza por ação da própria virtude”.<sup>497</sup>

---

<sup>494</sup> SÊNECA, Ep. 29,12

<sup>495</sup> Ver as Ep. 94 e 123 para mencionar dois importantes exemplos.

<sup>496</sup> Ep. 48. Ao criticar outras correntes de pensamento e fazer a defesa do estoicismo ele declara: “As nossas palavras não objetivam o prazer literário, mas a pertinência (...) as outras artes se dirigem à inteligência, enquanto que a filosofia é a atividade da alma”. Ep. 75,5.

<sup>497</sup> Ep. 109,1.

Percebamos nesse trecho que Sêneca não perde de vista o fato de que está falando também para seus pares. Não esconde, ao longo de suas reflexões, que há “homens escolhidos” para a missão de ensinar, e há aqueles que devem apreender pois são aptos a isso, e todos juntos irão educar a humanidade. Tal aspecto nos reporta também a ênfase dada pelo autor ao papel do “sábio” na sociedade, pois, para Sêneca, cabe a alguns homens esta árdua e sublime tarefa, que, acreditamos, ele também se achava um dos homens sábios preparados para a tarefa de conduzir as consciências do principado romano.

Para ele:

A perfeição absoluta é aquela que é perfeita em relação à ordem universal da natureza, e esta é racional; os diversos seres só podem ser perfeitos em relação à sua espécie. Em suma, o bem só existe em quem existe a razão.(...) Esse bem que consiste numa alma escorreita e pura, emula da divindade, erguida acima do vulgo humano e sem recorrer a nada exterior a ti? És um animal racional. Qual é então o teu bem próprio? A perfeita razão.<sup>498</sup>

Uma distinção entre “homens comuns” e “homens dotados de sabedoria”, faz-se pelo estudo da filosofia. Sêneca é categórico acerca da diferença que separa os dois grupos quando nos diz, “dirige todo teu espírito para a filosofia, acompanha-a sempre, pratica-a sempre: uma enorme distância te separará dos demais homens; ficarás muito à frente do resto da humanidade e os deuses pouco se distanciarão de ti”.<sup>499</sup>

Aqui é clara a referência aos filósofos ou à importância dada aos filósofos na condução da *res publica* tão propagada por Platão e Aristóteles, além de Isócrates e retomada em Roma por Cícero. Não podemos esquecer que um sentimento de decepção rondou os bastidores da aristocracia senatorial e em diversos momentos, pelos fracassos cometidos por alguns príncipes da dinastia Júlio-Cláudia, prioritariamente a tensa relação estabelecida entre esses e o Senado. Como não se lembrar da postura de Calígula e do pouco espaço dado a este mesmo Senado, do desvio de Nero após a retirada de Sêneca do poder? A

---

<sup>498</sup> Ep. 124,14-15.

<sup>499</sup> Ep. 53,11.

nosso ver, Sêneca propõe uma maior participação desses homens preparados a conduzir a *res publica* se não diretamente, pelo menos no papel de preceptor dos mandatários.

Cícero citando Aristóteles evidencia o papel do homem na sociedade: “(...) assim o homem, como diz Aristóteles, nasceu para duas coisas: entender e obrar, em tudo semelhante a um deus mortal”.<sup>500</sup>

Impressiona a abundância de referências ao estudo filosófico, sua importância na constituição do “homem senequiano” contida nas Epístolas Morais endereçadas ao amigo Lucílio. Nesse sentido, tal abundância de passagens a esta área das letras latinas, permitiu-nos pensar em seus significados e em sua importância na formulação do “homem clássico”, segundo o nosso filósofo.

A filosofia para ele traz força diante das mazelas da vida, mesmo tendo a morte diante dos olhos, mesmo que o estado físico seja deplorável, a alma estará sempre fortalecida para os iniciados, pois quando a força se esvai no corpo, a alma permanece inabalável.<sup>501</sup> Portanto, “para repelir todas as violências do acaso a filosofia possui um incrível poder. Nenhum dardo pode penetrar no seu corpo”.<sup>502</sup>

Em muitas vezes, Sêneca estabelece uma relação terapêutica com a filosofia. Em certa passagem da Carta 52, por exemplo, nos diz: “guardai um silêncio respeitoso, recebi de bom grado a cura que a filosofia vos dá”,<sup>503</sup> ou ainda em trecho da carta 94 ele interroga: “E o que é afinal a filosofia senão a lei que rege a totalidade da vida? (...) Os tratados ministram variados tipos de preceitos, e graças a eles consegue chegar-se a um estado de espírito perfeitamente equilibrado”.<sup>504</sup> Na Carta 117 novamente a filosofia aparece atrelada a uma função de cura dos problemas, pois “nota ainda que facilmente o

---

<sup>500</sup> CICERO. *De Finibus Bonorum et Malorum*, Livro XIII.

<sup>501</sup> SENECA, Carta 30

<sup>502</sup> Ep. 53,12.

<sup>503</sup> Ep. 52,10.

<sup>504</sup> Ep. 94,39-40.

nosso espírito se habitua a procurar um prazer, e não uma cura, ou seja, a fazer da filosofia uma distração quando ela é uma terapêutica”.<sup>505</sup>

O fortalecimento do espírito e de uma alma grandiosa, preparada para enfrentar os problemas de uma vida atribulada é constantemente defendido por Sêneca se buscarmos refúgio na filosofia. Para ele: “(...) quem fizer da filosofia uma terapêutica tornar-se-á forte de espírito, cheio de autoconfiança, atingirá uma altura inigualável e tanto maior quanto mais dela nos aproximamos”<sup>506</sup>, ou ainda quando destaca a importância do papel dos filósofos para a formação moral e educacional dos potenciais leitores: “Pega no catálogo dos filósofos: não será preciso mais para te entusiasmar, vendo quantos homens andaram a trabalhar em teu proveito”.<sup>507</sup>

Esta aproximação, iniciação e posterior aplicabilidade dos estudos filosóficos, que visam, segundo o filósofo, a busca de uma vida elevada, como escudo e fortaleza para os problemas cotidianos, devem ser feitos de forma disciplinada, organizada preferencialmente com auxílio de alguém experiente, já iniciado nos estudos, pois do contrário, acarretaria em dispersão e esforços vãos. Aqui Sêneca destaca a importância do *paedagogus*.

Esta orientação evitaria leituras demasiadas, pois para Sêneca era preciso buscar qualidade e não quantidade como ele mesmo afirma: “não interessa a quantidade, mas sim a qualidade: a leitura é proveitosa se for metódica, se apenas for variada torna-se um mero divertimento”.<sup>508</sup>

Os conselhos dados ao discípulo, pelo menos era assim que Sêneca desejava que fosse, o orientariam na escolha considerada certa de autores mais indicados a cada área, a cada problema, a cada etapa a ser superada na busca de um objetivo, que para nós, trata-se do modelo de filósofo e cidadão a ser atingido. Sêneca se coloca como alguém mais apto a apontar os caminhos, pois ele já acumulava experiência e um caminho mais longo na referida arte. Diz ele

---

<sup>505</sup> Ep. 117,33.

<sup>506</sup> Ep. 111,2-3.

<sup>507</sup> Ep. 39,2.

<sup>508</sup> Ep. 45,1.

ao jovem Lucílio: “se queres um conselho, dirige-te aos antigos: para nos auxiliar tanto podemos recorrer aos vivos como aos mortos”.<sup>509</sup> Este contato com a filosofia deve ser feito continua e constantemente, pois “temos de estudar enquanto formos ignorantes; e, se é verdadeiro o provérbio, temos de aprender até morrer”.<sup>510</sup>

Há um trecho na carta 84 desta orientação de mestre para discípulo quando Sêneca diz que, “a leitura, é de fato, em meu entender, imprescindível: primeiro, para me não dar por satisfeito só com as minhas obras, segundo, para ao informar-me dos problemas investigados pelos outros, poderem ajuizar das descobertas já feitas e conjecturar os que ainda há por fazer”.<sup>511</sup> Há aqui um princípio do conhecimento; para Sêneca, era preciso buscá-lo entre vários autores.

Para ele era preciso intercalar a arte da leitura e da escrita, quer seja, buscar um equilíbrio entre ambas, pois as idéias surgidas durante as leituras tomariam forma durante a escrita. “Teremos de nos aplicar ao estudo, de freqüentar os mestres da filosofia, a fim de assimilarmos os princípios já estabelecidos e investigar o que ainda está por descobrir”.<sup>512</sup>

O nosso autor propõe um refúgio na filosofia: prepararmo-nos e fortalecermo-nos para enfrentar os inimigos, para enfrentar os golpes da fortuna, refrear os vícios e as paixões desenfreadas e a indiferença perante a morte inexorável. Podemos perceber que Sêneca atrela sempre que isso se torna possível, vida privada, com o fortalecimento espiritual do estudioso; com vida pública, pois este pode enfrentar as vicissitudes da política através da busca de um espírito forte, educado na filosofia; portanto, ele atrela política, vida privada e estoicismo.

Insistimos, portanto, no aspecto do papel de Sêneca na história do pensamento do primeiro século da era cristã e na possibilidade de construir um

---

<sup>509</sup> Ep. 52,7.

<sup>510</sup> Ep. 76,3.

<sup>511</sup> Ep. 84,1.

<sup>512</sup> Ep. 103,5.



modelo a partir de seus escritos. Perceber que a “*humanitas* senequiana” vai além da nudez do conceito de homem pura e simplesmente. Citamo-lo em trecho da Carta 120: “o homem perfeito, possuidor de virtude, nunca se queixa da fortuna, (...) convicto de ser um cidadão do universo, um soldado pronto a tudo, aceita as dificuldades como uma missão que lhes é confiada. Tal homem possui uma alma perfeita, levada ao máximo das suas potencialidades, tal que acima dela não há senão a inteligência divina, uma parte da qual, aliás, transitou até este peito mortal”.<sup>513</sup>

Ecos ciceronianos? Pensamos que sim, pois o orador latino já afirmava no período republicano:

e a mesma razão torna cada homem inclinado aos outros homens, e dá-lhe conformidade de natureza, de língua e de costumes com eles, para que, começando pelo amor dos parentes e criados, siga adiante, e entre primeiro na sociedade dos concidadãos, e depois na de todos os mortais; e, como escreveu Platão a Arquitas, para que ‘saiba que não nasceu para si só, mas para a pátria e para todos os seus’<sup>514</sup>

Em suma, a filosofia prepara os homens para as lutas diárias, para os enfrentamentos da fortuna, pois para Sêneca esta deveria não ser apenas teórica, mas pragmática; além disso, é arte fundamental para preparar alguns homens na missão de educar para a vida e para a morte, aos coevos e as gerações que virão.

Cleonice Furtado Van Raij, em estudo introdutório das *Cartas Consolatórias* afirma: “Plutarco e Sêneca são considerados os dois médicos de alma que melhor souberam preparar as ‘beberagens morais’ que levassem o homem a suplantar a dor, sobretudo a da perda, tão viva, tão profunda, tão certa, tão agressiva, tão inimiga de toda razão”.<sup>515</sup> Vivendo em época conturbada, assistindo, segundo afirma o próprio Sêneca em grande parte dos seus escritos, e parte da sua geração, a certa decadência de valores, principalmente morais, a filosofia deveria cumprir este papel pedagógico:

---

<sup>513</sup> Ep. 120,12-13.

<sup>514</sup> CICERO. *De Finibus Bonorum et Malorum*, Livro Segundo, XIV.

<sup>515</sup> VAN RAIJ. *Cartas Consolatórias*, p. 19.

propagar ética, ensinar valores morais, ensinar uma vida virtuosa, afastada dos vícios, educar para uma boa conduta política e pessoal.

Para Sêneca, a natureza quer que o homem seja feliz, mas essa felicidade só virá se o homem acalmar-se, se ele alcançar a apatia frente aos desafios da vida e quando se liberta de uma vida de aparência. Num mundo tumultuado em que vive, Sêneca detecta o mal estar que se reflete inclusive na filosofia quando afirma: “Esta já foi, menos complicada, quando as faltas dos homens eram menos graves e podiam sanar-se com cuidados ligeiros. Para lutar contra uma loucura tão violenta e tão largamente difundida a filosofia tornou-se mais complexa, teve de ganhar um acréscimo de forças proporcional ao acréscimo dos males que combate”.<sup>516</sup> Verificamos aí um Sêneca preocupado com a paz no Império; na sua afirmação, pretende atingir a todos. Aos cidadãos, para buscarem uma vida correta, reta, portanto, virtuosa; para os governantes, uma administração que atinja concórdia. Beneficiar a todos mesmo que não haja uma contrapartida; quer seja fazer o bem sem nada esperar em troca, pois é obrigação do homem virtuoso fazer isso; proporcionar benefícios a todos os habitantes do Império. Este homem iniciado na filosofia tem plenas condições de discernir o verdadeiro valor desses benéficos, o local, a importância e a quem distribuir.

A busca pela riqueza desenfreada transforma o homem em um joguete da Fortuna. Mas para o homem que segue as regras da filosofia existe apenas um bem verdadeiro, a virtude, ou seja, a perfeição moral. Essa perfeição engloba as quatro virtudes cardeais: a justiça, a moderação, a coragem e a prudência. Praticar essas virtudes permite aos homens estabelecer boas relações, quer humana, quer social.

Sêneca se mostra saudosista para com Augusto, pois, ao que parece, faz referências e por isso também referenda a *pax romana*, além de propagar valores muito caros ao instaurador do regime do principado. Adquirir sabedoria escolhendo cuidadosamente os modelos é uma constante preocupação para Sêneca. Jamais o processo do conhecimento é uma via de mão única; ao contrário, quem ensina também aprende, pois é preciso, segundo o autor,

---

<sup>516</sup> SÊNECA, Ep. 95,32.

aproximar-se dos bons exemplos e afastar-se dos “casos desesperados”. Quando se tornar um mestre, escolher discípulos com força e capacidade para enfrentar os desafios de um verdadeiro estudo filosófico. Para ele, orientando Lucílio, “somente a filosofia poderá acordar-nos, só ela poderá sacudir-nos de um sono pesado: dedica-te inteiramente a ela!”.<sup>517</sup>

Por que um iniciar a partir ou prioritariamente na filosofia? Pensamos que, pelo fato de Sêneca ser um iniciado no estoicismo, entendia que esta corrente filosófica poderia fornecer o suporte necessário para se atingirem muitos dos objetivos almejados pela política imperialista romana, especialmente a busca pela universalidade e a defesa de um cosmopolitismo amplo.

Sêneca soube introduzir no estoicismo grego, visto como apático, o ativismo da *virtus* romana. Seria para ele a busca da *atharassia*, a vitória do homem sobre o *fatum*. A formação do caráter se dá na luta diária, e o verdadeiro sábio, para Sêneca, é um lutador. Mesmo afastado da esfera pública, o estóico se consagra aos princípios de uma luta espiritual. O estoicismo estreita a vida pública com a vida privada, pois vê um como a extensão do outro, e Sêneca sempre defendeu que o iniciado deveria agir e atingir todas as esferas da sociedade.

Defendemos a existência de um projeto pedagógico-filosófico senequiano e levantamos uma importante questão: com quem Sêneca deseja dialogar? Quem ele admite nesse diálogo? Acreditamos serem os nomes já citados, os filósofos elencados, os nomes fundamentais que podem e devem ser cultivados. A arte de filosofar e mais especificamente, a arte de filosofar para se colocar a serviço do bem comum, não é para todos, mas para os mais preparados, os mestres que servem de modelo aos discípulos aptos a seguir o mestre.

Assim, Sêneca, no seu projeto filosófico, define as condições que um homem deve possuir para a arte de filosofar, e esse filosofar senequiano é pedagógico também, portanto, uma arte para educar.

---

<sup>517</sup> SENECA, Ep. 53,8.

### 3.2 O “Educar-se a Si Próprio” na Literatura Senequiana

“(...) forma de poder mais alta e divina que existe: o poder de nos dominarmos a nós mesmos!”  
“Quem é dono de si próprio não pode perder nada”  
(Sêneca. Epístolas Morais).

Como já frisamos anteriormente, para os estóicos, não há quebra de continuidade entre o espaço da casa, portanto privado, do espaço político de participação ativa, ou seja, público. Estavam eles convencidos que a realidade deveria ser encarada em seu conjunto como uma grande *res publica* e não isoladamente.<sup>518</sup>

Um exemplo ilustrativo desse enfoque está condensado no estudo introdutório das “Epístolas Morais”, que diz:

Os seus escritos [de Sêneca], além de serem uma forma de difundir no público as suas idéias e de assim realizar uma tarefa pedagógica (que sempre esteve na mira do estoicismo), são também uma forma de educar a si próprio, são exercícios espirituais que propõem tanto para si como para os outros, são meditações sobre as ocorrências da sua existência, são uma forma de fixar as suas idéias, de assegurar para si uma estabilidade, uma constância assente na fidelidade aos princípios, um método para atingir a identidade consigo próprio”.<sup>519</sup>

O “educar-se a si próprio”<sup>520</sup> pode ser lido em Sêneca atrelado a uma perspectiva de atingir a partir disso uma sólida formação educacional. Quando se

---

<sup>518</sup> Conforme CASSIRER. **O mito do Estado**.

<sup>519</sup> CAMPOS, 1991, P. XXVIII.

<sup>520</sup> Michel Foucault com a obra **O que é um autor**, traz uma interessante leitura contemporânea sobre o tema, mais especificamente no capítulo “A escrita de si” discute as chamadas *hypomnemata* e as correspondências. O filósofo traz importantes contribuições para aquilo que ele chama na história da cultura e da leitura no mundo ocidental, de uma “história da cultura de si”, e, o próprio Foucault, exemplifica parte de seus escritos com Sêneca, portanto podendo ser lido como um autor que possibilita tal abordagem. Mostram-se como uma fonte privilegiada para tal empreitada. Para Foucault, as *hypomnemata* são uma espécie de cadernos pessoais que não devem ser confundidos com diários íntimos, e que formam a principal matéria prima para a elaboração de tratados morais e/ou filosóficos, para lutar contra defeitos (cólera, inveja, entre outros) ou para superar perdas ou traumas (luto, exílio, desgraça, etc.). Assim, na formulação do modelo do “homem senequiano”, o “educar-se a si próprio” é peça fundamental nesta construção. FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. São Paulo: Passagens, 1992

dirige a Lucílio ele afirma: “observa-te a ti mesmo, analisa-te de vários ângulos, estuda-te. Acima de tudo verifica se progrediste no estudo de filosofia ou do teu próprio modo de vida”.<sup>521</sup>

Essa perspectiva perpassa diversos momentos das Epístolas Morais. Outro trecho da carta corrobora o dito acima: “Assim como o luxo excessivo nos banquetes ou no modo de vestir é sintoma de uma sociedade doente, também o barroquismo do estilo, quando se generaliza, mostra que os espíritos estão decadentes, pois é do espírito que nascem as palavras!”.<sup>522</sup>

Constatamos, portanto, que Sêneca atrela maus hábitos, que levam a uma vida cheia de vícios, com uma escrita empolada, que leva e está propensa a elucubrações vazias, sem nenhum propósito prático; e, sabemos, ele defendia mais o homem de ação do que o homem devotado à teoria. A preocupação para o nosso autor está não no modo ou na forma como se escreve, porém, na matéria tratada e de como tais questões podem vir a ser úteis à sociedade, atingindo o maior número possível de pessoas.<sup>523</sup>

Nota-se, um vínculo muito estreito entre as opções feitas para a vida cotidiana e as opções feitas para a formação intelectual. O educar-se a si próprio objetiva a busca de uma perfeição espiritual, portanto um aperfeiçoamento moral, ao mesmo tempo orienta na escolha de exemplos adequados para situações determinadas, pois segundo Sêneca:

Toma, porém, atenção, não vá essa tua leitura de inúmeros autores e de volumes de toda a espécie arrastar algo de indecisão e de instabilidade. Importa que te fixes em determinados pensadores, que te nutras das suas idéias, se na verdade queres que alguma coisa permaneça definitivamente no teu espírito.<sup>524</sup>

---

<sup>521</sup> SÊNECA, Ep. 16,3. Considerando primordial a função do filósofo, que se coloca a educar-se, na sociedade, Sêneca diz: “como pode servir para governar os espíritos, alguém incapaz de governar a si próprio?”

<sup>522</sup> SÊNECA, Ep. 114,11.

<sup>523</sup> Conf. Epístola 71. É preciso seguir os ensinamentos de Sócrates, que reduziu a filosofia a ética, e considera suficiente que a filosofia exista para auxiliar ao homem a discernir o bem do mal. Esse bem é o *honestum*, proposto por Sêneca.

<sup>524</sup> SÊNECA, Ep. 2,2. Na mesma epístola, Sêneca reforça o que afirmamos na referida citação. “Reflete todos os dias em qualquer texto que te auxilie a encarar a indignância, a morte, ou qualquer outra calamidade; quando tiveres percorrido diversos textos, escolhe um passo que alimente a tua meditação durante o dia”. Ep. 2,4.

Sêneca ao realizar críticas de estilos e escolas filosóficas, estabelece ligações entre esses estilos de escrita, ou estilos vigentes com a época que estão circulando. Para ele, um determinado estilo pode ser visto como um termômetro de como está se comportando uma determinada sociedade; um determinado estilo de escrita pode imitar costumes e comportamentos sociais, pois “a corrupção do estilo demonstra plenamente o estado de dissolução social, caso, evidentemente tal estilo não seja apenas a prática de um ou outro autor, mas sim a moda aceite e aprovada por todos.”.<sup>525</sup>

No *Alcebíades*, de autoria polêmica, mas considerada de Platão, encontramos referências ao cuidado de si, ao melhoramento de si. Tanto o epicurismo quanto o estoicismo, a sua maneira, evidenciam nesta questão, o que depende e o que não depende da própria pessoa para se atingir uma vida reta e virtuosa. Para Sêneca, considerar impossível um domínio sobre si mesmo, é apenas justificativa para quem não tem coragem de enfrentar seus medos e seus temores, pois se defende o vício por desculpa e por gosto, assim, falta de força para lutar é apenas pretexto.<sup>526</sup>

A escolha dos autores mais adequados a uma perfeita formação moral, para Sêneca, recai prioritariamente mais no exemplo dado pelas ações do que no estilo adotado por esses autores. Quer dizer, o filósofo prioriza em suas reflexões e ensinamentos, os exemplos pessoais, as condutas na vida cotidiana e não num texto que possa ser mais rebuscado ou que tenha um rigor de método. Para Sêneca, a boa formação intelectual está atrelada a escolhas que evidenciem a clareza e a simplicidade. Um bom exercício para a memória do iniciante é visitar ou revisitar bons exemplos de autores que causam ou algum dia causaram admiração, ao mesmo tempo em que faz com que esqueçamos a dor e o medo de algo.

---

<sup>525</sup> SÊNECA, Ep. 114,2. Quando faz a crítica de sua época, ressalta a qualidade da literatura de época anterior, pois os de hoje, “(...) não leram os autores antigos, de uma época ainda não deformada pela obsessão da eloquência. Ep. 59,6.

<sup>526</sup> Ver Ep. 116,8. A fórmula estoica para o homem, e que Sêneca divulga pode ser assim definida: Com coragem não se conhece o medo; quem não conhece o medo não conhece a tristeza; quem não conhece a tristeza é feliz. Ver Ep. 85,24.

No *Ética a Nicômaco*, Aristóteles compila uma lista relativamente longa dos traços virtuosos para o homem. Ao mesmo tempo em que objetiva justificar uma vida devotada às virtudes, também oferece sugestões de como atingi-la. Os traços do caráter é que irão definir se uma pessoa é ou não é boa. Destaca o filósofo grego: a bravura, a temperança, a amabilidade, a honestidade e a autoconfiança.<sup>527</sup>

Uma vida virtuosa era para Aristóteles o componente indispensável para o viver bem e, portanto, para se atingir a felicidade, a *eudaimonia*. Assim, são desejáveis as virtudes, pois promovem a felicidade perene ao homem. Mas, é importante frisar que para ele a virtude é uma conquista que não é dada a todos indistintamente, pois a virtude exige uma espécie de pré-requisitos e apresenta-se de forma diferenciada em relação a certos papéis sociais; e ainda está associada ao saber, isto é, à cultura.<sup>528</sup>

O educar-se a si próprio exige esforços, sacrifícios e uma disciplina incomum, e, nesse sentido, passa ao leitor interessado, a imagem de um modelo quase inatingível. Esse educar-se perpassa além do campo de formação educacional, do campo moral, também educar o próprio corpo. Não esqueçamos que Sêneca alerta, quando da discussão sobre o binômio virtude/vício, que é um malefício ao homem buscar saciar os prazeres do corpo, um escravo dos desejos do corpo tem uma vida viciosa, não educou a si mesmo e não se encontra preparado para auxiliar o bem comum.

A postura correta define a majestade do mandatário,<sup>529</sup> a boa educação do cidadão, a sólida formação do filósofo, do iniciado nas letras. Afirma Sêneca: “por exemplo, o mínimo gesto pode servir de indício da moralidade das pessoas. Assim, o homem depravado denuncia-se pelo modo de andar, pelos gestos (...) se quiseres conhecer o caráter de um homem observa como ele distribui ou provoca

---

<sup>527</sup> Ver *Ética a Nicômacos*. Livro VII – 1106a6-1107a25.

<sup>528</sup> Ver *Ética a Nicômacos*, Livro III, 7.

<sup>529</sup> No *De Ira*, Livro III, I,5, Sêneca evidencia que a cólera se volta contra a própria pessoa; no IV,2, as referências são corporais, pois um homem atacado de raiva, tem gestos mais nervosos, o coração bate mais forte, a respiração se acelera e o corpo fica instável.

aplausos”.<sup>530</sup>

No segundo capítulo, não esqueçamos, Sêneca demonstrou sua preocupação para com os homens que são ou tornaram-se escravos do próprio corpo. Detectou atitudes e posturas, além dos lugares onde há um incentivo a uma vida viciosa. Como se vê, os cuidados com o corpo, para Sêneca, perpassam todos os extratos da sociedade.

Para Sêneca, era preciso escolher exercícios diários, que estes fossem fáceis, mas que fatigassem o suficiente para serem rápidos e poupem tempo para se dedicar a outras atividades. A educação do corpo está ligada muito mais ao controle das paixões, dos desejos desenfreados, de tudo aquilo que incentiva a uma vida cheia de vícios. Diz-nos o autor: “Não posso deixar que a alma amoleça; se fizer concessões ao prazer, terei de fazê-las à dor, ao cansaço, à pobreza; à ambição e à ira quererão tomar conta de mim; ver-me-ei dilacerado, despedaçado entre inúmeras paixões”.<sup>531</sup>

Não se pode permitir, se se quiser atingir um modelo virtuoso, fazer concessões aos prazeres fáceis. Estes devem ser tratados como sendo os piores inimigos do homem justo e reto. Afirma o pensador: “Devemos evitar o mais possível tudo o que possa exercitar os nossos vícios. Devemos endurecer a alma, mantendo-a afastada de todas as seduções de prazer”.<sup>532</sup>

Conforme falamos no capítulo anterior, o exame de consciência ou a prova diária de consciência define muito do que é esse educar-se a si próprio que Sêneca defende e propaga em seus escritos. O controle da ira, das vontades ruins, o controle das paixões poderá ser eficaz se existir uma investigação da consciência, pois ao final do dia estaremos sempre como que diante de um juiz para prestar contas de nossas ações. Essas questões aparecem de forma mais direta no *De Ira* que pode ser considerado como uma espécie de tratado de instrução para o autocontrole, contra a raiva e a agressividade. O grande motivo

---

<sup>530</sup> Ep. 52,12-13.

<sup>531</sup> SÊNECA. Ep. 51,8. Idéia semelhante está contida em trecho da Ep. 104,34 no qual afirma: “Antes de mais nada, importa renunciar aos prazeres: tiram-nos a energia, efeminam-nos, abafam-nos de exigências para cuja satisfação temos de recorrer à fortuna”.

<sup>532</sup> SENECA. Ep. 51,5.



desta falta de controle está na falta de conhecimento. Dar pouca importância a questões importantes e dar importância demasiada a questões irrelevantes são uma demonstração dessa falta de conhecimento. Era preciso combater os males do corpo e da alma, evitar ambientes e ocasiões que incentivem atitudes de raiva e descontrole. Também no *De Ira* encontramos um Sêneca que recomenda e aconselha permanentemente e se mostra como um conhecedor da alma humana e como um oportuno educador da sociedade em que vive e transita.

A proposta senequiana do “educar-se a si mesmo” exige a superação de medos que são para ele, verdadeiros jugos, empecilhos na busca de um caminho virtuoso. Sêneca evidencia dois: o medo da morte e o medo da pobreza. Ao medo da morte a solução está em viver cada dia como se fosse o último, pois para Sêneca o que vale não é a duração da vida, mas a qualidade da mesma.<sup>533</sup> O tempo de vida do homem é sempre suficiente se ele souber aproveitá-la em proveito próprio, na busca pela sabedoria em acordo aos desígnios da natureza.<sup>534</sup> Conhecer a natureza é também uma forma de conhecer-se.<sup>535</sup>

O medo da pobreza é algo que deve ser imediatamente abandonado, pois para Sêneca, o homem se torna fraco, um mal exemplo, quando se torna escravo do luxo e dos prazeres fáceis. Sabemos como ele se mostra implacável no julgamento que faz de homens que sucumbiram na busca por uma vida devotada à riqueza.

Sêneca preocupa-se constantemente em evidenciar a relação entre os estudos, ou seja, buscar uma sólida formação e o educar-se a si próprio, com metas a atingir uma perfeição moral. São aspectos que estão relacionados, pois o aperfeiçoamento moral é tarefa árdua e ininterrupta, senão vejamos: “Como pode alguém, aliás, aprender suficientemente a lutar contra os vícios se apenas dedica

---

<sup>533</sup> Diz-nos o pensador: “não devemos nos preocupar em viver muito, mas em viver de forma plena; pois viver muito depende do destino, mas viver plenamente depende da nossa própria alma”. Ep. 93,2.

<sup>534</sup> “(...) Para a alma se dispor a encarar a aproximação da morte é necessário fortalecê-la com um intenso e árduo treino. In: Ep. 82,16.

<sup>535</sup> O prefácio do tratado geográfico *Naturales Questiones*, Sêneca endereça ao amigo Lucílio.

a esse estudo o tempo que os vícios lhe deixam livre?”.<sup>536</sup>

Em determinado momento da carta 59, o pensador latino utiliza-se de um paralelo com os animais para atingir seu leitor, referindo-se a ele próprio, pois “nem sequer sei ainda uma coisa que a própria saciedade ensina instintivamente aos animais: a justa medida na comida e na bebida. Ainda ignoro qual a quantidade que devo consumir”.<sup>537</sup>

Para Lucius Sêneca, é preciso uma vigilância atenta e contínua para se atingir aquilo que se propõe, quer seja, uma vida virtuosa, de paixões refreadas e hábitos modestos, porque para ele, “o mínimo gesto pode servir de indício da moralidade das pessoas”.<sup>538</sup> Retomemos sempre a relação da vida pública e da vida privada, no intuito de reforçar a nossa argumentação. Assim, para Sêneca, a postura adotada na vida privada poderia ter reflexos na vida pública.

Uma vida reta não deve ser procurada nos banquetes, nas bebedeiras ou nas ruas; porém, dentro de si próprio, nos exercícios constantes e diuturnos e nos mestres da filosofia que buscamos, inicialmente com a ajuda de um preceptor, depois, quando a segurança permitir, essa busca pode ser feita de forma solitária, “porque é mais fácil manter os vícios à distância do que refreá-los depois de introduzidos em nós”.<sup>539</sup> O que Sêneca propõe é quase como um roteiro que o potencial leitor poderia ou deveria seguir para atingir o modelo ideal de conduta em suas mais diversas ações. Seu leitor é sobretudo o príncipe que necessita ser educado para a lide com a administração pública; também deseja atingir seus pares que através da leitura de seus textos, possam repensar suas ações na vida pública e na vida privada. Mas, qualquer potencial leitor que tiver acesso as suas reflexões, pode ser atingido pelos seus ensinamentos, por aquilo que Sêneca considera uma tarefa necessária como pensador estóico. Essas orientações

---

<sup>536</sup> SÊNECA, Ep. 59,10. Em trecho da carta 68 podemos corroborar o que ele pensa da necessidade do controle das paixões, pois “é com as paixões quase sufocadas que nós entramos no caminho da perfeição”. Ep. 68,14.

<sup>537</sup> SÊNECA, Ep. 59,13-14. Idéia semelhante aparece em trecho da carta 69, quando ele diz: “se queres dominar o teu espírito começa por deter as peregrinações do teu corpo”. Ep. 69,1-2.

<sup>538</sup> SÊNECA, Ep. 52,12.

<sup>539</sup> SÊNECA, Ep. 85,13.

senequianas também permitem constatar um modelo de pedagogia, pois ele fala de e a todos os estratos sociais, e um educar-se a si mesmo que melhora a postura do homem perante todos, inclusive na educação de seus filhos. Uma boa educação evitaria atitudes inoportunas de filhos pequenos que poderiam trazer conseqüências funestas no futuro. Era preciso, portanto, “cortar o mal pela raiz”, pois os vícios podem se tornarem permanentes como uma doença da alma, (*morbus animi*).

Vimos no primeiro capítulo que a busca do *princeps* por uma vida devotada à virtude, no segundo essa busca pelo cidadão por atingir uma vida virtuosa inclusive no campo político, requer grandes sacrifícios; na medida em que o corpo é o grande depositário desta, é preciso reservar grande espaço para tal empreitada, e, portanto, expulsar do corpo aquilo que é desnecessário e nocivo ao homem de bem, seja ele um cidadão comum, seja ele um mandatário.

Para se atingir este modelo de homem de bem é preciso buscar uma vida na retidão. Lucílio, exemplo notório aos nossos propósitos, é considerado um homem que está no caminho do bem, porém ainda não “está pronto”, como o filósofo afirma dele próprio. “Ninguém pode simultaneamente ser livre e escravo do corpo; para não falar de outras tiranias que o excessivo cuidado com ele nos impõe, a soberania do corpo tem exigências que são autênticos caprichos”.<sup>540</sup>

Em trecho escrito a Lucílio, Sêneca reafirma como o faz em outros muitos trechos das Epístolas Morais, a relação que estabelece entre a formação intelectual e o constante educar-se a si próprio:

Lucílio, meu amigo caríssimo, eu não te desaconselho a leituras dessas matérias, desde que extraias imediatamente as respectivas implicações morais. Corrige os teus costumes, reanima o que em ti esteja débil, reforça o que não é assaz firme, domina as tuas teimosias, reprime quanto puderes as tuas teimosias, reprime quanto puderes as tuas ambições, privadas e públicas (...) tirando de tudo proveito para a tua formação moral, para a repressão das paixões nocivas. Estuda, em suma, não para saber “mais”, mas para saberes “melhor”.<sup>541</sup>

---

<sup>540</sup> Ep. 92,33.

<sup>541</sup> SÊNECA, Ep. 89, 18-23. Perspectiva semelhante pode ser encontrada em trecho da Epístola 40: “Ora, o que eu necessito é de apaziguar os meus receios, de dominar as paixões que se excitam, de eliminar os meus erros, de reprimir a minha luxúria, de aniquilar a minha avareza”. Ep. 40,5.

Para se atingir o modelo perfeito, é preciso ter clareza do alvo que se quer atingir; sabendo o estado do espírito e do corpo ao partir e do caminho a ser percorrido; pois agindo assim o homem de bem adquire coragem e discernimento para esta árdua tarefa. A autoconfiança é, para Sêneca, a melhor arma para enfrentar os obstáculos deste caminho, e mais, ter autoconsciência dos erros cometidos é o início da cura.<sup>542</sup> Vemos que ele trata uma vida de vícios, desviada do caminho da retidão como uma espécie de doença que deve ser curada, e o educar-se é um dos caminhos mais adequados. Citamos na epígrafe de outro subcapítulo que para Sêneca, o estudo da filosofia deve ser buscado com frugalidade e não com suplícios. Assim, buscar a educação é educar-se, e esse educar-se perpassa todos os aspectos da vida do homem, pois “uma boa parte de nossa liberdade está em um estômago bem educado e habituado a sofrer contrariedades”.<sup>543</sup>

Em suma, podemos concluir que para Sêneca, o “educar-se a si próprio”, perpassa todos os aspectos da vida de um homem, e neste, o filósofo latino apresenta um modelo de conduta para o primeiro século da era cristã e defendemos que também para épocas vindouras. Educar-se para uma perfeita conduta pessoal, moral e política; educar-se para servir ao próximo, amigo ou estranho; educar-se para que na escolha de um estilo de vida, servir de bom exemplo para toda a sociedade; educar-se para quando assumir cargos, saber conduzir os negócios públicos. Sêneca disse ao leitor: “(...) assim eu quero o nosso espírito: que domine muitas técnicas, conheça muitos preceitos e exemplos de muitas épocas”.<sup>544</sup> Podemos verificar que no seu projeto de educação pessoal, ele visualiza a necessidade do exercício diário que deveria ser buscado através dos ensinamentos do estoicismo e de outras escolas assim como de exemplos de outras épocas. Portanto, as orientações de Sêneca caminham para podermos afirmar que a história aqui pode ser lida como *magistra vitae*.

---

<sup>542</sup> Ver Ep. 28,9.

<sup>543</sup> Ep. 123,1. Não esqueçamos a preocupação de Sêneca para com os escravos dos desejos do corpo, comparados a animais, portanto não dotados de *humanitas*, discussão feita no capítulo anterior.

<sup>544</sup> Conf. Ep. 84,10.

### 3.3 Os *exempla* e a *historia magistra vitae* no universo filosófico e educacional

Podemos atrelar as funções da filosofia com as funções da educação na proposta senequiana. Ele objetiva construir um “conhecimento adequado”, ou seja, um conhecimento adequado aos seus propósitos de diretor de consciência.

A atitude filosófica de controle das paixões e das emoções, da busca por uma vida virtuosa em conformidade com a natureza e a razão que corresponde ao domínio de si precisa ser exercitada diariamente: filosofar é uma vida de exercícios constantes. Assim, para cumprir tal propósito, há escolhas, há censuras que convergem para a *historia magistra vitae*, e os grandes exemplos são peças-chaves para tal empreitada. Reinterpretar fatos e exemplos de outras épocas ao gosto e ao interesse do narrador é também fazer *historia magistra vitae*, é dialogar com o passado, é manter vivo, lembranças e feitos de outro tempo histórico. Para José Carlos Reis:

A história é a história de homens mortais (...). A sobrevivência de entidades coletivas e anônimas torna menor os desaparecimentos individuais (...). A “imortalidade simbólica” se impõe sobre a mortalidade biológica. O homem como espécie se torna imortal, pois sempre haverá sucessores. Sucessores que sempre procurarão resgatar os antecessores da morte e do esquecimento, isto é, que procurarão impor a permanência, a imortalidade sobre a transitoriedade e mortalidade dos indivíduos. Enfim, como ponte entre o tempo vivido e o natural-biológico, o tempo histórico representa a permanência das gerações sucessivas biologicamente e que dialogam entre si, influenciam e participam de um destino comum, vencendo, do lado biológico, a morte, do lado da consciência, o esquecimento.<sup>545</sup>

Sêneca traz autores, atores e eventos passados na construção de sua escrita. Afirma em trecho de uma de suas Epístolas: “quando já tiveres progredido a ponto de um grande respeito por ti mesmo, só então terás condições

---

<sup>545</sup> REIS. *Tempo, História e Evasão*, p. 76.

de dispensar um pedagogo. Até que isso aconteça, refugia-te na proteção de uma dessas autoridades: Catão, Cipião, Lélío”.<sup>546</sup>

Muitos nomes são citados e lembrados por Sêneca, e que, além de se constituírem exemplos, podem, nesse caso, serem considerados suas leituras e influências. Um desses tantos nomes é de Posidônio,<sup>547</sup> que considera a riqueza um mal; discorre acerca do homem sábio e seu papel na sociedade; e é dele a influência para Sêneca ponderar acerca dos quatro tipos de artes, as chamadas “artes liberais”.<sup>548</sup>

Trilhar seu próprio caminho, com escolhas adequadas não se constitui tarefa simples ou mesmo fácil. Para tanto, os exemplos existem a fim de melhor guiar o iniciante ou discípulo que se aventura no caminho dos estudos filosóficos.<sup>549</sup> E, para tanto, Sêneca adverte que se a *virtu* por vezes parece inatingível, é preciso lembrar que os também os homens sábios, verdadeiros depositários do bem moral e, portanto, da virtude, sofrem, sentem-se abalados, pois fazem parte da humanidade, e muito lutaram para atingir tal magnitude.<sup>550</sup>

Ao debruçarmo-nos nos textos senequianos, saltam-nos aos olhos a amplitude e variedade de nomes citados por ele. Leva-se em consideração, sem dúvida, o volume de sua produção, mas também a variedade de temas abordados. Citar autores das mais variadas searas; governantes do mundo ocidental, governantes do oriente, de terras desconhecidas pela maioria dos cidadãos; seres

---

<sup>546</sup> Ep. 25,5. Podemos ainda destacar a contribuição e influência do filósofo Fabiano para Sêneca, pois “(...) o objetivo dele [Fabiano] era castigar os costumes e não a linguagem, pois escreveu sua obra não para os ouvidos, mas para a alma. (...) Tudo que escreveu visava à sabedoria, o progresso moral, porque os aplausos não o interessavam”. Ep. 100.2.

<sup>547</sup> Posidônio abriu o pórtico às influências de Platão e Aristóteles, corrigindo Crisipo com eles. Disse que não há nenhum bem fora do bem moral. Sêneca retoma essa discussão com o termo *honestum* Para Sêneca, “(...) Posidônio, um dos homens a quem, segundo penso, a filosofia mais deve’. Ver Ep. 90,20. “A parte fundamental do homem é a virtude; por companhia foi-lhe dado um corpo efêmero e inútil que serve tão somente, como disse Posidônio, para a ingestão de alimentos.”. Ep. 92,10.

<sup>548</sup> Para tanto ver Ep. 88.

<sup>549</sup> No *De Providentia* e no *De Constantia Sapientis*, vemos desfilar inúmeros exemplos de homens considerados sábios e modelares a toda humanidade.

<sup>550</sup> Ep. 71,29.

mitológicos gregos, romanos e de outras partes do mundo, era uma clara demonstração de objetivar estabelecer um diálogo com o maior número possível de leitores e ouvintes e acima disso, demonstrar uma erudição necessária para ser respeitado pelos seus pares e pelo ambiente no qual Sêneca circulava.

Sabe-se que, além do estoicismo, outra corrente filosófica que também foi bem e amplamente recebida no mundo romano foi o epicurismo. Escola fundada por Epicuro ganhou adeptos por defender uma vida devotada ao prazer; não no sentido hedonista, mas uma vida de indiferença às dores e aos problemas do mundo.

As referências a Epicuro nas *Epístolas Morais* são de cinquenta e nove, atrás apenas de Virgílio. Os objetivos de tamanha referência objetivam, a nosso ver, uma série de questões. Destacamos uma interessante passagem na carta 21:

Os teus estudos farão de ti um homem ilustre e famoso. Posso citar-te como exemplo um caso passado com Epicuro. Numa carta a Idomeneu, que era ministro do poder real e encarregado de importantes responsabilidades, Epicuro, para afastá-lo dessa vida de ilusória grandeza e o aliciar para a glória certa e firme da sabedoria, disse-lhe: ‘Se estás interessado na glória, as minhas cartas dar-te-ão renome superior a esses cargos que tu procuras – e que tornam a tua pessoa tão procurada<sup>551</sup>

Nota-se que Sêneca faz dessa passagem um espelho para aquilo que ele próprio e Lucílio estão vivendo. Trocam correspondências e reflexões sobre a conduta de suas vidas, assim como Epicuro e Idomeneu. Senão vejamos: “O mesmo que Epicuro prometeu ao seu amigo, eu te prometo a ti, Lucílio: a posteridade há de recorda-se de mim, hei de fazer com que alguns nomes perdurem por estarem ligados ao meu”.<sup>552</sup> Além dessas importantes referências, o filósofo também cita o exemplo de Cícero: “Até mesmo Cícero, o homem que elevou ao cume a eloquência romana, andava a passo”.<sup>553</sup> Trata-se, sem dúvida, de atingir uma das premissas de Sêneca para tamanha empreitada: eleger homens de bem como exemplos, não os descobrindo, mas escolhendo-os como modelos.

---

<sup>551</sup> SENECA. Ep. 21,3.

<sup>552</sup> SENECA. Ep. 21,5.

<sup>553</sup> SENECA, Ep. 40,11.

Como dissemos anteriormente, Epicuro também é um dos nomes mais lembrados por Sêneca, e um dos grandes modelos de homem devotado a orientar a sociedade em que vivia. O exemplo de sua postura perante a dor de sua doença, enfrentada com coragem, e sua indiferença perante a eminência da morte, são alguns dos aspectos mais evidenciados por Sêneca nas Epístolas Morais.<sup>554</sup>

Para Sêneca, o homem que trilha seu caminho, mesmo que sozinho, pode e deve ser considerado um exemplo a ser seguido. Defende a necessidade de se afastar da multidão e não esconde a idéia de que o vulgo não precisa ser agradado, mas educado no caminho da virtude, longe dos vícios. O viver segundo a natureza, contrário aos anseios da multidão; visualizar a liberdade na dedicação aos estudos filosóficos; e a valorização da *amicitia* inclusive pelo homem sábio, que também necessita de bons amigos são idéias retiradas dos ensinamentos de Epicuro.<sup>555</sup> O bem supremo, propagado por Epicuro, e posteriormente defendido por Sêneca se resume a dois aspectos, a duas espécies de bem: a ausência de perturbação da alma e a ausência de dor no corpo.

O autor mais citado por Sêneca ao longo das Cartas a Lucílio, como já dissemos é Virgílio, mais especificamente, sessenta e sete vezes. No segundo capítulo, discutimos a presença de Virgílio no texto senequiano, quando ele tenciona atingir seus concidadãos, e claro, potenciais leitores de sua obra. Sabe-se que o poeta de Mântua cantara as coisas de uma vida simples, rústica, até bucólica. Além disso, Virgílio já era durante a antigüidade um autor muito lido e respeitado por diversos grupos, desde os seus pares até as pessoas mais simples que ouviam seus comentários durante as leituras públicas realizadas por todo o Império. A opção por citar novamente Virgílio nesse momento, se justifica, pois o poeta evidencia a boa relação do príncipe (Augusto) para com os autores que o cercavam. Há uma defesa da idéia de que o mandatário deve criar as condições para que os filósofos possam ter o *otim cum dignitate*, fundamental para realizar ou aprimorar a formação necessária deste para melhor orientar a sociedade, e

---

<sup>554</sup> Ver Ep. 23,9; Ep. 24,23; Ep. 66,18; Ep. 67,15; Ep. 92,25.

<sup>555</sup> Ver Ep. 8,7; Ep. 9,1; Ep. 16,7; Ep. 25,5; Ep. 29,10; Ep. 52,3;



estabelecer a boa relação entre príncipe e concidadãos, cimento do Império, na visão senequiana.<sup>556</sup>

Virgílio cantara as glórias de um jovem príncipe, Augusto, que trazia em sua administração um sentimento de renovação após um período de acirradas lutas e guerras civis ocorridas no final do período republicano. Criara-se assim, a expectativa de um novo século, chamado inclusive de “século de Augusto” e Virgílio anunciara isso na Quarta Égloga das *Bucólicas*.<sup>557</sup> Na *Eneida*, percebe-se constantemente a presença dos feitos de Augusto e a sua missão de civilizar todo o mundo. O modelar regime – assim seria considerado pelos coevos e por autores posteriores de Augusto - já teria sido anunciado pelos deuses. Afirma Virgílio no verso 789 do Canto VI da *Eneida*:

Este aqui sim, este mesmo, é o herói prometido mil vezes, César Augusto, de origem divina, que o século de ouro restaurará nas campinas do reino do antigo Saturno, e alargará seus domínios às fontes longínquas dos índios e os garamantes, às terras situadas além de mil astros, longe da rota do sol e do tempo, onde o Atlante celífero sobre as espáduas sustenta esta esfera tauxiada de estrelas<sup>558</sup>

Vejamos agora como Sêneca se refere ao principado de Nero no tratado a ele endereçado *De Clementia*, no próêmio I,1, construindo uma fala dita pelo próprio príncipe:

Será que por acaso eu, entre todos os mortais, agradei e fui eleito para desempenhar na terra o papel dos deuses? Eu sou o árbitro de vida e de morte desta gente. Está em minhas mãos a qualidade da sorte e da posição que cabe a cada pessoa. Por minha boca, a Fortuna anuncia o que deseja que serve a cada mortal. A partir de nossa resposta, povos e cidades reúnem motivos de regozijo<sup>559</sup>

Sêneca almeja, portanto, realizar empreitada semelhante quando escrevera o *De Clementia* em honra e glória de Nero. Mesmo tomando o governo de

---

<sup>556</sup> Ver Ep. 73,11.

<sup>557</sup> Segundo Grimal, “para agradecer a Otávio, o poeta compôs a égloga que abre a coletânea das *Bucólicas*, na qual apresenta Otávio, e só ele, como gênio tutelar do Império, ou, pelo menos, da Itália”. In: **O Império Romano**, p. 43.

<sup>558</sup> Virgílio. *Eneida*. p. 133.

<sup>559</sup> Sêneca. *De Clementia*, I,2.

Augusto como modelar, o filósofo defende uma grande diferença que separa os governantes quando diz em I,6:

mas tu te impuseste um enorme encargo. Ninguém fala mais do divino Augusto, nem dos primeiros tempos de Tibério César, nem, querendo imitar um modelo, procura outro além do teu: avalia-se o teu principado por esta prova. Isto teria sido difícil, se a bondade não fosse natural em ti, mas encenada de vez em quando<sup>560</sup>

Sêneca se mostra bastante otimista em relação ao principado neroniano, pois tem a rara oportunidade de colocar em prática, idéias estóicas para a administração imperial. Assim como Sêneca, Lucano, seu sobrinho, acreditava no seu governo e em suas gloriosas realizações. Lucano, em trecho da *Farsália*, I, 63-66, coloca Nero como inspirador de um poema quando afirma: “mas para mim já és um deus; e se, como um vate, te aceito no meu peito, não desejo invocar o deus que revela os segredo de Cirra, nem fazer Baco retornar a Nisa: tu és bastante para dar vida a um poema romano”.<sup>561</sup>

Conforme apresentamos no segundo capítulo, mesmo considerando algum teor de ironia, quando se comparam os textos com a prática neroniana dos últimos anos de governo e com o peso das acusações contra o mais alto representando da família dos *Domícios*, não podemos deixar de registrar o fato de que grande parte dos historiadores considera os primeiros anos do seu governo como modelar, chamando-o inclusive de *quinquennium Neronis*, dada a sua capacidade de bem administrar o bem público, por um período, ainda que curto, de tempo.

Há uma abundância de exemplos quando a ênfase recai nas leituras sugeridas por Sêneca ao seu pupilo -, as suas escolhas, seus autores preferidos, ou pelo menos parte deles, utilizados ao longo de sua formação de filósofo estóico.

---

<sup>560</sup> Idem, I,6.

<sup>561</sup> LUCANO. M. Anneu, **Farsalia**. Introducción, traducción y notas de Antonio Helgado Redondo. Madrid: Editorial Gredos, 1984. Ver também texto de CARVALHO, Aécio. A *Farsália*, de Lucano: importância na evolução do *epos*. In: **Acta Scientiarum**. Maringá, 23, 2001, p. 96.

Citamos um exemplo: “Nesse momento ando interessado em ler Sêxtio, um autor penetrante que, conquanto escreva em grego, professa uma filosofia adequada ao caráter romano”.<sup>562</sup>

Em Carta 49 vemos uma crítica, com o referendo de Cícero, feita aos poetas líricos e aos dialéticos:

Dizia Cícero que nunca teria tempo para ler os poetas líricos ainda que a sua vida duplicasse; o mesmo direi eu dos dialéticos, cuja insensatez ainda é mais constrangedora, pois se aqueles são fúteis deliberadamente, estes estão convencidos de que fazem obra útil. Não nego que se deva dar uma olhadela ao estudo da dialética, mas uma olhadela apenas, uma saudação, por assim dizer, feita cá de longe e com este único propósito: o de não tomarmos o que não passa de palavreado como se fosse a expressão de algum grande e profundo pensamento.<sup>563</sup>

Sêneca, ao realizar críticas de estilos e escolas filosóficas, estabelece ligações entre esses estilos de escrita, ou estilos vigentes com a época que estão circulando. Insistimos nesse argumento, pois, para ele, um determinado estilo pode ser visto como um termômetro de como está se comportando uma determinada sociedade; um determinado estilo de escrita pode imitar costumes e comportamentos sociais, pois “a corrupção do estilo demonstra plenamente o estado de dissolução social, caso, evidentemente tal estilo não seja apenas a prática de um ou outro autor, mas sim a moda aceite e aprovada por todos.”<sup>564</sup>

A “iniciação ao supremo bem” como diz Sêneca, quer seja, uma vida virtuosa, reta e perfeita, pode e deve ser buscada em diversos autores: “E quanto aos dois Catões, a Lúcio-o-sábio, a Sócrates, a também a Platão, a Zenão, a Cleantes - ser-me-á possível pensar neles sem as maiores provas de respeito e admiração? A todos estes homens eu venero, e sinto-me pleno de entusiasmo

---

<sup>562</sup> SÊNECA. Ep. 59,7. 211. Notamos que um romano letrado deve saber ler autores gregos para a sua formação. Lúcio Sêxtio: Primeiro cônsul plebeu. Juntamente com Lúcio Stolen, conseguiu aprovar em 367. a.C. As “*Leis Licinias*” que pediam acesso dos plebeus ao Consulado. A Lei também pôs fim à escravidão por dívidas.

<sup>563</sup> SÊNECA. Ep. 49,5. Ainda na mesma carta o autor ataca: “Nada será mais prejudicial a quem tem propósitos elevados do que a falaciosa sutileza da dialética.” Ep. 49,12.

<sup>564</sup> SÊNECA. Ep. 114,2. Para ele era preciso recolher preceitos que fossem úteis, que pudessem ser colocados imediatamente em prática, ou seja, transformar as palavras em ato. Ver Ep. 108.

sempre que penso em tão grandiosos nomes!”.<sup>565</sup>

Sem sombra de dúvida, Catão aparece como um dos personagens da literatura latinas mais referenciadas. Ele é símbolo de uma “época de ouro” da sociedade romana, personificação das virtudes republicanas arcaicas, homem reto, virtuoso e, para Sêneca, símbolo de um estilo de vida e de postura que poderia e deveria ser recuperado. Não sem razão, Sêneca o cita quarenta e duas vezes ao longo das Epístolas Morais. Nestas, Catão aparece como exemplo a ser seguido<sup>566</sup>, inclusive na escolha do lugar que fixou residência, longe de um ambiente vicioso, reforçando a nossa discussão acerca desse tema em outro capítulo.<sup>567</sup>

Catão é ainda citado por Sêneca como modelo de “boa morte” ou de uma morte digna de ser lembrada. Antes de morrer, Catão teria proferido um discurso que Sêneca narra na Carta 24: “Não combati até hoje pela minha própria liberdade, mas pela da pátria; todo o meu esforço tendeu, não a viver livre, mas a viver entre homens livres. E agora que já não há esperança para o gênero humano, Catão, irá acolher-se a lugar seguro”.<sup>568</sup>

A escolha dos autores mais adequados a uma perfeita formação moral, para Sêneca, recai prioritariamente mais no exemplo dado pelas ações do que no estilo adotado por esses autores. Quer dizer, o filósofo prioriza em suas reflexões e ensinamentos, os exemplos pessoais, as condutas na vida cotidiana e não num texto que possa ser mais rebuscado ou que tenha um rigor de método. Para Sêneca, a boa formação intelectual, está atrelada a escolhas que evidenciem a clareza e a simplicidade.

Defendemos que os ecos ciceronianos percorrem boa parte da escrita senequiana. Quando não há uma referência direta ao autor republicano, há muitas semelhanças, nos temas por eles tratados. Em Cícero, assim como em Sêneca, o sábio deve agir de acordo com um cidadão dotado de humanitas, solidário,

---

<sup>565</sup> SÊNECA, Ep. 64,10. Ainda em Sêneca: “todos os Zenões e Crisipos te aconselharão à modéstia, a honestidade, o culto do teu próprio bem”. Ep. 22,11.

<sup>566</sup> Ver Ep. 11, Ep.13, Ep. 24,

<sup>567</sup> Ver Ep. 51.

<sup>568</sup> SENECA. Ep. 24, 7.

interessado no bem comum antes do interesse pessoal. Este sábio vive em retidão, próximo da razão e em conformidade com a natureza, pois esta para ambos é “naturalmente” boa. Ambos, mesmo que criticando, dialogaram e valorizaram os ensinamentos de Epicuro em seus escritos.

O ideal ciceroniano, assim como o senequiano é obter o afeto dos súditos, e como não se lembrar desta premissa contida no *De Clementia* endereçado a Nero. Um objetivo de caráter universal com o intuito de fazer todos se sentirem pertencentes a um mesmo mundo civilizado.

A vitória do estoicismo seria alcançar um “tipo ideal de caráter”. O sábio é o arquétipo do homem bom, depositário e praticante das virtudes, mais especificamente de quatro virtudes essenciais: a sabedoria, que define o próprio sábio, que vive em conformidade com a razão; a justiça, que leva o homem bom a praticar a clemência no momento oportuno, seja o príncipe perante um comandado, seja um senhor perante seu escravo; a coragem para enfrentar todas as adversidades: os inimigos políticos, os vícios, a dor e a morte; e a moderação para achar o equilíbrio para melhor discernir o certo do errado.

Para Sêneca, o estoicismo deveria ser uma espécie de estilo de vida. O que ele estabelece é a possibilidade de traçar um quadro do ideal senequiano para o homem romano. O estoicismo no seu aspecto político defende o universalismo e o cosmopolitismo. Assim, a *urbanitas* caminha lado a lado com a *humanitas*, isto é, a boa educação que o povo romano deveria possuir, pois a educação e civilização são uma via de mão dupla. Sêneca propunha colocar em prática a partir de seus escritos tamanha empreitada; e que nós consideramos o seu grande projeto político-pedagógico.

A partir das escolhas feitas por Sêneca, seu estilo de vida, de postura, ele se coloca na linha de outros autores considerados clássicos, ainda na Antiguidade. Além de Cícero, como não se lembrar de Tito Lívio que também viveu no meio aristocrático, não se mostrou homem de método, mas era didático e moralista, pois postulava que as qualidades morais de um povo forjam seu destino. Tito Lívio e depois Sêneca, colocam grandes expectativas na posteridade e valorizam amplamente o impacto que os *exempla* poderiam causar no leitor.

Na mesma linha de raciocínio, convém lembrar Salústio que como depois fará Sêneca retirou-se da vida pública para se dedicar ao *otium studiosum*, ao mesmo tempo em que evidenciavam as virtudes suscetíveis de preservar a grandeza de Roma com a influência dos grandes autores da história, prioritariamente romana.

### 3.4 “Eu sou o próprio exemplo e modelo”: a Ego-Narrativa na construção senequiana

“Estou trabalhando para a posteridade”.  
“Também espero que a minha história não tenha sido inútil”. (Sêneca. Epístolas Morais).

Grande parte da construção da história romana, principalmente durante o principado está associada à aristocracia senatorial romana. Muitos dos autores que construíram a memória desse período ocuparam cargos importantes na magistratura, ou representaram o seu interesse, na medida em que alguns autores eram patrocinados por senadores poderosos. Sêneca também ocupou cargos importantes, teve o principado em suas mãos e dialogou com a aristocracia senatorial, portanto podemos afirmar que ele pode ser visto como um “espelho dessa história”.

Consideramos que os *exempla*, amplamente utilizados no gênero *Historia magistra vitae*, são um recurso civilizatório e carregam uma grande força pedagógica para a edificação da sociedade e do homem. Estão na história e, portanto, ensinam. Carregam um sentido, ou adquirem determinado sentido no seu contexto histórico, ou no contexto em que são recuperados e utilizados. Essa literatura pedagógica é antes de tudo um tratado sobre ética e na escrita senequiana ele o faz para construir uma imagem do seu tempo, mas também uma imagem de si. Assim, as narrativas de si são escritas para si, mas também são escritas para os outros.

O que é ser ele próprio este modelo? Ao morrer, dizem seus cronistas, teria citado Sócrates<sup>569</sup>, como exemplo de postura perante a vida, como um verdadeiro arquétipo de conduta. Sêneca elege modelos e se coloca como modelo direta e indiretamente. De forma direta, isso fica claro em diversos trechos das Cartas a Lucílio discutidas ao longo deste trabalho; indiretamente, quando se coloca como alguém que ainda está construindo opções para a sua vida embasadas na moral, na ética, no educar-se a si próprio, no viver segundo a natureza e de acordo com a razão.<sup>570</sup> O que Sêneca promete para aqueles que tiverem coragem a seguir o seu projeto? Afirma: “(...) cumpriu seus deveres de um bom cidadão, de bom amigo, de bom filho (...) mesmo que o tempo de vida fosse curto, conseguiu atingir a plenitude. (...) Devemos avaliar a nossa vida pelos atos e não pelo tempo que dura. Viveu! Atravessou a barreira do tempo e se fixou na memória da posteridade”.<sup>571</sup> Seguramente era isso também que Sêneca sempre cobiçou e buscou arduamente.

Naquele tempo, eloquência e inteligência, filosofia e retórica andam muito próximas e uma boa formação passava por esse caminho. Essa foi uma das grandes exigências de Cícero e Sêneca faz a si próprio um homem singular, pois acredita trilhar este caminho ao longo de sua vida pessoal e pública, pois política prioritariamente. Os verdadeiros alunos e discípulos de filósofos e da filosofia precisam prontamente atender aos ensinamentos e apelos dos mestres: atitudes, palavras, o exemplo de sua vida são fundamentais na busca por uma vida virtuosa e modelar, naquilo que o estóico imperador Marco Aurélio chamou de “contemplação de si mesmo”.<sup>572</sup>

---

<sup>569</sup> Citamos tal passagem quando discutimos a trajetória intelectual de Sêneca na Introdução deste trabalho, ao falar sobre a sua morte.

<sup>570</sup> Na Ep. 61,1 declara: “Eu faço o possível para não ter na velhice os desejos que tinha na infância. Meus dias e noites, meus esforços e pensamentos caminham no sentido de por a termo os meus defeitos”, ou “eu já vivi o suficiente, meu caro Lucílio, posso aguardar a morte plenamente satisfeito”.

<sup>571</sup> Conf. Ep. 93,4.

<sup>572</sup> Afirma o pensador estóico: “No dia em que eu deixar de conseguir suportar qualquer coisa que seja, vou deixar de suportar-me a mim mesmo”. Ep. 96,1.

Sêneca teve a oportunidade de escrever e a aproveitou muito bem, pois sua produção é gigantesca para a sua época e parece que pouca coisa se perdeu. Com esse significativo poder, é o autor da obra que escolhe os fatos dignos de serem lembrados, escolhe seus espelhos e pode inclusive se colocar como espelho. Seus textos traduzem uma visão de mundo e transmitem representações sociais, políticas, entre outras. Em carta a Lucílio, Sêneca afirma: “seja qual for o valor dos meus escritos, lê-os como obra de um homem em busca da verdade, não detentor dela, mas em busca contínua e tenaz (...). Confio, e muito, no pensamento dos grandes homens, mas reivindico o meu direito próprio de pensar. De resto eles não nos legaram verdades acabadas, mas sim sujeitas à investigação”.<sup>573</sup>

O desenrolar dos acontecimentos de Roma, para Sêneca, estava muito acelerado.<sup>574</sup> Na sua ânsia de conquistas e expansões, os homens perderam as boas referências de outrora. A postura e as atitudes de excesso, superficialidade eram um reflexo desse estado de coisas. Retornar aos antigos autores e exemplos, recuperar valores de um passado considerado por ele como glorioso, era uma forma de propor outro modelo, outras atitudes frente à vida e aos concidadãos. A partir de suas leituras, dos exemplos lidos e de um constante debruçar sobre a história passada, Sêneca molda sua própria personalidade e deseja moldar a dos seus potenciais leitores. Disse em carta a Lucílio: “(...) se tens confiança em mim, vou te revelar os meus mais íntimos sentimentos: eu formei o meu caráter no meio de circunstâncias desfavoráveis e muito duras”.<sup>575</sup> Essas experiências com o passado contribuem para definir uma maneira de ser no tempo, e sabemos que o passado recente atingia-o muito de perto.

Sêneca “rebaixa” os grandes autores e se coloca em igualdade de condições de servir para a posteridade; senão vejamos: “não pretendo negar que

---

<sup>573</sup> SENECA. Ep. 45,3.

<sup>574</sup> No *De Brevitate Vitae* Sêneca já alertava a maneira correta de utilizar o tempo. As pessoas lamentam-se que a vida é curta, que não há tempo suficiente para as coisas, porém, para Sêneca, são os próprios homens que desperdiçam seu tempo com coisas vãs, fúteis e ocupações inúteis. Se o homem souber aproveitar seu tempo, ele é longo e suficiente.

<sup>575</sup> Ver Ep. 96,2.



sigo os meus predecessores; claro que os sigo, mas reservando-me o direito de descobrir, alterar ou abandonar alguma idéia; não sou escravo dos meus mestres, apenas lhe dou o meu assentimento”.<sup>576</sup> Assim como acontece com Epicuro e seus discípulos, Cícero e seus discípulos, só para ficar nos exemplos de autores amplamente citados por Sêneca, ele afirma: “ O mesmo que Epicuro prometeu ao seu amigo, eu to prometo a ti, Lucílio: a posteridade há-de recordar-se de mim”<sup>577</sup>.

Uma relação de amizade, ou melhor, o papel fundamental dado a *amicitia*, é peça chave, segundo Sêneca, no que a posteridade a de recordar de ambos, mestre e discípulo.<sup>578</sup> Segundo Pierre Grimal, “naquele tempo, seguir o ensinamento de um filósofo parecia-se bastante com um noviciado religioso; ocupava todos os minutos da vida, e no caso dos epicuristas, implicava uma existência em comum, em torno do Mestre”.<sup>579</sup> Assim, Sêneca, muitos anos depois, desejava estabelecer uma forte relação com Lucílio. O primeiro num contínuo esforço para tornar o segundo seu discípulo, divulgador de suas concepções, perpetuador do seu nome depois da sua morte.

Os homens sempre identificaram os deuses romanos com formas humanas. “Essa revelação divina tinha como efeito mostrar aos seres humanos o exemplo da beleza, da serenidade; exaltava pelo modelo que oferecia. Na medida em que também o pensamento de Epicuro agia como exemplo e mostrava o caminho para o Supremo Bem, seus discípulos tinham motivos para fazer dele um Deus”.<sup>580</sup> Não sem razão, Sêneca constantemente se reporta aos ensinamentos de Epicuro e aos exemplos deste e aos exemplos dados por este; ainda que não

---

<sup>576</sup> SENECA. Ep. 80,1.

<sup>577</sup> SENECA. Ep. 21,5. Idéia semelhante aparece em outros momentos como, por exemplo, quando afirma que: “tu estás ligado a mim, és obra minha” ou quando diz “(...) associa-te a mim, portanto, suprema recompensa do meu esforço”. Trechos das Eps. 35, e 36. Em outro trecho da Ep. 81,32 declara: “goza em paz o que de mim recebeste: não te reclamo, não te exijo. Basta-me saber que te fui útil”.

<sup>578</sup> Ver *De Providentia*, 1,5. Esta relação entre mestre e discípulo, não esqueçamos, são ensinamentos do estóico Átalo, nas aulas em que disse Sêneca, era o primeiro a chegar e o último a sair. Ver Ep. 108,3.

<sup>579</sup> GRIMAL, P. **Virgílio, ou o segundo nascimento de Roma**, p. 41.

<sup>580</sup> Idem, p. 80.

concordasse com a totalidade deles, Epicuro é um nome forte e presente nas obras senequianas.

Podemos perceber que o autor cordobês se coloca em “pé de igualdade” para com os grandes autores quando faz referências aos seus exemplos na orientação fornecida a Lucílio, ao mesmo tempo, imagina que Lucílio um dia também poderá ser exemplo para outros discípulos. Diz-nos Sêneca: “Façamos nós também algo que mostre grandeza de alma; sejamos nós também um exemplo”.<sup>581</sup> Interessante passagem se dá quando Sêneca, se dirigindo a Lucílio fala dele mesmo; ali aparece uma espécie de autocrítica quando ele afirma: “Pensa na idade que tens, Sêneca, e sentirás vergonha por teres as mesmas vontades e objetivos que tinhas em jovem. Já que está próximo o dia da tua morte, vê se consegues ao menos que teus vícios morram antes de ti”.<sup>582</sup>

Enquanto se vê autores apenas “passando”, ou fazendo referências rápidas ao estoicismo, Sêneca nunca escondeu sua vinculação a essa escola filosófica. Defensor ferrenho desta, ele se coloca como um dos grandes representantes do estoicismo romano, porém sempre declarou sua preferência pelo aspecto mais prático do que teórico dos ensinamentos filosóficos. Afirma: “Não imagines que de entre os estóicos sou eu o primeiro a falar sem ser pelo manual, e a ter a minha opinião própria”.<sup>583</sup>

Sêneca chegou a se comparar com Sócrates, filósofo modelar que foi, segundo ele, protótipo do acusado e condenado injustamente. A vergonha não era de quem fosse exilado ou dos familiares, mas de quem exilou. Ao se colocar na mesma fileira com grandes personalidades de sua época ou épocas anteriores, ele parece querer reafirmar constantemente a sua inocência. Ele precisou demonstrar firmeza ao longo de sua vida.

Sêneca reconhece que sua produção tem quilate para a posteridade, se

---

<sup>581</sup> SENECA. Ep. 98,13-14. Na Ep. 102,18 afirma: “(...) que sou louvado, porque a natureza me conduziu a amar todo o gênero humano, e por isso me alegro de fazer o bem e me sinto contente por ter encontrado quem, por gratidão, se dispunha a explicar aos outros as minhas virtudes”.

<sup>582</sup> SENECA. Ep. 27, 2.

<sup>583</sup> SENECA. Ep. 113,23. Faz ainda na mesma carta uma discussão sobre as opiniões de Cleantes e Crisipo acerca de “questões estóicas”.

coloca como pertencente à linha mais digna dos grandes autores da Antiguidade, porque afirma categoricamente: “Venero por igual as descobertas da filosofia e os seus descobridores (...) Possa a herança que vou transmitir aos vindouros ser maior do que a que recebi”.<sup>584</sup> Ao final da correspondência com Lucílio, e sabemos que foi seus últimos escritos, Sêneca conclui: “(...) hei-de enaltecer as virtudes e verberar energicamente o vício. Ainda que alguns me acusem de insistir com demasiadas virulência neste ponto, nunca deixarei de por em causa a maldade, de refrear as mais violentas paixões, de dominar os prazeres que inevitavelmente terminam na dor, e de contestar as ambições habituais dos homens”.<sup>585</sup>

Sêneca, é preciso considerar, não foi apenas o preceptor e professor de um imperador, mas teve a sua volta, muitos amigos, alunos e simpatizantes de suas idéias; estes discutiam questões sobre a conduta mais apropriada para a vida, sobre questões em torno das propostas da filosofia estóica para o mundo e para a sociedade romana,<sup>586</sup> pois para Sêneca, estar vivo é ser útil aos outros e a toda a sociedade.

Peter Burke, citando Jacob Burckhardt diz que há na Antiguidade um lugar para a luta (*agon*) que perpassa a arte, a literatura, a filosofia e a política. Assim, temos uma “tensão entre, de um lado, o que o autor chama de ‘individualismo incorrigível’, e a paixão pela fama e, de outro, a exigência de que o indivíduo se subordine à cidade”.<sup>587</sup> Analisando os textos senequianos podemos claramente perceber o dilema de um autor que se sentiu na obrigação de ajudar a sua cidade ao mesmo tempo em que desejava ficar para a posteridade a partir de

---

<sup>584</sup> SENECA. Ep. 64,7. Na Ep. 8,6 afirma: “ao formular estas reflexões, tanto para mim como para a posteridade...”.

<sup>585</sup> SENECA. Ep. 121.,4. Afirma ainda em trecho da Ep. 65,21: “eu sou algo mais, um nasci para algo mais do que para ser escravo do meu corpo, a quem não tenho em maior conta do que a uma prisão em torno da minha liberdade”.

<sup>586</sup> Seus alunos e discípulos trilham caminhos diferentes mais buscam mesmos objetivos: a *eudomonía*, paz e felicidade interior alcançada pela *ataraxia*, a indiferença as tentações do mundo, livre das paixões, o desapego das coisas materiais, indiferente a dor e a morte.

<sup>587</sup> In: BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005, p. 18. Ainda que a referência seja explícita para a Grécia, acreditamos ser possível pensar essa perspectiva para Sêneca e a sociedade romana.

seu exemplo e de seus escritos. Sêneca procurou resolver essa tensão abarcando para si os dois aspectos, pois escreveu para buscar fama e reconhecimento, e escreveu no que acreditava ser uma contribuição para a humanidade coeva e futura.

Um dos pontos centrais de sua obra, e com mais evidência na última fase, é a defesa do *otium cum dignitate*, ou seja, a dedicação a meditação e aos estudos em tempo integral, principalmente a filosofia, ou seja, ler os autores considerados clássicos como Platão, Aristóteles, Epicuro, Cícero e tantos outros grandes homens e poder dialogar com eles.<sup>588</sup> Essa proposta de Sêneca nos permite constatar que ele aconselha trazer para o presente os escritos e os exemplos desses grandes pensadores que estão em um passado remoto ou mais recente. Insistimos, portanto, e afirmamos já na introdução deste trabalho, essa espécie de monumentalização do passado que Sêneca recupera; um passado que pode ser estendido ao presente, assim como a união da sua experiência com a experiência de outras épocas. Sêneca, desta forma, constitui-se como instrumento de captação da configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior e com isso ele funda um conceito do presente no qual o passado se monumentaliza.<sup>589</sup> Isso seria válido não só para ele e para a sua escola, a estóica, mas também para seus pares e para todas as outras escolas e correntes de pensamento. Assevera Sêneca: “(...) temos de nos debruçar sobre o humano e o divino, sobre o passado e o futuro, sobre o eterno e o efêmero, ou seja, sobre o tempo”.<sup>590</sup>

Procuramos evidenciar ao longo do trabalho que Sêneca, a partir dos seus escritos pode ser lido como um autor que usa da *historia magistra vitae*, e para tanto os *exempla* são um dos seus principais recursos. Ele constantemente dialoga com o passado, inclusive para modificar seu presente e aconselhar mudanças de concepções para o futuro. Nesse diálogo que ele estabelece com o

---

<sup>588</sup> Idéia que será amplamente retomada por autores humanistas da Renascença. Os *exempla* também podem ser importantes indicadores das leituras feitas pelo autor ou narrador do texto.

<sup>589</sup> Para tanto ver BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: obras escolhidas. Vol 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

<sup>590</sup> Ver Ep. 88.

passado e seus grandes autores e com a experiência de outros homens e com a sua própria experiência acumulada como pensador e estudioso, seu desejo é ser incluído nesse rol de grandes nomes da Antiguidade. O uso que faz desses nomes também serve como uma espécie de suporte para a sua narrativa histórica e reforçar que seus anseios, desejos e intenções encontravam-se presentes no pensamento de homens ilustres de sua época e de épocas anteriores.

A defesa, nos textos redigidos na velhice, de uma vida dedicada aos estudos, explica sua posição e suas escolhas. Apesar de seu reconhecimento, Sêneca colheu muitas frustrações ao longo de sua trajetória política e pessoal. Foi exilado no ápice da sua vida e quando despontava como político e escritor em Roma. Toma praticamente as rédeas do poder e vê suas pretensões de um governo de feição estoíca desandar ao longo da administração de Nero. Mas, é preciso considerar que acreditamos que Sêneca estava ciente daquilo que o governo de Nero alcançou no período em que ele orientou o príncipe no poder.<sup>591</sup> As atitudes de clemência, bondade e retidão tomadas por Nero, seguramente se deram por influência e orientação de Sêneca, além do sucesso obtido pelo príncipe nos discursos proferidos no e para o Senado, todos da lavra do pensador estoíco. Acreditamos que parte de sua frustração se deveu ao fato de que Sêneca desejava muito mais do que assumir um cargo em Roma, ou conduzir o mandatário na sua tarefa, concluir e/ou aprofundar seus estudos na Grécia.

As incursões senequianas nos mais diversos temas por ele abordados, mas principalmente naqueles em que ele se coloca como orientador ou educador de algo ou de alguém foi, por diversos momentos, desesperadoras. Quando nos debruçamos sobre os últimos escritos de Sêneca, e estamos nos referindo as Epístolas Morais, detectamos um grande pessimismo com relação ao homem. Afirma o cordobês: “o homem, esse, destrói o seu semelhante por prazer”.<sup>592</sup>

---

<sup>591</sup> Um dos generais de Nero, Corbulo, assegurou as fronteiras na Armênia e efetivou uma política de segurança nas fronteiras na região da Germânia, fiel a proposta de Augusto, que defendia a necessidade de assegurar o que já estava conquistado ao invés de realizar novas conquistas arriscadas. A administração das finanças se mostrou equilibrada e fortalecida, bem como a do direito (justiça). Para essa discussão ver texto de RIBEIRO, Daniel Valle. Nero: política externa e defesa do Império. In: **Clássica**. São Paulo: ano 2, v. 2, 1989, p. 35-48.

<sup>592</sup> Ep. 103,2.

Seu projeto político-filosófico-moral já aparece alinhado em outros textos, como por exemplo, o tratado *De Ira*, escrito nos anos 40. A efetivação acontece - a partir daquilo que discorre no *De Clementia*, mesmo que parcialmente e por um curto espaço de tempo – no início do governo neroniano, juntamente com Lucano, Columela, Pérsio, entre outros. Reforçamos o que dissemos no final do primeiro capítulo que suas desilusões com a participação efetiva de um estóico no poder aparecem nos textos posteriores, como por exemplo, no *De Otio*, quando Sêneca incentiva familiares e amigos a dedicarem-se as atividades literárias e filosóficas. O acerto de contas com sua própria vida e sua postura, além das suas relações pessoais e profissionais, aparece no *De beneficiis*<sup>593</sup> e nas *Ad Lucilium Epistolas Morales*, escritas na velhice. Diz o pensador: “Quanto a mim, podem zombar a vontade, ouço com serenidade as ofensas de gente inculta; pois quem segue o caminho da moral só pode mesmo sentir desprezo pelo menosprezo em que é tido”.<sup>594</sup>

Parte da sua pretensão de ficar para a posteridade a partir de seu projeto, se concretizou algum tempo depois, mais especificamente no segundo século quando Trajano recebe a alcunha de *optimus maximus*, fez uma referência ao *felix quinquennium*, o feliz quinto ano do império romano entre 54 e 59 depois de Cristo. Foi o período em que Sêneca efetivamente participa do poder, ao lado de Burro, prefeito dos pretorianos, como amigos inclusive, coisa rara de se ver naquela época e naquelas circunstâncias.<sup>595</sup>

Era, sem sombra de dúvida, um cultuador da razão, pois cita ao longo de seus textos os motivos para se viver segundo a natureza e em consonância com a

---

<sup>593</sup> Conjunto de sete livros, dedicados a Ebúcio Liberal, trata de um tratado discutindo as obrigações recíprocas entre benfeitores e beneficiados, suas maneiras e a ingratidão, possivelmente devido a sua experiência de ingratidões recolhidas no período em que esteve no poder.

<sup>594</sup> Ep. 76,4.

<sup>595</sup> Ambos tinham suas atitudes embasadas no dever. *Burrus*, por sua atuação militar e por suas severas atitudes era praticamente um estóico; Sêneca, por sua instrução encarnava o ideal do pedagogo, atitude que já projetava no *De Ira*, escrito nos anos 40. Apesar da filosofia não estar na ordem do dia e Sêneca ter uma relação tensa com Agripina, inclusive por conta dessa matéria, os dois amigos se esforçavam para manter o príncipe no caminho certo numa idade de atitudes incertas, e ainda tentar manter Agripina longe do próprio príncipe, apesar de que eles deverem a ela os cargos por eles ocupados.

razão. Sua influência também é grega e helenística. Mas como um homem de sólida formação intelectual e cultural, buscava fama, aplauso e acima de tudo, reconhecimento pela posição que ocupou e pelo que escreveu. Esse reconhecimento passava pelos seus pares, ao que parece, primeiramente, mas também a todos os seus potenciais leitores, coevos a ele, mas também, dado o caráter de universalidade de seus escritos, as épocas vindouras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o conjunto das obras senequianas, percebemos a possibilidade de propor um modelo de “homem senequiano”, pois o filósofo cordobês construiu modelos e posturas adequadas a todos os habitantes do Principado, seja cidadão, seja governante. Concluimos que tal empreitada carrega objetivos e intenções tais como: combater o modelo despótico de governo principalmente nas administrações de Calígula e de Nero, neste, a inclinação do príncipe a tirania se acentua depois que ele se retira do governo.

Percebemos que em determinados momentos, se sobressaia o Sêneca pensador e escritor; que se colocava como um homem/autor que desejava deixar para a sua época e para a posteridade, uma monumental obra abrangendo muitos campos de pensamento. Em outros momentos visualizamos a presença do Sêneca, homem político e de ação, que almejava mudar o mundo em que estava inserido. Um homem angustiado com a realidade que o cercava, e não foi sem razão que evidenciou ao longo de toda a sua obra, e isso podemos constatar ao longo do trabalho, o binômio virtudes/vícios e um “educar-se a si próprio”.

O modelo idealizado da sociedade que ele almejava deveria ser encontrado na filosofia, estoica principalmente, e para que esta mesma sociedade não repetisse os erros do passado, as respostas estavam na própria história mais recente ou mais remota tanto romana quanto de outras sociedades. No âmbito político, Sêneca sempre permaneceu coerente ao longo de seus escritos e de sua vida: a defesa da liberdade pública como um ideal do principado.

Sêneca, pela posição que ocupou, foi alvo de inúmeras críticas na sua época e em épocas posteriores a sua morte. Colecionou amigos e inimigos por onde passou, mas manter-se firme nos bastidores do poder imperial não se constituía tarefa fácil. Concluimos, sem um teor de ingenuidade que a possibilidade de construir um modelo de “homem senequiano” deva levar em conta as tais intenções do autor. Por vezes, os binômios virtude/vício, bom



príncipe/tirano, podem e devem ser entendidos de outras formas: possuidor de virtudes são os amigos e discípulos; possuidor de vícios são os inimigos e críticos de sua obra e de sua conduta. A insistência nos binômios cumpre uma função primordial na construção de um modelo: a existência do tirano otimiza o bom príncipe, assim como o mal cidadão, escravo de seus vícios, otimiza o bom cidadão, praticante das virtudes, preferencialmente as senequianas, ou melhor, aquelas que ele considera como as mais importantes. Como todos os textos, os de Sêneca carregam muitas intenções. O texto pode ser visto como uma arma, a pena também como uma espada, por vezes cruel e implacável.

Não é sem razão, que ele insiste nas questões em torno de uma vida virtuosa desapegada de bens materiais, e que esta só poderia ser alcançada quando o proponente a ela se desvinculasse totalmente de qualquer obrigação pública.

Mas, ao findar este trabalho, gostaríamos de destacar um aspecto ainda pouco explorado no que se refere ao filósofo latino: o “pessimismo” em Sêneca. São muito freqüentes as referências a certa decadência moral e política do principado romano, principalmente nas *Epístolas Morais*. O próprio Sêneca afirma que o homem é pior quando morre do que quando nasce. Disse a Lucílio: “Falei do homem, matéria fluída, caduca, exposta a todos os imprevistos. Seres fracos e efêmeros, nós homens, vivemos entre coisas vãs”.<sup>596</sup>

A corrupção de hábitos e costumes se acentua quando o homem vive em sociedade. Não são gratuitas as inúmeras referências a necessidade de uma vida isolada da multidão para se dedicar inteiramente aos ofícios filosóficos.

A análise de suas obras permitiu-nos afirmar que Sêneca não está “bem resolvido” com o seu tempo. O presente raramente o agrada. Volta-se para o passado, para dele retirar modelos que sirvam para o presente como também para deixá-los aos que virão e, portanto, almejar um futuro melhor.

Os romanos sempre foram orgulhosos de suas vitórias ao longo de sua história, tanto na república, quanto no império. Havia um sentimento de

---

<sup>596</sup> Ep. 58,24. Em outro trecho afirmou: “não é de espantar que as coisas de fato grandes, surjam com tão grandes intervalos: as mesquinhas, as que se destinam ao vulgo, essas fá-las a fortuna nascer continuamente”. Ep. 42,1.

superioridade moral e política nessas empreitadas. Definir o outro como “bárbaro” justificava uma série de ações. O sentimento de *humanitas* foi utilizado como mote, não único, de suas conquistas principalmente a partir do principado, e, Sêneca, como um “romano” (ainda que não romano) soube, ou melhor, quis referendar. Acreditamos que fazia isso como bom filósofo estóico que era convencido de que o papel a ser desempenhado por Roma era esse.

O trabalho abarcou três aspectos, ou até propôs três modelos, que para nós constituí o “homem senequiano” e foram temas recorrentes nos seus textos, a saber: o príncipe, o cidadão e o filósofo. Sêneca é o próprio modelo; foi cidadão, antes de assumir cargos no Senado romano, quando se retira do poder em 62; exerceu o ofício de filósofo durante toda a sua vida, inclusive quando esteve estreitamente atrelado ao poder; foi, porque não arriscar dizer, o príncipe, se não de direito, mas de fato, pois teve em suas mãos o principado nos primeiros anos da administração neroniana. Convenhamos: Sêneca sabia muito bem manusear as palavras. Convencer a um amplo público, ou de forma mais direta seus pares no Senado de que Nero tinha a virtude da inocência não era tarefa fácil, pois o príncipe assumira o trono rodeado de desconfianças.

É preciso considerar que Lucius Seneca manteve-se fiel aos seus propósitos do início ao fim da sua vida, prioritariamente no campo educacional. Falo educacional, pois a recorrência dos temas por ele abordados, a constância dos mesmos, demonstra claramente seus propósitos. Com o “educar-se a si próprio”, como cidadão e filósofo, as leituras feitas ao longo da vida e a produção dos seus textos são instrumentos para um constante aperfeiçoamento ético e moral.

No que se refere à maioria dos seus textos, objetivaram cumprir uma função pedagógica, pois Sêneca insistiu no projeto de educar seus concidadãos e os governantes, através da escolha por uma vida de retidão e virtude. Assim, o binômio virtude/vício, que aparece constantemente em suas reflexões, demonstra sua preocupação numa Roma carente de valores, acometida por excessos de todas as ordens.

Seguindo os preceitos do estoicismo, com alguma influência do epicurismo e do cinismo, o filósofo cordobês sentia-se na obrigação de participar ativamente na vida pública da Roma do primeiro século da era cristã, além do fato de ser possuidor de uma cultura letrada. A postura adotada por grande parte dos políticos e governantes ao longo da história da República, e, principalmente no período da expansão territorial imperial, definiu limites para a romanização do mundo e freou muitos movimentos de conquista. Conhecedor desses limites, concluímos que Sêneca percebera tal postura e tratou de escrever e defender o universalismo estóico. Dizia: “minha pátria é o mundo”. Sem desconsiderar que a referida reflexão fora escrito durante o exílio na Córsega, a sua fala, a nosso ver, carrega intenções bem nítidas. Numa época de expansão, cruzamento e pluralidade de culturas, a insegurança pelo porvir era latente.

Assim sendo, o filósofo cordobês elegera como objeto para suas reflexões, questões que vão de encontro a esse estado de coisas: virtudes e vícios, a clemência do príncipe, o exemplo da história passada, o exemplo de homens ilustres e modelares, viver de acordo com a natureza, além de educar-se a si próprio para tornar-se um homem sábio, um homem com *humanitas*.

Grande parte das obras senequianas pode ser vistas com uma função instrumental de educar a todos, elencando direitos e deveres, ou seja, o que era recomendável e o que não era recomendável fazer para governar e para viver em sociedade.

Paul Veyne afirma que o estoicismo, mais ainda, que o estoicismo senequiano, assim como os demais, foi muito técnico e quase só teórico. Serviu, segundo o pensador francês, para dar legitimidade a uma política de desigualdade social, quer seja: a manutenção do *status quo*.

Defendemos que Sêneca esforçou-se para mudar esse cenário, pois fora um autor inquieto, insistente em seus objetivos e a recorrência de seus temas, dos escritos da juventude, no exílio e fora dele, até os escritos de sua velhice, que culminaram com as Epístolas Morais, demonstra essas preocupações. Ao analisar seus escritos, concluímos que Sêneca se mostrou como um dos autores mais angustiados de seu tempo, pois incansavelmente atacou os vícios, de sua época e

de épocas anteriores a dele. Diríamos que ele “detectou as misérias humanas”; e apesar de que boa parte de suas reflexões escancaram um pessimismo extremo, ao mesmo tempo, há ecos de esperança, paz, tolerância e justiça que poderiam ser alcançadas. Num período que o escravo era visto como um *instrumentum vocale*, quando a influência grega e helenística das teorias sobre a “inclinação natural” de uns mandarem e outros obedecerem, Sêneca atacava o escravismo em Roma a ponto de defender os escravos e os considerarem “iguais” aos homens livres. Se por vezes foi acusado de não sair do campo da teoria, demonstrou um esforço de repensar esse estado de coisas.

A troca de correspondências feita principalmente com Lucílio, mas também a elaboração de seus textos e tratados moldou a própria personalidade de Sêneca. No campo político isso é visível, assim como no campo filosófico, principalmente ao analisarmos as Epístolas Morais.

Foi a opção filosófica de Sêneca considerada subversiva, ou menos adequada a realidade em que ele estava inserida? A Roma de Sêneca em pouco lembrava a Roma republicana de Catão e de Cícero e de seu severo moralismo, seu exemplo de virtude. Talvez Sêneca almejasse algo que na Roma do primeiro século da era cristã era utópica, uma sociedade frugal, virtuosa num mundo em constante expansão territorial de conquistas, novos ares e novos hábitos. Uma sociedade de ostentação e de luxo desenfreado, desmedida e afastada dos valores ancestrais dos primeiros tempos. Sêneca teria levado a sério demais a sua opção de vida e não dado atenção a máxima de Ênio: “Filosofar sim, mas não demais”.

Reconhecemos certas ambigüidades e contradições ao longo dos textos senequianos, e talvez seja muito difícil não cometê-las dada o volume de sua produção. Pela recorrência de muitos dos temas abordados por ele, percebemos que Sêneca radicalizou em algumas propostas prioritariamente acerca do binômio virtude/vício. Foi seguramente um dos autores greco-latinos que mais insistiu acerca disso.

O que Sêneca combateu ao longo de toda a sua vida e sua obra foi objeto de preocupação ao longo dos séculos e seu pensamento acaba se mostrando ainda bastante atual. Convém lembrar Dante e Petrarca na Renascença, a melancolia

como objeto dos autores do final do século XIX (o *fin de siècle*), o vazio na vida moderna e a náusea sentida por Sartre no século XX. Os amigos do pensador cordobês o procuraram para buscar alguma resposta para a tristeza e a melancolia que estavam sentindo, como por exemplo, Sereno, seu sogro, que obteve respostas no *De Tranquillitate animi* e Lucílio, seu amigo, nas *Ad Lucilium Epistolae Morales*.

Quando Sêneca detectou que o governo de Nero havia sucumbido ele potencializa as críticas feitas aos representantes da dinastia Júlio-Cláudia, inclusive seu pupilo. Sêneca se coloca como um dos grandes representantes da liberdade romana há muito tempo perdida, um verdadeiro mártir frente à tirania a que o governo de Nero se encaminhava. Devemos sempre ter em consideração que o afastamento de Sêneca ao *otium* não ocorreu repentinamente.

Sêneca buscou o equilíbrio, a justa medida, pois defendida um meio termo entre de um lado aquele que orienta a humanidade, de estirpe (vida superior), ele como representante dessa linhagem assim como seus pares, pois galgou posições sociais e políticas elevadas e se considerava preparado e educado para isso; de outro, o vulgo, que observa com admiração e respeito, para então o seguir, pois os exemplos deveriam ser acessíveis e familiares para todos. Sêneca necessitava atacar por duas frentes: o cultural e o simbólico; o primeiro garantido pelos seus títulos, sua educação e, por conseguinte seus conhecimentos; o segundo alcançado por um reconhecimento, se possível, ainda em vida.

## **Bibliografia**

### **Fontes:**

ARISTÓTELES. **Ética a Nicomâcos**. Trad. de Mário da Gama Kury. Brasília: editora da Universidade de Brasília, 2001.

\_\_\_\_. **Ética nicomáquea**. Madrid: Gredos, 1995.

CÍCERO. **Dos Deveres**. Lisboa: edições 70, s/d.

\_\_\_\_. **Antologia**. Introdução de Bernardo H. Harmsen. Petrópolis: Editoras Vozes, 1959.

\_\_\_\_. **Do sumo bem e do sumo mal**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_. **As Catilinárias**. Lisboa: Edições 70, 1989.

\_\_\_\_. **Sobre o Destino**. São Paulo. Nova Alexandria, 2001.

\_\_\_\_. **L'amicizia**. A cura di Emma Maria Gigliozzi. Roma: Tascobili Economici Newton, 1996.

\_\_\_\_. **Da Velhice e Da Amizade**. Introdução, comentários, notas e tradução de Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

\_\_\_\_. **Catão, o velho ou Diálogo sobre a Velhice**. Introdução, Tradução e Notas de Marino Kury. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**. São Paulo: UNESP, 1996.

ISÓCRATES. **Discursos**. Traducción, introducciones y notas de Juan Manuel Guzmán

Hermida. Madrid: Editorial Gredos, 1983.

JUVENAL. **Sátiras**. Tradução de Francisco Martins Bastos. São Paulo: Edições Cultura, 1943.

\_\_\_\_. **Satires**. Texte établi et traduit par Pierre de Labriolle et François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1921.

LUCANO, M. Anneu. **Farsalia**. Introducción, Traducción y notas de Antonio Helgado Redondo. Madrid: Editorial Gredos, 1984.

MARCIAL. **Epigramas**. Madrid: Editorial Gredos, 1997.

PERSE. **Satires**. Texte établi et traduit par A. Cartanet. Paris: Les Belles Lettres, 1929.

PETRÔNIO. **Satyricon**. Edição bilíngüe. Tradução de Sandra Bianchet. Belo Horizonte: editora Crisálida, 2006.

QUINTILIAN. **Institutio Oratoria**. Translated by H.E. Butler. London: Harvard University Press, 1996.

\_\_\_\_. **Instituições Oratórias**. Tradução de Jerônimo Soares Barbosa. São Paulo: Editora Cultura, 1944.

SENECA, Lucius Anneus. **Epístolas Morales a Lucílio**. Madrid: Gredos, 1994.

SÉNÉQUE. **Lettres a Lucilius**. Texte établi par François Préchac et traduit par Henri Noblot. Paris: Les Belles Lettres, 1969.

\_\_\_\_. **Tragedies**. Transl. Frank Justus Miller. London: Harvard University Press, 1979.

\_\_\_\_, Lucius Anneus. **Tratados Morales**. Introducción, versión española y notas por José M. Gallegos Rocafull. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1944.

\_\_\_\_. **Tratado sobre a Clemência**. Introdução, tradução e notas de Ingeborg Braren. Petrópolis: Vozes, 1990.

\_\_\_\_. **Sobre o ócio/ Da tranqüilidade da alma**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

SENECA. De la Ira. In: **Tratados filosóficos**. Buenos Aires: Librería El Ateneo Editorial, 1952.

\_\_\_\_\_. **Apocolocintosis**. Introducciones, traducciones y notas de Juan Marine Isidro. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cartas consolatórias**. Trad. Cleonice Furtado van Raij. Campinas: Pontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **A vida feliz**. Trad. André Bartholomeu. Campinas: Pontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Cartas a Lucílio**. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

\_\_\_\_\_. **Obras**. Estudo Introdutório, tradução e notas de G. D. Leoni. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.

SUETONIO. **Vidas de los doce césares**. Traducción y notas de Rosa M. Agudo Cubas. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

TÁCITO, Cornélio. **Anais**. São Paulo: Departamento de Imprensa Nacional, 1964.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas**. Buenos Aires: Librería “El Ateneo” editorial, 1952.

\_\_\_\_\_. **Annales**. Texte Établi et traduit par Henri Goelzer. Paris: Les Belles Lettres, 1923.

### **Obras citadas e consultadas**

ABRAGNANO, N. **História da filosofia**. Vol. 1. Lisboa: Presença, 1984.

ALFOLDY, Géza. **A história social de Roma**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ARIÈS, Philippe. **O tempo da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.



- AUBENQUE, Pierre; ANDRÉ, Jean-Marie. **Sênèque**. Paris : Édition Seghers, 1962.
- BAKTHIN, Michael. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo-Brasília: Hucitec-Edunb, 1993.
- BAILEY, Cyril (Org.). **O legado de Roma**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- BALANDIER, G. **O poder em cena**. Brasília: Editora da UnB, 1981.
- BALDINI, Massimo (org.) **Amizade e filósofos**. Bauru/SP: Edusc, 2000.
- BAUZA, Hugo. El epicureismo romano y los Orígenes del principado. In: **Semana de Estudios Romanos**. Vol. VII-VIII. Chile: Universidad Católica de Valparaiso, 1996.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: obras escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENOIT, H. FUNARI, P. (orgs.) **Ética e Política no Mundo Antigo**. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002.
- BICKELI, E. **Historia de la Literatura Latina**. Madrid: Gredos, 1982.
- BRAREN, Ingeborg. **A natureza literária das Epístolas Morais de Sêneca**. Tese de doutoramento (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo) São Paulo, 1989.180 f.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 12. ed. Brasília: Editora da UnB, 1999.
- BORNEQUE, Henri; MORNET, Daniel. **Roma e os romanos**. São Paulo: Edusp/Epu, 1976.
- BRAVO, G. **Poder político y desarrollo social en la Roma Antigua**. Madri: Taurus, 1980.
- BROWN, Peter. **Corpo e sociedade**: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990.
- BRUN, Jean. **O Estoicismo**. Lisboa: Edições 70, 1986.

BURGUEÉRE, A. (Org.) **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005, p. 18.

CAJAS, Héctor Herrera. Príncipe e imperio en el panegirico de Trajano de Plinio el Joven. In: **Semana de Estudios Romanos**. Vol VII-VIII. Instituto de Historia. Universidad Catolica de Valparaiso. Chile, 1996.

CANTO-SPERBER, Monique. **Dicionário de ética e filosofia moral**. São Leopoldo: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.

CARBONNEL, Charles-Olivier. **Historiografia**. Lisboa: Teorema, 1987.

CARCOPINO, Jérôme. **Roma no apogeu do Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARDOSO, Ciro F. S. Economia e sociedade antiga: conceitos e debates. In: **Clássica**. Revista da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. São Paulo: CNPq/Finep, v. 1, p. 5-19, 1988.

CARDOSO, Zélia Almeida. **A Literatura Latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. “Elementos filosóficos na Fedra de Sêneca”. In: **Revista do Centro de Estudos Clássicos**, Araraquara, n.1, 1987.

\_\_\_\_\_. O discurso senequiano e a caracterização da personagem trágica. In: **Língua e Literatura**. São Paulo: n. 20, p. 35-48, 1992/1993.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.

CARVALHO, Aécio. Flávio de. A Farsália, de Lucano: importância na evolução do *epos*. In: **Acta Scientiarum**. Maringá, 23, 2001.

CASSIRER, Ernst. **O mito do Estado**. Lisboa: P.E.A., 1961.

CHARTIER, Roger. “História Intelectual e História das Mentalidades: uma dupla reavaliação”. In: **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1990.

CHÂTELET, François. **História da Filosofia, idéias, doutrinas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.

\_\_\_\_\_. **A filosofia: de Platão a Santo Tomás de Aquino**. Vol. 1. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

COMPTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CONDURACHI, E. Roma, berço da latinidade. In: DUBY, G. (org.) **A civilização latina**. Portugal: Don Quixote, 1989.

DOMINGUES, Ivan. **O fio e a trama: reflexões sobre o tempo e a história**. São Paulo: Iluminuras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DUBY, Georges (Org.). **A civilização latina: dos tempos antigos ao mundo moderno**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

DUVERNOY, Jean-François. **O epicurismo e sua tradição antiga**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

EHRHARDT, Marcos Luis. **Vir Virtutis: a construção da imagem do príncipe perfeito nos escritos de Lucius Seneca**. (Dissertação de Mestrado – História) Curitiba: UFPR, 2001, 140p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **História das crenças e das idéias religiosas**. Rio de Janeiro; São Paulo: Difel, 1976.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998.

ESPINDOLA, Walter Hanisch. Seneca y el senequismo en Chile durante la dominación española. In: **Semana de Estudios Romanos**. Vol. VI. Instituto de Historia. Universidad Católica de Valparaíso. Chile, 1991.

FALCÃO, Rodrigo. O humanismo de Cícero: a constituição de nova tradição. In: LOPES, Marcos. **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003.

FAVERSANI, Fábio. A concepção de Estado em Sêneca. In: **Boletim do CPA**, Campinas, n. 5/6, jan/dez, 1998.

\_\_\_\_. **A pobreza no ‘Satyricon’ de Petrônio**. Ouro Preto: editora da UFOP, 2000.

FILLION- LAHILLE, Janine. **Le de Ira de Sénèque et La Philosophie stoïcienne des passions**. Paris: Klincksieck, 1984.

FINLEY, M. I. **História Antiga**: modelos e testemunhos. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_. **Uso e abuso da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_. **A política no mundo antigo**. Rio de Janeiro. Zahar editores, 1985.

\_\_\_\_. **A economia antiga**. Porto: Afrontamento, 1986.

\_\_\_\_. **Aspectos da antiguidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_. **Os gregos antigos**. Lisboa: edições 70, 1984.

FRIGHETTO, Renan. **Cultura e poder na Antiguidade tardia ocidental**. Curitiba: Juruá, 2000.

\_\_\_\_. **Valério de Bierzo**. Autobiografia. La Coruña. Toxosoutos, 2006.

\_\_\_\_. “O modelo de Vir Sanctus no pensamento de Valério do Bierzo”. In: **Helmantica** XLVIII/145-146m. Salamanca, 1997, p. 59-79.

\_\_\_\_. O soberano ideal na obra de Valério de Bierzo. In: **Gerión** 16. Madrid: 1998, p. 461-70.

\_\_\_\_. Poder e sociedade na “Gallaecia” hispano-visigoda, segundo a obra de Valério do Bierzo. In: **Actas das Jornadas Interdisciplinares Poder e Sociedade**, v.1. Lisboa, 1998, p. 217-28.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. São Paulo: Passagens, 1992.

FRÓES, Vânia Leite. **Era no Tempo do Rei: estudo sobre o ideal do rei e suas singularidades do imaginário português no final da Idade Média**. Niterói, 1995. Tese (Concurso para Professor Titular em História Medieval) – Universidade Federal Fluminense.

FUNARI, Pedro Paulo. **Antigüidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

\_\_\_\_. “Romanas por elas mesmas”. In: **Cadernos Pagu**, 5. Campinas: 1995, p. 179-200.

\_\_\_\_. A cidadania entre os romanos. In: **História da cidadania**. Jaime Pinsky e Carla Pinsky. (orgs.). São Paulo: Contexto, 2003.

GABBA, Emílio; LAFFI, Umberto. **Sociedad y política en la Roma republicana**. (siglos III-I a.C.) Milano: Rivista Storica Italiana, 93 1981.

GALVÃO, Carlos. Autocracia, ressentimento e engajamento político no principado romano. in: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. **Memória e Ressentimentos**. Campinas: editora da Unicamp, 2001.

GARCIA GUAL, Carlos. **Epicuro**. Madrid: Alianza, 1986.

GAZOLLA, Rachel. **O ofício do filósofo estóico: o duplo registro da Stoa**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GERVÁS, Manuel J. Rodríguez. **Propaganda política y opinión pública en los panegíricos latinos del bajo imperio**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1991.

GIARDINA, Andrea (Org.). **O homem romano**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

GIUA, Maria Antonietta. Storiografia, informazione política, costruzione della memória. Il caso del processo pisoniano (20 d.C.). In: **Semanas de estudios romanos**. Chile: Pontificia Universidad Católica de Valparaíso. Vol. XII, 2004.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Um olhar sobre Júlia Domna: esposa e mãe de imperadores. In: **Amor, desejo e poder na Antiguidade**. Relações de gênero e representações do feminino. FUNARI, P; FEITOSA, M.; SILVA, G. (orgs). Campinas: editora da Unicamp, 2003.

GUARINELLO, Norberto. Cidades-estado na antiguidade clássica. In: **História da cidadania**. Jaime Pinsky e Carla Pinsky. (orgs.). São Paulo: Contexto, 2003.

GUIMARÃES, Marcella Lopes; FRIGHETTO, Renan. **I Seminário Argentina – Brasil – Chile de História Antiga e Medieval**. “Instituições, poderes e jurisdições”. Curitiba: Juruá, 2007.

GRAMMATICO, Giuseppina. Silencio y furor en la Apokolokynthosis de Séneca. In: **Semana de Estudos Romanos**. Vol IX. Instituto de História. Universidad Catolica de Valparaiso. Chile, 1998.

GRIMAL, Pierre. **A vida em Roma na Antigüidade**. Portugal: Publicações Europa-América, 1981.

\_\_\_\_. **Las ciudades romanas**. Barcelona: Vergara, 1956.

\_\_\_\_. **El helenismo y el auge de Roma**. El mundo mediterráneo en la edad antigua. Bilbao: siglo veintiuno, 1972.

\_\_\_\_. **Os Erros da Liberdade**. São Paulo: Papyrus, 1990.

\_\_\_\_. **O Império Romano**. Lisboa: Edições 70, 1993.

\_\_\_\_. **Virgílio ou o segundo nascimento de Roma**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_. **A civilização romana**. Lisboa: edições setenta, 1988.

\_\_\_\_. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Difel, s/d.

\_\_\_\_. **La littérature latine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1965.

GUARINELLO, Norberto. “Nero, o Estoicismo e a Historiografia Romana”. **Boletim do CPA**. Campinas, n. 1, jan/jun, 1996.

GUDEMAN, Alfred. **Historia de la Literatura Latina**. Colección Labor. Barcelona: Editorial Labor, s/a, 1952.

GUNNEL, J. **Teoria política**. Brasília: Editora da UnB, 1981.

- HADOT, Pierre. **O que é a Filosofia Antiga?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- HARTOG, François (Org.) **A História de Homero a Santo Agostinho.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- HARVEY, P. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina.** Trad. Mario da G. Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1987.
- HELLER, Agnes. **Aristóteles y el mundo antiguo.** Barcelona: Edítira Península, 1983.
- JAEGER. **Paidéia: a formação do homem grego.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Aristóteles.** México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- JOLY, Fábio Duarte. Espaço, poder e escravidão no *De Re Rustica* de Columela. In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 23, n.45, 2003.
- KING, Preston. **O estudo da política.** Brasília: Editora da UnB, 1980.
- KURY, Mário da Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- \_\_\_\_\_. “A Política será ainda a ossatura da história?”. In: **O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval.** Lisboa: Edições 70, 1983.
- LACERDA, Sonia; KIRSCHNER, Tereza. “Tradição intelectual e espaços historiográficos ou porque dar atenção aos textos clássicos”. **Revista de Pós-Graduação em História da UnB.** v. 5, n. 2, 1997, p. 5-22.
- LA VEGA, Maria José Hidalgo de. **El intelectual, la realeza y el poder político em el imperio romano.** Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, s/d.
- \_\_\_\_\_. Uso y abuso de la normativa constitucional en la República tardía: El “senatus consultum ultimum” y los “imperia extra ordinem”. In: **Studia Historica.** Madrid: vol IV-V n. 1, 1986-87.

LETTA, Cesare. Seneca di fronte a Cláudio e Nerone: data e significato político dell'apocolocyntosis. In: **Semana de Estudios Romanos**. Instituto de Historia. Universidad Catolica de Valparaiso. Vol. VII-VIII, Chile, 1996.

LÉVÊQUE, Pierre. **O mundo helenístico**. Lisboa: Edições 70, 1987.

LOPES, Marcos Antônio. **O político na modernidade**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_ (Org.). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_. O tempo da História. In: **No tempo de reis e feiticeiras**. São Paulo: Scrinium editora, 2001.

LOZANO, Arminda. **Asia Menor en época helenístico-romana**. Panorama religioso. Madrid: CATEDA, 1995.

MALHERBE, Michel; GAUDIN, Philippe. **As filosofias da humanidade**. São Paulo: Instituto Piaget, 1999.

MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antigüidade**. São Paulo: EPU, 1990.

MENDES, Norma Musco. **Sistema político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

MOLINA, Alejandro Bancalari. El mundo cultural romano: una nueva interpretacion educativa de los *Collegia Iuvenum* (Siglos I – III d. C.). In: **Semana de Estudios Romanos**. Vol VII-VIII. Instituto de História. Universidad Catolica de Valparaiso. Chile, 1996.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **Os Limites da Helenização**. A interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MONDOLFO, R. **O homem na cultura antiga**. Tradução de L. A. Caruso. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

MOURA, Alessandro Rolim de. **Dialogismo e reflexão estética em Petronio: a guerra civil**. Dissertação de mestrado. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.



Universidade de São Paulo, 2000.

NETO, Armino Quillici. **Educação, Justiça e política na República de Platão**. São Paulo: Altana, 2002.

NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza; PETERLINE, Ariovaldo Augusto. **Historiadores Latinos**. Edição bilíngüe. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NUNES, José Lins. “Principado e legitimidade na Roma Antiga”. In: **Revista de Filosofia e Ciências Humanas**. Passo Fundo, Ano 12, 1996, pp. 131-138.

OMENA, Luciane Munhoz de. A fabricação da plebe sob a perspectiva de Sêneca. In: **Stylos**. Buenos Aires: Universidad Católica, 2005.

PARATORE, Ettore. **História da Literatura Latina**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PRADO, João Batista Toledo. Uma leitura intertextual da Phaedra, de Sêneca. In: **Revista de Letras**. São Paulo, 35, 195-200, 1995.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de História da Cultura Clássica: Cultura Romana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

\_\_\_\_\_. **Res Romanae**. Antologia da Cultura Latina. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1994.

PETIT, Paul. **A paz romana**. São Paulo: Edusp/Pioneira, 1987.

\_\_\_\_\_. **A civilização helenística**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

QUEIRÓS, Silvío Galvão de. **“Pera Espelho de Todollos Uiuos”: A imagem do Infante D. Henrique na Tomada de Ceuta**. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1997.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. São Paulo: Paulus, 1990.

REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. São Paulo: Papyrus, 1994.

RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

RIBEIRO, Daniel Valle. Nero: política externa e defesa do Império. In: **Clássica**. São Paulo: ano 2, v. 2, 1989, p. 35-48.

RIBEIRO, Renato Janine. “A Filosofia Política na História”. In: **Revista Discurso**. São Paulo: 1989 n. 14, v. 2, pp. 125-137.

RICCI, Ângelo. **O teatro de Sêneca**. Porto Alegre: Publicação do Centro de Arte Dramática, 1965.

ROBERT, Jean-Noel. **Os Prazeres em Roma**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROLDÁN, José Manuel; BLÁSQUEZ, José Maria; CASTILLO, Arcadio del. **Historia de Roma**. Salamanca: Cátedra, Historia, serie Mayor, s/d.

ROSANVALLON, Pierre. “Por uma História Conceitual do Político”. In: **Revista Brasileira de História** – Anpuh. São Paulo: Contexto, v. 15, n. 30, 1995.

ROULAND, Norbert. **Roma, democracia impossível?** Os agentes do poder na urbe romana. Brasília: Editora da UnB, 1997.

SALLES, Catherine. **Nos submundos da Antigüidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

SANTOS, Fernando Brandão dos. O Hipólito de Sêneca: um breve estudo sobre tragédia latina. In: **Revista de Letras**. São Paulo: n 28, 129-138, p. 1988.

SILVA, Helenice Rodrigues da. **Fragmentos da História Intelectual:** entre questionamentos e perspectivas. São Paulo: Papyrus, 2002.

\_\_\_\_\_. “Crise ideológica e produção intelectual: esquemas de pensamento próprio a uma situação histórica”. **Cadernos de História**, v. 1, n. 1, 1995, pp. 45-49.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Plutarco Historiador**. São Paulo: Edusp, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: Rémond, René (Org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SNODGRASS, Mary Ellen (Org.). **Clássicos romanos**. Portugal: Publicações Europa-América, 1988.

SOUZA, Rômulo Augusto de. **Manual de História da Literatura Latina**. Pará. Serviço de imprensa universitária, 1978.

THEML, Neyde. **O público e o privado na Grécia**. Do VIII ao IV séc. a.C. Rio de Janeiro: editora Sette Letras, 1988.

TEJA, Ramón. **El cristianismo primitivo en la sociedad romana**. Madrid: Ediciones Istmo, 1990.

\_\_\_\_\_. Emperadores. In: **Emperadores, obispos, monjes y mujeres**. Protagonistas Del cristianismo antiguo. Madrid: Editorial Trotta, 1999.

TRINGALI, Dante. **Horácio, o poeta da festa: Navegar não é preciso**. São Paulo: Musa editora, 1995.

TUCK, Richard. “História do Pensamento Político”. In: Burke, Peter. **A escrita da História**. São Paulo: Edunesp, 1991.

ULLMANN, Reinhold. **Epicuro: o filósofo da alegria**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

\_\_\_\_\_. **O estoicismo romano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1966.

VAINFAS, Ronaldo; Cardoso, Ciro F. **Domínios da História**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VASCONCELOS, Paulo Sérgio de. **Efeitos Intertextuais na Eneida de Virgílio**. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2001.

VEYNE, Paul. **A sociedade romana**. Lisboa: edições 70, 1993.

\_\_\_\_\_. “O Império Romano”. In: Duby, Georges; Ariès, Philippe (Orgs.). **História da vida privada: do Império Romano ao Ano Mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992 (Volume I).

\_\_\_\_. **Sêneca y el estoicismo**. México: FCE, 1996.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Viver e sobreviver na Roma imperial. In: **Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa**. Maringá: UEM, n.7, 1994.

\_\_\_\_. As palavras e as idéias: o poder na Antiguidade. In: **Diálogos**. Revista do depto. De História e do Programa de Pós-graduação em História da UEM. Vol. 9 n.2, Maringá: 2005.

\_\_\_\_. “Mito e História”. In: MALERBA, Jurandir. **A Velha História**. Teoria, método e historiografia. São Paulo: Papyrus, 1996.

VIZENTIN, Marilena. **Imagens do Poder em Sêneca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

WINOCK, Michel. “As idéias políticas”. In: Rémond, René (Org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.